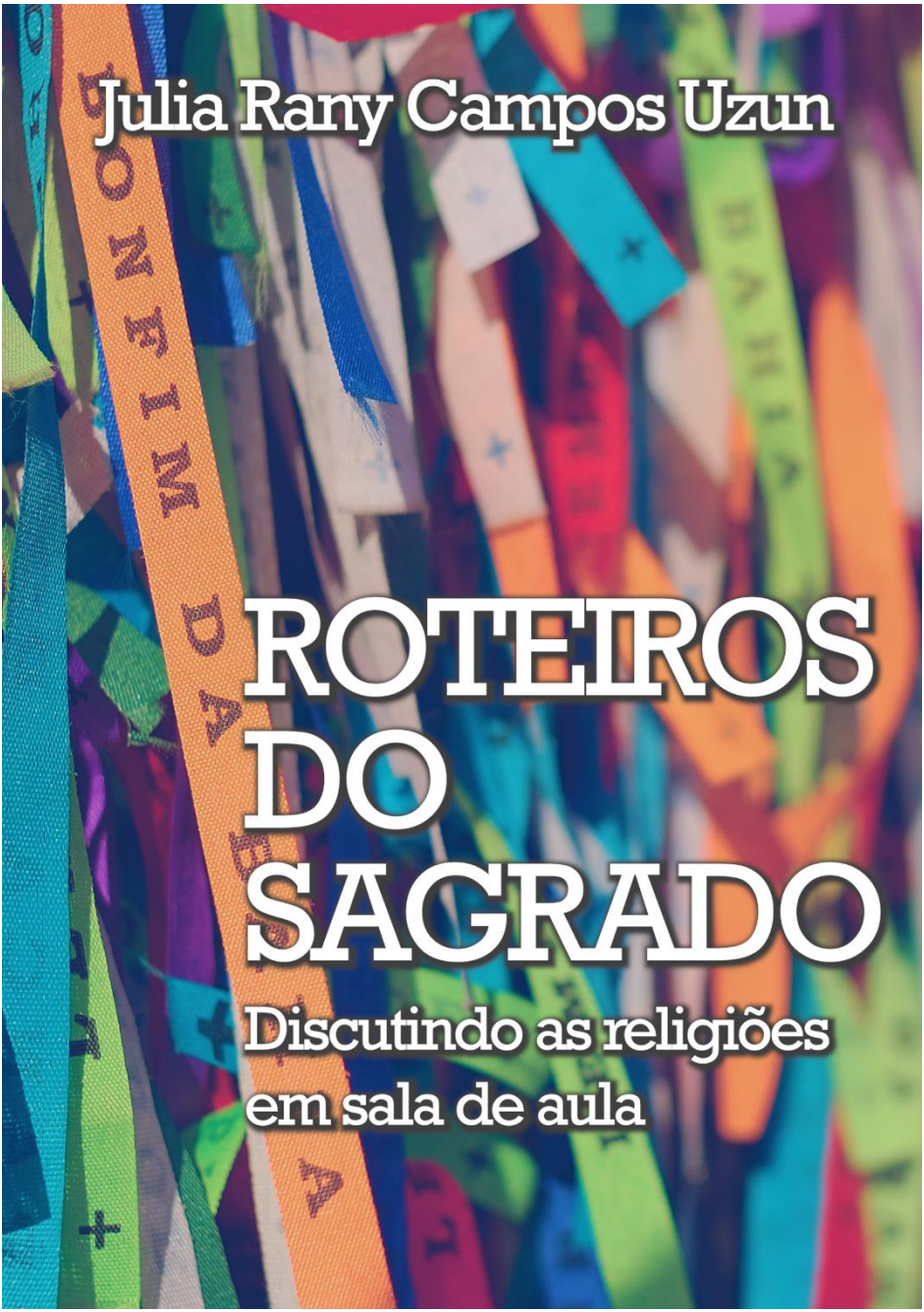

Julia Rany Campos Uzun

ROTEIROS DO SAGRADO

Discutindo as religiões em sala de aula

ROTEIROS DO SAGRADO

Discutindo as religiões em sala de aula

JULIA RANY CAMPOS UZUN

ROTEIROS DO SAGRADO

Discutindo as religiões em sala de aula

HORTOLÂNDIA
ROTEIROS DO SAGRADO

Realização

Lei Aldir Blanc HORTOLÂNDIA

Hortolândia Secretaria de Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Uzun, Julia Rany Campos
Roteiros do Sagrado [livro eletrônico] : discutindo as religiões em sala de aula / Julia Rany Campos Uzun. -- 1. ed. -- Hortolândia, SP : Ed. da Autora, 2021.
ePub

ISBN 978-65-00-29447-7

1. Educação religiosa - Estudo e ensino 2. Ensino fundamental 3. Ensino religioso 4. Religião - Estudo e ensino I. Título.

21-78160 CDD-371.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino religioso : Educação 371.07

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Sumário

Introdução 10

Como se formam os líderes religiosos? 25

- **No Catolicismo** 25
- **Na Igreja Ortodoxa** 27
- **Nas Igrejas Protestantes Históricas** 29
- **No Pentecostalismo** 31
- **No Neopentecostalismo** 33
- **No Judaísmo** 34
- **No Islamismo** 36
- **No Espiritismo** 39
- **Na Umbanda** 41
- **No Candomblé** 43
- **No Xamanismo** 45
- **No Hinduísmo** 47
- **No Budismo** 48
- **No Confucionismo** 51
- **No Taoísmo** 53
- **No Xintoísmo** 55
- **No Sikhismo** 57

O ritual do casamento nas diferentes religiões 59

- **No Catolicismo** 59
- **Na Igreja Ortodoxa** 62
- **Nas Igrejas Protestantes Históricas** 64
- **No Pentecostalismo** 66

No Neopentecostalismo 68
No Judaísmo 69
No Islamismo 73
No Espiritismo 76
Na Umbanda 78
No Candomblé 80
No Xamanismo 82
No Hinduísmo 84
No Budismo 86
No Confucionismo 89
No Taoísmo 90
No Xintoísmo 92
No Sikhismo 95
Como as religiões entendem a morte? 100
No Catolicismo 100
Na Igreja Ortodoxa 102
Nas Igrejas Protestantes Históricas 103
No Pentecostalismo 106
No Neopentecostalismo 107
No Judaísmo 110
No Islamismo 112
No Espiritismo 114
Na Umbanda 116
No Candomblé 118
No Xamanismo 121

No Hinduísmo 123
No Budismo 125
No Confucionismo 127
No Taoísmo 129
No Xintoísmo 131
No Sikhismo 133
A diversidade das religiões de matriz africana no Brasil 135
A Jurema Sagrada 135
A Cabula 137
O Batuque 140
O Culto aos Egunguns 142
O Tambor de Mina 145
O Terecô 147
O Xangô de Pernambuco 149
A Santeria 152
Ser evangélico no Brasil: a pluralidade de igrejas e doutrinas ... 154
O que são os Evangelhos? 157
A Igreja Presbiteriana do Brasil 167
A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil 170
A Igreja Batista 173
A Igreja Metodista 176
A Congregação Cristã no Brasil 180
A Igreja Adventista do Sétimo Dia 184
A Igreja do Evangelho Quadrangular 187
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias 190

As Testemunhas de Jeová 195
A Igreja Evangélica Assembléia de Deus 199
A Igreja Cristã Maranata 203
A Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo 205
A Igreja Pentecostal Deus é Amor 208
A Igreja Universal do Reino de Deus 212
A Igreja Messiânica Mundial 214
A Igreja Evangélica Congregacional do Brasil 217
A Igreja Pentecostal Casa da Bênção 220
A Igreja Internacional da Graça de Deus 223
A Comunidade Cristã Paz e Vida 226
O Ministério Nova Jerusalém 228
A Igreja Apostólica Fonte da Vida 229
A Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo 232
A Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra 234
O Ministério Internacional da Restauração 237
A Igreja Mundial do Poder de Deus 238
A Bola de Neve Church 241
Considerações finais 244
Indicações bibliográficas 250

Introdução

No dia 27 de setembro de 2017, o Supremo Tribunal Federal determinou que o ensino religioso ministrado nas escolas públicas brasileiras pode ter caráter confessional. Isso quer dizer que as aulas não precisam mais estar ligadas à pluralidade religiosa, mas sim aos ensinamentos e determinações de uma religião específica. Esta decisão federal levantou uma série de debates e dúvidas acerca dos meios como esse componente curricular será implantado e dos prazos possíveis para seu início nas unidades de ensino.

A discussão no Supremo deu-se a partir do julgamento de uma ação, promovida pela Procuradoria Geral da República, que considerava que as aulas de religião que não oferecessem uma visão plural sobre a diversidade religiosa deveriam ser inconstitucionais. Em um placar surpreendente e apertado de 6 votos a 5, a decisão final foi de que a pluralidade religiosa não é uma necessidade nas aulas de religião e, portanto, as escolas públicas que decidirem ministrar suas disciplinas de ensino religioso ligadas a uma determinada doutrina estarão dentro dos limites da lei. Como entender, a partir de então, o que muda com essa nova proposta? Vamos seguir os quatro passos a seguir para esclarecer um pouco mais sobre o assunto.

1. Ensino confessional X Estado laico: o principal questionamento acerca dessa decisão federal indaga sobre o possível rompimento com o conceito de que o Brasil seja um Estado laico, ou seja, completamente independente de qualquer religião. Os especialistas defendem que esta decisão ameaça o conceito de laicidade, pois as escolas deixariam de ser "neutras" às confissões religiosas e adotariam um preceito de determinada fé,

seja ela qual for. Se o Estado é laico, ele considera todas as religiões da mesma forma e seria impossível contratar professores que representariam igualmente todas as religiões. O fato de termos uma religião majoritária no país não permite a quebra da laicidade do Estado, pois este é o mandamento que garante a igualdade de todos os cidadãos e a liberdade religiosa. Os especialistas ainda reforçam a ideia de que o espaço da escola é o do trabalho com o conhecimento científico buscando finalidades educativas, formativas e cidadãs, enquanto o papel da Igreja é distinto e os dois espaços não devem ser misturados.

2. O ensino religioso se torna obrigatório? O oferecimento do ensino religioso tornou-se obrigatório em todas as escolas públicas de ensino fundamental do país. No entanto, a disciplina é facultativa, ou seja, os pais devem manifestar interesse que seu filho curse esta disciplina no momento da matrícula. De acordo com o artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96), o ensino religioso é uma parte integrante da formação básica do cidadão, devendo ser ministrado nos horários normais da escola pública de ensino fundamental e respeitando a diversidade cultural religiosa brasileira. Dessa forma, a Ensino religioso tem avaliações, cobrança de presença e uma série de atividades como qualquer outro componente curricular, mas o aluno não pode ser reprovado.

3. Qual religião ensinar? De acordo com a decisão do Supremo Tribunal Federal, a escola pode definir qualquer religião para ministrar nas aulas de Ensino religioso, contanto que exista material didático e organização para isso. Segundo o coordenador-geral do Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso, é impossível produzir estes materiais diversos a curto prazo, fazendo com que a decisão do STF privilegie a entrada nas escolas dos grupos majoritários, como os católicos e algumas comunidades

evangélicas, deixando à margem várias religiões importantes no país como o espiritismo, as religiões indígenas e afro-brasileiras. De acordo com o Ministério da Educação, a regulamentação da decisão federal competirá aos sistemas de ensino municipais e estaduais, que se tornarão responsáveis por definir os conteúdos e materiais da disciplina. Cabe ressaltar que a proposta do STF contradiz a Base Nacional Comum Curricular, que prevê que o Ensino religioso deve desenvolver entre os estudantes uma série de habilidades diversas vinculadas ao respeito à pluralidade religiosa e ao ensino de elementos das diversas religiões.

4. Os professores serão ministros de culto? Surge um grande debate também acerca deste ponto. Parte dos especialistas defende que é necessário que os professores tenham vivência e experiência em sua área de ensino, visto que eles precisam participar ativamente da experiência para conhecê-la profundamente, indo além da teoria sobre a religião e evitando a dispersão dos alunos. O Rio de Janeiro já oferece o modelo confessional de ensino e acredita que os professores de ensino religioso precisam ter um envolvimento ativo com a religião que vão ensinar. Por outro lado, um outro grupo defende que, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases, a formação em licenciatura é suficiente, visto que cada sistema de ensino é responsável por definir o tipo de formação e contratação de seus professores. Dessa forma, cada sistema teria que criar um regulamento específico para dizer que grau de conhecimento seria aceitável em cada religião – visto que elas possuem métodos de hierarquização muito distintos. Este grupo acredita que existe o perigo de determinadas lideranças religiosas entrarem nas salas de aula sem a menor formação na docência, podendo prejudicar os estudantes.

O Ensino Religioso é um campo de estudos relativamente novo no Brasil. Oficialmente, o componente curricular é tratado

como parte da área de Ciências Humanas, e não como uma área de conhecimento independente, ainda que a Base Nacional Comum Curricular traga suas competências e habilidades de forma individual. Entre 1996 e 1998, com as discussões sobre a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso foi necessária a revisão do art. 33 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica (LDB 9394/96). Até então, o texto determinava que o ensino religioso era uma disciplina facultativa, a ser oferecida no horário normal de aulas nas escolas públicas do Ensino Fundamental, podendo ser ofertado de acordo com a orientação religiosa dos estudantes e de sua família – sendo ministrado por orientadores religiosos – ou de forma inter-religiosa, cujo programa ficaria a cargo das entidades religiosas diversas.

A proposta inicial da LDB para o ensino religioso pautava-se em dos modelos principais: a perspectiva da escola pública confessional, em que os estudantes são divididos através de seus grupos religiosos de origem, cuja proposta segue a divulgação da religião (evangelismo) e os professores são orientados pelos próprios grupos religiosos). Nessa perspectiva, o Estado seria o responsável pelo financiamento indireto das religiões, o que resultaria na sobrecarga do financiamento escolar, dada a necessidade diversos professores e espaços para oferecer a mesma disciplina.

A segunda perspectiva indicada pela LDB é a da escola pública não-confessional, através da qual o ensino religioso seria ofertado da mesma forma para todos os estudantes. Nessa perspectiva, o conhecimento religioso deve ser utilizado como ponto de partida para a compreensão da interferência da religião como fenômeno social na leitura da sociedade, incluindo as próprias tradições dos estudantes. Nesse sentido, a proposta indica a escolarização do ensino religioso, mas traz o problema da oferta

e do programa serem vinculados às lideranças das denominações religiosas.

A LDB ainda deixa uma lacuna que precisa ser preenchida: como o ensino religioso deve ser ofertado nas escolas particulares? É sabido que as escolas particulares confessionais, como é o caso dos colégios católicos ou das escolas protestantes, trata o ensino religioso como parte da confissão religiosa de pertencimento da instituição e de suas atividades litúrgicas, pois parte do princípio de que todos os estudantes são, de alguma forma, membros efetivos daquela profissão de fé. Mas como deve ser regularizado o ensino religioso nas escolas particulares não-confessionais?

Nesse sentido, a revisão do artigo 33 da LDB reordenou a forma de pensar o Ensino religioso no Brasil. A partir de 1997, o novo texto legal passou a assegurar "o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo". Isso significa que, na escola pública, o ensino religioso não poderia mais ser vinculado a nenhuma denominação religiosa e não poderia ser ofertado por ministros de culto, visto que deveria prezar pela pluralidade de crenças. Além disso, o novo texto determinava que cada sistema de ensino deveria criar regras específicas para a definição de seus conteúdos e para habilitar seus professores.

A partir dessa nova forma de compreender o ensino de religiões na Educação Básica, foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso. A grande inovação do documento foi inverter a lógica da proposta de conteúdos, passando a pensar o componente curricular a partir da escola – e não a partir da organização das religiões.

O novo documento trazia a leitura do religioso na sociedade para o conhecimento do sujeito, a compreensão do mundo e o respeito às diferenças. Em seu primeiro objetivo, o

texto buscava sensibilizar os estudantes, preparando-os para os temas propostos e para o trabalho com a linguagem da cultura religiosa que será discutida. O segundo objetivo buscava levar os estudantes a observar, buscar informações e refletir, promovendo a compreensão do fenômeno religioso, de forma que os estudantes passem a respeitar a diversidade de expressões do sagrado, livrando-se de preconceitos. O terceiro objetivo busca desenvolveu um novo significado nas vivências cotidianas dos educandos.

O PCNER foi elaborado a partir de 4 grandes matrizes religiosas, dividindo as religiões do mundo a partir delas: ocidental e oriental (matrizes geográficas), indígena e africana (matrizes étnicas). Além disso, ele foi proposto a partir de alguns eixos que definiam o que seria uma religião, retomando a legislação do estado da Guanabara da década de 1960. Dentre outras coisas, para que uma religião fosse considerada como tal, o PCNER definia que ela deveria ter ritos, textos sagrados, teologia e mitos.

Qual é o grande problema da organização do PCNER? Em primeiro lugar, ele trata a religião como um fenômeno, e não como um elemento da cultura. Em que isso implica? Quando tratamos uma religião como um fenômeno, deslocamos a sua prática do contexto em que ela ocorre e passamos a tratar como se ela ocorresse exatamente da mesma forma em todos os lugares, tempos e espaços. É possível traçar linhas gerais sobre a formação de lideranças religiosas, como propomos nesse livro, mas é necessário levar em consideração que a ordenação de um padre, por exemplo, é diferente em Roma no século XV, no Brasil atual e em espaços onde o Catolicismo é uma religião minoritária e perseguida, como em regiões da China. Quando tratamos as religiões como elementos culturais, necessariamente trazemos seus cultos, ritos, mitos e símbolos para o contexto em que eles

ocorrem, compreendendo o significado deles para aquela população.

Em segundo lugar, o PCNER traz caracterizações problemáticas quanto às caracterizações e divisões religiosas. Ao compor matrizes geográficas e étnicas das religiões, o PCNER novamente ignora o contexto brasileiro e parte de uma visão eurocêntrica das religiões. Afinal, o que seriam religiões ocidentais? As religiões indígenas nasceram no Ocidente, não é? Por que elas precisam de uma nova divisão? Além disso, como é possível unir religiões tão distintas, como o Taoísmo e o Islamismo, apenas por sua localização geográfica?

Há, ainda, um grande problema vinculado à definição das características de uma religião. A partir do momento em que o documento define a necessidade de um texto sagrado para a efetivação de uma religião, ele coloca de lado todas as religiões baseadas na oralidade, como as religiões de matriz africana e as religiões indígenas.

O PCNER manteve-se como o principal documento regulamentador do Ensino religioso no Brasil por 20 anos. Em 2017, foi publicada a versão definitiva da Base Nacional Comum Curricular, trazendo o Ensino religioso como um componente independente de outras áreas do conhecimento. O texto da BNCC é muito enxuto e foi criado a partir do reconhecimento do Supremo Tribunal Federal de dois modelos distintos de ensino religioso: o confessional e o não-confessional.

O modelo de ensino religioso confessional é o mais antigo do Brasil. Esse modelo compreende a religião a partir do apologeta cristão Latâncio (250-327), que critica a explicação de Cícero e considera que o termo religião indica a religação entre o homem e a divindade. É comum que se remonte esse modelo ao início da cristianização, com a chegada dos jesuítas ao Brasil, em 1549. No

entanto, o modelo jesuítico não se refere à ensino religioso, mas sim à catequese – o que são dois processos completamente distintos. O primeiro esforço para a prática do ensino religioso no Brasil ocorreu durante o século XVIII, com a organização do ensino pelo Estado, através da iniciativa da Imperatriz Maria Tereza, que passou a incentivar a oferta de aulas de religião mantidas pela Coroa portuguesa. Já em 1827, esse processo foi ratificado com a Primeira Lei de Instrução Pública, que determinava:

> Art 6º Os Professores ensinarão a ler, escrever as quatro operações de arithmetica, pratica de quebrados, decimaes e proporções, as nações mais geraes de geometria pratica, a grammatica da lingua nacional, e os principios de moral chritã e da doutrina da religião catholica e apostolica romana, proporcionandos á comprehensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Imperio e a Historia do Brazil.

A partir da Primeira Lei de Instrução Pública, o ensino religioso passou a ser considerado como uma questão de Estado. No início do século XX, o padre Leonel Franca publicou o primeiro livro que justificava o ensino religioso na escola: "Ensino religioso e ensino leigo: aspectos pedagógicos, sociais e jurídicos".

A primeira grande virada do ensino religioso confessional ocorreu já em meados da década de 1960, quando Wolfgang Guen passou a discutir a identidade do ensino religioso e a delimitar sua diferença em relação à catequese. A partir desse momento, passou-se a lutar pela definição de uma ciência de base para o ensino religioso e a buscar seu desligamento frente às colocações de cada orientação religiosa, culminando na luta pelo PCNER.

Por sua vez, o modelo não-confessional é baseado na interpretação de Cícero (106 a.C. – 43 a.C.) acerca da religião. De acordo com o orador romano, a palavra *religio* deriva do verbo *relegere*, ou seja, reconsiderar ou reler, no sentido de uma reconsideração diligente das regras relativas ao culto dos deuses. Nesse sentido, a função do modelo não-confessional é desenvolver o conhecimento religioso nos estudantes, promovendo a eles uma série de informações sobre o campo sociológico e religioso com o objetivo de formar uma sociedade pluralista.

A Base Nacional Comum Curricular surgiu como um documento que buscava atender a proposta do ensino religioso não-confessional e plural. Seus principais objetivos eram proporcionar a aprendizagem de conhecimentos religiosos, culturais e estéticos a partir de manifestações religiosas percebidas na realidade dos educandos, reforçando a importância de partir do contexto de cada comunidade escolar para a determinação do currículo. Além disso, o documento buscava propiciar conhecimentos sobre o direito à liberdade de consciência e de crença, no constante propósito de promoção dos direitos humanos. Nesse sentido, a BNCC propõe o desenvolvimento de competências e habilidades que contribuam para o diálogo entre perspectivas religiosas e seculares de vida, exercitando o respeito à liberdade de concepções e ao pluralismo de ideias, de acordo com a Constituição Federal de 1988. De forma geral, o documento busca contribuir para que os estudantes construam seus sentidos pessoais de vida, a partir de valores, princípios éticos e de cidadania.

Dentro da BNCC, o principal objeto do componente curricular é entendido como o conhecimento religioso, produzido no âmbito das diferentes áreas do conhecimento científico das Ciências Humanas e Sociais, notadamente das Ciências da Religião,

que investigam a manifestação dos fenômenos religiosos em diferentes culturas e sociedades como bens simbólicos resultantes da busca humana por respostas aos enigmas do mundo, da vida e da morte. De modo singular, complexo e diverso, esses fenômenos alicerçam distintos sentidos e significados de vida e diversas noções de divindade(s), em torno das quais se organizam cosmovisões, linguagens, saberes, crenças, mitologias, narrativas, práticas e princípios éticos e morais. Os fenômenos religiosos, em suas múltiplas manifestações, são parte integrante do substrato cultural da humanidade (BNCC, 2017, p.434).

De acordo com a BNCC, cabe ao componente curricular de Ensino religioso tratar os conhecimentos religiosos a partir de pressupostos éticos e científicos, sem privilégios de nenhuma crença ou convicção. Isso implica abordar esses conhecimentos com base nas diversas culturas e tradições religiosas, sem desconsiderar a existência de filosofias seculares de vida. Nesse sentido, a BNCC corrobora com a revisão do artigo 33 da LDB, reforçando a importância do ensino não-confessional e da pluralidade de manifestações culturais e religiosas.

O Ensino religioso busca construir, por meio do estudo dos conhecimentos religiosos e das filosofias de vida, atitudes de reconhecimento e respeito às alteridades. Trata-se de um espaço de aprendizagens, experiências pedagógicas, intercâmbios e diálogos permanentes, que visam o acolhimento das identidades culturais, religiosas ou não, na perspectiva da interculturalidade, dos direitos humanos e da cultura da paz. Com isso, o principal objetivo do Ensino religioso dentro da BNCC deixa de ser a oferta de "aulas de religião" para a garantir a da interação entre o sujeito e o objeto religioso a partir de seu contexto histórico.

A metodologia proposta pela BNCC para o componente parte do diálogo como princípio mediador e articulador dos

processos de observação, identificação, análise, apropriação e ressignificação de saberes, visando o desenvolvimento de competências específicas. Para isso, a organização didática dos conteúdos deve partir daquilo que o estudante já domina, tendo como base o levantamento dos conhecimentos prévios e potenciais a respeito do tema a ser abordado. A partir desses conhecimentos, o estudante deve ser levado a aprender mais, descobrindo elementos da diversidade cultural e religiosa, vinculando-os ao tema proposto, respeitando-se as limitações e potencialidades de cada grupo e faixa etária. Com isso, é proposta a síntese do aprendizado ou a transposição para a prática, de forma que os estudantes possam agir de forma mais respeitosa em seus cotidianos.

Na BNCC, o Ensino religioso é dividido em cinco grandes unidades temáticas. A primeira delas, **Identidade e alteridade**, pretende que os estudantes reconheçam, valorizem e acolham o caráter singular e diverso do ser humano por meio da identificação e do respeito às semelhanças e diferenças entre o Eu (subjetividade) e os Outros (alteridade), da compreensão dos símbolos e significados e da relação entre imanência e transcendência.

A segunda unidade temática, **Manifestação religiosa**, busca proporcionar o conhecimento, a valorização e o respeito às distintas experiências e manifestações religiosas, além da compreensão das relações estabelecidas entre as lideranças e denominações religiosas e as distintas esferas sociais. Por sua vez, a terceira unidade temática, **Crenças religiosas e filosofias de vida**, apresenta os aspectos estruturantes das diferentes tradições e movimentos religiosos e das filosofias de vida, particularmente tratando sobre os mitos, ideia(s) de divindade(s), crenças e

doutrinas religiosas, tradições orais e escritas, ideias de mortalidade, princípios e valores éticos.

A quarta unidade temática, intitulada **Mitos e narrativas**, busca apresentar os mitos como elementos estruturantes das tradições religiosas, representando a tentativa de explicação sobre o modo e o porquê da criação da vida, da natureza e do cosmos, trazendo histórias sobre deuses e heróis divinos e relatando acontecimentos nos quais as divindades agem ou se manifestam, sempre por meio de uma linguagem rica em simbolismos. A última unidade temática, **Ritos e práticas**, trata da experiência religiosa como uma construção subjetiva, alimentada por diferentes práticas espirituais ou ritualísticas, que incluem a realização de cerimônias, celebrações, orações, festividades, peregrinações, dentre outras. Enquanto linguagem gestual, os ritos narram, encenam, repetem e representam histórias e acontecimentos religiosos. Nesse sentido, os rituais religiosos são geralmente realizados coletivamente, em espaços e territórios sagrados, que se distinguem dos demais por seu caráter simbólico, constituindo-se como *locus* de apropriação simbólico-cultural, onde os diferentes sujeitos se relacionam, constroem, desenvolvem e vivenciam suas identidades (BNCC, 2017, p.437).

O trabalho com as unidades temáticas está dividido dentro da BNCC ao longo de cada ano da Educação Básica, a saber:

	Identidades e alteridades	**Manifestações religiosas**	**Crenças religiosas e filosofias de vida**
1º ano	O eu, o outro e o nós Imanência e transcendência	Sentimentos, lembranças, memórias e saberes	-

2º ano	O eu, a família e o ambiente de convivência Memórias e símbolos Símbolos religiosos	Alimentos sagrados	-
3º ano	Espaços e territórios religiosos	Práticas celebrativas Indumentárias religiosas	-
4º ano	-	Ritos religiosos Representações religiosas na arte	Ideia(s) de divindade(s)
5º ano	-	-	Narrativas religiosas Mitos nas tradições religiosas Ancestralidade e tradição oral
	Identidades e alteridades	**Manifestações religiosas**	**Crenças religiosas e filosofias de vida**
6º ano	-	-	Tradição escrita: registro de ensinamentos sagrados Ensinamentos da tradição escrita

			Símbolos, ritos e mitos religiosos
7º ano	-	Místicas e espiritualidades Lideranças religiosas	Princípios éticos e valores religiosos Liderança e direitos humanos
8º ano	-	-	Crenças, convicções e atitudes Doutrinas religiosas Crenças, filosofias de vida e esfera pública Tradições religiosas, mídias e tecnologia
9º ano	-	-	Imanência e transcendência Vida e morte Princípios e valores éticos

A partir de agora, traremos alguns materiais como sugestão para o trabalho com alguns dos temas trazidos pela BNCC. É importante adaptá-los à faixa etária e à realidade do contexto de cada unidade de ensino, assim como pensá-los como um ponto de partida para as discussões sobre os direitos humanos, sobre a diversidade de culturas e a pluralidade religiosa do universo dos educandos.

A obra é parte do projeto **Roteiros do Sagrado**, contemplada pela Lei Aldir Blanc de apoio à cultura (Lei Federal 14.017/2020) no município de Hortolândia, no estado de São Paulo. Ela também conta com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura de Hortolândia. Ela busca trazer algumas questões sobre o ensino de religiões em sala de aula, além de algumas propostas para o trabalho com o componente pelo olhar da cultura.

Como se formam os líderes religiosos?

No Catolicismo

No Brasil, ofício de padre é reconhecido pelo Ministério do Trabalho, compondo a Classificação Brasileira de Ocupações. Além da reprodução dos ensinamentos da fé católica, o padre também é responsável por oferecer o suporte espiritual e emocional para sua comunidade. A rotina de trabalho do padre é muito diferente daquela ligada às profissões convencionais, sendo ligada à noção de vocação (ou chamado). Na maior parte dos casos, o padre deve atender os fiéis de sua comunidade em qualquer dia da semana e em qualquer horário, vivendo em uma residência próxima ou anexa à igreja, recebendo uma ajuda de custo da instituição (composta por uma quantia, como um salário, e pelo custeio de suas despesas básicas), girando em torno de 2 a 3 salários-mínimos, dependendo da situação monetária da paróquia. O padre também deve realizar os principais ritos sagrados católicos, os sacramentos, que consistem no Batismo, na Crisma (ou Confirmação), na Eucaristia, na Penitência, na Ordem, no Matrimônio e na Unção dos Enfermos (ao contrário do Judaísmo, o Catolicismo precisa de seu líder religioso em todas as suas cerimônias).

De forma geral, a formação do padre demanda oito anos de estudo. Há dois caminhos para a ordenação de um religioso católico. O primeiro deles é a entrada em um seminário (a instituição responsável pela formação dos padres) logo quando o rapaz termina o Ensino Médio, dando início ao primeiro período formativo, conhecido como Propedêutico. Neste momento, com duração média de um ano, o jovem participa de uma série de atividades de adaptação ao seminário e estuda uma série de disciplinas, como Latim, História e Canto Gregoriano. Se o aluno consegue se adaptar e se sua vocação for confirmada, ele segue para um segundo período, com duração de três anos, em que ele vai direcionar seus estudos para Filosofia e,

depois mais quatro anos para o estudo de Teologia. A segunda possibilidade de entrada no sacerdócio se dá depois que o estudante terminou o curso superior, geralmente em Teologia ou em Filosofia. Neste caso, o tempo de seminário é bastante reduzido, sendo necessário buscar a paróquia na qual o religioso deseja atuar para que as condições de validação da graduação sejam avaliadas.

O Seminário é um espaço especial para a determinação de experiências de crescimento dos religiosos no qual se desenvolve um conjunto de dinâmicas de aprendizagem baseadas no erro e acerto. Cada diocese ou congregação possui seu próprio jeito de se organizar e sua própria espiritualidade, determinando um conjunto de exigências no cumprimento da formação de seus religiosos, criando tarefas distintas e modos de atingir os resultados em sua missão. Assim, torna-se impossível determinar um tempo único para o término da formação inicial, visto que ela varia de congregação para congregação.

No caso do sacerdócio diocesano (quando o padre é responsável por uma paróquia específica), é necessária a realização tanto do curso superior de Filosofia quanto do curso superior de Teologia. Já para os padres e freiras religiosos (que vivem no interior das congregações), existe a necessidade de uma formação extra, visto que a prioridade é a vivência da espiritualidade característica da instituição, sendo preciso mais tempo para o conhecimento da tradição da congregação pela qual optaram (cerca de 2 anos a mais de estudos). Por exemplo, os jovens que escolheram o caminho dos redentoristas ainda vão estudar 10 anos após a conclusão do Ensino Médio até completar os Votos Perpétuos, quando vão decidir se vão se tornar padres (realizando a ordenação) ou se vão realizar o trabalho missionário (se transformando em irmãos).

O sacerdócio se dá a partir do sacramento da Ordem, estabelecido através de uma missão confiada por Jesus Cristo aos seus Apóstolos que se mantém na Igreja para sua propagação pelo mundo,

como acreditam os católicos. De acordo com uma antiga oração atribuída a Santo Hipólito, a vocação para o sacerdócio é inspirada pelo Espírito Santo: "Que seja digno de manter-se irrepreensível diante do vosso altar, anunciar o Evangelho do Reino, cumprir o ministério de vossa palavra de verdade, oferecer dons e sacrifícios espirituais".

Na Igreja Ortodoxa

Os abunas são os líderes religiosos que equivalem ao título de padre para a Igreja Católica, tendo origem no idioma árabe, simbolizando o conceito de "Nosso Pai". A formação dos abunas leva uma série de etapas. A partir dos 15 anos de idade, a igreja recebe os jovens para o início do seminário, incluindo também homens adultos de todas as idades que podem se tornar líderes religiosos. Os candidatos ao cargo percorrem diferentes caminhos durante sua preparação, mas sua base religiosa é comum (a dedicação a Deus e o serviço à Igreja), sendo direcionada durante a vida acadêmica. Caso o jovem não consiga se adaptar durante o processo de formação, é indicado que ele se transforme em um leigo engajado em sua comunidade.

Existem quatro etapas básicas para a formação dos abunas: o aspirantado, que marca o início do desenvolvimento do candidato, quando ele é inserido em uma vida de oração, contemplação e estudo, durando cerca de um ano, ocorrendo geralmente após o final do Ensino Médio.; o postulantado, com intervalo de tempo variável (geralmente entre um e dois anos), quando o jovem ainda não participa de forma plena da vida em comunidade, trabalhando e orando em conjunto com os noviços, sendo o período ideal para firmar a certeza sobre o caminho na vida consagrada; o noviciado, com duração mínima de um ano e máxima de dois anos, que marca a preparação efetiva do jovem para emissão de seus votos, sendo dirigido por um mestre; e o

juniorato, que marca a emissão dos votos temporários e termina com a profissão dos votos perpétuos. Ao término do processo formativo, o seminarista é enviado para uma casa de formação do Patriarcado.

Além dos abunas, a Igreja Ortodoxa possui uma grande hierarquia de líderes religiosos. No final do século I, quando terminou o período dos apóstolos e foi iniciada a era dos bispos (epíscopes), foram instituídos chefes para cada igreja local. A partir do século III, a igreja já estava mais bem organizada, possuindo um bispo para cada cidade grande. Após o estabelecimento do Édito de Milão por Constantino, estabelecendo a liberdade religiosa no Império Romano, houve a necessidade de estruturar melhor as comunidades cristãs, buscando resguardar seu patrimônio espiritual.

Assim, entre os séculos IV e V, as divisões civis surgidas no Império Romano impactaram também nas divisões eclesiásticas, fazendo com que as metrópoles civis se tornassem também metrópoles religiosas. Nesse contexto, surgiram os patriarcas, grandes líderes regionais para administração da Igreja que se desenvolvia no Oriente, sendo 5 inicialmente: Roma, Constantinopla, Jerusalém, Antióquia e Alexandria. O Patriarca é um bispo eleito por um Sínodo com honra única, sob o reconhecimento do direito eclesiástico, com um tipo de poder que advém de São Pedro, o fundador da Igreja Cristã. Nas igrejas antigas, o Patriarca era chamado de Catholikós.

Além dos cargos históricos, a hierarquia da Igreja Ortodoxa é formada pelo Arcebispo Maior, que possui direitos semelhantes aos do Patriarca (mas não tem a ligação com a "linhagem de Pedro); pelo Cardeal Oriental, que compõe o Colégio Sagrado dos Cardeais, nomeados pelo Papa; pelo Metropolita, que possui jurisdição canônica sobre os bispos e sobre as dioceses; pelo

Eparca, que é o título equivalente ao do bispo na Igreja Católica; pelo Exarca, que é um bispo representante do Patriarca; pelo Arquimandrita, que é o superior de um mosteiro ou um sacerdote com grandes responsabilidades em sua igreja, equivalendo ao monsenhor católico; e, por fim, pelo Protossincelo, o vigário geral da diocese.

Nas Igrejas Protestantes Históricas

As igrejas protestantes históricas são aquelas que possuem ligação direta com a Reforma Religiosa, como a Igreja Anglicana, a Igreja Luterana, a Igreja Calvinista e a Igreja Batista. Para que um postulante se torne pastor em uma igreja protestante histórica, é necessário tenha completado o Ensino Médio e seja vinculado a uma igreja protestante histórica para ingressar em um seminário um seminário teológico, onde vai realizar um curso superior, geralmente em Teologia ou em Filosofia, aprendendo também temas mais abrangentes, como línguas originais e a prática pastoral. O tempo de duração de seu curso varia de instituição para instituição, mas geralmente duram cerca de quatro anos e devem ser custeados pela igreja ou pelo próprio candidato.

Nas igrejas protestantes históricas, os cursos de formação de pastores são marcados possuem, na maioria dos casos, registro como graduação superior dentro do Ministério da Educação, buscando quatro pontos principais: a formação de homens e mulheres com certificados em Teologia, tornando-os aptos para a inserção no ministério pastoral em suas igrejas, colaborando no processo de desenvolvimento da missão de sua instituição na sociedade; o estímulo do espírito científico, da cultura e do pensamento reflexivo nos membros das igrejas protestantes históricas; a geração de um constante desejo de aperfeiçoamento profissional, cultural e ministerial, tornando-se as instituições que

permitam esta concretização, unindo novos conhecimentos às realidades cotidianas dos pastore para o desenvolvimento e produção da estrutura que sistematiza a prática religiosa; e, por fim, a promoção do conhecimento dos problemas do universo contemporâneo, destacando especialmente as questões nacionais e regionais, garantindo o desenvolvimento de políticas e serviços para a comunidade, criando assim uma relação de reciprocidade.

Estas instituições estabelecem, assim, faculdades e universidades para a formação de seus pastores, para além dos seminários convencionais, desenvolvendo até pós-graduações (como mestrados e doutorados) de caráter eclesiástico, de caráter interno à instituição. Na maioria das vezes, o padrão dos conteúdos ensinados mantém o mesmo nível exigido pelos cursos credenciados na igreja matriz daqueles presentes no Brasil. Dentre os conteúdos ensinados nestes cursos de formação de pastor, estão cinco eixos principais: os Estudos Bíblicos, que buscam desenvolver os princípios de interpretação do livro sagrado, a compreensão do contexto e da mensagem do Antigo e do Novo Testamentos, o estudo pormenorizado dos Evangelhos, o conhecimento dos profetas e das leis anteriores e posteriores ao Antigo Testamento, dentre outros temas; o segundo eixo versa sobre os estudos de interpretação do Novo Testamento, realizando estudos de grego e latim, além das leituras e empregos dos Evangelhos.

O terceiro eixo versa sobre os estudos de interpretação (exegese) do Antigo Testamento, promovendo aos candidatos a pastores o estudo do hebraico, dos salmos e de todos os livros desta parte da Bíblia, refletindo sobre seus usos cotidianos; o quarto eixo é direcionado para os estudos pastorais, trabalhando com a introdução ao ato da pregação, com a educação nos princípios cristãos, com o mentoreamento que o pastor deve

oferecer, com os preceitos da família cristã, com a ética teocêntrica, com elementos de teologia e de aconselhamento bíblico, dentre outros temas ligados à prática do ofício; o último eixo trata especificamente de assuntos teológicos, discutindo a relação entre a igreja local e as missões mundiais, a história da igreja, a teologia bíblia e de adoração, dentre outros temas.

No Pentecostalismo

As igrejas protestantes pentecostais foram aquelas surgidas durante o século XX a partir de movimentos de renovação dentro das igrejas protestantes históricas. No Brasil, as denominações mais famosas são a Assembleia de Deus, a Congregação Cristã do Brasil, a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja Deus é Amor, a Igreja Universal do Reino de Deus, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra e a Igreja Renascer em Cristo. Juntamente com o movimento neopentecostal, elas marcaram o crescimento do número de evangélicos no Brasil de 14%, em 1994, para 33%, em 2016, de acordo com os dados de uma pesquisa realizada pelo Datafolha.

Para a formação de um pastor nestas denominações, é necessário que o candidato tenha terminado o Ensino Médio e seja maior de idade. A partir de então, ele deve ingressar em um seminário ou em uma faculdade de Teologia – dependendo da organização da instituição – buscando realizar um curso superior e aprender sobre a prática do ministério. No último semestre de seu curso, ele deve se preparar para passar por uma prova oral com questões teológicas em uma banca formada por pastores e presbíteros, que deve avaliar se os candidatos recém-formados estão aptos para o trabalho com os fiéis.

A exigência do curso superior é recente nas igrejas pentecostais, fazendo com que exista certo preconceito em relação

aos novos pastores formados em cursos superiores de Teologia, visto que grande parte dos fiéis ainda acredita que o adepto que estuda "demais" se torna uma pessoa crítica e cética e, por isso, deixa de acreditar na palavra de Deus. Isso faz com que muitos candidatos que iniciem o curso superior acabem abandonando a faculdade de Teologia, visto que não conseguem aceitar diferentes visões sobre o que é ensinado na interpretação da Bíblia.

Cabe ressaltar que o caminho para a formação do pastor não é único e varia de acordo com a denominação. Algumas igrejas pentecostais acreditam no discipulado hierárquico, através do qual os membros mais experientes devem passar seu conhecimento para aqueles que estão degraus abaixo. Eles consideram que o pastorado não é uma profissão, e sim uma paixão, visto que não recebem salários nem ajuda de custo. Esta transmissão de conhecimentos se dá através de reuniões semanais com os membros mais antigos da igreja, além da pregação entre a comunidade externa à igreja no mínimo três vezes na semana. Seja qual for a forma de capacitação, o candidato a pastor nestas denominações deve manter a disciplina na leitura de diversas edições da Bíblia, no conhecimento dos textos auxiliares e na busca de formas distintas de pregação dos sermões.

Nestas igrejas, não existe abertura para a discussão de temas polêmicos nem para a livre interpretação da Bíblia, visto que são denominações bastante conservadoras em sua doutrina. Em sua maioria, trazem teologias homofóbicas (que entendem a homossexualidade e a transexualidade como um desvio de conduta), racistas, patriarcais e coloniais, ainda que o visual dos jovens seja moderno. Elas trazem o perigo da leitura da Bíblia de forma literal, ou seja, sem a contextualização e a intepretação, o que faz com que se condene o casamento de pessoas do mesmo sexo, ao mesmo tempo em que se justifiquem, por exemplo, um

pai matar seu filho seguindo o designo de Deus. Há, no entanto, o surgimento de uma ala progressista e de coletivos feministas cristãos, especialmente nas capitais, que discutem temas contemporâneos.

No Neopentecostalismo

As igrejas protestantes neopentecostais têm crescido muito nos últimos anos devido ao seu discurso religioso muito acessível e suas promessas bastante atualizadas de atendimento às demandas sociais, suprindo um papel não atendido pelo governo, como as necessidades de assistência de saúde, de trabalho e no âmbito social. Muitas delas transitam por campos que ultrapassam o auxílio religioso, oferecendo soluções milagrosas como a cura para cadeirantes e para deficientes visuais. Elas também se adaptaram muito bem aos meios de comunicação, destacando-se em relação às outras denominações religiosas, apostando neste tipo de divulgação para atrair fiéis, encontrando nas redes sociais, na televisão e no rádio uma forma de oferecimento de seus serviços – invertendo a lógica da oferta religiosa, visto que não esperam o fiel de forma passiva, mas partem em sua busca.

Uma das características principais da formação dos pastores neopentecostais é que não é se exige deles nenhum conhecimento mais erudito – como a formação superior em Teologia ou Filosofia, como ocorre em outras denominações protestantes – nem o aprendizado profundo sobre a Bíblia. De forma geral, estas igrejas realizam treinamentos rápidos para a formação de líderes religiosos, buscando formá-los para a pregação mais simples e performática – porém não menos eficaz.

Estas denominações buscam no texto bíblico os critérios para que um fiel se torne pastor. Recorrendo às Cartas de Paulo, afirma-se que Jesus ensinou teria designado um conjunto de

seguidores para se tornarem apóstolos, evangelistas e profetas, mas que determinou que os homens que quisessem se tornar pastores deveriam ter comportamento prudente e sóbrio, serem membros respeitáveis em suas comunidades, serem indivíduos hospitaleiros e aptos a ensinarem, devendo ter ótima reputação entre os membros que não pertencem ao seu grupo e ter bom governo de sua família, controlando seu filhos (posto que vai precisar realizar o bom governo da Igreja, que é a família de Deus). Além disso, ele não pode ter comportamento violento, nem muito apegado aos bens materiais ou ter o hábito de beber. As indicações também dizem que deve ser "marido de uma só mulher", o que faz com que muitas igrejas interpretem que as mulheres não podem ser consagradas como pastoras (visto que não há a citação de "mulher de um só marido").

Dentro da hierarquia destas denominações, é comum existirem as denominações de apóstolo, bispo, pastor, diácono e presbítero (como cargos diferentes). No entanto, as Cartas de Paulo revelam que Jesus Cristo teria utilizado todos estes termos para designar a mesma pessoa (o apóstolo Pedro), o que faz com que as igrejas criem graus de formação internos específicos para cada casa. Cabe ressaltar, também, que a maioria das igrejas neopentecostais proíbem que homens solteiros, divorciados, com filhos rebeldes ou indivíduos convertidos há menos de dois anos se tornem pastores.

No Judaísmo

A principal liderança religiosa no Judaísmo é o rabino, sendo todo indivíduo que possui autorização a decidir acerca da Lei Judaica, a ter a autoridade daqueles doutores da Torá e a ensinar sobre questões religiosas. O conceito teve origem no termo hebraico "Ribbi", que significa "grande" e "mestre", tendo sido

associado pela primeira vez aos líderes religiosos no primeiro século depois de Cristo, em uma referência aos 23 juízes obrigatórios em todas as comunidades judaicas, os "rabinos de Sinédrio". Ao longo do tempo, o cargo recebeu novos significados, passando a indicar aqueles que receberam a ordenação para o cargo e foram educados sobre os ensinamentos da Lei Judaica, transformando-se nos únicos a conhecerem os textos de forma suficiente para oferecer respostas às questões teológicas.

Enquanto os padres católicos são lidos como os intermediários entre Deus e o homem, os rabinos são considerados apenas pessoas comuns que podem ser reconhecidas oficialmente através de um processo de ordenação, ou de forma informal, pelo respeito conquistado por sua noção de justiça e por seu conhecimento acumulado. Nos dias atuais, cabem aos rabinos tanto o ensino quanto a aplicação dos ensinamentos judaicos, além da condução de grande parte das cerimônias religiosas, mesmo que ele não seja um sacerdote (não sendo completamente necessário para a realização de muitos atos do ciclo da vida religioso, como o bar-mitzvá e os sepultamentos). As únicas cerimônias que prescindem de um rabino são o divórcio (o get), os processos de conversão para o Judaísmo e os litígios que envolvam a disputa em um tribunal rabínico. No Judaísmo Clássico pré-diáspora, entretanto, o rabino compunha a classe sacerdotal, compondo um grupo que possuía um contato especial com Deus.

Antes da escrita do Talmude (um conjunto de livros sagrados judaicos que contêm as discussões dos religiosos sobre os costumes, a ética, a história e a lei, realizado entre os séculos I e II d.c.), os rabinos eram a única autoridade aplicada sobre a Torá oral (visto que ela ainda não havia sido registrada, pois ninguém possuía a oportunidade de estudar a lei judaica por si mesmo). Estes rabinos também eram reverenciados como os homens mais

próximos de Deus frente qualquer outro indivíduo da comunidade. Também se acreditava que os rabinos podiam abençoar os homens e amaldiçoar qualquer indivíduo. Todas as questões decididas e comentadas pelos rabinos possuem ligações diretas com aquelas debatidas pelos estudiosos e autoridades judaicas ao longo dos anos. A maior parte das comunidades tem um rabino chefe, para quem os judeus recorrem quando existe qualquer tipo de disputa envolvendo as leis e normas da Torá que servem como guia para o Judaísmo (o halachá). Dentre as obrigações dos rabinos, estão garantir o bem-estar de sua comunidade, determinar o calendário judaico, agir como juiz em um tribunal rabínico e prezar pela observância religiosa.

Nos dias atuais, a maioria dos homens que possui ordenação como rabinos possuem outras formas de sustento que não têm relação à religião, sendo advogados, médicos, psicólogos, etc. No entanto, até o século XII, o ofício do rabino era exercício em trabalho integral. Ainda que o casamento judaico não precise tecnicamente de um rabino para ocorrer, o Estado dá a permissão oficial para que este religioso faça a cerimônia, sendo importante sua participação para certificar que todo o processo ocorra da forma correta. Em Israel, o rabino deve estar presente para legalizar, inclusive, a assinatura do casamento civil, realizando também os papeis de advogado ou de juiz, garantindo o cumprimento da lei judaica além de estabelecer a conexão mística necessária entre o homem e Deus.

No Islamismo

Em 632, quando o profeta Maomé faleceu, surgiu uma grande polêmica no mundo muçulmano sobre que seria a principal liderança religiosa e política do Islamismo. Abu Bakr, um de seus discípulos que também era seu sogro, tornou-se o primeiro

Khalifah, o nome árabe para que designa "sucessor", sendo utilizado por outros 45 governantes. Em 1258, por sua vez, uma invasão dos mongóis deu fim ao califato, que continuou existindo de forma simbólica. No Egito, continuou existindo um califa com poderes até 1517, quando o Império Otomano conquistou a região, mantendo seu poder até 1924. Dois anos depois, um congresso egípcio tentou nomear um novo califa, sem sucesso.

Existem diversos cargos que designam lideranças políticas e religiosas no Islamismo (visto que a religião tem ligação íntima com o poder político), o que demonstra que as elites religiosas não entraram em um consenso. Dentre os muçulmanos xiitas (que acreditam que o verdadeiro herdeiro de Maomé deveria ser o genro de Maomé), o aiatolá é o líder que encontra a principal posição na organização religiosa, sendo o que possui o maior conhecimento acumulado no mundo muçulmano. O termo aiatolá teve origem na expressão árabe ayat allah, que significa "manifestação ou sinal de Alá", surgindo no Irã, no século XIX, para designar os juristas de maior grau e com maior hierarquia entre os estudiosos do Islamismo (teólogos, advogados e professores, conhecidos como os mulás xiitas e os ulemás sunitas), sendo a principal referência na comunidade.

O xeque, por sua vez, é aquele que domina completamente a Lei Islâmica – a Sharia –, um conjunto de códigos no qual estão inscritas as regras responsáveis por reger o Islã. Quando obtém o mérito, o aiatolá conquista também o título de xeque, seja através da menção de outro xeque ou por aclamação geral. O título de xeque tem origem no termo árabe shaykh, que significa "ancião", podendo ser utilizado por qualquer pessoa que possua autoridade religiosa, tornando-se muito respeitado na comunidade muçulmana. Dessa forma, o xeque não é eleito, mas sim nomeado de forma direta – qualquer eclesiástico comum pode ser elevado

de forma simples, sem nenhuma burocracia especial, tanto à posição de aiatolá (caso tenha possa dos saberes e compreenda o "imprescindível") quanto à de xeque. Um dos líderes mais importantes da contemporaneidade no mundo islâmico é o Aiatolá Khomeini, que antecedeu e inspirou a Revolução Islâmica no Irã.

O Irã é um exemplo da força do aiatolá. Nesta nação, a política e a religião são muito intrincadas, misturando um tipo de democracia contemporânea com um governo teocrático muçulmano, que defende que a autoridade é oriunda de Alá e deve ser exercida por seus representantes na Terra, especialmente pelo seu principal líder, que atualmente é o Xeque Hassan Rouhani. O xeque ou o aiatolá são responsáveis pela escolha do líder do Poder Judiciário, pela eleição dos chefes das Forças Armadas, pelos integrantes do Conselho dos Guardiões e pelos administradores dos veículos de comunicação, ratificando também a escolha do novo presidente através do voto direto. Ele está submetido apenas à Assembleia dos Especialistas, um colégio de 96 religiosos islâmicos cujo objetivo é avaliar a performance do líder, que tem o poder de destituí-lo.

Há outros cargos religiosos bastante importantes no mundo islâmico. O imã é o responsável por coordenar a oração dentro das mesquitas, dando este título aos teólogos ou aos homens sábios que possuem as tarefas de orientação dos fiéis nos temas religiosos. O sultão é a autoridade política do mundo islâmico, enquanto os paxás, desde o século XIII, eram os parentes do sultão, transformando-se mais tarde no título mais alto de honra do Império Otomano. O emir, por sua vez, é um título ligado muito mais às autoridades políticas ou aos líderes militares, oriundo do termo "amir", que significa "príncipe" ou "comandante". Os rajás eram os líderes dos pequenos Estados indianos ("rei", em sânscrito"), que foram controlados pelo poder central exercido

pelo marajá ("o grande rei"), que foram depostos com a invasão muçulmana, assumindo seus títulos. Por fim, o título de xá tem origem persa e significa rei.

No Espiritismo

Quando desenvolveu as bases do Espiritismo, Allan Kardec retomou os princípios designados pelo teólogo Jan Hus, que determinou que não deveria haver a necessidade de um intermediário para a comunicação entre o homem e Deus. Nesse sentido, o Espiritismo não possui uma hierarquia eclesiástica (como o Catolicismo), sendo seus líderes religiosos apenas os médiuns que permitem a comunicação entre os espíritos e o mundo terreno. Nesse sentido, a mediunidade é tida como uma faculdade natural para todos os humanos, independente de gênero, lugar, posição social, filiação religiosa ou moral. O seu desenvolvimento não deve ser forçado, mas a religião deve oferecer as condições apropriadas para que ele ocorra de forma equilibrada e deve ensinar o futuro médium a utilizá-la de forma correta. Quando ela aflora sem que o médium esteja preparado, os médiuns mais experientes são responsáveis por orientá-lo para disciplinar os fenômenos que ela acarreta e empregá-la de forma adequada. De forma alguma, o trabalho mediúnico deve ser realizado por quem possui qualquer problema de saúde ou esteja desequilibrado, devendo passar por um processo inicial de harmonia psíquica através de vibrações, passes e esclarecimentos sobre a doutrina espírita.

A determinação da mediunidade é dada por alguns sinais precursores, que são muito diversos. Ainda que nem sempre seja rápido e fácil a distinção das manifestações mediúnicas quando estão começando, ela pode ser comprovada quando há casos de audição e de vidência de espíritos que não estão no plano terreno

(conhecido pelo Espiritismo como plano fluídico). Além disso, os sinais iniciais também remontam algumas perturbações do corpo e da mente do indivíduo, como a psicografia (a transcrição de mensagens de outros planos) e a psicofonia (a comunicação com os espíritos por meio da voz do médium). Há, ainda, a produção de diversos efeitos físicos no lugar em que o indivíduo se encontra, como fenômenos luminosos, sonoros ou o movimento de objetos.

O indivíduo também consegue perceber sua mediunidade a partir de algumas práticas mais claras, como ter a sensação de ter presenças em seu ambiente que não podem ser vistas, o formigamento e o adormecimento de pernas e braços, o arrepio frequente, palpitações, tremor e calor na espinha, sensações de dilatação e inchaço nas extremidades (que os religiosos afirmam ter sido causado pelo desdobramento espiritual), além de crises de choro e mudanças repentinas de humos, além de sono muito profundo e desmaios sem explicação física. Para desenvolver a mediunidade, o indivíduo deve disciplinar e apurar sua sensibilidade espiritual, buscando encontrar as devidas condições para sua manifestação, aprendendo a empregá-la nas melhores técnicas, para os objetivos mais elevados. Este processo é necessário para que não sejam provocadas situações difíceis para o próprio médium nem para sua comunidade religiosa.

O desenvolvimento da mediunidade é baseado em três conjuntos de práticas. O primeiro deles solicita que o médium domine a Doutrina Espírita, podendo conhecer a si mesmo, às outras criaturas e ao universo, compreendendo-os como seres evolutivos determinados pelas leis de causa e efeito, tendo uma atenção especial para o entendimento das trocas mediúnicas e sua atividade no pensamento sobre a natureza, os fluídos e a situação dos espíritos em seu plano. O segundo, de natureza técnica, determina que o médium deve aprender a se controlar durante as

manifestações, analisando seus resultados e entendendo como se concentrar e como se desconcentrar. Por fim, o terceiro conjunto de práticas define uma reforma íntima moral, dando segurança ao trabalho mediúnico, mantendo o equilíbrio psíquico razoável mesmo sem a necessidade da determinação da santidade.

Na Umbanda

O primeiro sacerdote na Umbanda foi seu fundador, Zélio de Moraes. Mas como ele foi preparado para sua missão de liderança religiosa? Os umbandistas acreditam que a preparação de Zélio de Moraes ocorreu antes de seu nascimento, como um preparo anterior a esta encarnação, mas isso foi exclusivo dele e não descarta o preparo pelo qual o médium deve passar. Da mesma forma como ele foi preparado de forma direta por seus mentores e guias espirituais, ele passou a preparar os médiuns que o seguiram. Cada médium que dá início ao seu desenvolvimento religioso deve aprender uma série de rituais, além do trabalho com ervas e do conhecimento sobre suas entidades.

Dentre os rituais feitos desde os tempos de Zélio de Moraes, os principais são as oferendas, os aprendizados sobre os banhos de ervas, a defumação e o trabalho de amaci, que consiste em uma preparação sacerdotal individual e muito personalizada. No entanto, cada terreiro possui seus próprios métodos para a preparação de seus líderes religiosos. Na maioria das casas, o religioso começa sua formação a partir do ritual de borí ou ogbori, que leva de 3 a 7 dias, quando as entidades das sete linhas que o acompanham (caboclos, boiadeiros, pretos velhos, marinheiros, crianças, baianos e ciganos, além da linha de esquerda) se aproximam do médium e ele aprende mais sobre elas. Ao término deste ritual, ele realiza a saída de sua entidade, apresentando a todos os membros da casa. A partir desse momento, ele pode receber a

ordem de trabalho do chefe da casa, passando a dar atendimento aos adeptos que frequentarem a casa.

O religioso também vai passar por um segundo ritual, que vai permitir que ele conheça o seu orixá protetor: a feitura. Neste rito, o médium fica isolado por volta de sete dias, com uma série de restrições alimentares, aprendendo mais sobre si mesmo e sobre suas entidades. Ao final deste período, realiza-se uma grande festa, na qual ele incorpora seu orixá protetor – até então desconhecido de sua comunidade religiosa. Algumas casas adotam os procedimentos e a linguagem do Candomblé, utilizando-se rituais de origem iorubá, congo, angola ou jeje, empregando termos semelhantes aos do culto de nação.

Além das feituras e rituais de borí, a maioria das casas de Umbanda prepara seus sacerdotes por meio de um curso com alta carga de teoria, além de práticas ligadas à natureza e apresentação aos orixás. Na Umbanda, o conceito de "obrigação" é diferente daquele atribuído no Candomblé: enquanto o Candomblé acredita que é necessário cumprir uma série de questões para satisfazer os orixás e impedir sua ira, a Umbanda determina um conjunto de passos que o médium deve se obrigar a realizar (para si).

O que é mais importante compreendermos é que há diversas formas de preparação de um sacerdote na Umbanda, mas nenhuma delas é determinada através da missão sacerdotal (como no Catolicismo), visto que a religião acredita que todos os humanos recebem a espiritualidade e a mediunidade da mesma forma. Todos os líderes religiosos umbandistas devem fazer oferendas na natureza para os orixás cultuados pela casa de pertencimento, o que recebe o nome de obrigação, iniciação ou apresentação. Para tornar-se um babalorixá ou uma iyalorixá, é necessário ter alcançado a maturidade mediúnica, tendo o pleno conhecimento sobre os seus guias de trabalho (como o mentor, o guia-chefe e o

guia de frente), conhecendo também seus campos de atuação e de regência dos orixás que o protegem.

No Candomblé

Os pais e mães de santo (babalorixás e iyalorixás) são as figuras mais importantes do Candomblé), sendo as pessoas de maior elevação espiritual e com a capacidade de guiar a vida dos membros do terreiro. Como sacerdotes, eles são responsáveis pela consulta aos orixás, através do jogo dos búzios, além do aconselhamento de todos os filhos de santo da casa. Eles também possuem funções administrativas, sendo aqueles que cuidam de tudo o que ocorre na casa, sem que nada ocorra sem sua autorização. São auxiliados por diversos membros da casa, que possuem funções específicas. Estas lideranças religiosas também devem conhecer as ervas sagradas e suas aplicações rituais, fazer os sacrifícios, saber preparar as comidas e oferendas aos orixás e preparas as vestimentas litúrgicas.

A iniciação dos líderes religiosos no Candomblé é realizada através de um ritual conhecido como "feitura no santo", que simboliza o renascimento na vida do adepto da religião, pois considera-se que depois desse momento tudo em sua vida será novo – inclusive seu nome, visto que ele passa a ser chamado por um novo nome dentro de sua comunidade religiosa. O primeiro passo da feitura é o recolhimento, composto por 21 dias de reclusão, quando são realizados um conjunto de oferendas, trabalhos, incorporações e banhos de ervas, além de aprendizado sobre as rezas e cânticos a serem feitos. Os cabelos do médium são raspados no ritual do orô e ele recebe seu adereço ritual que representa seu canal de comunicação com seu orixá protetor, que pode ser um colar, um cajado, um espelho, dentre várias outras opções (ou várias delas). Ele também vai passar pelo ritual do efun,

quando seu corpo é inteiro pintado com fiz branco, sendo realizado por sete dias consecutivos.

Para dar sequência à sua iniciação, o adepto do Candomblé deve realizar o assentamento de seu orixá, uma oferenda com sacrifícios animais seguindo as características específicas de cada um deles. A partir desse momento, ele é chamado de Yawô, devendo se apresentar para sua comunidade em uma grande festa, com uma autoridade do terreiro, recebendo muitas homenagens, mostrando que ele nunca mais estará sozinho em sua caminhada. Nesta cerimônia, o orixá incorporado em seu Yawô deve dizer o novo nome do fiel iniciado, abrindo sua idade cronológica na comunidade. Com o fim deste ritual, o iniciado precisa seguir uma série de indicações (os preceitos) por um ano, como usar apenas branco, não beber álcool, não fumar e nem sair à noite.

A partir de então, a iniciação se divide em grupos distintos. Aqueles que vão cultivar a missão sacerdotal devem seguir o caminho como "adoxu", ou seja, como médiuns que desenvolvem o transe e a incorporação espiritual, visto que esta prática é imprescindível na liturgia dos orixás e apenas eles podem assumir os cargos de babalorixás e iyalorixás. Caso os médiuns sejam iniciados como ogãs (responsáveis pelo toque nos atabaques) ou como equedis (responsáveis pela ritualística dos terreiros e pela preparação das oferendas), eles não poderão se tornar mães e pais de santo, nem incorporar seus orixás. No entanto, nem todos os fiéis iniciados em adoxu se transformarão em sacerdotes com seus próprios terreiros abertos, visto que esta determinação só vai ser dada a partir dos sete anos da formação inicial, no ritual de Oduijé, quando o orixá afirma se o médium deve ou não abrir sua casa. Nesse rito, o membro se torna independente de seu babalorixá ou iyalorixá de formação. Caso o orixá não queira uma nova casa aberta, o médium deve permanecer na casa em que foi iniciado.

No Xamanismo

O líder religioso do Xamanismo é o xamã, sendo ao mesmo tempo seu sacerdote e o portador de todas as funções religiosas, tendo a possibilidade de acessar outras dimensões além da que vivemos através do estado de êxtase religioso, onde pode fazer contato com os espíritos ancestrais e com as entidades aliadas (minerais, vegetais e animais). Dentre os estudiosos, não existe um conceito único sobre a definição de xamã: ele é descrito como um curandeiro, um médico, um sacerdote, um adivinho e um conselheiro, sendo um líder espiritual que unifica as funções religiosas, ritualísticas e máginas. O xamã entra no estado de transe através de uma série de rituais, invocando os espíritos da natureza por meio da incorporação e da manifestação de poderes sobrenaturais, o que permite que ele receba as orientações necessárias para a resolução que desafiam o cotidiano de seu grupo social.

Não existe um local de treinamento ou uma casa de formação para um xamã, visto que, segundo os preceitos da religião, o sacerdote é escolhido pelos espíritos. Sua iniciação marca a experiência central de morte no mundo convencional e renascimento no universo espiritual, levando ao enriquecimento de sua personalidade através da aquisição de espíritos auxiliares, que permitem com que ele possa viajar através de diversas dimensões cósmicas, como acreditam os adeptos ao Xamanismo. Por outro lado, ele entra em contato também com uma grande diversidade de espíritos em dificuldade e que lhe demonstram hostilidades, fazendom com que sua "morte espiritual" seja representada em diferentes escalas cada vez em que ele precise agir em um ritual.

O contato inicial com os espíritos realizado por um xamã é realizado através de um ataque violento, que pode dar a ideia de

destruição de sua personalidade. A partir de então, o xamã é considerado iniciado e dá início à sua reconstrução, desenvolvendo uma visão íntima das coisas e novas perspectivas sobre a natureza do mundo, especialmente sobre as formas de sofrimento do homem. A partir da interiorização de estas experiências, surge sua nova personalidade. Em alguns grupos, para alcançar a visão o candidato a xamã se isola em um local para orar e jejuar, buscando encontrar seu espírito guardião.

A definição de quem pode ou não pode ser um xamã difere de socidade para sociedade, lembrando que o Xamanismo está presente em culturas muito diferentes. Para os indígenas da América do Norte, os poderes xamânicos estão largamente difundidos, podendo ser exercidos por qualquer membro da comunidade, sendo despertados com os ritos anuais da Dança do Sol, que marcavam o início da puberdade. Já dentre os grupos amazônicos, apenas uma parcela dos homens pode ser xamã, dentro de uma hierarquia de poder religioso, em um processo de iniciação equivalente a uma das fases mais importantes do desenvolvimento da personalidade do homem adulto. Na Sibéria, por sua vez, é necessário que o xamã possua grande força física e emocional, além de não ter perdido nenhum de seus dentes, enquanto entre os Soras, acredita-se que as crianças franzinas e que choram muito podem ver espíritos, diferenciando-se das demais por sua vocação para a liderança religiosa xamânica.

Em algumas sociedades, considera-se que o posto de xamã é explicitamente hereditário, determinando a importância das linhagens masculinas. O xamã na Mongólia tem direitos hereditários (udka) que remontam sua linhagem até a origem celestial. A udka Tengrinn, por exemplo, significava que ele era um descendente do deus do céu Tengri, enquanto a udka Ner'jeer indicava que ele descendia de um antepassado atingido por um

raio. A udka também marcava o Xamanismo como um ofício: os ferreiros tinham sua própria udka, por exemplo. Em outras áreas, no entanto, os poderes xamânicos podem ser comprados, ainda que os espíritos decidam quem vai se tornam o xamã – em todas as tradições, inclusive com o princípio da hereditariedade, esta seleção é o elemento crucial.

No Hinduísmo

No Hinduísmo, os líderes religiosos são exclusivamente membros da casta dos brâmanes, o que indica que a prática do sacerdócio é determinada pelo nascimento. O conceito de "brâmane" significa "o indivíduo que realizou a divindade", voltando-se a Brâman, o deus criador de todo o Universo no Hinduísmo. A maior parte dos brâmanes pratica um rigoroso vegetarianismo, ainda que hoje em dia a prática seja determinada pela região. Estes indivíduos formam a camada mais respeitada de toda a sociedade e são responsáveis por todos os rituais, sendo chamados de gurus.

Os gurus são os mestres hindus dotados de um grande entendimento religioso, capaz de levar os fiéis à autorrealização, possuindo grande conhecimento sagrado e sabedoria espiritual, sendo tido como aqueles que espantam a escuridão e trazem a luz. Ainda que existam gurus em outras religiões, para o Hinduísmo eles são considerados como guias espirituais na Terra, podendo despertar espíritos adormecidos a partir da sabedoria interior de seus próprios discípulos (a shaktipat), sendo considerados tão importantes quando os santos e os educadores de quem os discípulos recebem um mantra iniciático. Cabe aos gurus, também, coordenar as cerimônias religiosas e os rituais.

Os espaços de formação dos gurus são os ashrams, sendo comunidades compostas de forma intencional para a promoção da

evolução espiritual de seus membros, sendo orientadas por um mestre, um místico ou um líder religioso. Na Índia Antiga, os ashrams eram locais de recepção dos eremitas e sábios hindus, para que eles pudessem passar um período de tranquilidade na natureza. São espaços situados em regiões montanhosas ou no meio das florestas, bastante afastados da urbanização, que propõem um ambiente propício para a meditação e para a instrução espiritual. Durante sua formação, os gurus realizam nos ashrams diversos exercícios físicos regulares (como as diferentes formas de ioga) e espirituais, além de uma série de penitências e sacrifícios, como ao Yajnas. Os gurus também podem se recolher nos mathas, que são mais rígidos e hierárquicos, recebendo também instrução e realizando meditações.

Existe uma classificação entre os gurus. A primeira delas é a de conselheiro espiritual, determinada para aqueles hindus de alta casta que realizam os rituais tradicionais; mas que não está conectado a um templo específico – ou seja, é um guru que desempenha as funções professorais; mas não é um sacerdote; em uma segunda categoria estão os mestres iluminados, cuja autoridade depende de sua experiência na condução da iluminação, prescindindo de grande obediência e podendo contar com discípulos ocidentais; o terceiro tipo é o avatar, quando o guru considera a si mesmo ou é considerado por uma comunidade como uma das encarnações de uma divindade ou como um instrumento delas; por fim, a última forma se dá quando um guru existe como um livro.

No Budismo

O Budismo tem como líderes religiosos os monges, que são considerados como professores e guias para a verdade – e não intermediários entre o homem e seu próprio destino. Dentre os

requisitos para o início da formação como monge, é necessário que o indivíduo seja maior de idade, não tenha nenhum familiar que trabalhe para si ou que dependa de si, tenha mais de dois anos na prática religiosa budista, seja discípulo de um mestre e tenha uma autorização escrita dele para a iniciação.

Os aspirantes a monges budistas precisam abandonar todos os bens materiais e os compromissos sociais que tiverem (como o trabalho e os estudos) antes de ingressarem nos monastérios, visto que o ingresso na vida monástica budista implica em uma espécie de "voto de pobreza" como forma de liberdade interior necessária, ao espelho do que o próprio Buda fez, para que o monge possa se entregar totalmente ao Darma. No entanto, os noviços precisam ter fundos suficientes para manter sua saúde, seus hábitos religiosos e de higiene, além das viagens que são necessárias para sua formação. Dessa forma, cada um dos ingressantes precisa vender suas posses e reservar o dinheiro para seus três anos de formação sacerdotal. Caso o postulante não possua rendas suficientes para sua formação, os mosteiros abrem um fundo de doações para os sacerdotes em processo de estudos, que passa a contribuir de forma igualitária para todos os noviços que não podem custear seus estudos.

Durante o período de formação, os noviços budistas precisam fazer o voto de obediência, seguindo as indicações do mestre espiritual. Além disso, devem manter o voto de simplicidade, abandonando todas as riquezas materiais, dispondo apenas dos recursos necessários para a manutenção do curso. Precisam firmar o celibato, sem que firmem relações físicas, emocionais ou íntimas, além da dedicação aos Três Tesouros e aos Dezesseis Preceitos de Bodisatva. Após a ordenação como sacerdotes monges, os mesmos votos são firmados. No entanto, existe a ordenação também como sacerdotes laicos, permitindo as

relações físicas, íntimas e emocionais, além da compatibilização do sacerdócio budista com outas atividades profissionais.

O fim do treinamento formal do monge budista é chamado de Denpô e consiste na transmissão do Darma, recebendo a autoridade para a realização de bênçãos em geral e diversas cerimônias religiosas, como enterros, batizados e casamentos. Esta graduação simboliza que o mestre budista declara que seu aluno entrou em sua linha de sucessão. Para cumprir esta etapa, o monge deve reverenciar os ancestrais de sua linhagem, receber uma série de ensinamentos e escrever alguns documentos, o que ocorre em um retiro individual de 7 dias (o Shihô), terminado com duas cerimônias fechadas: a Transmissão do Preceitos do Bodistava e a Transmissão do Darma. O treinamento do monge é feito em três etapas: a ordenação, o levantamento da bandeira do Darma e a transmissão do Darma. Durante o retiro, é necessário que exista muito respeito e afinidade entre o mestre e o aluno, caso contrário é impossível que exista uma transmissão verdadeira.

A partir de então, o monge passa por outras cerimônias de formação. Na celebração do Ten-e, o monge budista deixa de usar o manto negro, que caracteriza seu processo de treinamento, passando a vestir um manto colorido (normalmente marrom), representando que ele está plenamente formado. Após o Ten-e, o monge pode solicitar a autorização para realizar as celebrações formais no templo sede, que simbolizam sua entrada pública na Ordem Monástica como um monge completamente formado. Com o Ten-e, o novo monge formado deve prestar gratidão e homenagem aos mestres fundadores de sua escola, através do Zuise, um ritual que dá a ele a graduação de Oshô e a autorização de usar o manto cor de açafrão. Ele também passa a estar apto a recitar os sutras. Ele só se torna também um Professor de Darma (sensei) se realizou um período prático em um mosteiro

reconhecido oficialmente. Aos poucos, ele ganha a qualificação para alcançar outras graduações monásticas (Oshô), passando a assumir toda a responsabilidade por um templo, transformando-se no Monge Titular.

No Confucionismo

O Confucionismo não possui uma igreja institucionalizada e, desta forma, não tem um livro sagrado nem líderes religiosos ou sacerdotes. De acordo com seus preceitos, a sociedade deve ser orientada segundo um movimento educativo que deve partir de cima, sendo equivalente ao amor paterno, em conjunto com um movimento vindo de baixo, que responde à obediência de um filho. Segundo a doutrina, o homem é disposto por quatro dimensões: o céu (fonte a realização definitiva), a natureza, a comunidade e o eu individual, identificando cinco virtudes principais: a justiça, o amor ao próximo, o cumprimento das normas de conduta, a sinceridade e a sabedoria sem nenhum interesse e a consciência sobre a vontade do Céu. Apenas aqueles que respeita o próximo pode desempenhar suas funções sociais.

Nesse sentido, os fiéis confucionistas devem ser seus próprios sacerdotes. Para isso, eles precisam desenvolver dois conceitos principais na ética do Confucionismo capazes de formar as Cinco Virtudes. A filosofia religiosa prega o desenvolvimento moral do homem, determinando aqueles que se tornariam aptos para a condução e o governo da sociedade, para o qual não devem apenas concordar com os princípios e as regras, mas também cultivar de forma adequada seu caráter moral.

O primeiro destes conceitos de autogoverno é o Jen (pronunciado como "ren"), compreendido a partir da noção de "humanidade", sendo o princípio mais importante de Confúcio. Os indivíduos que cultivam o Jen são pessoas mais humanitárias,

que exercem o cuidado para com o próximo e a benevolência, direcionando sua caminhada a partir de uma grande empatia pelo Outro – transformando-se nos homens e mulheres "humanos de coração", nos dizeres do fundador da religião. Segundo Confúcio, todos são capazes de se transformarem em pessoas de Jen, especialmente porque todos os seres humanos são intrinsecamente bons, sendo capazes de agir de forma compreensiva. Quando as pessoas não são criadas de forma correta, esta qualidade natural se quebra, fazendo com que elas se tornem indiferentes, cheias de ódio e indisciplinadas, levando o caos para todos os níveis de sua vida.

O conceito complementar ao Jen é Li, sendo interpretado como "propriedade" ou "ritual", trazendo o elemento religioso para a ética confucionista. Segundo Confúcio, Li é o processo que determina que todas as esferas da vida do homem devem ser sagradas e ritualizadas em algum sentido, através de costumes tradicionais e práticas convencionais, garantindo o estabelecimento da harmonia e o ordenamento do bem na vida do homem em todas as suas atividades. Para cumprir com a virtude de Li, o homem deve observar suas boas maneiras por onde passar, respeitar os mais velhos, cumprimentar com respeito as pessoas, dentre diversas outras práticas da vida cotidiana.

Quando em conjunto, Jen e Li promovem um indivíduo disciplinado, que se comporta de forma correta em todas as situações, sendo motivado pela empatia e pelo cuidado profundo com o próximo. Esta pessoa é chamada por Confúcio de junzi ou indivíduo superior, sendo responsável pelo controle de seus impulsos, ações e desejos, seguindo as exigências de Jen e Li, apresentando grande sendo de poder pessoal – o Te – obrigando os outros a seguirem seu exemplo. Esta qualidade transforma as pessoas em candidatos ideais para governar uma sociedade

harmoniosa, focando no cultivo do caráter moral para impulsionar a aprendizagem e a capacidade intelectual.

No Taoísmo

O Taoísmo é transmitido através de um conjunto de práticas, dividido em três áreas principais. A primeira delas se relaciona às múltiplas artes taoístas, como a caligrafia, a música, a pintura, a poesia, a porcelana, o feng shui, a medicina chinesa e acupuntura em suas diversas modalidades, a arte dos chás, as artes marciais, as artes de governo, dos arranjos de flores, dentre outras, compreendidas em um campo chamado Shu. A segunda área é relacionada aos princípios filosóficos, às doutrinas e às escrituras sagradas, compreendidas no campo chamado Fa. A terceira está ligada à consciência acerca do princípio ilimitado e inominado, que deve ser cultivado através do refinamento profundo interno, conhecida como Dao.

A liturgia e a meditação compõem o centro da vida de um monge taoísta. Ao final de sua formação, eles devem aprender a realizar diversos rituais, além de cumprir o treinamento das práticas de meditação. Eles não precisam praticar o celibato, vivendo com suas famílias fora dos templos e atuando em profissões paralelas à religião, sem que exista a proibição à ingestão de nenhum tipo de bebida ou alimento. Dentro dos templos, os monges ajudam os adeptos da religião através da consulta ao oráculo e da filosofia, utilizando-se dos ritos como ferramentas para o auxílio em períodos difíceis, além de coordenar grupos de oração e de meditação. Os monges não recebem nenhum tipo de pagamento ou gratificação por suas atividades, mantendo seu estudo e seu aprimoramento durante toda a vida. Nesse sentido, a iniciação do monge taoísta deve principiar pela consciência de que o caminho universal possui uma serie de normas específicas para que o

indivíduo transcenda a noção da individualidade, considerada como um conceito ilusório. Para que isso seja possível, existe um conjunto de preceitos e votos que devem ser realizados e observados.

Foram instituídos por Lao Tsé-Tung três categorias principais de votos e preceitos. A primeira delas é chamada de Santang Dajie, ou Ordenação do Triplo Altar, tendo sido transmitida inicialmente em segredo e de forma individual. Ela consiste no domínio do corpo, do desejo e da mente (cada um dos "altares") impedindo que eles vaguem de forma errada ou precipitada para diversas direções, garantindo que eles não se percam de seus objetivos iniciais. É o estado inicial de ordenação do leigo ou do noviço, correspondendo aos Preceitos Fundamentais da Perfeição (Chuzhen Jie), ensinando nove preceitos para as mulheres, dez para os homens e cinco para aqueles que não desejam seguir a vida monástica. Nesta fase, os aprendizes se refugiam no aprendizado dos Três Tesouros Taoístas (Compaixão, Simplicidade e Moderação).

A etapa seguinte da formação consiste no ensinamento dos três preceitos dados a todos os sacerdotes taoístas desde a formação das seis dinastias. Chamada de Zhongji Jie (ou Preceitos Intermediários Grandes Mandamentos do Oriente), esta etapa permite que os aprendizes intermediários controlem a mente ilusória e impeçam que seus pensamentos viajem de forma incontrolável e selvagem. A última etapa de formação é a Tianxian Dajie, ou a etapa dos Grandes Preceitos do Imortal Celestial, quando os monges aprendem a transcender seus desejos e a libertar sus Intenção Verdadeira, passando a cultivar 103 votos, no mínimo. A partir de então, as bases de cultivo vital de um monge taoísta são a meditação, a sabedoria e a disciplina.

No Xintoísmo

Os líderes religiosos do Xintoísmo são os sacerdotes, que trabalham nos santuários xintoístas em número variável, realizando seu ofício de diversas formas. Eles são chamados de kannushi, o que "mestres do kami", ou ainda de shinshoku, o termo chinês que indica o indivíduo cujo ofício é servir às divindades. A principal função dos sacerdotes do Xintoísmo é adorar e servir aos kami, transformando-se em um elo entre eles e os seres humanos através da realização de rituais nos santuários, assegurando a proteção do imperador e do povo japonês de forma geral.

Os sacerdotes xintoístas guardam uma imensa discrição, não sendo comum vê-los falar em público (tendo sido, inclusive, proibidos desta prática quando o Xintoísmo se transformou em religião oficial do Estado, em 1885). Atualmente, existem alguns sacerdotes pregadores, mas não são maioria. Os líderes religiosos não são considerados como guias espirituais ou chefes da religião, apenas como os celebrantes dos atos de culto, seja em benefícios dos fiéis ou a seu pedido. As mulheres também podem se tornar sacerdotisas xintoístas e seu número tem aumentado, existindo várias que lideram grandes templos. Seu sacerdócio teve início no Japão durante a Segunda Guerra Mundial. Além das sacerdotisas, o Xintoísmo possui as mikos, mulheres virgens que seguem a vida monástica, auxiliando os sacerdotes na realização dos rituais nos templos e executando as danças sacras, em um período de cinco a dez anos.

Existem diversas categorias de sacerdotes. O cargo mais alto é o de Princesa consagrada ao kami, uma mulher virgem da família imperial (geralmente uma princesa) – atualmente, existe apenas uma, no santuário de Ise. Em segundo lugar, está o Grande Sacerdote de cada santuário, seguido pelo clero, que detém várias funções. Na atualidade, existe uma grande preocupação para a

revitalização da religião e de seus santuários, inclusive com a preparação teológica e intelectual dos candidatos ao sacerdócio. Nos novos regulamentos, existe a possibilidade de diversos diplomas, adquiridos depois de muitos anos de estudo em institutos especiais e universidades, especialmente a Universidade de Kokugakuin e a Universidade de Kogakkam.

Nestas universidades, os candidatos a sacerdotes frequentam a Faculdade de Estudos Xintoístas, um curso que tem como objetivos principais formar indivíduos para a realização de grandes contribuições no desenvolvimento e na internacionalização da religião, além da construção da sociedade moderna através da compreensão e da compreensão sobre a cultura tradicional japonesa com foco no Xintoísmo, analisando e comparando o ensino de religião com outras religiões e culturas do Japão e do mundo. Estas universidades possuem três programas distintos. O primeiro deles oferece um diploma de Bacharel em Artes ou em Literatura, buscando formar os praticantes do Xintoísmo em uma perspectiva de ampla contribuição criativa para o Japão e também internacionalmente, compreendendo de forma profunda a sociedade e a cultura do país, especialmente da religião xintoísta, aprendendo sobre diversas outras culturas de forma comparativa. Também são oferecidos os cursos de cultura xintoísta e de cultura religiosa.

Após a consagração, os sacerdotes podem manter suas funções convencionais do cotidiano, vivendo fora do santuário – exceto o Grande Sacerdote. Eles não precisam viver o celibato, sendo aptos a formas uma família e se casarem. As roupas dos sacerdotes possuem grande beleza e são utilizadas apenas nos santuários e em ocasiões especiais. Sob a testa, usam uma pequena caixa preta – o tokin – amarrada com um cordão preto. Também usam um cetro com caráter purificador durante os cultos. Fora dos

cultos, não existe nenhum tipo de diferenciação entre eles e os homens comuns.

No Sikhismo

Ao contrário da maioria das religiões, o Sikhismo não possui guias humanos ou sacerdotes de nenhum tipo, visto que é uma religião que deve ser cultuada de forma individual e familiar, especialmente dentro dos lares de cada membro – lembrando, inclusive, que não é uma religião exclusivista, permitindo que seus fiéis sejam membros também de outras denominações religiosas. Desta forma, não existe uma hierarquia religiosa ou uma programação para a expansão do Sikhismo para outras regiões. No entanto, a religião tem passado por um processo curioso de integração com uma outra prática indiana para sua expansão, especialmente no Brasil: a ioga, que tem auxiliado a transplantar o Sikhismo para as terras brasileiras.

Alguns tipos de ioga possuem os princípios místicos e éticos do Sikhismo, a religião surgida na Índia como uma resposta à instabilidade social e política gerada pelos conflitos entre muçulmanos e hinduístas. A ioga se desvinculou dos movimentos da Nova Era e do Hinduísmo no Brasil, possuindo suas singularidades e permitindo que o Sikhismo seja introduzido no Brasil de forma adaptada e mais popular, especialmente entre as classes economicamente mais favorecidas, visto que a sua doutrina de salvação e ética prospera mais entre as elites.

Além disso, tanto os iogues quanto os sikhes possuem um tipo de apelo corporal em suas práticas, dada a importância das artes marciais para o Sikhismo (a Gatka), especialmente para os que seguem a ordem Khalsa. Além disso, a musicalidade também é muito importante para a religião, sendo a base da doutrina do Sikhismo a escritura Sri Guru Granth Sahib, um livro composto

por mais de 1400 páginas apenas contendo poesias musicalizadas (os shabads). Quase todos os gurus sikhs (no total de 10) foram músicos – um deles até criou um instrumento musical para ser utilizado nas liturgias. Algumas destas orações lembram muito o modelo Hare Krishna, refletindo acerca da aproximação entre a onda da ioga que aproxima estes universos.

Na ioga desenvolvida no Brasil atual, além da leitura das escrituras, existe a tendência de busca individual pelas tradições, sem a intermediação de um guru ou mestre – em uma mesma proposta, identificando a mística iogue ao Sikhismo pela assimilação das práticas corporais ritualísticas do contato direto sem intermediações para o acesso ao divino. No entanto, as duas práticas apresentam uma diferença principal: na ioga, existe uma grande vertente terapêutica e de cura, enquanto o Sikhismo rejeita 75% dos Vedas, inclusive o Ayurveda – que é um dos Vedas que compõem a ioga. Assim, mesmo que as duas práticas possuam algumas divergências, a ioga tem sido responsável por disseminar o Sikhismo no Brasil e na América, visto que a religião não possui sacerdotes, monges ou gurus na atualidade responsável por realizar missões e espalhar seus conhecimentos religiosos.

O ritual do casamento nas diferentes religiões

No Catolicismo

A Igreja Católica é uma das instituições mais exigentes quando se trata da preparação para a cerimônia de casamento. Ainda que ela esteja se abrindo nos últimos tempos, é necessário que o casal cumpra uma série de passos para poder ser consagrado pelo matrimônio. Dentre eles, é preciso que o noivo e a noiva sejam batizados e que nenhum deles tenha realizado matrimônio anterior em nenhuma religião, com exceção aos casos em que o casamento tenha sido anulado. A Igreja também não permite um segundo casamento daqueles que tenham se divorciado.

Os noivos precisam assistir um curso pré-matrimonial, composto por uma série de palestras sobre o matrimonio cristão, conhecido como "curso de noivos". Além disso, o casal deve preencher uma extensa ficha com sua documentação pessoal. Caso noivos de religiões diferentes queira se casar através do ritual católico, precisam solicitar uma ficha específica para o casamento misto – o que já indica uma inovação na instituição, determinando exclusivamente que cada cônjuge se comprometa a respeitar a religião e a fé do outro.

Dentre a documentação a ser apresentada, é necessário que os noivos consigam uma licença da paróquia onde será realizada a cerimônia, os documentos pessoais de ambos, a certidão de batismo, o certificado do curso de noivos, a carta do padre e a identificação presbiteral (que permita a realização do ritual), a ficha de duas testemunhas (visto que oficialmente há apenas dois "padrinhos") e o comprovante de pagamento da taxa, que varia de cidade para cidade. Os noivos podem, também, optar pela realização do casamento civil durante o ritual católico, unificando as duas celebrações no casamento religioso com efeito civil a partir

da assinatura da documentação oficial da união, fazendo com que a cerimônia garanta a esfera legal.

O casamento católico possui uma série de tradições específicas. A noiva se veste de branco, remontando um costume do século XIX, que busca atestar sua pureza. Além disso, depois da celebração, ela joga seu buquê para suas amigas, com o objetivo de desejar sorte no amor. No entanto, um dos pontos centrais que diferencia o casamento católico é sua impossibilidade de realização dos rituais do matrimônio fora da igreja. Isso se dá porque, de acordo com a tradição religiosa da Igreja Católica, é necessário que o sacramento seja feito dentro do tempo.

O casamento precisa ser feito somente depois da comunicação obrigatória do padre sobre a realização da cerimônia, em uma missa marcada três domingos antes da data escolhida, em uma declaração conhecida como "proclames". A cerimônia é necessariamente celebrada pelo padre, podendo ter uma missa ou não, sendo a comunhão dos noivos de caráter opcional. Atualmente, poucos padres são autorizados a realizar uma bênção aos noivos fora do templo da igreja, mas é necessário que eles já tenham se casado pela igreja: em alguma data anterior, pais e noivos participam de uma comemoração íntima na instituição, realizando todos os protocolos. No dia da festa oficial, apenas se realiza uma renovação de votos com efeito simbólico.

O roteiro da cerimônia católica possui variações entre as paróquias, visto que os padres podem permitir algumas concessões solicitadas pelos noivos. No entanto, existem alguns passos básicos a serem seguidos. No cortejo de entrada, as mulheres devem adentrar a igreja pelo lado esquerdo dos homens, de mãos dadas ou de braços cruzados com os homens. Apenas a noiva entra no templo pelo lado direito. Todos os convidados devem estar na igreja antes da chegada da noiva, visto que eles representam a

instituição católica. Normalmente, o cortejo começa com a entrada dos casais de padrinhos, seguido pelo casal formado pelo pai do noivo e pela mãe da noiva. A seguir, o noivo entra com sua mãe. Ao final, entram as damas de honra e os pajens. Por último, a noiva entra com seu pai.

O lado direito do altar cabe aos padrinhos do noivo e aos seus pais, por isso ele se posiciona à frente deste lado quando chega ao altar. Já o lado esquerdo é reservado para os padrinhos e pais da noiva. Quando a noiva chega ao altar com seu pai (ou com a pessoa que ela escolheu como companhia), ele a entrega ao noivo de modo simbólico. As damas de honra devem ficar do lado esquerdo, segurando o buquê da noiva, enquanto os pajens ficam do lado direito. O padre começa a celebração recitando algumas palavras sobre o desejo de união entre o casal e sobre a vontade de ter seu amor abençoado.

Caso o celebrante conheça os noivos anteriormente, o que é comum, ele pode acrescentar questões pessoais ao seu discurso. Ele também vai perguntar se os noivos estão se casando de livre e espontânea vontade, questionando se estão dispostos a se manterem fiéis, aceitando as diferenças entre um e outro. Os noivos devem expressar seu consentimento, prometendo serem fiéis, amarem-se e se respeitarem "na alegria, na tristeza, na saúde e na doença", por todos os dias da vida, reafirmando a indissolubilidade do casamento católico. Os votos também podem ser personalizados pelos noivos. Ao final, o padre autoriza o beijo entre os noivos, selando o pacto de união – nesse momento o padre anuncia que os noivos estão casados oficialmente. Padrinhos e noivos devem assinar o livro de registro, garantindo que a união esteja legalizada. Algumas igrejas permitem as fotos e, no cortejo de saída, a ordem é inversa: primeiro saem os noivos, depois os pais da noiva e do noivo e os padrinhos.

Na Igreja Ortodoxa

A cerimônia de casamento na Igreja Ortodoxa deve seguir uma série de tradições muito antigas que são diferentes daquelas mantidas pela Igreja Católica do ocidente. Para os ortodoxos, o casamento é um processo de contemplação do momento em que eles se tornam um, da mesma forma em que os dois são um só em Cristo. A religião não faz restrição quanto ao tipo de música que será tocada, quanto às vestimentas que serão usadas nem quanto ao uso de damas de honra e pajens, pois considera que o valor mais importante do casamento é o fato de ser um sacramento, unindo os noivos na presença de Deus e de Jesus Cristo. O único cuidado dos noivos se dá com a utilização de alguns acessórios necessários à cerimônia ortodoxa.

A entrada na igreja geralmente não possui cortejo, como padrinhos ou damas de honra, visto que é o celebrante que leva os noivos para o altar. É possível que se coloque uma música especial para o casal para a sua entrada, mas não existe nenhuma música tradicional da religião. Apenas um casal de padrinhos tem função ativa na cerimônia – caso os noivos queiram ter vários casais de padrinhos, eles devem permanecer sentados no primeiro banco, e não ficar dispostos no altar. As madrinhas devem usar vestidos de festa da cor azul.

A cerimônia é dividida em duas partes. A primeira delas é a do noivado, que começa com orações iniciais, sendo seguida pela troca de alianças entre os noivos, feita pelo sacerdote, que coloca os anéis nos dedos anelares da mão direita da noiva e do noivo, nessa ordem. As cerimônias tradicionais contam com cinco padres ortodoxos diferentes, que cantam em três idiomas: o grego, o árabe e o português.

A segunda parte da cerimônia é a coroação, quando os noivos são consagrados um ao outro. Eles recebem coroas que representam a honra e a glória, sendo abençoados por Deus como o rei e a rainha de seu reino: a casa e a família que vão governar com justiça, inteligência e a sabedoria. O sacerdote suspende as coroas sobre a cabeça dos noivos e pede que Deus os coroe com honra e glória. Ele troca as alianças da mão direita para a mão esquerda dos noivos, abençoando-os. O casal de padrinhos cruza as coroas nas cabeças dos noivos, segurando uma vela e a fita que une as coroas.

Enquanto isso, os noivos bebem o vinho, simbolizando a comunhão em todos os momentos da vida – seja na tristeza ou na alegria, lembrando que eles vão compartilhar tudo na vida a partir de então – o vinho retoma o primeiro milagre de Jesus, em um casamento na Galileia. Por fim, enquanto os padrinhos seguram a fita que une as coroas, os noivos dão três voltas ao redor da mesa onde está o Evangelho (a analói), simbolizando a primeira caminhada conjunta do casal (são três voltas como representação da Santíssima Trindade).

Cabe ressaltar que a Igreja Ortodoxa possui uma particularidade que a difere da maioria das religiões: ela permite o segundo casamento religioso. Os ortodoxos consideram que o matrimônio é a busca pela felicidade e que os filhos de Deus merecem encontrar a felicidade. Dessa forma, caso o casal não seja feliz e a convivência seja uma obrigação apenas, causando dor e sofrimento, eles não devem se manter juntos.

A igreja realiza uma análise dos motivos do fim do casamento anterior, podendo permitir o segundo matrimônio – o que não significa que ela permita múltiplos casamentos, mas sim uma segunda chance para alcançar a felicidade matrimonial. Além disso, os ortodoxos permitem a realização de casamentos em

quaisquer ambientes, por acreditaram que Deus está em todos os lugares (e não somente dentro do templo), devendo apenas contar com a aprovação do sacerdote.

Nas Igrejas Protestantes Históricas

O ritual de casamento nas Igrejas Protestantes Históricas é semelhante ao casamento católico, mas demanda algumas particularidades. Em primeiro lugar, não existe curso de preparação para os noivos. O pastor faz uma entrevista com o casal, buscando investigar o grau de maturidade de cada um sobre o compromisso que estão prestes a assumir, querendo encontrar a confiança e a fé que possuem em Deus. É necessário que apenas um deles professe a religião na qual vão se casar. Estas igrejas permitem a união de indivíduos divorciados, contanto que eles comprovem que sua situação está legalizada e que o processo de divórcio foi devidamente terminado. Não há regras determinadas para a música, para a decoração e para o local da cerimônia religiosa, que pode ser fora do templo, visto que ele não é considerado como um sacramento. A união civil e a união religiosa podem ser feitas na mesma data.

Estes religiosos consideram que o encontro entre dois indivíduos que se amam merece uma cerimônia, buscando solicitar a presença de Deus e suas bênçãos de forma pública como forma de expressar a gratidão do casal pelo amor que estão vivendo. Dessa forma, a bênção matrimonial possui uma dimensão comunitária e familiar. A cerimônia não é compreendida como um evento avulso ou como um serviço da igreja, mas como a tomada de opção do casal em criar e cultivar um vínculo com sua comunidade religiosa, para os membros destas igrejas. Ainda que os noivos não sejam parte da igreja onde se realiza o matrimônio,

depois da cerimônia eles passam a se tornar membros daquela comunidade.

Ainda que as cerimônias possam variar entre as igrejas, elas seguem um padrão. Em primeiro lugar, estas igrejas determinam que a celebração protestante histórica (seja ela luterana, anglicana, presbiteriana ou batista) deve respeitar as leis da Igreja e as leis do Estado, contanto que elas não desrespeitem a Lei de Deus, sempre superior. Um dos noivos deve ser batizado. Indica-se que o casamento não seja realizado no período da Quaresma e do Advento. Oito dias antes do casamento, são publicados os proclames do matrimônio, para que alguém que seja contrário com motivo justo possa se declarar.

A cerimônia se inicia com todos os convidados e padrinhos dispostos. Os noivos entram e se sentam em cadeiras no altar. O último a entrar na igreja é o pastor, quando todos levantam e cantam um hino, sendo abençoados. Em seguida, são lidas algumas passagens bíblicas, sendo a última um trecho do Evangelho. A partir de então, os noivos se colocam à frente do pastor, estando a noiva à esquerda do noivo. O pastor faz um sermão sobre a união que se fará naquela ocasião, frisando a importância da doação no casamento e do compartilhamento de todos os momentos. Em seguida, ele pergunta se existe algum motivo para que o casamento não ocorra.

Os noivos fazem os votos, que podem ser padronizados ou personalizados, de mãos dadas. O pastor pergunta ao noivo se ele aceita a noiva como sua esposa, para amá-la, confortá-la, honrá-la e protegê-la, guardando a ela a fidelidade a até a morte. Ele faz o mesmo processo para a noiva. Os noivos trocam alianças e o pastor declara que eles se tornaram casados, afirmando que aquilo que Deus uniu o homem não deve separar. Os noivos assinam o livro

de registro e a cerimônia continua com a eucaristia, fazendo a oração final.

No Pentecostalismo

As Igrejas Pentecostais não concebem o casamento como um sacramento – visto que apenas o batismo e a eucaristia o são – mas sim como uma instituição de Deus baseada no compromisso de união entre o casal, formalizada sob os olhos de Deus e da comunidade, determinando a formação de uma nova família. Ainda que a religião preze pela celebração religiosa, ela não dispensa o registro civil. A maioria das instituições pentecostais exigem que tanto o noivo quanto a noiva tenham passado pelo batismo das águas naquela igreja, mesmo que não tenham sido membros da igreja desde o nascimento – é necessário a conversão. Além da comunicação da união, o ritual do casamento também objetiva a busca das bênçãos coletivas da comunidade para o casal. Os pastores acompanham e orientam os noivos em toda cerimônia.

Para a realização da celebração, é recomendável que o casal escolha a igreja que já frequenta, procurando o pastor para informar sobre o objetivo da união, recebendo as orientações. Normalmente, não é cobrada nenhuma taxa, mas isso depende de cada instituição. Quando um dos noivos não é da mesma religião, é comum que as igrejas desaconselhem o casamento, ainda que não o proíbam. É necessário a realização de um curso de preparação. As igrejas pentecostais permitem, na maioria dos casos, a realização do casamento fora dos templos, em locais como buffets e salões. Os noivos devem agendar a data cerca de 30 a 60 dias de antecedência, apresentando a comprovação que já deram entrada no casamento civil, visto que o casamento pentecostal não possui efeito de registro civil.

A cerimônia religiosa possui uma série de protocolos, que podem variar de igreja para igreja. De forma geral, os casais de padrinhos são os primeiros a entrar. O noivo entra com sua mãe, enquanto a noiva, a última a entrar, entra acompanhada por seu pai e pelas damas de honra e pajens. Algumas noivas entram cantando um hino gospel, o que é uma prática bastante comum. Os pais dos noivos geralmente ficam nos primeiros bancos do templo.

O pastor começa a cerimônia fazendo um discurso sobre a instituição do casamento, apoiando-se em trechos da Bíblia. Em seguida, ele recebe as alianças dos padrinhos ou das damas de honra, abençoando-as com passagens bíblicas sobre o simbolismo dos anéis, relacionando-os à aliança de vida que os noivos estão fazendo a partir de então. Os noivos podem pronunciar seus votos seguindo a fala do pastor ou de forma autoral, sendo o noivo o primeiro. Segue-se a troca das alianças, acompanhada por hinos pentecostais ou louvores. O pastor abençoa os noivos e faz uma oração para o término da cerimônia. Por fim, ele permite o beijo dos noivos, pronunciando que eles não são mais dois seres independentes, mas se tornaram um só. Quando a cerimônia termina, os noivos assinam o livro de registro e fazem as fotos, saindo do templo seguidos dos padrinhos e dos pais.

Os noivos usam roupas bastante recatadas: enquanto o noivo veste terno ou smoking de cor escura, a noiva deve usar vestido longo, geralmente com mangas, sem fendas ou decotes, respeitando os preceitos da igreja. Não há moldes para a festa, que pode ocorrer no salão da igreja, em salão de festa, em casa ou mesmo não ocorrer. Caso exista, ela não pode ter canções mundanas, bebida alcóolica nem roupas curtas e decotadas, incluindo para os convidados que não forem da mesma religião. A decoração geralmente é clássica, apenas com flores, sem o uso de temas. É comum que os noivos cantem um para o outro e façam

um discurso sobre seu testemunho de vida, buscando fortalecer o vínculo entre eles.

No Neopentecostalismo

Para as Igrejas Neopentecostais, o casamento é um dos pilares mais importantes da vida do homem e da mulher, sendo considerado como uma decisão espiritual que determina um compromisso entre os noivos e também deles com Deus, dando início a uma nova etapa da vida para o casal, que se dispõe de livre e espontânea vontade a dividir as alegrias, as tristezas, os problemas e suas soluções.

O primeiro passo para a realização do casamento nas Igrejas Neopentecostais é a realização da cerimônia civil, visto que o casamento neopentecostal, na maioria dos casos, ainda não possui valor civil no Brasil, já que estas igrejas são muito recentes. As igrejas indicam aos seus fiéis que o casamento civil é o compromisso que os noivos devem fazer com os homens, enquanto o casamento religioso é o compromisso que travam com Deus. Por esse motivo, é necessário que o casal se direcione a um cartório em sua cidade, com cerca de 90 dias de antecedência, realizando a oficialização da cerimônia civil, pois sem esse registro não é possível realizar a cerimônia religiosa. O cartório emite um documento afirmando que o andamento do protocolo do registro está em andamento, sendo este um dos documentos solicitados para o agendamento da data religiosa.

Além disso, é necessário que pelo menos um dos noivos seja batizado na igreja. Como o batismo é realizado em idade adulta, nem sempre os frequentadores assíduos das igrejas neopentecostais são batizados. Na maioria das vezes, eles precisam fazer um curso preparatório para a vida matrimonial. Na Igreja Universal, por exemplo, os noivos fazem o curso "Casamento

Blindado", criado pela filha e pelo genro do pastor Edir Macedo (fundador da instituição), que ganhou tamanha popularidade que se tornou uma série de livros e um programa de televisão.

Os noivos podem escolher em qual igreja querem se casar, evitando apenas as sedes e catedrais, visto que o fluxo de fiéis é muito intenso. Eles também podem escolher qual pastor vai celebrar sua união, contanto que o pastor seja consagrado e tenha disponibilidade para realizar a união na data escolhida, que deve ser marcada no mínimo com 30 dias de antecedência na maioria das instituições. As igrejas neopentecostais possuem um cuidado específico com as datas para os casamentos: as cerimônias tradicionais, quando a noiva se casa com vestido branco, decoração rica e deseja todos os rituais, são feitas exclusivamente aos sábados. Caso a celebração seja fora do templo, pode ser feita em qualquer dia da semana. Na maioria das vezes, no entanto, as cerimônias neopentecostais contam com uma decoração simples no altar, com um vestido básico, buscando apenas a oficialização da união do casal e das bênçãos de Deus e da comunidade.

No Judaísmo

O casamento judaico simboliza um ritual de purificação e reflexão pessoal, da mesma forma como o rito do Yom Kippur para todo o povo judeu. O dia da cerimônia deve ser passado apenas em oração, atos de bondade e jejum. A tradição do Judaísmo afirma que Deus perdoa os noivos nesta data por todos os erros cometidos em sua vida, marcando uma forma de renascimento, garantindo que eles comecem sua vida conjugal completamente puros.

Antes das núpcias, os noivos devem passar por um banho ritual que busca fazer limpeza e a purificação do corpo e da alma, o micvê, devendo ser repetido todos os meses. Para os judeus, a

união conjugal é uma expressão física da união espiritual do casal, fazendo com que o banho de imersão transforme uma ação física em um ato consagrado pela santidade divina, atraindo bênçãos de harmonia, de paz e todos os benefícios para a nova família e o novo lar, seguindo as leis de pureza familiar do Judaísmo (Taharat Hamishpachá). Como é um assunto bastante complexo, os noivos devem estudar as leis de pureza familiar antes do casamento com orientadores bastante competentes.

Seguindo uma antiga tradição, ambos devem manter o jejum a partir do nascer do sol até depois da cerimônia embaixo da tenda nupcial, a chupá, comendo sua primeira refeição juntos ao final da cerimônia nupcial. Eles também devem realizar a leitura de alguns salmos e a oração, pedindo pelo perdão divino. Antes de chegar à tenda nupcial, o noive veste uma roupa tradicional usada no Dia do Perdão (o Yom Kippur) embaixo de seu terno, o kitel branco, que parece uma mortalha, lembrando que ele é um homem mortal mesmo no dia mais feliz de sua vida, refazendo uma tradição que deve afastá-lo do pecado, mantendo Deus em sua mente. Além disso, o kitel deve lembrar a morte para ressaltar que o casamento deve durar até os últimos dias da vida do casal.

Antes do casamento, a noiva dá de presente ao noivo um xale de orações, o talit, relembrando o casamento entre Deus e o povo de Israel, celebrando uma antiga tradição judaica. O noivo, por sua vez, presenteia a noiva com dois castiçais. O costume judaico afirma que Deus enfeitou Eva (Chava) para seu casamento com Adão, o que justifica a longa preparação da noiva para seu casamento, geralmente com vestido claro (indicando a pureza). Antes dos noivos estarem na tenda de casamento (não existe altar no Judaísmo, mas uma tenda, a chupá), é feito um contrato de casamento em um texto padrão, que deve ser assinado pelos noivos e por duas testemunhas masculinas e adultas seguidoras dos

preceitos da Torá, que não poder ter grau de parentesco com os noivos. Quando o documento é firmado, as mães dos noivos quebram um prato de porcelana simbolizando que – tal como a louça – o contrato não pode ser consertado caso quebre. Ele determina as responsabilidades do marido com sua esposa, como a provisão de roupas e alimentos, além da especificação dos direitos conjugais. Quando assinam o contrato, os noivos demonstram que o casamento não é penas uma união emocional e física, mas também um compromisso moral e legal.

O início da comemoração do casamento judaico é marcado pela Cabalat Panim, uma recepção em que os noivos são cumprimentados pelos amigos e pela família. A noiva e o noivo se sentam em locais distintos, visto que as recepções acontecem em lugares diferentes, pois a noiva não encontra o noivo na semana anterior ao casamento. A tradição judaica afirma que o casamento é um dos dias em que Deus atende mais as preces dos noivos com maior intensidade, o que torna comum que os mais próximos façam pedidos de oração aos noivos nesta data. Em sua recepção a noiva deve ser honrada e louvada, como manda o Talmud.

A família da noiva deve alegrá-la, cercando-a no trono da noiva, onde ela é cumprimentada por todas as convidadas, que dançam ao seu redor, como se ela fosse uma rainha. Já o noivo, em sua recepção, recite um discurso da Torá sobre a simbologia espiritual do matrimônio, demonstrando a felicidade de seu casamento, afirmando que seu matrimônio será baseado nos fundamentos do livro sagrado. A tradição considera que os antepassados do casal descem ao mundo terreno para participar da celebração do matrimônio em três gerações.

A etapa final de preparação para o casamento se dá quando o noivo e seus convidados vão para o local onde a noiva está com seus convidados. Ele coloca o véu sobre a cabeça da noiva, ao

redor da mãe dos dois. Os pais abençoam a noiva, colocando as mãos sobre sua cabeça e dizendo a oração "Que Deus te faça como as matriarcas Sara, Rivca, Raquel e Lea". Também podem ser acrescentadas bênçãos pessoais. A tradição de cobrir o rosto da noiva retoma a matriarca Rivca, que cobriu seu rosto com um véu como sinal de recato em seu primeiro encontro com Isaac. A cobertura do rosto também se dá porque acredita-se que a presença de Deus irradia do rosto da noiva nas vésperas do casamento.

Na data do matrimônio, os pais acompanham o noivo e a noiva até a chupá, segurando velas acesas. Como os noivos são comparados a uma rainha e a um rei, devem ser acompanhados de uma comitiva, ficando à esquerda e à direita dos noivos, simbolizando o amor e a firmeza, o dar e o receber. As velas são tidas como uma tocha de luz, relembrando os relâmpagos no Monte Sinai que acompanharam o povo de Israel, além das almas dos parentes que partiram. O noivo chega primeiro à chupá, visto que os judeus acreditam que o casamento só pode funcionar com o consentimento da mulher – por isso ela vai de encontro ao noivo. Eles não devem usar joias nem elementos de valor, visto que devem demonstrar que aceitam o outro pelo que são e não pelo que possuem. Ao chegarem à chupá, a noiva e seus pais circulam o noivo por sete vezes, simbolizando a nova família que vai se formar. Em seguida, a noiva permanece ao lado direito do noivo.

Como o casamento é considerado como um preceito divino, é recitada uma bênção como uma forma de agradecer a Deus pela união. O noivo entrega a aliança, marcando a sua aceitação pela noiva, sendo este o ato principal para a santificação do casamento judaico, definindo o vínculo eterno entre os dois. Quando a aliança é colocada no dedo da noiva, o casal é considerado casado, segundo a lei judaica, pois a aliança representa o círculo eterno da vida e a transferência de poder e autoridade que

um faz para o outro. Diferente de outras religiões, a tradição deve ser colocada no dedo indicador da mão mais forte da noiva. A cerimônia termina com a quebra de um copo de vidro, lembrando a todos os presentes sobre a destruição do Templo Sagrado de Jerusalém, desejando sua reconstrução.

No Islamismo

O Islamismo é um conjunto de tradições religiosas que unifica a vida política e social. O casamento muçulmano pode ocorrer de várias formas distintas, seguindo a região e a cultura onde é celebrado. Cabe ressaltar que as mulheres muçulmanas não podem se casar fora da religião, mesmo que os homens tenham essa possibilidade. Na grande maioria das vezes, as muçulmanas não têm direito de saber com quem vão se casar antes de suas famílias acertarem o casamento com a família de seus noivos, o que faz com que elas não escolham com quem vão se casar e não tenham nenhuma informação sobre seus futuros maridos – nem seu nome e idade. Ainda que esta prática pareça um absurdo no mundo ocidental, as muçulmanas são preparadas desde muito cedo para aceitar essa tradição.

Seguindo as tradições muçulmanas, a família do noivo deve procurar uma noiva que considere adequada para seu filho. O casamento muçulmano consiste em um tipo de contrato travado entre o homem, a mulher e seu guardião, implicando no pagamento de um valor acordado entre as famílias, pago pelo noivo no momento do acordo. A taxa, no entanto, pode ser eliminada caso as duas partes decidam. A noiva nem sempre precisa estar presente no momento de elaboração do contrato, visto que ela pode ser representada por seu pai ou por seu guardião legal. No caso da ausência da noiva, duas testemunhas devem perguntar a ela se ela oferece a seu representante os poderes para

a celebração do contrato e se ela está de acordo com a quantia que será paga. Seu representante se torna responsável pela oferta do casamento. Em seguida, com a aceitação do noivo, a quantia deve ser entregue diretamente à noiva, que utilizá-la como quiser. Ela pode receber este valor em dinheiro vivo ou em bens e joias.

Após o contrato, ocorre a cerimônia de noivado muçulmana, conhecida como Mangni, na qual são trocados os anéis. Nesta cerimônia, a noiva deve vestir um traje presenteado pela família do noivo. O noivado dura por volta de três meses e, caso os noivos não se casem ao final deste período, o contrato precisa ser renovado. Neste intervalo, a noiva apenas pode estar na presença do novo caso algum de seus parentes masculinos também estejam. Como o calendário muçulmano segue o ciclo lunar, não existem datas fixas para a celebração dos matrimônios, permitindo que eles ocorram a qualquer hora do dia. No entanto, é proibida a realização nos dias de Eid, que são aqueles que sucedem o Ramadã, e durante o período de peregrinação à Meca.

O casamento também não pode ocorrer em um dia de Ashura que caia no nono ou no décimo dia do primeiro mês do calendário muçulmano. Quando a data do casamento é definida, as famílias vão conversar com o líder religioso regional, o Íman da mesquita. O passo seguinte é a preparação do presente da noiva pelo noivo, sendo essa uma parte bastante importante da celebração. Ainda que a mesquita possua um oficial para a cerimônia matrimonial, qualquer homem muçulmano pode fazer a celebração.

No casamento muçulmano, podem comparecer convidados de quaisquer religiões, contanto que não usem trajes que revelem seu corpo. Em várias comunidades muçulmanas, o homem pode ter até quatro mulheres, contanto que as trate igualmente – podendo, inclusive, contrair matrimônio com

mulheres de outras tradições religiosas. Já as mulheres muçulmanas são expulsas de sua comunidade caso desejem manter casamentos poligâmicos. A celebração pode ocorrer dentro da mesquita ou até mesmo no jardim da casa do noivo ou da noiva, com uma tenda a céu aberto.

Dois dias antes da cerimônia ser iniciada, a noiva passa por uma longa preparação em sua casa, com uma massagem com uma pasta de açafrão, óleo de jasmim e sândalo. Também é tatuada com henna com símbolos religiosos em seus braços, mãos e pés, em uma atividade que apenas mulheres solteiras podem participar. A noiva permanece em casa até a data do casamento, vestindo o traje que lhe foi oferecido pela família de seu noivo. No dia da cerimônia, os amigos e a família que acompanham o noivo fazem uma espécie de procissão levando o noivo de sua casa para o local da comemoração. Quando o noivo chega ao local indicado, ele é recebido por tambores e pelo som de instrumentos tradicionais. O noivo e o irmão da noiva trocam um copo de uma bebida doce, o sherbet, e uma quantia. As irmãs da noiva recebem os convidados tocando neles com um bastão de flores.

A cerimônia de casamento é chamada de Nikah. Homens e mulheres se sentam em locais diferentes, e necessariamente deve haver uma área coberta especial. O celebrante pergunta se a noiva está satisfeita com o acordo travado entre as famílias e se ela concorda com o casamento. A mesma questão é feita para o noivo. A partir daí, é feita uma leitura de algumas passagens do Corão, na presença de duas testemunhas muçulmanas. O celebrante faz um sermão sobre o casamento, mas não há especificações sobre a cerimônia. O matrimônio é registrado, contando com as assinaturas do noivo, de duas testemunhas e da noiva, nessa ordem. Os documentos devem ser preenchidos na mesquita. O noivo é levado para o lado onde estão as mulheres, entregando dinheiro e

presentes para as irmãs da noiva, recebendo a bênção das mulheres mais velhas da família. Enquanto isso, são atiradas moedas à noiva. Ocorre um jantar, servido separadamente para homens e mulheres. A família do noivo festeja separadamente. Depois de fazerem a primeira refeição, os noivos se sentam um ao lado do outro e um grande lenço cobre suas cabeças, enquanto o celebrante faz algumas orações. O Corão fica entre eles, enquanto eles se veem através de espelhos. Os convidados recebem frutos secos e doces.

Durante a noite de núpcias, o noivo passa a noite na casa da noiva, em um quarto separado, junto com o irmão mais velho da noiva. No dia seguinte, ele recebe dinheiro, roupas e presentes dos pais da noiva. Durante a tarde, os familiares vão com os noivos à sua nova casa. O pai da noiva entrega a mão de sua filha, pedindo que o noivo a proteja para sempre, em uma cerimônia conhecida como Rukhsat.

Na entrada da noiva na casa nova, a sofra deve segurar o Corão sobre o casal. Quatro dias depois das bodas, a noiva deve ir para a casa dos pais, para que o noivo ofereça uma recepção para a família da noiva, unificando as duas. No casamento, a noiva deve usar um vestido vermelho cereja, sendo enfeitada com joias e flores, tendo a cabeça coberta com um véu como sinal de respeito, cujo comprimento pode variar. O vestido é comumente feito de seda. O noivo usa um conjunto de seda e um turbante. Depois de se casar, as esposas muçulmanas não podem sair de casa sem a presença do marido ou de um homem da família.

No Espiritismo

Oficialmente, não há rituais de casamento na religião espírita. Quando noivos adeptos desta religião decidem fazer uma cerimônia, eles apenas podem optar pela realização do casamento civil, seguido (ou não) de uma festa, quando um celebrante espírita

pode realizar uma bênção especial (uma prece) para os noivos. No entanto, é importante ressaltar que não existe uma cerimônia de casamento espírita, visto que a religião considera que o matrimônio ocorre apenas entre as duas almas e não está ligado a nenhum rito formal. A indicação é que qualquer celebração de casamento de fiéis do Espiritismo seja simples, sem desperdício e exageros, contando com grande participação espiritual de todos os convidados e familiares.

De forma geral, o Espiritismo não adota rituais em suas reuniões que determinem o emprego de nenhuma bebida alcoólica, de vestes especiais, de fumo, incenso, mirra ou de qualquer produto que faça fumaça. Além disso, as práticas espíritas não contam com hinos em línguas mortas, com procissões ou danças, nem com a utilização de imagens, velas, altares e outros objetos materiais considerados auxiliares à atração dos fiéis. Os espíritas também não administram sacramentos, não permitem a utilização de nenhum amuleto ou talismã, não fazem práticas que buscam atender a interesses materiais e não permitem o pagamento por nenhuma atividade nos centros de trabalho. Também não realizam nenhum ritual extravagante ou luxuoso.

Os livros que contêm a codificação da Doutrina Espírita, escritos por Allan Kardec, não possuem referência a nenhuma cerimônia ritual, como batizados ou casamentos. A obra de Chico Xavier reitera essa visão, afirmando que não cabem ritos de nenhum tipo no Espiritismo, visto que todos os homens e mulheres são filhos diretos de Deus e, portanto, não necessitam de um intermediário para contatá-lo – seja um sacerdote ou um objeto material. Nesse sentido, o espírita verdadeiro é aquele que pode ser reconhecido por seus esforços em domar as más inclinações e pela transformação moral que ocorre em si, se tornando pessoas melhores. Isso faz com que os rituais percam sua função.

No entanto, a religião costuma pedir o amparo e a proteção dos bons espíritos para garantir uma vida conjunta em harmonia para o novo casal. Os espíritas consideram o casamento como uma instituição, mas não celebram uma cerimônia religiosa para tal momento. As obras espíritas afirmam a importância do casamento como um progresso da marcha da humanidade, mas defende que Deus protege e abençoa a todos os seus filhos e a todas as uniões – sejam elas realizadas com ou sem cerimônia, considerando que o ritual não é necessário para a busca da ajuda divina, pois Deus auxilia seus filhos sem que eles peçam. Além disso, o Espiritismo acredita que o casal não deve promover eventos externos para ter a aprovação de Deus de sua união, mas sim condutas íntimas, como o amor sem condições, a monogamia e a fidelidade. Cabe ressaltar que o ritual não é proibido entre os espíritas.

Na Umbanda

A cerimônia de casamento umbandista possui como sentido básico a união de duas almas, fazendo com que os noivos deixem de ser considerados duas partes para se tornarem um todo. É a união das forças femininas e masculinas para o compartilhamento sincero de suas vidas, a partir de um elo perpetuador e forte para a constituição de uma família a partir da legitimação religiosa. A religião defende a fidelidade, a monogamia e o respeito mútuo entre o casal, ensinando que a harmonia apenas pode ser alcançada com dedicação, amor, maturidade e crescimento conjunto.

Ainda que a cerimônia do casamento umbandista tenha especificidades em cada terreiro, ela segue um conjunto de procedimentos. O ritual é simples, muito bonito e bastante singelo, comandado por um sacerdote. Os rituais de casamento são uma forma de pedir a bênção dos elementos da natureza para o novo

casal, sendo um evento curto, com duração média de meia hora. Ele pode ocorrer à noite ou pela manhã, recebendo também membros de outras religiões como convidados e familiares dos noivos. O ritual ocorre no local em que os cultos comuns são realizados, dentro do terreiro, sendo comandado pelo pai de santo ou mãe de santo da casa. O casal deve ser membro da religião e frequentar aquele terreiro para se casar na Umbanda.

No dia do casamento, os noivos devem realizar um momento de preparação e reflexão, tomando banhos de ervas para a purificação do corpo e do espírito. Eles devem usar roupas brancas, limpas e próprias para a ocasião, além de manterem os pés descalços. Não é comum o uso de véu e grinalda para as noivas, mas elas podem utilizar estes acessórios, caso queiram. Também podem usar buquê de flores, geralmente com flores brancas, como o lírio e o copo de leite. Dependendo do terreiro do qual fazem parte, usam também colares coloridos. A casa passa pelo processo de defumação (uma limpeza das energias com incenso) e decorada com flores brancas. Os médiuns da casa também usam branco, simbolizando a simplicidade e a igualdade entre todos.

A cerimônia se inicia com a entrada dos padrinhos, que normalmente são um casal para cada um dos noivos. A seguir, o pai de santo ou mãe de santo entra com sua ajudante, com sinos que tocam até sua chegada ao altar. O noivo entra, seguido da noiva (a última a entrar), e ambos ficam juntos no centro de uma roda. A cerimônia é iniciada com uma oração do celebrante, que pede a permissão de Deus, de Jesus, de Maria, dos orixás, do guia chefe de casa, de todos os mentores, guias e protetores da casa, para abrir a sessão de matrimônio, solicitando que a força de todas estas entidades se una aos presentes.

O casamento segue com a realização de orações a São Francisco, com a leitura de textos obrigatórios para a cerimônia e

com uma série de hinos. O celebrante abençoa os noivos com uma série de indicações pessoais. São servidas duas bebidas: uma amarga, para relembras que podem surgir momentos amargos durante o casamento, e uma doce, para relembrar a doçura e o amor da nova família que se forma. A partir de então, os noivos trocam alianças, que são abençoadas por Oxalá, através do canto de todos os presentes para que o casal seja iluminado. Por fim, os noivos podem se beijar. A cerimônia termina com uma chuva de pétalas de flores.

No Candomblé

O casamento no Candomblé é uma cerimônia bastante complexa, que se inicia três dias antes da celebração oficial. Os noivos e os dezesseis padrinhos devem usar exclusivamente branco, sendo que apenas os padrinhos podem usar traje de gala. Os noivos devem estar descalços, com roupas simples, sem perfume, maquiagem ou joias. Como o Candomblé indica que o casamento é a união entre o espírito e a matéria, ele permite o casamento entre pessoas heterossexuais e homossexuais, contanto que sejam maiores de 18 anos. As crianças, por sua vez, podem ser padrinhos e madrinhas a partir dos 7 anos. Os rituais são divididos em duas partes: a primeira delas é secreta, cabendo apenas aos noivos, na qual é contado a eles um conjunto de segredos sobre a conservação do matrimônio, que devem ser guardados a sete chaves. A segunda parte pode ser fechada ou aberta ao público, dependendo da escolha dos noivos, contanto com uma série de cantigas para a recepção das bênçãos.

Os preparativos para o ritual envolvem muitas pessoas. Todas as mulheres usam branco e cuidam de detalhes coloridos, como lenços e acessórios. As noivas usam buquês. Em alguns terreiros, apenas os noivos usam sapatos – em outros, todos se

mantêm descalços. A cerimônia se inicia com a entrada do noivo sob um tapete vermelho que corta o salão do terreiro, seguido pelos padrinhos. Por fim, a noiva entra com seu pai biológico ou com seu pai de santo, ao som dos atabaques, sob um toque em homenagem a Oxum, desejando maternidade, fertilidade e zelo pelos sentimentos. Ela é simbolicamente entregue para o noivo e o babalorixá ou a Ialorixá iniciam a cerimônia com um sermão, afirmando que todos os presentes estão naquela celebração para selar a união do casal através dos orixás, dizendo algumas palavras sobre o significado do matrimônio como o respeito às diferenças, a busca da cumplicidade e a construção do amor dia após dia.

A partir de então, inicia-se a parte da cerimônia exclusiva do Candomblé: a consulta ao obí. O obí é um fruto sagrado do Candomblé, composto por quatro gomos, utilizado para a consulta aos orixás através da divisão dos quatro gomos, que são jogados a frente dos noivos, buscando confirmar se aquele casamento tem permissão dos orixás para ser realizado. O "sim" precisa vir primeiro dos orixás – e não dos noivos. Os quatro gomos devem estar voltados para cima, como um sinal de que aquela união é da vontade dos orixás. Esse momento caracteriza a abertura para uma a possibilidade de alguém se pronunciar caso tenha algo contra o matrimônio. Quando as quatro partes caem para cima, simbolizando a bênção dos orixás, todos os presentes falam aláfia, e o celebrante afirma "Aláfia: está entregue, aceito e que assim seja a vida de vocês", concordando com a profecia do obí.

Com a bênção dada, é hora de os noivos darem seu próprio "sim". Eles mastigam as sementes do obí, simbolizando o compromisso de amor mútuo na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, mostrando sua fidelidade e seu amor eterno. Em seguida, afirmam estarem na celebração por livre e espontânea vontade. Os noivos vestem as coroas de Obará, que

simbolizam as alianças dentro do universo do Candomblé, e as alianças, que mostram a convenção do casamento fora do terreiro. A coroa de louro da noiva representa a fertilidade e a reprodução, enquanto a do noivo representa a prosperidade e o ciclo da vida. Eles são declarados como marido e mulher e a cerimônia termina com uma chuva de arroz.

Em terras africanas, o casamento é realizado pelo orixá do local: em Oyó, a celebração é feita por Xangô; já em Ijimú, é realizada por Oxum; em Ketú, o responsável pela cerimônia é Oxóssi, enquanto em Egbado, é Ewá, e assim por diante. No Brasil, os rituais de matrimônio sãos feitos pelo babalorixá ou pela Ialorixá da casa, contando com a presença de Oxalá e de Iemanjá, considerados como o pai e a mãe de todos, além do pedido de bênçãos a Oxum, a orixá do amor, responsável pela estabilidade ao casal. O celebrante deve estar de corpo presente, enquanto um outro médium filho do mesmo orixá do celebrante fará a incorporação do orixá, garantindo o consentimento do orixá da casa sobre o matrimônio – caso seja um dos três orixás que já estão presentes (Oxalá, Iemanjá e Oxum) não há necessidade de sua vestimenta.

No Xamanismo

O xamanismo considera o casamento como um rito mágico, que realiza a união entre duas consciências que escolheram compartilham um caminho juntas de forma evoluída e saudável. Este ritual, de acordo com a religião, é responsável por elevar o espírito, afirmando suas conexões com a natureza através dos quatro elementos (terra, fogo, ar e água) e nas quatro direções (norte, sul, leste e oeste).

A religião concebe duas formas de casamento. A primeira delas é o casamento secular, realizada uma única vez, cujo objetivo

é a consagração da união de um casal, contando com quatro casais de padrinhos – cada um deles representando um elemento da natureza – renovando o sentido da união do casal e reafirmando o compromisso de partilha afetiva e de lealdade entre os noivos. A segunda forma é o casamento solar, um tipo de casamento que precisa ser renovado, por tem duração de um ano e um dia – ao término desse intervalo, o casal deve refletir sobre os rumos de seu relacionamento, decidindo se deve renovar os votos de união ou não. Nesse tipo de ritual, o próprio casal pode renovar seus votos.

Como o xamanismo não possui templos, é indicado que a cerimônia aconteça em um local com o qual o casal possua uma afinidade, como uma praia, uma região de natureza bastante verde ou o lugar onde o casal de conheceu, caso seja possível. O Xamanismo fala da unidade e da união de todas as forças da natureza, mostrando que cada noivo é um, ao mesmo tempo que traz a consciência de que é uma unidade também em relação aos seres ao seu redor, trazendo a ideia de que os noivos passarão a fazer parte um do outro, garantindo que o encontro entre os ambos garantirão o aprendizado e a busca de novas experiências.

Depois de escolhido o local, os convidados se reúnem com alguma antecedência para a realização de um grande trabalho de limpeza energética, de retirada das forças antigas de cada um que bloquearam os planos e os passos a serem seguidos, buscando desenvolver a força da união individual e conjunta que a religião acredita que a natureza é capaz de trazer. Durante a cerimônia, o casal recebe a força de um guardião, um mantra e uma bênção para sua relação, andando por um caminho de flores. Depois da cerimônia, os convidados solteiros devem caminhar pelo mesmo caminho de flores, buscando as energias de luz para encontrar novos parceiros. Todos devem usar branco e roupas bastante simples.

No Hinduísmo

O casamento hindu, ou vivaha, é um dos mais importantes rituais da religião, visto que se acredita que a família é o estado natural dos homens, no qual cada um tem maiores chances de alcançar a felicidade e de realizar seus desejos. Segundo do Hinduísmo, a sociedade depende da família para se manter da forma que os seres vivos precisam do ar para existirem. A cerimônia hindu é uma das mais complexas, contendo vários rituais profundos e simbólicos. Diferente de outras tradições, o vivaha não é um contrato, mas sim uma celebração para tornar sagrado a união baseada no respeito, no carinho, na confiança e no amor, visto que os hindus consideram que existe uma força presente no casamento, considerada como seu terceiro elemento (além do noivo e da noiva): o dharma, a força que mantem os homens fieis e sustenta a ordem natural das coisas.

A noiva é preparada com desenhos de henna, especialmente flores e ramos, cuja complexidade depende do status social da família. Na manhã da celebração, noivos e noivas são banhados com essências e óleos de sândalo, além de ouvirem mantras para a purificação da alma e do corpo. Em geral, a noiva usa um sari vermelho com diversos ornamentos, além de brincos no nariz e nas orelhas. O noivo usa um saiote, o dhoti, e uma túnica, a kurta, além de um turbante, chegando ao casamento montado em um elefante. A condução da cerimônia é feita por um sacerdote da casta dos brâmanes.

A cerimônia se inicia com um ritual chamado vagdanam, que simboliza a entrega da palavra, quando a mãe do noivo coloca uma cesta com frutas e açúcar cristal no colo da noiva, representando os desejos de prosperidade e de felicidade para o ciclo que começa. A noiva entrega um pote com mel e iogurte ao

noivo, como símbolo da doçura e da pureza que eles desejam para sua vida comum. Nesse momento, os noivos trocam guirlandas floridas, buscando chamar todas as energias boas para sua união. Em seguida, o noivo entrega um pote com trigo ou arroz para o celebrante da união, indicando que ele não vai esquecer da caridade e dos atos em benefício dos necessitados e da sociedade, mesmo nesta nova fase de sua vida. As mães dos noivos saem do recinto levando um pote com água, passando uma faca em sua superfície, indicando a proteção contra más influências sobre o casal. O pai da noiva, por sua vez, joga uma colher de água no chão, demonstrando o sacrifício que a família está fazendo ao deixá-la ir embora. Ele pede que o noivo faça um juramento de que vai fazer a noiva realizada, feliz e próspera. O noivo deve repetir esse juramento três vezes.

Nesse momento, tem início o casamento hindu propriamente dito, quando se invoca a felicidade. Os noivos se posicionam um em frente ao outro, com a noiva sempre direcionada para a posição leste. O irmão da noiva coloca alguns grãos de arroz nas mãos dela, que oferece os grãos ao fogo, enquanto o noivo diz em voz alta que ela está fazendo uma oferenda ao fogo, pedindo que seu brilho garanta uma vida longa e feliz, além de uma relação unida e próspera.

Na segunda etapa, a panigrahana, o noivo toma a mão direita da noiva, dizendo que ele é o céu e ela é a terra, desejando viver com ela uma vida longa e feliz, com muitos filhos e "cem outonos", garantindo sua responsabilidade pelo bem-estar da futura esposa. Em seguida, o ministrante amarra a camisa do noivo ao vestido da noiva com três nós, representando a união sagrada. A quarta etapa, asmarohana, faz com que a noiva suba em uma pedra ao norte do altar, simbolizando a firmeza e a fidelidade do casamento. No passo seguinte, os noivos oferecem grãos ao fogo,

dando sete voltas em sentido horário ao redor dele. A parte mais importante do ritual é saptapadi, retomando o casamento de Shiva e Parvati, quando os noivos devem caminhar juntos por sete passos, fazendo um pedido a cada passo: um passo pelo amor, outro pela fartura de alimentos, o terceiro pela força, o quarto pela felicidade, o quinto pela prosperidade, o sexto pelos filhos que vão ter e o último pela devoção. O ministrante ressalta a importância do compartilhamento das responsabilidades e das riquezas, terminando a cerimônia com a noiva ao lado esquerdo do noivo, simbolizando que ele irá defendê-la.

Com o final da celebração, o ministrante joga algumas gotas de água sobre a esposa, afirmando que elas sempre possam curá-la e trazer paz, em um ritual de purificação e fim dos karmas. O marido toca o coração da mulher, desejando que o coração da esposa possa viver no seu, a mente dela na sua, dizendo que a aceita como ela é. O noivo passa um pó vermelho na divisão dos cabelos da noiva (o Kunkum), o que passa a indicar que ela é uma mulher casada. Os recém-casados cumprimentam seus pais, parentes e amigos, embaixo de uma chuva de flores. Durante a festa, é possível fazer a celebração do datar, que consiste na troca de uma porção de sal por três vezes entre as mãos dos noivos e seus pais, simbolizando que eles não vão mais discutir.

No Budismo

Considerado um sacramento, o matrimônio, na religião budista, é ministrado pelo abade ou (oficiante) no templo. Como estamos no Brasil, a cerimônia pode sofrer algumas variações, "ocidentalizou-se" um pouco, sem perder sua essência, sendo permitido o uso do tradicional vestido de noiva. Não é recomendável o uso de trajes da cor preta para noivos e padrinhos. Os noivos são os únicos que devem ficar no altar que conta com a

figura de Buda. Próximo a eles, devem permanecer dois ou mais padrinhos, que devem testemunhar a cerimônia, ficando atrás dos noivos de cada lado do altar, mas nunca atrás da imagem de Buda. O noivo e a noiva devem entrar juntos no templo, caminhando até o altar, seguidos pelos padrinhos, cuja função no Budismo é a da orientação e aconselhamento dos recém-casados em toda a sua trajetória de vida. Diversos toques anunciam que a cerimônia vai começar e fazem reverência a Buda.

O altar dispõe um candelabro e de um vaso de flores, ambos vazios. Antecipadamente, os noivos deixam flores no altar, bem alegres e sem espinho, além de uma vela vermelha, também no altar. Nos casos mais tradicionais, os noivos entram no templo trazendo 21 esferas, que representam Buda, o próprio casal e sua família. Quando chegam ao altar, a noiva oferece as flores e o noivo oferece a vela acesa, dando início à celebração. As oferendas buscam evocar os ancestrais e homenagear Buda, em busca de bênçãos para os noivos. Também existe no altar uma caixa com incenso em pó, levado pelo ministrante do casamento, que é aceso pelos noivos para que chamar os seres iluminados. O sino é tocado para anunciar que a Sutra, o conjunto de poemas que tratam da passagem de Buda pela Terra, será lida. Neste momento, os convidados juntam suas mãos, inclusive os padrinhos, simbolizando a união dos presentes a Buda.

Um dos ritos mais importantes do casamento budista é o "três-nove" (san-san-kudo). Uma bebida, geralmente saquê, é mantida em um bule, e cada um dos noivos deve beber em cada uma das três xícaras, segurando-as com as duas mãos. O ministrante do casamento despeja um pouco da bebida na primeira xícara, oferecendo-a para a noiva, que toma seu conteúdo. Em seguida, o noivo bebe da mesma xícara. O mesmo ocorre com a segunda e a terceira xícara, até que noiva e noivo bebam 3 rodadas

de goles de cada xícara. Este rito remonta às três joias do Budismo: a joia desperta, Buda; o caminho do amor e da compreensão, o dharma; e a comunidade que vive em harmonia e consciência, a Sangha.

Cada xícara possui um significado diferente: a primeira é marcada pelo pinheiro, simbolizando a força a juventude e a vida, visto que a árvore se mantém sempre verde durante todo o ano; a segunda é marcada pelo bambu, simbolizando a flexibilidade; a terceira é marcada pela flor de ameixeira, simbolizando a coragem e a beleza, visto que esta é a primeira que desabrocha, mesmo na neve. A próxima etapa é a dos votos, que são feitos pelos noivos com antecedência. Em seguida, padrinhos e noivos assinam o livro de registro e o ministrante abençoa as alianças, permitindo que os noivos as troquem. Com isso, o ministrante entrega um rosário com 108 contas na mão esquerda de cada um dos noivos, representando as 108 portas da iluminação. A celebração termina com a realização de um minuto de silêncio por todos os presentes, mentalizando a felicidade e a harmonia para o novo casal.

Os casais budistas modernos usam roupas tradicionais do ocidente nas cerimônias de casamento, como vestidos de cor branca ou clara e terno, mas ainda é comum a presença de vestes tradicionais budistas. Os convidados também podem usar roupas tradicionais ou roupas sociais comuns. Caso a cerimônia ocorra em um templo budista, todos devem tirar os sapatos antes de adentrar ao santuário. O casamento budista pode ser realizado apenas no civil, fazendo com que o monge apenas abençoe os documentos com a leitura de textos sagrados ou na assinatura no cartório. O casal deve oferecer ao monge alimentos típicos para pedir a bênção, fazendo um voto de pobreza. É comum, também, solicitar que o monge abençoe e prepara o leito do casal.

No Confucionismo

O Confucionismo determina que o casamento deve ser baseado na ética, fazendo com que sua cerimônia possua um conjunto de convenções e regras sociais que influenciam a estabilidade social. Somente os matrimônios que tenham cerimônia formal são reconhecidos pela sociedade chinesa e pela religião. Como princípios básicos, o Confucionismo determina a idade mínima para casamento os 16 anos para as mulheres e os 20 anos para os homens, indicando que as duas famílias tenham o mesmo status econômico e social. Os casamentos arranjados ainda são bem-vistos pela religião, de tal forma que existem mercados de casamento para garantir os arranjos entre as famílias. É proibido pela religião o casamento entre um casal que possua o mesmo sobrenome, ainda que a religião tolere a poligamia masculina.

Existem seis rituais tradicionais para a realização do casamento confucionista, que são transmitidos entre as gerações. O primeiro deles é conhecido como "Três cartas": a primeira é a carta de noivado, que estabelece o contrato oficial de matrimônio entre a família do noivo e a família da noiva; a segunda é a carta do dote, que traz uma lista com os tipos e as quantidades dos presentes que são trocados entre as famílias; a última é a carta do casamento, um documento oficial que afirma o acolhimento da noiva para a casa do noivo, visto que as noivas passam a pertencer à família do futuro marido. Cada carta é entregue em um ritual distinto.

Existem, também, as "seis etiquetas", que são regras que foram adotadas durante a dinastia Zhou, mostrando a grande superstição dos confucionistas e a força do casamento para esta sociedade. A primeira consiste em propor a união, quando os pais do noivo contratam um casamenteiro para fazer a proposta do casamento para a família da noiva; a segunda é a harmonização das datas de nascimento, feita depois do aceite da proposta pela família

da noiva, quando o casamenteiro passa os dados de nascimento para que um sábio preveja o futuro do casal e descubra se eles são compatíveis astrologicamente. Em caso positivo, o casamento segue.

A terceira regra é a troca se presentes de noivado, os dotes; em seguida, se os presentes de noivado forem aceitos, ocorre a regra dos presentes de casamento, que são prometidos e listados na carta de dote, considerado como o rito mais importante dentre as etiquetas; a quinta regra determina que os pais do noivo escolham a data de casamento, com o auxílio do mesmo sábio; e, por fim, dá-se a cerimônia de casamento, geralmente na casa dos pais do noivo, quando a noiva usa um véu vermelho, que simboliza sua juventude, sua virgindade e sua pureza.

No Taoísmo

Para o Taoísmo, o casamento é considerado mais do que a união entre duas pessoas, mas sim a união entre duas famílias. Por isso, a família possui uma participação muito intensa na celebração do matrimônio. As tradições taoístas são bastante completas e não seguem uma única linha, variando conforma a cultura regional e o status social dos noivos. O ritual do nacai ocorre quando um jovem taoísta chega à idade considerada adequada para o casamento, fazendo com que sua família busca a um casamenteiro ou uma casamenteira profissional para dar início aos trabalhos. Normalmente, a casamenteira é uma mulher mais velha que vive uma união considerada bem-sucedida. Ela busca uma noiva, indo até a casa da moça para entregar uma série de presentes (cerca de 30 itens diferentes), cada um com seu próprio significado. Um dos itens mais curiosos dentre os presentes é um casal de gansos vivos, visto que ave escolhe um único companheiro para a vida toda e, mesmo que seu parceiro venha a falecer, ela não se relaciona com

outro animal, sendo de grande simbologia para os taoístas. Caso as duas famílias entrem em acordo com o relacionamento, a casamenteira anota o nome completo da noiva e sua data de nascimento, passando ao próximo passo.

No wenming, um monge taoísta deve analisar o horário e a data de nascimentos dos noivos, garantindo sua compatibilidade. Essa etapa representa a aprovação das divindades para que o casal tenha um casamento próspero e feliz. O passo seguinte é o naji, a confirmação do noivado, que traz consigo uma série de presentes para as famílias. Em seguida, no nazheng, a família do noivo deve enviar uma série de presentes para a casa da noiva, sendo cada um deles também com um significado especial. A partir deste momento, é selado um acordo da família do noivo para a família da noiva. Os familiares da noiva devem devolver metade dos presentes que recebeu, juntando novos itens – incluindo alguns feitos com as próprias mãos. O objetivo desta fase é mostrar que a noiva será bem-vinda na nova família. Através do ginggi, o monge budista determina a data certa para o casamento através da consulta da data e horário do nascimento dos noivos, além de verificar os signos deles no horóscopo chinês.

No dia da cerimônia, os noivos não podem se encontrar antes da cerimônia, pois isso simbolizaria falta de sorte. Antigamente, os taoístas preparavam o quarto do noivo com uma série de amuletos sob o lençol, como sementes de lótus e amendoim, que representariam a fertilidade e a vinda de bebês. O quarto do casal é completamente decorado em vermelho, desde a cama até o teto. Segundo os taoístas, apenas as mulheres solteiras podem usar o cabelo solto – ainda que atualmente essa tradição tenha deixado de valer, o ritual persiste na cerimônia de casamento. Na véspera da cerimônia, a mulher mais velha da família da noiva

penteia o cabelo dela simbolizando a bondade, prendendo-o em forma de coque.

A última fase é o ginying, que é a cerimônia de casamento propriamente dita. O noivo acompanha a noiva até o local da cerimônia, ambos vestindo trajes típicos. A família do noivo é responsável por todos os custos do casamento. Nos dias de hoje, tem se tornado comum que as noivas usem o tradicional vestido branco de noiva nos padrões ocidentais, mas, em algum momento da festa, elas vão vestir um vestido vermelho, considerado como símbolo da prosperidade e da boa sorte – cabe ressaltar que as noivas taoístas trocam de roupa algumas vezes. Um dos principais enfeites nos casamentos taoístas é o eneagrama Xi (喜) escrito duas vezes seguidas, que simboliza a dupla felicidade. Curiosamente, as fotos do casamento não são feitas durante a cerimônia, mas com meses de antecedência, fazendo com que elas ornamentem o salão de festa em pôsteres. Quando a noiva chega à casa da família de seu marido, o casal de curva em direção ao céu, depois em direção aos pais do marido e depois na direção oposta a eles, simbolizando que eles estão casados oficialmente. Três dias depois da cerimônia, o casal retorna à casa dos pais da noiva para indicar que ela faz muito bem para os pais do noivo.

No Xintoísmo

O Xintoísmo permite dois tipos de casamento: os Omiai Kekkon, que são os casamentos arranjados, muito comuns ainda na atualidade no Japão, quando os noivos são escolhidos pelos familiares ou através de agências de matrimônio, ou os Ren'ai Kekkon, que são as uniões por amor, que se tornaram populares na religião apenas depois da Segunda Guerra Mundial, crescendo significativamente nas últimas décadas. O principal rito que

antecede o casamento xintoísta é o "yui-no", quando o noivo é oficialmente aceito pela família da noiva através de uma troca de bebidas e alimentos de forma simbólica que sela o acordo.

Entre vários passos, esse ritual determina o oferecimento de dinheiro para a compra de sakê, determinando a obediência e o carinho para a vida do casal. Nesta etapa, as famílias trocam presentes, fazendo com que esse seja considerado como um dia de sorte. A data é escolhida a partir do almanaque japonês, e os noivos também trocam presentes: o noivo ganha uma saia, representando a fidelidade. Um segundo ritual comum antes do matrimônio é uma entrevista que os pais realizam aos noivos, em locais públicos ou hotéis, chamado de "Mi-Ai", antes mesmo de conhecer o pretendente.

Os casamentos xintoístas tradicionais ocorrem dentro dos templos xintoístas, contando com a presença dos amigos próximos dos noivos e com os familiares. A noiva veste um quimono florido(siromuku) com estampas que remetem à natureza, como flores, aves, grous (a ave símbolo da longevidade e da fidelidade), pinheiros e crisântemos. Este quimono parece com um manto usado sobre outro quimono branco, o irouchikake. O noivo, por sua vez, costuma usar sempre um quimono preto.

A noiva ainda veste vários acessórios, como sapatos, bolsa e chapéus brancos. Há dois chapéus distintos: o wataboshi, que ela deve usar durante a cerimônia religiosa, e o tsunokakushi, usado na recepção. É comum que a noiva troque até quatro vezes de quimono durante o casamento. A origem do casamento não é clara, mas remete à ideia de obediência da esposa ao marido, além de esconder os seus cabelos, onde muitos xintoístas acreditam em que residem espíritos. Dentro do kimono, as noivas também levam um punhal na altura do coração, o futokoro-gatana, e uma carteira

pequena com um pente e um espelho de mão, além de um leque prateado ou dourado, o sensu.

A cerimônia de casamento xintoísta é bastante cara, fazendo com que vários casais decidam alugar seus trajes e acessórios. Não existe uma regra fixa sobre quem vai pagar as despesas: pode ser a família do noivo, da noiva ou os custos podem ser divididos. Alguns casais realizam a cerimônia em casa ou em hotéis luxuosos. No dia da celebração, os noivos vão para o santuário acompanhados por tambores e flautas.

O ritual começa com um processo de purificação, o San San Kudo, em que o casal toma saquê em três cálices, representando o Céu, a Terra e o Homem, determinando o novo vínculo familiar e o respeito pelas duas famílias. O casal troca alianças e o noivo faz o juramento do casamento. Todos os presentes se levantam para a Consagração do Tamagushi, uma oração realizada pelo sacerdote com um ramo de folhas sakaki que abençoa o matrimônio, com duas assistentes. Cabe ressaltar que os xintoístas não possuem padrinhos, mas o noivo escolhe seu melhor amigo para ocupar um lugar de honra – ou um casamenteiro (o membro mais velho da família que intermediu a união). O casamento acaba quando o sacerdote dá as palavras finais para a felicidade do casal.

É comum que os noivos tenham preparado uma recepção com grande variedade de alimentos, muita bebida alcoólica e um grande bolo. A festa tem início com a introdução dos noivos como um casal. Os amigos e familiares fazem discursos em homenagem ao noivo e à noiva e, em seguida, se dá um jantar, quando os convidados tocam instrumentos e cantam para os recém-casados. Não é comum a contratação de bandas. Ao final da festa, os noivos cortam o bolo, acendem velas nas mesas e oferecem um saquinho com lembranças simbólicas. É tradição que a noiva troque diversas

vezes de roupa, remontando uma tradição que mostra que a mulher está preparada para a vida cotidiana. Depois da cerimônia, os noivos agradecem aos convidados e recebem presentes físicos ou envelopes com dinheiro – a tradição é tão forte que há envelopes típicos para a oferta de dinheiro nos casamentos, com decoração elegante, cujo valor depende da intimidade que o convidado tem com o casal (variando entre 200 e 600 reais).

Cabe ressaltar que a tradição impede que se dê objetos cortantes para os noivos, como tesouras e facas, pois acredita-se que eles podem separar o casal. Também não se dão presentes com 9 ou 4 itens (números de má sorte) ou presentes que possam ser separados em partes iguais. Os casamentos xintoístas são realizados principalmente no outono e na primavera, sendo o mês de novembro o mais procurado por simbolizar o número 11, considerado de sorte para a religião. É comum que as famílias dos noivos investiguem o passado da outra para garantir que elas não tenham se envolvido em nenhum tipo de escândalo.

No Sikhismo

O casamento sikh é uma das celebrações mais elegantes, que também é conhecida como Anand Karaj (união feliz). O matrimônio é precedido por uma série de rituais. O primeiro deles é a cerimônia de thaka (ou roka), de cunho informal, que ocorre quando as famílias do noivo e da noiva concordam com o compromisso, estabelecendo que o noivo e sua família visitem a família da noiva, indicando o noivado e afirmando que a noiva não vai receber nenhuma outra proposta de casamento. O membro mais respeitado da família faz orações para o bem-estar do casal que vai se formar. Nesse ritual, a mãe do noivo apresenta os presentes que vai dar para a nora, como doces, dinheiro e a dupatta, uma veste tradicional sikh. Os pais da noiva, por sua vez, ofertam

um presente simbólico, que podem ser doces ou dinheiro, formalizando o noivado.

Essa celebração não é o noivado formal, que ocorre somente no Kudmai ou Magnin, a formalização no noivado, quando os parentes do noivo se vestem formalmente, usando joias e acessórios, partindo para a casa da noiva. Lá, realizam orações e entoam canções religiosas, os kirtans, na presença do Guru Granth Sahib, o livro sagrado do Sikhismo. A mãe da noiva dá presentes ao genro, enquanto a noiva recebe presentes de sua sogra, indicando um início de compromisso bastante promissor. Ao final, o casal troca anéis, prometendo uma união por toda a vida. Nesse momento, a noiva recebe seu anel de noivado.

Alguns dias antes do casamento, tanto a noiva como o novo ficam fechados em suas residências, sem autorização para trocar de roupa ou para sair de casa, em uma tradição conhecida como Maiya. Após este período, existe uma noite para a diversão dos noivos, a Sangeet, em que são ofertadas bebidas, música e muitas danças. Segundo a tradição sikh, homens e mulheres comemoravam a Sangeet separadamente, podendo cantar, dançar e conversar sobre tudo de forma livre sob o som do dholak, um pequeno tambor.

No entanto, na atualidade, é feito um grande evento com DJ, contando com muitos convidados, luzes, buffet e música moderna. Após a comemoração, ocorre a etapa do Jago, que marca a chegada da família da mãe da noiva no local onde vai se realizar o casamento. Esta etapa é importante porque, na maioria das vezes, o noivo vive com a família na vila de seu pai, enquanto a família materna mora em outra região. Nesta cerimônia, jarros de aço colorido cheios de vela celebram a chegada dos familiares, com muita música e dança, podendo ser realizado também junto ao Sangeet.

Há uma cerimônia exclusiva para as mulheres da família, geralmente apenas para o lado da noiva, o Mehendi. Todas as mulheres recebem pasta de henna, aplicando-a nas mãos da noiva, que deixa suas impressões em uma parede de sua casa, como um carimbo. É uma forma de abençoar a união. Após o ritual, toda a henna é tirada da noiva para que os artistas profissionais possam pintá-la de forma mais bonita. Um fio vermelho de boa sorte é amarrado no punho direito do noivo e no esquerdo da noiva no ritual da gana.

No dia do casamento, uma pasta de açafrão, óleo de mostarda e farinha de grão de bico é aplicada nos noivos, buscando torná-los mais bonitos e purificados, através do rito da Vatna. Em seguida, a cunhada do noivo e outras mulheres da família enchem um pote de barro com água para banhá-lo com ervas, no ritual do gharoli. O noivo é sentado em um banco para que quatro mulheres cubram sua cabeça com um pano, dando a ele um banho simbólico, o khare charna. As irmãs do noivo amarram o véu (sehra) no turbante do noivo, que recebe a bênção de todos os membros da família, passando a ser acompanhado constantemente pelo sarbala, um jovem da família (geralmente seu sobrinho).

Os dois são escoltados até um cavalo branco decorado, partindo para o local do casamento. A cunhada do noivo aplica em seus olhos um cosmético chamado Kohl (um tipo de delineador), que busca afastar o mau olhado. Por fim, o cavalo é amarrado com detalhes em outro, que serão entregues como presente para a mãe do noivo. Enquanto isso, a noiva recebe pulseiras brancas e vermelhas de seu tio materno, que foram abençoadas por cinco senhoras casadas. Elas são mergulhadas no leite, recebendo uma oração. A noiva também usa uma pulseira de aço em cada braço, para que possam ser pendurados os kaliras, detalhes em ouro que simbolizam a boa sorte.

A partir de então, tem início os rituais para a celebração do casamento. O milni é a recepção formal do casamento sikh, simbolizando o encontro ofertado pela família da noiva. É a oportunidade de as duas famílias se conhecerem melhor, visto que a maior parte dos casamentos sikhs são arranjados. Depois que todos os parentes se cumprimentam, todos entram no templo, ao som do hino Ghar Saajan Aaye. Um café da manhã é servido dentro do templo, com bolos, frutas, chás, sucos e as pakoras, um prato típico. Depois da refeição, ocorre a cerimônia dentro do templo de Gurdwara, devendo terminar antes do meio-dia.

Todos devem retirar os sapatos antes da entrada no templo, mantendo mulheres e homens em lados diferentes. A noiva é levada ao local do casamento por seu pai, irmãs e amigos, mantendo-se à esquerda do noivo. Como os sikhs não possuem hierarquia de clero, quem conduz a cerimônia é um membro respeitado da comunidade. Todos os presentes são convidados para permanecer nas orações, curvando-se ao livro sagrado. O pai da noiva prende o lenço do noivo com um nó e a noiva o carrega, simbolizando que eles estão unidos e que o pai está entregando sua filha em matrimônio.

Os noivos dão quatro voltar em torno do livro sagrado, cada uma com um significado: a primeira "laay" marca o dever com a comunidade e com a família; a segunda "laay" simboliza o amor e o desejo de um pelo outro; a terceira "laay enfatiza o desapego do mundo; a última "laay" indica a união e a harmonia entre o casal e o amor de Deus. A cerimônia acaba com outras orações e com o conselho do guru, quando o livro é aberto em uma página aleatória e se faz a leitura de um versículo a partir da página direita. Distribui-se o alimento sagrado (karah parshaad) e as guirlandas são colocadas nos noivos.

Quando o casamento termina, a noiva passa pelo rito de Doli, arrumando-se com suas novas joias e roupas recebidos pelos seus pais para a despedida. O ritual é composto de algumas brincadeiras, como a tentativa do noivo de entrar na casa, mas as cunhadas tentar impedi-lo, até que ele mostre que tem joias e dinheiro. Depois desse momento, a noiva alimenta os homens de sua família com arroz e prepara sua saída da casa de sua família, jogando punhados de arroz para trás, buscando prosperidade.

A despedida é dramática. Quando chega na casa do marido, a mãe do noivo é responsável por receber o casal, jogando óleo na porta antes da entrada. A sogra tenta beber água em um copo de metal, mas o noivo só permite que ela faça esse ato depois de três tentativas – o mesmo ocorre com outras seis mulheres da família do noivo. Um jantar é marcado para celebrar a chegada da noiva em sua nova família – ela vai morar na casa de sua sogra, e não em uma nova casa.

Como as religiões entendem a morte?

No Catolicismo

De acordo com a maioria das designações cristãs, quando o indivíduo morre seu espírito vai para o Céu ou para o Inferno. O Catolicismo, por sua vez, acredita na existência do Purgatório, determinando que o destino de um espírito varia a partir das ações que o sujeito realizou em sua vida. Por esse motivo, quando um católico falece, seus amigos e familiares consolam uns aos outros pela perda, orando para que o falecido seja perdoado por seus pecados por Deus e consiga alcançar o Paraíso. Normalmente, os católicos que acabaram de falecer são vestidos com suas roupas habituais, especialmente com aquelas que mais gostavam, retirando-se deles a maioria de seus adornos.

Quando um católico se aproxima do momento da morte, o padre é chamado para realizar o sacramento da extrema unção, passando o óleo dos enfermos (um tipo de azeite de oliva que passou pela bênção durante a missa) em seis partes diferentes de seu corpo: os pés, as mãos, os olhos, os ouvidos, as narinas e a boca, realizando orações e clamando a Deus para que perdoe o fiel por todos os males que tiver cometido durante sua trajetória na Terra. Quando a morte ocorre, de acordo com a tradição católica, as janelas da casa devem ser abertas para que o vento entre no ambiente, deixando a alma do falecido livre. A partir de então, o corpo do falecido deve sem muito bem lavado, ungido com especiarias e com perfume, além de trajado com muito cuidado, preparando o indivíduo para a vida eterna.

De acordo com o catecismo da Igreja Católica, a morte é responsável por dar fim à vida humana, sendo o momento de abertura à aceitação ou à rejeição do homem para a graça de Deus, manifestada a partir de Jesus Cristo. Os católicos acreditam que,

no momento da morte, cada indivíduo passa pelo Juízo Final, no qual sua alma vai receber a retribuição eterna pelos atos realizados em vida – seja uma purificação, para alcançar imediatamente a felicidade proporcionada no Céu, caso ele tenha sido uma boa pessoa em vida, seja a condenação para sempre. Nesse sentido, os católicos acreditam que tudo é possível de se consertar, menos a morte, e que ela é capaz de consertar todas as coisas.

Nesse sentido, a Igreja Católica acredito que o Céu é o objetivo principal e a última realização das mais profundas aspirações do homem religioso, sendo o estado definitivo e supremo da felicidade. De acordo com os escritos de São Paulo, "nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram, nem passou pelos pensamentos do homem as coisas que Deus está preparando para aqueles que o amam no reino dos Céus". Depois do processo do Juízo Final, aqueles que morrem nas graças de Deus passam a viver no Céu, convivendo com Deus e permanecendo sempre com Jesus Cristo, passando a ser semelhantes a Deus para sempre, participando do bem, da verdade, da beleza e da felicidade divinas.

Há, no entanto, aqueles indivíduos que morreram nas graças de Deus, mas não conseguiram ser completamente purificados. Ainda que sejam assegurados de sua salvação eterna, eles passam por um período de sofrimento para alcançarem a santidade e a total purificação para atingirem a alegria do Céu. A Igreja Católica chama esse período purificador de Purgatório, sendo completamente diferente do castigo pelo qual passam os condenados. De acordo com esta doutrina, é necessária a prática de oração para os defuntos como uma forma de auxiliar no processo de purificação daqueles que ainda não atingiram o reino do Céu. A Igreja ainda indica que a esmola, as obras de penitência e as indulgências devem ser realizadas para auxiliar os que já morreram a deixar o Purgatório. O Inferno, por sua vez, é tido para

os católicos como a permanente separação entre o homem e Deus por própria escolha, como um processo de autoexclusão definitiva em relação à comunhão com Deus. Nesse sentido, o homem que morre sem aceitar Deus e sem se arrepender está em pecado mortal, sendo enviado para o Inferno para toda a eternidade, onde sofrem penas e castigos, sendo separados de Deus para sempre.

Na Igreja Ortodoxa

A Igreja Ortodoxa não faz divisão entre os seus fiéis que estão vivos e aqueles que partiram da esfera terrena, concebendo que todos eles são uma unidade dentro do amor de Deus, pertencendo a uma mesma família e mantendo-se como membros da igreja. Dessa forma, os cristãos ortodoxos que estão vivos devem orar uns pelos outros e também deve pedir orações por aqueles que partiram, também pedindo que aqueles que já não estão mais em terra rezem por eles, visto que o vínculo mútuo de amor que une os membros da igreja não acaba com a morte.

A maior parte dos teólogos ortodoxos negam a ideia do Purgatório, pois acham que os fiéis que morreram não sofrem nada, ou ainda que o sofrimento é purificador e não uma forma de castigo, visto que Deus liberta o homem no momento de sua morte, perdoando-o de todos os seus pecados sem exigir dele penas expiatórias, pois Jesus Cristo já retirou os pecados do mundo e foi a única forma de satisfação pela qual os homens tiveram que passar. Em seu batismo, um cristão ortodoxo recebe o nome de um santo para simbolizar sua entrada na igreja terrena e na igreja celestial. Isso faz com que ele tenha uma devoção especial ao santo de quem ele traz o nome, normalmente mantendo consigo o ícone do seu santo padroeiro em seu quarto, rezando todos os dias para ele.

Até o século XIII, a Igreja Ortodoxa aceitava o Purgatório como um estágio intermediário entre o Inferno e o Céu. No entanto, em 1231, o metropolita Georges Bardanes, da cidade de Corfy, passou a negar o fogo do Purgatório, sendo seguido por diversos outros teólogos orientais – ainda que estes não negassem um estado intermediário entre a vida terrena e a bem-aventurança da vida celestial para as almas dos mortos que ainda guardassem alguns resquícios de pecado, que seriam então perdoados por Deus dada a oração de sua comunidade religiosa, o que fundamentaria os pedidos da Igreja pelos mortos. No século XVII, no entanto, o Purgatório passou a ser terminantemente recusado devido à influência de autores protestantes.

De acordo com a Igreja Ortodoxa, existem apenas duas alternativas definitivas depois da morte: o Céu ou o Inferno. Os fiéis desta religião esperam por um período em que o Jesus vai retornar para realizar o julgamento dos vivos e dos mortos – ao próximo ao fim do mundo que conhecemos – chamado de apocatastasis. A partir desse julgamento, toda a ordem material sofrerá uma transformação, fazendo com que Deus crie um Novo Céu e uma Nova Terra. Para os ortodoxos, o Inferno é tido como a rejeição de Deus (visto que o homem possui livre arbítrio), visto que eles concebem Deus como uma entidade filantrópica que ama o homem, não devendo temê-lo. Assim, o Inferno é tido como uma possibilidade final, e não como um espaço em que Deus aprisiona o homem, mas sim um lugar onde os homens decidiram ficar por sua própria escolha de não amar a Deus.

Nas Igrejas Protestantes Históricas

De acordo com as Igrejas Protestantes Históricas, a morte não é considerada como o fim da existência e sim como o início da eternidade. A partir da leitura que estas igrejas fazem do texto

bíblico, todos os homens dormem após a morte, esperando pelo Julgamento Final – quando este episódio chegar, todos os homens serão julgados por suas ações me vida, recebendo a recompensa que merecerem. Estas igrejas acreditam que só existem dois destinos para o indivíduo depois de sua morte: de acordo com a Justiça de Deus, aqueles que tiverem cometido péssimas atitudes em vida serão condenados ao sofrimento eterno no Inferno, enquanto os que foram bons em vida serão enviados para a paz eterna, o Céu. Seguindo os preceitos bíblicos, eles retomam o livro de Jó para justificar a inexistência do Purgatório e da reencarnação, definindo que "aquele que desce à sepultura nunca tornará a subir".

Os membros das igrejas protestantes históricas defenderem que falar da morte traga uma dor inevitável porque Deus não incluiu o processo da morte nos planos de criação do homem, acreditando que ela veio apenas como uma consequência do pecado humano. Segundo sua crença, os homens foram criados para viver eternamente e, por isso, não conseguem aceitar a morte com naturalidade. Eles tomam o dia 02 de novembro para celebrar seus mortos, retomando uma prática druida que existe há mais de três mil anos, quando estes magos celtas adoravam o deus da morte no dia 31 de outubro com sacrifícios humanos e, na tentativa de cristianizar a celebração, o dia 1ºde novembro passou a ser comemorado como o Dia de Todos os Santos e o dia seguinte como o Dia de Finados.

Dentre os princípios das igrejas protestantes históricas acerca da morte, cabe ressaltar que ela significa uma separação. Quando ocorre a morte física, os membros destas igrejas concebem a divisão entre o corpo e o espírito – o corpo começa a se decompor, mas o espírito é considerado imortal. Além disso, consideram a reencarnação como uma possibilidade totalmente em desacordo com a Bíblia, sem margem para interpretações. Além

disso, defendem que a única forma de um homem atingir a salvação é acreditar em Jesus Cristo durante sua vida e seguir o mesmo caminho do filho de Deus – se em vida o indivíduo não entregou sua caminhada para as ordens de Cristo, depois de sua morte ele vai entrar em tormento imediatamente. Não existe meio termo nem outra forma de salvação para os membros destas igrejas, que também não concebem o Purgatório porque há nenhum lugar na Bíblia que conceba a existência deste lugar.

No entanto, estes fiéis também acreditam que a única condição para a salvação é a crença em Jesus Cristo: de nada adiantaria fazer boas obras, passar por diversos sofrimentos ou ter uma vida religiosa se o homem não seguir os ensinamentos de Jesus. Apenas a fé teria a capacidade de salvar o homem em vida, fazendo com que ele seja levado pelos anjos para um lugar de paz e repouso, podendo usufruir a companhia de Deus na vida eterna no Céu. Esse seria o processo de separação entre os obedientes e justos daqueles desobedientes e injustos. Os fiéis destas igrejas também acreditam que todas as tentativas de se comunicar com os mortos – seja de forma direta ou através da intervenção de médiuns – são manifestações contrárias à vontade de Deus, resultando na condenação eterna.

Ainda que a maior parte dos protestantes das igrejas históricas considere um problema a tentativa de comunicação com os mortos em qualquer instância, os anglicanos em especial prezam muito pela oração constante pelos familiares e amigos que já morreram, mantendo o contato entre vivos e mortos. A Igreja Anglicana acredita que é necessário orar pelos mortos porque os familiares amam os que deixaram a Terra, mostrando que eles sempre farão parte da vida deles, mesmo que eles não entendam com precisão como as orações podem afetar os mortos, eles sabem

que a reação é benéfica tanto para os que se foram quanto para os que ficaram em Terra.

No Pentecostalismo

Para entender o valor da morte para os pentecostais, é necessário entender quem foi Jesus Cristo como Deus em forma de homem, concebendo o sofrimento de seu Calvário para vencer a morte e a necessidade de seu sacrifício como um cordeiro imaculado. Nesse sentido, as igrejas pentecostais retomam que o homem foi expulso do Paraíso devido a sua desobediência, passando a compartilhar o pecado original com a humanidade, fazendo-a perder a imortalidade para todas as gerações que se seguiriam, deixando o sentimento de culpa no coração dos homens – defendendo que o "salário do pecado é a morte". Assim, acreditam que Adão e Eva foram destinados à morte, dando início à saga do sofrimento do homem.

Para os protestantes pentecostais, Jesus Cristo teria vindo para a Terra para dar início a uma nova aliança com a humanidade, visto que acreditam que quando um fiel aceita Jesus Cristo ela se torna uma nova criatura, vivendo corretamente segundo os desígnios divinos e recebendo o Paraíso celestial como herança depois de sua morte. As igrejas atuais defendem que Deus não deixa seus servos desamparados, pregando a salvação direta oferecida por Jesus Cristo a partir de seu sacrifício, centralizando nele este poder a partir do momento em que fala que ele é o caminho, a verdade e a vida, transformando-se no intermediário entre Deus e os homens. Isso faz com que os protestantes pentecostais acreditem que a pessoa que acredita e se arrepende de seus pecados, vivendo com justiça e honestidade e recebendo Jesus será salva depois de sua morte.

Quando um fiel de uma comunidade pentecostal falece, é realizado um ritual fúnebre bastante simples, sem velas, crucifixo ou imagens de santos. Os pentecostais consideram que o funeral é determinante para o processo de reconhecimento da morte de um fiel, defendendo que os mortos não carecem e velas para serem direcionados para o Inferno ou para o Céu, pois não há meio termo entre eles (pois não acreditam no Purgatório): aqueles que morrem no pecado vão para o Inferno, enquanto os que se aproximaram de Cristo vão para o Paraíso. Quando o indivíduo morre, tanto a comunidade religiosa quanto a família acreditam saber para qual das duas esferas seu espírito foi a partir de suas obras em vida, recebendo certo conforto. A duração do ritual fúnebre é de cerca de um dia e meio e a família demonstra aceitar melhor a morte quando acredita que o falecido foi para o Paraíso.

O rito fúnebre é iniciado com um pastor e um círculo de oração, que se mantêm presentes para rezar em conjunto com a família e para confortá-la. Os rituais podem ser feitos na igreja ou em casa, de acordo com os familiares. Os pentecostais acreditam que apenas a carne morre, mas o sopro de Deus (a alma) é imortal. Os enterros ocorrem em cemitérios convencionais, sendo acompanhados de um cortejo que acompanha o falecido com uma marcha fúnebre e hinos religiosos pentecostais para a salvação do morto. Não se realiza culto de corpo presente, nem no sétimo dia e em nenhuma data de celebração para o falecido, apenas uma palavra direta e curta do pastor para a família conseguir ultrapassar o período de luto.

No Neopentecostalismo

O Neopentecostalismo costuma tratar a morte como uma passagem do reino terreno para o reino celeste, sendo esperada pelos fiéis com muito anseio. Enquanto os cristãos pentecostais se

preocupam mais com a necessidade de salvação e com a possibilidade de uma vida eterna, os neopentecostais passar a entender a morte sem um caráter transcendental, concebendo-a como a interrupção das transações do homem com Deus na Terra. Enquanto os pentecostais entendem a morte como uma transição dolorosa, ligada a rituais de passagem para a vida e eterna que permitem um reencontro com aqueles que esperam a redenção, os neopentecostais compreendem a morte como um fato natural capaz de dar fim à vida de aquisições e conquistas que o fiel estaria buscando caso estivesse vivo.

A doutrina neopentecostal, de forma geral, enfatiza a esperança nas benesses do mundo presente, do aqui e do agora, afirmando que o fiel deve tomar posse das bênçãos de Deus para obter uma vida mais próspera, no que tange aos bens materiais e financeiros, mais confortável e mais saudável, especialmente no que tange a cura divina. A teologia neopentecostal enfatiza a guerra espiritual entre o bem e o mal, o exorcismo, o transe e a subjetividade do indivíduo através da purificação e da limpeza pessoal – a catarse. Também enfatizam as experiências mágico-religiosas, o falar em línguas desconhecidas como um sinal do batismo do Espírito Santo (a glossolalia), além de uma relação com o sagrado baseada na troca em que o fiel oferece seus bens e recebe de volta as bênçãos de Deus. Nesse sentido, a teologia da prosperidade, característica do Neopentecostalismo, é uma doutrina central que busca a solução dos problemas cotidianos ao sacralizar os elementos da sociedade de consumo modernos.

Para os neopentecostais, a morte é tratada de forma bastante distante, não apenas de modo simbólico, mas também durante a prática religiosa. As igrejas neopentecostais não realizam rituais fúnebres em seus templos. De forma geral, quando algum membro das igrejas neopentecostais falece, seus membros buscam

em primeiro lugar oferecer apoio espiritual aos familiares, buscando mostrar para os que ficaram em Terra que aquele que faleceu teve sua obra consumada, amando a Deus e confiando nele e que, por isso, conseguiu chegar a um lugar melhor do que os que permanecer no plano terreno. Nesse sentido, os neopentecostais concebem a morte como algo natural, visto que o homem foi criado a partir do pó da terra, afirmando que o próprio Deus disse, no Antigo Testamento, que ao pó da terra o homem iria retornar. Com isso, a morte é apenas um processo físico, quando o corpo desce para a terra, mas não acreditam na existência da morte espiritual. Não existe, para os neopentecostais, um ritual que dramatize a morte nem faça a alusão para a morte de qualquer pessoa. Pelo contrário, os cultos neopentecostais tendem a enfatizar a cura, a vida e o bem-estar da alma e do corpo em terra.

As igrejas neopentecostais constroem e vivenciam em seu cotidiano a esperança nos fatos da vida, especialmente a partir da morte, acreditando que aqueles que sofrem com medo da morte não têm fé suficiente que Deus vai operar os milagres da prosperidade, da cura e da restauração em suas vidas. Estes fieis defendem que quando algo que o fiel pediu a Deus não aconteceu é porque algum espírito maligno interferiu em sua vida, desviando a generosidade divina ou ainda porque o fiel não teve fé suficiente. Em relação à morte, ela não deve ser entendida como uma negação de Deus aos pedidos de cura da comunidade religiosa, mas ela apenas acontece de forma natural, ocupando um espaço simbólico muito pequeno, sobreposto pelo presente e pelas vitórias cotidianas. De acordo com os neopentecostais, a morte é o único compartimento da vida que escapa do processo de transformação do cotidiano em um universo mágico, pois ela é um acontecimento simples e puro, podendo acabar com uma vida sem bênçãos – o que seria considerado como um verdadeiro fracasso para o fiel.

No Judaísmo

O Judaísmo considera a morte como um processo natural e não como uma tragédia, pois se concebem como hóspedes temporários que apenas estão de passagem pela Terra, visto que acreditam que suas almas sobrevivem depois que o corpo falece. De forma simples e prática, acreditam que vieram do pó e vão retornar ao pó. Quando possuem trajetórias boas e dignas, recebem recompensas no além. Para que a alma seja iluminada depois da morte, os familiares e amigos precisam cumprir uma série de rituais. O local em que um judeu faleceu deve ter suas janelas abertas e todos os seus acessórios devem ser retirados (como relógios, joias e até perucas), para que ele não faça seu encontro com Deus com objetos do mundo terreno. Seu caixão deve seguir um padrão, sendo de madeira, forrado de um tecido preto com a estampa da estrela de Davi, adequando-se ao tamanho do corpo do falecido, lembrando que a morte iguala a todos (por isso as urnas devem ser parecidas).

Nesse sentido, o Judaísmo encara a morte apenas como uma parte da vida. Os judeus retomam trechos bíblicos dos cinco primeiros livros, a Torá, que afirmam que a morte é chamada de "retorno para casa", tratando-a como uma espécie de reencontro ou reunião. Eles afirmam que a separação entre vida e morte é um fenômeno da cultura moderna, a partir de quando as pessoas passaram a morrer nos hospitais, mas que antigamente todos nasciam e morriam em suas próprias casas, sendo eventos tidos como naturais e cotidianos. A religião considera a morte como uma instituição democrática que vai impactar de forma diferente para cada pessoa, afirmando que a tradição judaica tenta auxiliar as famílias a lidar com o luto e a tomar consciência da perda de um ente querido, passando pela experiência da morte sabendo que ela vai atingir a todos. Para o Judaísmo, o luto é trabalhado a partir de

duas esferas: a primeira dela diz respeito aos rituais relativos ao corpo da pessoa falecida, lavando-o antes do enterro (o tahará), nunca expondo o corpo em velórios para que a imagem da pessoa seja preservada como ela viveu. O caixão deve ser simples, sem adornos, e a roupa do morto deve ser apenas uma mortalha branca, igual para todos os judeus.

A segunda esfera é a de consolar a família, que passa por quatro etapas de luto: a primeira vai do momento em que a família recebe a notícia do falecimento até o enterro, que deve ser feito da forma mais orgânica e ágil possível, sendo contrários à cremação, pois acreditam que o corpo é um empréstimo que o indivíduo faz; a segunda fase é a que passa pelos primeiros sete dias, quando os familiares rasgam um pedaço de suas roupas (pais e mães rasgam a parte esquerda, do lado do coração, enquanto outros parentes diretos, como filhos e esposa, rasgam o lado direito), simbolizando a consciência do luto. Nesse período, os familiares dedicam-se exclusivamente à oração, permanecendo unidos para o resgate das lembranças do falecido, devendo contar com ao menos dez pessoas; a terceira etapa é a dos primeiros trinta dias, como uma fase de recuperação, quando as orações deixam o ambiente de casa e passam a ocorrer nas sinagogas; passados os 30 dias, os familiares devem retornar à rotina convencional e parar de remoer o luto. O último ciclo termina quando é completado o primeiro ano da morte, sendo proibido dar pêsames para a família.

Para os judeus, existe uma terra dos mortos: é o vale dos ossos, da qual fala o profeta Ezequiel, onde ocorre o processo inverso de decomposição. Aos poucos, os ossos recebem tendões, carne, pele e começam a ressuscitar, em um processo que vai se iniciar no Monte das Oliveiras, em Jerusalém. No movimento de preparação do corpo para o funeral, os responsáveis pelo cuidado com o morto são voluntários da Associação de Cemitérios

Israelitas, a Chevra Kadisha, que purificam o indivíduo e o preparam para sua viagem. No Judaísmo, o corpo não pode ser desenterrado - no entanto, em casos específicos, ele pode ser exumado, pois a Lei Judaica defende que a lei local é mais importante do que a religião. Nesse sentido, a religião permite que o corpo seja examinado depois da morte em casos de morte duvidosa, por exemplo. O Judaísmo também não acredita na comunicação com os mortos, mas defendem que aqueles que se foram deixam um importante legado capaz de inspirar os vivos.

No Islamismo

O Islamismo acredita que tanto o nascimento como a morte estão nas mãos de Alá. Se o indivíduo vive de acordo com os ensinamentos de Alá, ele não tem motivos para temer a morte, seguindo com tranquilidade para a reencarnação. Os momentos finais da vida devem ser de recolhimento e de reconhecimento da bondade de da supremacia e da Alá; Os muçulmanos que morrem na Guerra Santa, a jihad, não passam por esse processo, pois vão diretamente para o Paraíso. A família e os amigos do mesmo sexo da pessoa que faleceu devem despir e lavar o morto entre três e cinco vezes, iniciando pelo lado direito do corpo, buscando devolver à alma a sua pureza. Todos os orifícios do corpo são tapados com algodão e o corpo recebe como cobertura um tecido branco bem leve, chamado de sudário, perfumado com cânfora. Os familiares e amigos mais próximos recitam uma oração contra o demônio e reafirmam que não existe nenhum outro deus além de Alá, sendo estas as últimas palavras que o indivíduo deve escutar para se conscientizar da importância de chegar até Alá depois de sua morte.

Para os muçulmanos, existem dois tipos de morte: o sono, entendido como a morte menor, quando a alma do indivíduo é

levada diariamente e, caso Alá deseje, ele pode reter a alma da pessoa ou permitir que ela retorne ao corpo até a data que ele determinou e prefixou para sua passagem final. Nesse sentido, para os muçulmanos dormir é semelhante a morrer, enquanto acordar é como ressuscitar todos os dias. Além disso, Alá já definiu a data da morte de uma alma no dia em que o indivíduo nasceu. O outro tipo de morte, a morte maior, é aquela efetiva, que indica que a vida do indivíduo chegou ao fim, sendo inevitável para todos os seres vivos, entendida como uma longa viagem prometida para outra vida e uma certeza absoluta para todos os homens.

De acordo com o Islamismo, existem alguns sinais para indicar que o fiel muçulmano terá uma "boa morte", ou seja, que será recompensado integralmente por suas ações no Dia da Ressurreição, sendo introduzido no Paraíso. O primeiro destes sinais se dá quando o indivíduo cita a principal oração muçulmana antes de morrer, afirmando que "Não há outro deus além de Alá e Maomé é seu servo e mensageiro" (a shahada). Também se acredita que se o muçulmano morre com suor na testa, lutando pela causa de Alá (através da jihad, a Guerra Santa), guardando as fronteiras da nação islâmica ou às sextas-feiras é um presságio de que ele ganhará o Paraíso. Da mesma forma, acredita-se que o indivíduo que falece por atingido por uma peste, por uma enfermidade do estômago, por afogamento, por tuberculose, por queimaduras ou pela queda de uma parede é considerado como um mártir, sendo encaminhado para o Paraíso. As mulheres que morrem na gravidez ou durante o parto seguem o mesmo caminho. Por fim, aqueles que morrem defendendo sua riqueza, sua religião, em legítima defesa ou realizando uma ação íntegra também ganham um espaço no Paraíso.

O Islamismo também ressalta as causas principais para que um muçulmano possa ter uma morte ruim, que fica evidente

devido à agonia do indivíduo em seu processo de falecimento. Dentre elas, estão o fato de o muçulmano ter crenças que não condizem com o Corão (ainda que ele esteja convencido que sejam crenças corretas) e, se ele não se der conta delas antes da morte e voltar para o caminho que o Livro Sagrado determina, vai morrer como um incrédulo, um herege, mesmo que tenha boas ações – visto que única coisa válida para a religião são a crença correta no livro sagrado e na Sunna. A segunda causa principal é a persistência no pecado, quando o indivíduo se acostuma com a vida fora da regra – mas aqueles que pecam e se arrependem estão livres desse perigo. A terceira causa é o abandono da prática de boas obras e da adoração. A última delas ocorre quando o indivíduo diminui seu amor por Alá, passando a priorizar as coisas mundanas do que sua fé.

No Espiritismo

O Espiritismo não concebe a morte como o fim da vida humana, mas sim como o início de outra etapa da evolução do homem. De acordo com a religião, a vida no corpo físico deve ser entendida como um período de aprendizado para o espírito e, quando o indivíduo morre, ele vai para um plano espiritual e leva consigo tudo o que aprendeu nessa vida para a próxima. Além disso, a religião acredita na reencarnação e que cada uma das almas é única, mantendo todas as suas características quando passa para o plano espiritual (o que os espíritas chamam de individualidade da alma). Assim, o Espiritismo acredita que a existência na Terra deve ser o caminho dos espíritos para uma alma mais evoluída, que seria o momento em que ele atinge a prática da tolerância e da bondade, além da caridade, sempre estimulada por essa religião.

A religião foi criada na França por Allan Kardec (Hippolyte León Denizard Rivail), durante o século XIX, adaptando-se muito

bem ao cotidiano brasileiro, que acabou possuindo a principal comunidade espírita em todo o mundo. Os espíritas chamam a morte de "desencarnação", concebendo-a como um fenômeno natural de todos os seres vivos, ocorrendo quando os laços perispirituais (que unem todas as moléculas do corpo) se desfazem, dando liberdade para que o espírito vá viver em outra dimensão. Nesse sentido, a morte é considerada apenas como uma mudança de estado, o fim de uma forma frágil que já não oferece as condições necessárias para que a vida funcione de forma adequada para sua evolução. Quando os órgãos entram em falência, define-se o estado de transição entre um plano e o outro, fazendo com que o espírito encontre o inconsciente.

Para o Espiritismo, assim, a morte é apenas uma viagem, ela não existe de fato. Cada indivíduo segue para a atmosfera que lhe é própria – aqueles que fizeram o bem em vida encontram-se depois da transição, enquanto os que fizeram o mal em sua existência anterior vão encontrar seus pares. O Espiritismo defende que o indivíduo vai se ligar às pessoas que pensam como ele mesmo depois da desencarnação, pois defendem que não é o cérebro o responsável pelo pensamento – visto que este processo é imortal e pertence aos espíritos. Os espíritas não acreditam em um julgamento final vindo a partir de Deus, mas sim que o próprio indivíduo se julga, porque defendem que Deus colocou em cada indivíduo a lei do amor.

Segundo os espíritas, existe um medo na sociedade acerca da desencarnação, visto que o homem entre em depressão por temer a morte e a vida, desenvolvendo a agonia como uma doença, por saber que o seu corpo é muito frágil. No entanto, a partir do momento em que concebe que ele mesmo não é apenas seu corpo físico, o indivíduo passa a ter outra visão sobre a vida e a morte. A religião acredita que cada indivíduo tem um tempo específico para

desencarnar, pois cada indivíduo é um universo em si mesmo. Os espíritas não possuem rituais fúnebres específicos como outras religiões, apenas uma prece, podendo ser enterrados ou cremados sem um tempo de espera definido.

No entanto, é possível que o espírito chegue ao plano espiritual de forma sofrida, através de um processo moral doloroso pelo qual sua alma passa, e não seu corpo, pois ele já se transformou em uma matéria em decomposição. Caso o espírito insista em se manter junto ao corpo inerte e à vida que já passou, o sofrimento da alma pode se tornar ainda maior. De acordo com a religião, são exemplos deste caso alguns tipos de homicídios, suicídios, indivíduos que morreram presos a graves remorsos ou aqueles que ainda estavam muito apegados aos prazeres da vida material. No entanto, o Espiritismo também considera a possibilidade da "boa morte", quando a pessoa se deixou conduzir por uma vida mais simples, sem grandes ambições e desenvolvendo várias virtudes, aceitando melhor a possibilidade da morte.

Na Umbanda

A Umbanda é uma religião criada no Brasil há pouco mais de 100 anos, no estado do Rio de Janeiro. Seu nome deriva do idioma quimbundo (de Angola), remetendo ao sentido de "curandeiro". Seu marco inicial remonta à manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas no médium Zélio Fernandino de Morais, em 1908, sendo uma religião que mescla princípios do Cristianismo, das religiões indígenas e das religiões de matriz africana. Nos dias atuais, a Umbanda possui diversas ramificações, como a Umbanda de Mesa Branca, a Umbanda Sagrada e a Umbanda Popular.

A religião é determinada pela existência de um único Deus, tendo no monoteísmo seu principal fundamento religioso, ainda que pregue também que Deus possui um conjunto de seres divinos que possuem poderes e faculdades superiores aos dos espíritos – os orixás – sendo este culto uma das suas principais características. São também celebradas entidades de sete linhas diferentes, sendo os responsáveis por guiar e orientar os caminhos dos fiéis: os caboclos, os marinheiros, os boiadeiros, os pretos-velhos, os baianos, as crianças e a linha do Oriente, além das entidades da linha de esquerda.

Diferente do Catolicismo e do Islamismo, a Umbanda não acredita na divisão entre céu e inferno depois da morte, mas defende que existem regiões umbralinas onde os espíritos são recolhidos para purgar seus pecados e, a partir do momento em que se arrepender, passar para outras regiões, onde ganham a possibilidade da evolução. Depois de um período que varia a cada caso, este espírito ganha a possibilidade de reencarnar para resgatar suas faltar e progredir. Dessa forma, a Umbanda acredita no processo de reencarnação pelo qual o espírito pode evoluir através de vidas sucessivas em corpos diferentes, auxiliando em todo o processo de aprimoramento da criação de Deus. Nesse sentido, os umbandistas diferenciam a alma, quando ela está habitando um corpo, do espírito, quando ele deixa a matéria física. Para esta religião, a morte do corpo físico não é considerada como o fim da vida, mas sim como o término de um ciclo.

Nesse sentido, a morte é um momento sagrado tido para a Umbanda como um retorno do espírito para a pátria espiritual, simbolizando o fim da missão do indivíduo naquele ciclo. A cerimônia fúnebre tem a preocupação de determinar que o espírito que acabou de desencarnar mantenha-se sob a Lei Divina, sem problemas com espíritos negativos. Os umbandistas acreditam que

o orixá Omolú, senhor da morte, é o responsável por cortar o cordão de prata que une o corpo material ao corpo espiritual no momento em que ocorre o desencarne, levando o espírito a Obaluaiê, o orixá da evolução, responsável por guiá-lo por um portal de luz, onde ele poderá reviver suas obras nesta encarnação na Terra, sendo julgado por suas ações.

O funeral na umbanda tem suas próprias características, sendo dividido em duas partes. Em primeiro lugar, é realizada a purificação do corpo do falecido com óleos, incenso e água sagrada, buscando criar uma aura positiva para protegê-lo, sendo traçados diversos símbolos em sua urna para garantir o resguardo espiritual. Em um segundo momento, que antecede a cremação ou o enterro, o sacerdote pronuncia algumas palavras para confortar os familiares e amigos presentes no velório, citando as virtudes do umbandista que desencarnou. O túmulo é coberto de terra e flores, devendo ser cercado com pemba ralada (um bastão de calcário usado em rituais), formando um círculo protetor, acendendo quatro velas brancas em forma de cruz.

No Candomblé

O Candomblé é uma religião de origem iorubá que crê na existência ativa dos antepassados na vida do homem. Para seus adeptos, a morte não simboliza o fim da vida humana, mas a interrupção da vida terrestre para que ela possa se prolongar em direção à vida para além-túmulo, em um dos nove espaços do domínio dos seres desprovidos de corporeidade, o Orún. Dessa forma, a morte não é uma extinção, mas sim a mudança de uma vida para outra. Estes antepassados recebem o nome de Okú ou Exá, sendo reverenciados nos tiruais de Ipadê no Candomblé brasileiro. O antepassado é considerado como todo aquele de quem a pessoas descente através da linhagem materna ou paterna,

em qualquer período do tempo (não necessariamente de forma imediata), com além das pessoas com quem o indivíduo conserva relações filiais de afeto. Apenas vão alcançar a condição de "ancestral" para merecer participar de um culto aqueles que realizaram trabalho digno para sua sociedade, tiveram uma vida exemplar, chegaram à idade avançada ou tiveram bons filhos.

Quando os ancestrais seguem para o domínio dos espíritos, o Orún, eles se libertam de todas as restrições que existem no ambiente terreno (o Ayê), adquirindo um conjunto de potencialidades que passam a trazer benefícios para os familiares vivos. Por esse motivo, a religião acredita que é necessário manter seus ancestrais em um constante estado de contentamento e de paz, em uma manifestação do relacionamento familiar que a morte não é capaz de destruir. Depois dos rituais que marcam a passagem do ancestral do mundo terreno para o Orún, ele é encaminhado pelo portão de Onibodé, o porteiro entre os dois mundos, em direção ao Ser Supremo, Olodumaré (ou Olorum), que vai realizar o julgamento dos atos do indivíduo em vida, indicado para qual dos nove espaços do Orún ele vai ser encaminhado. O ancestral continua a exercer suas funções em sua família, mas se torna mais poderoso sobre seus descendentes, passando a ser chamado por seus familiares de "Meu pai" (Babá mi) ou "Minha mãe" (Iyá mi), reforçando as relações afetivas entre ele e sua família.

A religião acredita que Ikú é o orixá responsável pela morte, tendo sido criado por Olodumaré para retirar as pessoas da Terra cujo tempo de vida já havia terminado. Ikú é um orixá masculino que não mata ninguém, apenas toca nas pessoas e as desliga do mundo, fazendo com que elas acordem no Orún. Dessa forma, os fiéis do Candomblé consideram uma tragédia quando uma pessoa jovem morre, mas uma alegria quando uma pessoa idosa – pois ela pode recomeçar sua vida em outro plano. Segundo

a mitologia iorubá, Ikú apenas começou a exercer seu ofício quando sua mãe foi espancada e morte na praça do mercado de Ejigbomekún, fazendo com que ele gritasse de ódio e começasse a matar sem medida. Logo depois, ele teria sido preso por seus inimigos, que o obrigaram a comer tudo o que era proibido de acordo com o conceito de ewó (o conjunto de coisas que não fazem bem ao corpo nem ao espírito), acalmando-o e fazendo com que ele passasse a ter critérios sobre quem ele enviaria para o mundo de Orún.

Para o Candomblé, os ritos funerários dependem da idade, das circunstâncias da morte, da condição social e do relacionamento que a pessoa mantinha com a religião. Os ritos são conhecidos como Axexé, que significam o retorno do indivíduo às suas origens. No Axexé, antes de ser envolto em uma mortalha branca, o corpo da pessoa que faleceu é banhado, os cabelos são penteados e, caso seja um homem, é inteiramente depilado, visto que acreditam que devem estar completamente limpos para adentrar na morada dos ancestrais. Quando o falecido é iniciado na religião, são retirados alguns fios de cabelo da parte mais alta da cabeça, marcando sua passagem. Também são utilizados o sangue do pombo, o ovo, o acassá (um pudim feito de milho branco enrolado em uma folha verde), o algodão e o efun (um tipo de pó branco), realizando-se um trabalho com todos esses elementos. Depois deste ritual inicial, é realizado o jogo de ifá para compreender o destino do falecido no Orún. Depois do enterro, ocorrem uma série de cerimônias noturnas iguais às diurnas, que durante sete dias. No penúltimo se dá o conjunto de sacrifícios para que o morto seja encaminhado para seu destino. O último dia é chamado de arremate e os fiéis cantam com o dia claro, sendo esta a única ocasião em que os atabaques são utilizados. Em todos

os momentos, os fiéis vestem apenas branco, cobrindo toda a parte de cima do corpo até o pescoço.

Muitos dias depois do funeral, existe um outro ritual conhecido como o processo de Trazer o espírito falecido de volta para casa. Nesse processo, é construído um santuário no canto do terreiro, onde são realizados oferendas e pedidos em uma conversa familiar e íntima, fortalecendo os vínculos afetivos e reafirmando a condição de que os ancestrais podem ver tudo o que acontece na Terra. Segundo o Candomblé, existem várias formas possíveis para os antepassados retornarem à Terra, sendo um dos mais comuns a reencarnação de uma alma através de um neto ou um bisneto no mesmo meio familiar de onde faleceu. Este movimento é conhecido como Atúnwa.

No Xamanismo

O Xamanismo não acredita nas noções cristãs de Céu e Inferno sobrenaturais, pois concebe que apenas o mundo natural existe, possuindo reinos visíveis e reinos invisíveis, dentre os quais está o mundo do Spiritu. Também não acredita em princípios de mal independente no Universo, mas sim em um Universo bom que apenas quer o bem-estar do homem. Dessa forma, o mal apenas existiria na mente dos humanos, sem uma força predatória contrária além daquela que guarda os seres vivos. Quando aconteceram os primeiros contatos entre cristãos e indígenas xamãs, os índios queriam saber onde se localizava o Inferno. Os padres responderam que não se localizava no mundo visível, para que eles podiam entender que ficava abaixo de seus pés. Essa analogia confundiu os indígenas xamãs, visto que eles compreendem a Terra como uma força materna de onde nasce toda a vida.

Para a religião, a morte determina o fim do corpo físico para que a alma se prepare para uma grande jornada. Quando o cérebro humano para de funcionar e o campo eletromagnético que o sistema nervoso central é dissolvido, o campo de energia luminoso que envolve o homem se liberta do corpo físico, crescendo em forma de um ovo translúcido, contendo os sete chacras que se mantêm pulsando em forma de pontos de luz nas primeiras horas que sucedem a morte. Se o processo de falecimento é tranquilo, esta luz (que á a alma ou a essência do indivíduo) viaja pelo eixo do corpo até se unificar com o Spiritu. Assim, o campo de energia luminoso aperta-se pelo portal que é criado em seu eixo central. É possível que uma pessoa agonizante retenha a consciência de si mesma depois de morta, segundo o Xamanismo, o que é visto como uma luz semelhante à de um amanhecer sem nuvens, uma pureza primordial, vasta e imensa que dispersa a escuridão da morte, causada pelo colapso das sensações.

Algumas comunidades adeptas ao Xamanismo acreditam que têm a possibilidade de viajar para além dos domínios da morte com a ingestão do chá de Ayahuasca, em uma cerimônia em que eles experimentam diversas visões terríveis sobre a própria morte, sendo mortos em pedações por um jaguar ou engolidos por uma enorme jiboia. Vários ritos iniciativos dentre essas comunidades foram projetados para garantir que o iniciado passe por um processo que se assemelha à morte simbólica, fazendo com que ele se despojasse com seu ego. Estes ritos devem levar à revisão da vida do homem, permitindo que ele conheça aqueles que morreram antes dele (inclusive seus antepassados e os que ele prejudicou ou feriu).

Para os adeptos da religião, o Xamanismo é considerado como uma ciência ancestral que deve ensinar os significados e vivências da consciência e da morte, visto que o xamã precisa

realizar a "morte em vida" para renascer e atingir a SupraConsciência. Para alguns grupos xamânicos, a morte é associada ao Nagual, um espírito familiar adquirido pelos anciãos que assume a forma de um animal, permanecendo à esquerda do xamã e se tornando seu guardião, protetor e conselheiro. Nesse sentido, a morte se torna uma linda e misteriosa mulher por quem o xamã se apaixona, fazendo o homem superar seus limites – morrendo para renascer. Para eles, vida e morte são irmãs gêmeas e, por isso, andam de mãos dadas – a vida é a Consciência e a morte é o principal desafio da Consciência, fazendo com que o homem não deva temer a morte.

No Hinduísmo

O Hinduísmo acredita na reencarnação, definindo que a alma pode retornar diversas vezes à vida até conseguir se libertar. De acordo com os adeptos desta religião, a jornada de uma vida na Terra compõe um ciclo de nascimento, morte e renascimento e, a partir do momento em que indivíduo falece, são iniciados rituais para que alma possa se desprender do corpo, que geralmente passa pela cremação, para que ele possa encontrar sua nova casa sem nenhum trauma – seja o novo lar da alma um corpo humano ou um corpo animal, dependendo do comportamento do indivíduo em sua vida anterior.

Neste processo, o corpo do sujeito que faleceu deve passar por uma limpeza bastante festiva, sendo lavado, untado com uma pasta de sândalo e com óleos específicos, para depois ser vestido com roupas muito bonitas, como se estivesse sendo preparado para uma grande festividade. As mulheres que faleceram são muito bem penteadas e os homens são barbeados. Por cima de seus corpos, uma mortalha de tecido deve cobrir o falecido dos pés até a cabeça, deixando somente topo do crânio sem cobertura.

Momentos antes da morte, o corpo de um hindu é colocado no chão, a céu aberto, com a cabeça direcionada para o sul, dando início ao desprendimento de sua alma daquele corpo.

Uma das principais preces do livro dos Vedas indica o desejo dos homens em viver plenamente o real, com a consciência iluminada e a vontade de sobreviver em toda a eternidade, ultrapassando a morte. De acordo com esta prece, o homem pede que as divindades o conduzam do irreal para o real, das trevas para a luz, da morte para a imortalidade. Nesta tradição hindu, o inconformismo com a morte é visto como a indicação da alma eterna: se o inconsciente humano não aceita a morte é porque ele intui a sua imortalidade, visto que os hindus acreditam que só o que morre de fato é o corpo temporário, sendo a alma realmente eterna.

Ainda que todos os homens tenham que se confrontar com a morte, os seguidores do Hinduísmo acreditam que ela não deve ser um motivo de medo, visto que acreditam que o homem nasce e morre várias vezes. Eles concebem a noção de karma e de transmigração da alma, a partir da qual a morte pode ser entendida como um processo de adormecimento para que o homem desperte de seu sono em outro corpo, como um renascimento. Segundo as escrituras védicas, a alma é imortal e não nasceu em nenhum momento, sendo sempre existente e eterna. Mesmo assim, o homem sofre por seu apego ao corpo material e a todas as coisas que são impermanentes. Nesse sentido, a religião destaca a importância do conhecimento como ferramenta para permitir o questionamento, a discriminação e a compreensão que permite aceitar a morte do corpo (a morte consciente) como uma importante experiência individual que dá sentido à vida e permite o autoconhecimento.

A religião defende que a compreensão da identidade do homem como algo à parte de seu corpo é a primeira etapa para sua autorrealização. O indivíduo precisa compreender que não é o corpo que carrega, mas sim uma alma espiritual, sendo este um aprendizado essencial para que ele consiga transcender a morte e adentrar ao mundo espiritual. Os hindus afirmam que ainda que ele possa compreender teoricamente esta questão, todos os homens se identificam com sua "vestimenta corpórea" e a tradição religiosa busca criar uma estrutura para a vida prática do indivíduo, através de diversos caminhos, para que ela possa experienciar sua posição como alma espiritual. Para os adeptos do Hinduísmo, não é possível acreditar no karma sem aceitar os conceitos da alma individual e do seu processo de renascimento. Assim, a alma no Hinduísmo permanece no ciclo interminável de nascimentos e mortes, o samsara, pois quem nasceu sabe que vai morrer e, para quem acabou de falecer, o renascimento é uma certeza.

No Budismo

O Budismo concebe a morte como o fim da força vital, entendidos como a consciência e o calor. A religião entende que a morte pode ocorrer em quatro situações principais: quando a duração daquela vida em particular tiver se esgotado, quando o conjunto de ações intencionais do indivíduo (o kamma) tiver acabado, quando tanto o kamma quanto o tempo de vida individual estiverem chegado ao fim ou quando ocorrem causas não-naturais, como acidentes. Para os budistas, a morte não é tida como o fim da existência por completo, mas apenas como o encerramento de um de seus capítulos, permitindo a abertura imediata para outro, logo em seguida – a morte e o renascimento são duas etapas subsequentes da mesma história.

De acordo com o Budismo, existem dois tipos de morte. A primeira é a morte convencional, que pode acontecer "momento a momento", quando o indivíduo ainda existe, mas todas as esferas de sua mente e de seu corpo vão morrendo a cada instante, passando por um processo de renovação, fazendo com que o ciclo de morte e renascimento tenha continuidade. É necessário que o homem compreenda esse processo como o passo mais importante para a preparação para a morte final, que é o segundo tipo, da qual não será mais possível reviver. A meditação é necessária para ajudar o homem a compreender estes diversos processos de morte momentânea, permitindo que ele compreenda a importância de uma mente concentrada e com plena atenção para poder experimentar, sentir e entender a morte, com suas palpitações e vibrações. Além disso, é necessária a preparação para a morte real de uma forma lógica, concebendo que tudo está morrendo todo o tempo – como as árvores, os animais e os insetos – tendo a consciência de que em algum momento chegará a própria morte.

A morte final, por sua vez, é aquela que ocorre com a pessoa que já foi iluminada e que passou a compreender que já fez tudo o que deveria em vida, sem deixar nenhuma tarefa pendente. O Budismo considera o pensamento de autorrealização e satisfação como um dos mais perfeitos para que o homem tenha em mente, devendo estar em sua consciência a qualquer momento, visto que o indivíduo nunca sabe quando vai morrer. As outras coisas que os homens passam a fazer a partir de sua realização pessoal devem ser tidas apenas como tarefas adicionais, das quais o homem não precisa, mostrando a libertação de sua mente e o desapego de sua natureza. A pessoa iluminada torna-se mais nobre que as demais, mesmo que não possua esse desejo, atingindo a formação mental condicionada e impermanente – o sankhara. Quando chega a esse patamar, ela sabe que sua morte está extinta

e que ela não vai morrer de novo, pois para isso ela precisaria nascer novamente – assim, ela alcançou a morte final. Com esta consciência liberta, ela não precisa de nenhuma forma de consolo e não terá nenhuma recordação.

De acordo com uma parábola budista antiga, uma mulher foi procurar Buda para tentar reviver seu filho, que havia acabado de falecer. Buda pediu para que ela conseguisse grãos de mostarda em uma casa onde nunca tivesse morrido alguém. Como não conseguiu encontrar uma casa sem óbitos, a mãe entendeu a mensagem de Buda e compreendeu que teria que conviver com a morte, como todos devem fazer. Quando um fiel budista falece, o ritual funerário faz com que aqueles membros da família que permaneceram acendam velas no oratório doméstico ou ainda no oratório do local onde ocorreu o falecimento, colocando o corpo próximo a este local. O rosto da pessoa é coberto com um tecido branco, acendendo-se diversos incensos ao seu redor. Um monge budista é convocado para a leitura de textos sagrados e para realizar o conforto dos familiares.

No Confucionismo

O Confucionismo é uma corrente ética e filosófica que tem como base os ensinamentos de Kung-Fu-Tzu, conhecido no mundo ocidental como Confúcio, tendo sido a principal doutrina chinesa por mais de dois mil anos, mantendo sua primazia até o início do século XX. Alguns estudiosos não concebem o Confucionismo como uma religião, visto que seu principal fundamento está na compreensão da ordem social e das condutas morais, fazendo com que ela não se encaixe nos modelos religiosos característicos do mundo ocidental. Além disso, o Confucionismo não tem nenhum tipo de organização sacerdotal, nem templos ou igrejas, além de não possuir a concepção de uma entidade divina

onipotente e mais poderosa que todas as outras. No entanto, é considerada como uma religião no mundo oriental.

Confúcio, por sua vez, não é encarado nem como um sacerdote nem como um profeta, mas sim como um guia espiritual ou como um filósofo que busca educar seus seguidores para que eles encontrem o caminho da harmonia. A principal base do Confucionismo é o senso de humanidade, pois defende que os seres humanos são naturalmente bons, pregando que é preciso conciliar o temperamento do homem com suas posições sociais e políticas. Para os adeptos do Confucionismo, os representantes políticos são considerados como os pais de todo o povo, devendo obedecer a autoridade celestial, enquanto o grupo familiar é tido como o alicerce fundamental de todo indivíduo, visto que é o primeiro contato que ele possui com o senso de ordem, disciplina e consciência política. Isso faz com que o casamento seja um dos rituais mais importantes do Confucionismo, por concretizam a formação de uma família nova.

A religião não concebe a ideia de vida após a morte e, por isso, defende que os atos cotidianos devem ser entendidos como rituais que as pessoas realizam – conscientes ou não – seguindo o fluxo natural de suas vidas. Alguns discípulos de Confúcio passaram a cultuar uma divindade suprema do universo, em uma cerimônia realizada no solstício de inverno, buscando oferecer a ele vinho e alimentos para que as orações do povo fossem atendidas. A religião também pratica a adoração aos ancestrais, pedindo para que os espíritos dos que já faleceram auxiliem aos vivos na luta pela harmonia e pela prosperidade. Como forma de respeito e agradecimento, os familiares dos mortos colocam armas, roupas e alimentos nos túmulos e fazem orações. Caso os rituais não sejam cumpridos, os fiéis acreditam que os espíritos se transformam em fantasmas para atormentar os vivos. O

Confucionismo defende também o total cuidado e dedicação dos mais jovens aos mais velhos, até depois da morte, conhecido como piedade filial.

O Confucionismo acredita na procura da harmonia no mundo e na vida individual, o Tao, fazendo com que os seres humanos sejam estruturados por quatro dimensões distintas: o eu individual, a sua comunidade, a natureza e o céu. Estas circunstâncias fazem com que os homens devam cultivar seis principais virtudes: a bondade (Jen) considerada a mais elevada de todas; a humildade e a sabedoria, compreendidas dentro da ideia da superiodade (Chun-Tzu); o cumprimento das regras de conduta, ou seja, a adequação de seu comportamento às diversas situações do cotidiano (Cheng-ming); a justiça e o equilíbro nos momentos de designação do poder (Te); a necessidade de cultuar adequadamente os deuses do universo e seus ancestrais (Li); e, por fim, a capacidade de expressão artística, tida como uma riqueza social (Wen).

No Taoísmo

O Taoísmo é uma religião fundada na China, no século VI, pelo filósofo Lao-Tsé, que defendia a crença de que a passividade do homem é um elemento importante para conservar sua energia vital. Alguns de seus seguidores entenderam essa postura como uma possibilidade de alcançar a vida eterna, aliando este conceito à meditação e a práticas de magia, buscando encontrar uma forma de viver para sempre.

A imortalidade é o conceito através do qual o Taoísmo designa cada um dos níveis de entendimento de sua meta. Com isso, os sábios taoístas, os antigos reclusos e os mestres de ioga recebem o título de "imortal", visto que os adeptos desta religião acreditam que eles atingiram seu objetivo devido aos seus saberes,

fazendo valer ao máximo seus poderes mentais e físicos, calando as paixões e extinguindo os desejos, alcançando a existência espontânea e livre, chegando tão próximos à perfeição que seus corpos são apenas um abrigo para seus espíritos. Para o Taoísmo, o Tao é eterno e faz com que as coisas mudem a todo instante, a partir de ciclos previsíveis, como o dia e a noite ou as quatro estações. Ao aprenderem a contemplar estas sequências de mudança, eles aprendem também a aceitar com tranquilidade a morte e a perda de entes queridos, entendidas como tão importantes como qualquer ganho, visto que são parte do curso natural das mutações. Nesse sentido, a palavra que predomina na formação dos taoístas é a serenidade, fazendo com que eles vivam sempre em harmonia com a natureza.

Uma das principais histórias do Taoísmo remontam ao reinado do imperador Shen Tsung, quando um estudioso se distinguiu de tal forma nas provas públicas que recebeu do governo diversos cargos importantes em várias partes do império. Em suas viagens, ele encontrou diversos males sociais, como a luxúria, a avareza, a crueldade, a vaidade e a opressão. Quando voltou para sua terra durante uma licença por causa da morte de seu pai, ele decidiu não mais retornar para a vida de oficial do governo, retirando-se para as montanhas para encontrar seu caminho. Dessa forma, ele comprou uma pequena cabana perto do monte Omei, passando a se dedicar aos livros e a meditar todos os dias durante o rígido inverno. Ele se abastecia com a água de um riacho próximo e comprava arroz e óleo dos viajantes, além de retirar alguns recursos da floresta.

Depois de três anos de reclusão, ele entrou em sintonia com os mistérios da natureza, mas ainda não tinha encontrado o Tao. Certo dia, ele recebeu um visitante que demonstrava ao mesmo tempo a sabedoria e a juventude de um imortal, apesar de

suas roupas simples, servindo vinho para seu hóspede, que lhe disse que deveria procurar o caminho do Tao na neblina que flutuava nos vales. A partir de então, o estudioso passou a contemplar a branca névoa dos vales, sentado em uma pedra. Ele passou três anos na mesma posição, fazendo com que os moradores da região o considerassem um imortal. Quando reencontrou com o hóspede, o estudioso entendeu que o Tao era a própria trajetória – nascer, respirar, andar, dormir, comer, beber, viver e morrer.

No Xintoísmo

O Xintoísmo afirma que o homem possui duas almas quando nasce: a alma celestial, ou Kon, e alma que vem da terra, ou Haku. Quando o homem falece, estas duas almas se separam, fazendo com que Kon retorne para o céu (Tennou) e que Haku desça para a Terra para seu julgamento. Desde juízo, Haku pode ser presa durante um intervalo de tempo no Inferno, caso o indivíduo tenha realizado más atitudes durante sua vida, renascendo na Terra depois desta prisão. Caso o indivíduo tenha realizado boas ações ou até mesmo atitudes extraordinárias durante sua vida terrena, Haku vai se transformar em um deus ou em um espírito das cidades. É importante lembrar que este processo apenas ocorre se o indivíduo tiver recebido um funeral adequado – caso contrário, a alma do indivíduo pode se transformar em um fantasma ou um vampiro.

No Dia de Finados, é comum que as famílias xintoístas oferecem um prato de comida e algumas bebidas aos seus antepassados, seja em seus túmulos ou no santuário doméstico em reverência aos antecessores, o Hotokesama. Esta tradição teve origem em uma passagem os textos sagrados que afirma que certo dia um monge viu sua mãe morta sofrendo com fome na parte

mais profunda do Inferno e ao ofertar uma tigela de arroz a ela sua dor foi aplacada. O culto aos ancestrais dentro do Xintoísmo é, inclusive, disseminado dentro das empresas, que possuem mausoléus em homenagem aos funcionários antigos que já faleceram – como ocorre na Mitsubishi, na Panasonic e na Sony – onde se realizam orações pedindo prosperidade nos negócios, reconhecimento da preferência dos consumidores e prevenção contra os acidentes de trabalho.

Existe uma oposição na visão da morte entre os xintoístas e os ocidentais. Enquanto no Ocidente se fica feliz quando uma criança nasce e se chora quando alguém parte, os xintoístas choram no nascimento de uma criança e sorriem quando alguém morre, pois concebem a morte como uma forma de renascimento, vestindo-se de branco para celebrar o luto. No Japão, onde o Xintoísmo é muito frequente, o Dia dos Mortos é uma festa chamada O-bon, comemorada no dia 15 de agosto, quando é permitido aos espíritos dos mortos visitarem as casas de suas famílias para celebrar o encontro com eles. Para isso, os familiares acendem lanternas nas entradas das casas com o objetivo de guias os espíritos. Ao final do festival, em uma celebração chamada Tooro Nagashi, as lanternas são acesas nos rios, por onde os espíritos devem retornar para o mundo sobrenatural depois da visita aos seus parentes.

A religião não possui mandamentos que determinem o que os homens devam ou não devam fazer, prevalecendo a autoconsciência do indivíduo, sua própria natureza sobre o mundo. Nesse sentido, os instintos e tudo o que é utilizado para a conservar a vida e mantê-la bela é tido de forma positiva. A morte e tudo o que está envolvido com ela, como a infelicidade, as doenças e a falta de sorte, são considerados de forma negativa e devem ser evitados, segundo os xintoístas. Como eles não

concebem a noção de pecado, também não existe o sentimento de perdão e de culpa – no entanto, a religião utiliza os processos de purificação como uma forma de deferência aos que são mais fortes e justos, como os kamis. Uma das virtudes que devem ser mais cultivadas pelos xintoístas é o senso de honra, além da fidelidade ao governo e à comunidade, a obediência, o sucesso na vida e e nos estudos, o autocontrole e o cuidado com a comunidade.

No Sikhismo

O Sikhismo é uma das principais religiões da Índia que acredita no Karma e no princípio da reencarnação. Para os sikhs, há a aceitação da crença hindu de que o ciclo da vida pode ser encerrado de forma simples quando o indivíduo leva uma vida disciplinada, defendendo que através da graça divina e da contemplação e repetição frequentes do nome de Deus é possível libertar o homem do ciclo incessante de nascimento e morte – o samsara. Seu principal líder, o Guru Nanak, ensinou aos seus discípulos que o homem nasce devido ao seu karma, porém sua libertação ocorre quando ele recebe a graça de Deus, afirmando que a salvação do homem não é sua entrada no Paraíso depois do Juízo Final, mas sim a união com Deus e a absorção de Deus, chamado pelos sikhs como O Verdadeiro Nome.

Os sikhs usam diversos nomes para falar de seu único Deus, pois são monoteístas, sendo um dos mais comuns Waheguru – o Senhor maravilhoso. Eles também acreditam que seu Deus não possui forma, não pode ser visto e é eterno, pois antes da criação do mundo todo o que havia era o próprio Deus e sua vontade – seu hukan. De acordo com Guru Nanak, Deus é visível de todo lugar e onipresente para o espiritualmente consciente – mas não com os olhos, e sim com o coração – fazendo com que o homem

precise meditar para alcançar o caminho da iluminação. Assim, o Deus sikh está em todos os lugares e em tudo.

Quando um sikh falece, ele tem seu corpo lavado e adornado com os cinco Ks – o turbante para prender seus cabelos, kesh; o pente de madeira para arrumar os cabelos, kanga; a pulseira de aço usada no punho direito para representar a união ao guru e à comunidade, kara; seus calções curtos, ligados à sua castidade, kaccha; e seu punhal de autodefesa, o kirpan. Em seguida, o falecido é levado em uma procissão para o lugar onde será cremado. Um de seus parentes mais próximos é o responsável por acender a pira funerária que vai queimar o morto, enquanto os amigos e familiares cantam preces e hinos especiais para a data. A religião admite o período de luto entre sete e dez dias, quando são lidas passagens do Guru Granth Sahib.

A religião não acredita no poder de peregrinações e proíbe seus fiéis de comerem qualquer tipo de alimento abatido de forma ritual. Os sikhs negam a existência de anjos e de demônios, pois não concebem a possibilidade de punição e recompensas divinas, nem de Inferno e de Paraísos, definindo que é o karma que vai determinar se uma pessoa que morreu vai ou não alcançar sua unidade com Deus. O Sikhismo indica que o homem só se separa de Deus por seu egocentrismo – o haumai – que prende os seres no ciclo do samsara de nascimento, morte e renascimento. A união dom Deus e a libertação é chamada de Nadar, podendo ser alcançada somente com a recordação devotada do nome de Deus e sua repetição frequente de forma murmurada.

A diversidade das religiões de matriz africana no Brasil

A Jurema Sagrada

A Jurema Sagrada é uma religião que mistura a matriz africana e a matriz indígena na região nordeste do Brasil, com práticas existentes antes mesmo da chegada dos portugueses e dos africanos escravizados, visto que os indígenas já habitavam nosso território no período anterior ao século XVI. Ela se iniciou como uma tradição mágica de utilização do uso de todas as partes da planta jurema (suas raízes, folhas e caule), sofrendo a influência do Xamanismo, da Pajelança indígena, das religiões de matriz africana, do catolicismo popular, dos rituais de feitiçaria vindos da Europa e pelo Esoterismo. A presença do culto sagrado à jurema determina a principal diferença entre as práticas umbandistas e do catimbó, sendo m tema pouco estudado.

A Jurema é uma das diversas variações do gênero de plantas Acácia, sendo nativa do nordeste do Brasil. Este tipo de plantas foi considerado sagrado por diversas culturas e povos de todo o mundo ao longo da história. Enquanto os hebreus e egípcios cultuavam a Sant (Acacia nilotica), os árabes veneravam a Al-uzzah (Acacia arabica) e os hindus celebravma a Sami (Acacia suma). Na América do Sul, povos indígenas costumar considerar como sagrada a Cebil (Acacia cebil), enquanto a população próxima ao rio Orinoco celebra a Yopo (Acacia niopo). Já os grupos do Nordeste brasileiro têm como seu elemento sagrada a Jurema, Calumbi ou Jerema (Acacia jurema), ao redor da qual se desenvolveu a religião.

Os registros históricos acerca do período de chegada dos portugueses ao brasil forem feitos pelos próproiso colonizadores

e, dessa forma, não se preocuparam em documentar as formas de ser do indígena que já habitava as terras conquistadas, seus idiomas, seu imaginário, sua comida e sua religiosidade. No entanto, as tradições indígenas e as permanências mostraram as tradições filosóficas e culturais daqueles povos, especialmente através dos terreiros da Jurema, que se transformaram no maior registro oral sobre a cultura indígena brasileira e sobre a cultura dos africanos escravizados. Os escravos fugidos dos engenhos de açúcar se abrigavam nas aldeias indígenas, realizando um importante intercâmbio religioso com os índios, o que fez com que os grandes metres da Jurema Sagrada ficassem conhecidos como figuras mestiças de sangue índio e negro. Os africanos permitiram o conhecimento do culto aos mortos (os egunguns) e dos deuses da natureza, como os orixás, as inkices e os voduns, enquanto os indígenas ofereceram o conhecimento sobre as invocações dos espíritos dos antigos pajés e com o trabalho com os encantado dos rios e das matas. Dessa forma, a religião passou a trabalhar com duas linhas principais: a dos mestres e a dos encantados.

Um dos elementos mais fortes da religião são os cantos sagrados, responsáveis pela preservação das origens da Jurema Sagrada, contando a história dos indígenas e dos africanos de forma sistemática. Os antropólogos começaram a conhecer a religião entre 1930 e 1970, chamando-a também de Catimbó, estudando como ela se manteve viva mesmo depois das práticas que dizimaram a cultura de muitas nações indígenas.

O centro da religiosidade da Jurema Sagrada é a árvore da Jurema Preta, que oferece os elementos para a bebida sagrada que promove efeitos psicoativos transcendentais, sendo também o elemento mitológico central do mundo encantando das Cidades da Jurema, compostos por 7, 14 ou 21 cidades e reinos espirituais. A religião é composta por um grande conjunto de conhecimentos

medicinais, aplicados pelos seus sacerdotes (juremeiras e juremeiros), sendo conhecida como o "hospital dos pobres", visto que atua em locais onde o Estado não aplica políticas públicas de saúde, permitindo a cura de comunidades marginalizadas, onde a religião está presente até os dias de hoje. Os elementos de culto mais comuns são o maracá e o cachimbo, criando uma identidade visual para a prática religiosa. Através de sua metodologia, as juremeiras e juremeiros utilizam estas ferramentas para manipular o mundo espiritual de forma mágica: a fumaça do cachimbo é tida como uma das principais forças desta tradição, sendo responsável por fazer a conexão entre o mundo terreno e o mundo espiritual, sendo o método mais eficiente para a realização dos desejos.

Cabe ressaltar que a Jurema Sagrada e a Umbanda são duas religiões diferentes e que não podem ser confundidas, como muitas pessoas fazem. A Jurema Sagrada está no Brasil há séculos e foi transformada, enquanto a Umbanda foi fundada em 1908. Além disso, a Jurema utiliza-se de elementos característicos que não são ligados às práticas umbandistas, como o tronco da árvore, o cachimbo, os encantados e os mestres. Atualmente, a Jurema Sagrada tem grande presença em Pernambuco, na Paraíba e no Rio Grande do Norte, sendo também encontrada no Ceará, nas Alagoas e em Sergipe. De acordo com o último mapeamento dos terreiros do Brasil, realizado em 2010, mais de 70% dos terreiros de Pernambuco são de Jurema Sagrada, o que mostra que, mesmo sendo desconhecida para muitos, ela ocupa um grande espaço.

A Cabula

A Cabula é uma religião de matriz africana surgida na Bahia, no século XIX, que unificou os conhecimentos religiosos e espirituais do povo banto, do povo malê e do Espiritismo. Também é um nome de um toque de percussão ligado às práticas

religiosas e de um quilombo formado por africanos escravizados das etnias angola e baconga (o Quilombo da Cabula), que deu origem a um bairro de mesmo nome na cidade de Salvador. A religião incorporou o culto aos antepassados indígenas, sendo considerada como uma das precursoras da Umbanda, disseminando-se também para o Rio de Janeiro, para o Espírito Santo e para Minas Gerais.

A Cabula é considerada como uma congregação de irmãos devotados à invocação de almas, sendo cada adepto com seu próprio kimbula, um espírito congo que transmite o medo. A comunicação entre o adepto e o kimbula se dá através do desfalecimento ou transe, chamado de kambula. Todo o grupo compõe uma mesa, chefiada pelo embanda, que deve ser obedecido por todos os membros da congregação. Ele é auxiliado por um cambone, que realiza as anotações das mensagens passadas pelo kambula embanda quando incorporado. O espírito Tata é quem dirige a Cabula, encarnando nos iniciados na religião, os camanás, buscando o contato direto com os espíritos da natureza que vivem nas matas (cujo conjunto é chamado de Santé). Por esse motivo, todos os iniciados devem realizar um preparo físico e espiritual para receber o Santé, mantendo a abstinência e uma série de penitências. Cada espírito que forma o Santé é considerado um Tata, sendo todo iniciado acompanhado de seu Tata protetor, que pode ser um Tata Guerreiro, um Tata Rompe Serra ou até um Tata Flor de Carunga. Quando os iniciados se reúnem, é formada a engira. Dentro da mata, vivem os espíritos anciãos que nunca encaram, os Bacuros.

Um dos ramos da Cabula é o Omolocô, uma crença dos povos nganga-ia-muloko responsável pelo controle sobre os raios, tida como uma maldição. A entidade principal deste ramo é Zambi, tido no Catolicismo como o Senhor do Bonfim. Também são

cultuados o senhor da guerra e dos caminhos, Canjira; o senhor das doenças e da varíola, Quimboto; a rainha do mar, Pomboê, e a rainha dos raios, Zambanguri; Quiximbi, o rei dos trovões; e Mamãe Cinda, a rainha da água doce. Dentro do Omolocô, todos são malungos (companheiros).

O culto é iniciado com o cambone forrando o chão com uma toalha, branca, colocando sobre ela os santos, os cordões e as facas. Todos os participantes amarram uma fita branca em suas cabeças. As sessões são sempre realizadas no período noturno, pois os adeptos acreditam que a noite oferece mais tranquilidade e segurança aos espíritos. O iniciado é o responsável pela sessão, auxiliado pelo cambone, que segue suas ordens. Todos os presentes na mesa entoam cânticos e fazem seus pedidos. O iniciado passa as receitas sobre o tratamento de doenças, visto que toda a primeira parte do rito é exclusiva para pedidos que fazem o bem aos seus participantes, como a cura de doenças. A segunda parte do culto, por sua vez, traz uma nova incorporação no iniciado e permite que os presentes peçam por malefícios aos seus desafetos: enquanto os presentes na mesa cantam na roda, o iniciado vai para o mato e realiza a oferenda para atender ao pedido. Todos os adeptos devem manter segredo sobre o ritual, sendo inúmeras as histórias sobre membros da religião que foram presos e torturados pela polícia, mas não entregaram os segredos ritualísticos.

A perseguição à Cabula e o medo que ela gera remonta ainda ao período escravista, quando a religião foi utilizada como forma de resistência dos cativos contra os fazendeiros, através de rituais para o abatimento dos inimigos com o uso de feitiços, executando líderes escravagistas com frequência, especialmente os que perseguiam os escravos que fugiam das senzalas. Acreditava-se, na época, que os povos africanos escravizados eram regidos por

poderes sobrenaturais concretos, espíritos que definiriam o sentido e o curso da vida dos homens, que poderiam decidir o destino de todas as pessoas.

O Batuque

Quando pensamos na palavra "batuque", nos remetemos diretamente ao som produzido pelos instrumentos de percussão. No entanto, a origem do conceito está vinculada à religiosidade, sendo uma adaptação do termo bantu Batukajé, referindo-se ao ato de bater em tambores enquanto uma cerimônia religiosa é realizada. Dessa forma, Batuque é o nome genérico dado às religiões afro-brasileiras originárias dos povos que vieram para o Brasil da Costa da Guiné e da Nigéria, realizando culto aos orixás (que são os ancestrais africanos a quem foram atribuídos caráter de divindades). A principal linha do Batuque se situa no estado do Rio Grande do Sul, disseminando-se para nações vizinhas, como o Uruguai e Argentina, com rituais específicos (ainda que se possam conter semelhanças com o Candomblé, mesmo que difiram em muitos pontos desta religião afro-brasileira).

O desenvolvimento do Batuque se deu entre 1883 e 1859 no Rio Grande do Sul, tendo como centros de disseminação os municípios de Pelotas e de Rio Grande, enquanto em Porto Alegre o movimento foi apenas iniciado na segunda metade do século XIX. As bases religiosas do Batuque são vinculadas às nações Oyo e Ijexá, vindas da Nigéria, assim como à nação Jeje, originária do Daomé (atual Benim). Ela se desenvolveu a partir de uma série de adaptações das crenças dos africanos escravizados que chegaram ao Brasil, mas seu nome foi dado pelos brancos, visto que os praticantes negros chamavam a religião de Pará. Seus praticantes acreditam orixás estão presentes principalmente dentro dos terreiros e na natureza, expressando-se por meio dos elementos

físicos, como o mar, as pedreiras, os rios e as cachoeiras, sendo possível ecoar as vibrações destas figuras divinas. Eles acreditam que todo ser humano nasce regido por um orixá, devendo dedicar sua vida a ele através da participação nos cultos ou se tornando um babalorixá ou iyalorixá.

Os cultos do Batuque têm início com uma homenagem ao orixá Bará, responsável por estabelecer a comunicação entre os seres humanos e a natureza divina que os rodeia. No entanto, não existe uma hierarquia entre os orixás, visto que eles possuem funções complementares. Dentre os principais orixás do Batuque estão Iemanjá, Oxum, Ossãe, Otim e Orunmilá. As danças são executadas em pares, um de frente ao outro. A característica principal do Batuque é que o iniciado que entrou em transe não pode saber se forma alguma que foi possuído pelo seu orixá-guia, sob o risco de ficar louco para sempre. No dia de obrigação de matança, conhecido como Dia do Serão, são oferecidos sacrifícios animais para os orixás, através da preparação de pratos com aves e cabritos com muitos temperos, com o aproveitamento completo do animal, inclusive de seu couro, usado na fabricação de novos tambores para o toque.

Os líderes do culto do Batuque são o babalorixá (se homem) e a iyalorixá (se mulher), possuindo total autonomia para a realização do culto, enquanto os filhos de santo devem se revezar para cumprir as necessidades do andamento do terreiro. Uma vez no ano, ao menos, a casa deve realizar uma homenagem aos orixás, mas de quatro em quatro anos devem ser feitas grandes festividades. Tanto o babalorixá quanto a iyalorixá devem formar novos sacerdotes e orientá-los em todas as etapas de sua preparação, visto que eles passam por um período de aprendizagem dos ritos para garantir a presevação dos cultos. Todos os segredos ligados aos rituais sevem ser passados para os

futuros pais e mães de santo, como a execução das oferendas, a utilização das folhas sagradas, as formas como se preparar um novo sacerdote e a interpretação dos búzios. O tempo de preparação é longo, durando no mínimo sete anos e sendo realizado apenas pela oralidade.

A religião também possui um conjunto de rituais destinados ao culto aos espíritos dos mortos – os Eguns. Estes rituais são bastante secretos e são cheios de práticas mágicas, não sendo dominados completamente por muitos sacerdores. Para a realização destes rituais, existe uma construção à parte no terreito, a Igbalé ou Casa dos Eguns, situada geralmente nos fundos, onde são realizadas as obrigações junto aos Eguns em datas especiais ou quando algum membro do terreiro falece. Para os Eguns, são oferecidos sacrifícios animais e comidas diversas, que fazem parte exclusiva destes rituais, não podendo ser utilizadas em outras ocasiões. Tal como os orixás, os Eguns possuem seus próprios cânticos, realizados em iorubá ao som de tambores, sendo os rituais realizados em dias diferentes para cada nação. Cabe ressaltar que não se pode falar o nome de Eguns dentro da casa ritualística, visto que a religião considera que é uma forma de chamar a morte e o mau agouro, posto que eles são seres que não trazem luz.

O Culto aos Egunguns

O Culto aos Egunguns é uma religião de matriz africana que celebra exclusivamente os ancestrais masculinos na tradição iorubá e nas tradicionais religiões africanas (enquanto o gheledé é a religião que culta os ancestrais femininos). É uma das maiores instituições de preservação das culturas africanas no Brasil, garantindo a continuidade do processo civilizatório dos negros escravizados na África e trazidos para a colônia durante o período escravista. É uma religião originada no Império de Oyo, fundado

por volta de 1400 pelos iorubás no território que atualmente se localiza no sudeste de Benim e no sudoeste da Nigéria, chegando ao Brasil durante o século XIX. Atualmente, a principal região onde se realiza o Culto aos Egunguns é a Ilha de Itaparica, na Bahia, ainda que ela esteja presente em diversas áreas do Brasil.

Um terreiro de Culto aos Egunguns é composto por um espaço público, localizado em uma das partes de um barracão voltado para as festividades, que pode ser frequentado por qualquer indivíduo que deseje conhecer a religião. Outra parte deste mesmo salão só pode ser ocupada pelos membros que já foram iniciados na religião, sendo o local para onde os Eguns vão quando são chamados para a demonstração pública. Além destes espaços, existe uma área aberta entre o barracão e a casa do segredo (o Ilê Igbalé), com um pequeno monte de terra que é preparado e consagrado para o orixá Onilé, tido pelos adeptos como a base de toda a vida na Terra. Há, ainda, um espaço privativo para o qual apenas os membros mais altos da hierarquia conseguem acesso: é onde fica a casa do segredo, com os assentamentos coletivos (objetos e oferendas que representam os orixás e entidades, sobre os quais sua força espiritual é consagrada) e onde são guardados os instrumentos e roupas rituais.

No continente africano, o Culto dos Egunguns era um culto exclusivo dos homens, sendo a principal liderança representada pelo Alápini, que tinha os Ojés como seus ajudantes. Seus membros são chamados de mariwós. De acordo com a tradição, o orixá Xangô foi o fundador do Culto dos Egunguns, sendo o único que possui o poder de controlá-los. Por esse motivo, a religião se tornou o culto aos ancestrais masculinos nagôs, ao chegar ao Brasil. Ao ser trazido pelos negros escravizados, era uma religião secreta – mais ainda do que as demais religiões de matriz africana – visto que cultua os espíritos dos mortos (os egunguns).

A primeira referência conhecida sobre a religião remonta ao historiador Nina Rodrigues, em 1896, que cita duas casas de Culto aos Egunguns, mas existem relatos de terreiros desta religião fundados por africanos desde o início do século XIX. As casas de Culto aos Egunguns mais famosas na história brasileira são o Terreiro de Vera Cruz, fundado nos anos de 1820 na Ilha de Itaparica por Tio Serafim; o Terreiro de Mocambo, surgido uma década depois na mesma ilha, sob a liderança do africano Marcos o Velho; o Terreiro da Encarnação, no povoado de mesmo nome, fundado na década de 1840 por João Dois Metros (dada a sua estatura), filho de Tio Serafim; o Terreiro de Tuntun, criado pelo filho de Marcos o Velho, Tio Marcos, também na Ilha da Itaparica, por volta de 1850. Por fim, o Terreiro do Corta-Braço, na mesma área, unindo os praticantes de capoeiras sob a liderança de Tio Opê.

Em uma casa de Culto aos Egunguns, apenas os homens podem ser iniciados dentro dos rituais com os orixás, tornando-se ojés ou baba ojés, apontando para uma rígida hierarquia patriarcal, mesmo que existam outras funções para as mulheres. O alápini é o sacerdote supremo de todos os alagbás, que são os chefes de cada um dos terreiros do Culto aos Egunguns. Os ojés são aqueles que foram iniciados com todos os rituais completos, enquanto os ojés agbás são os anciãos. Os membros do terreiro que começaram os ritos, mas ainda não os terminaram são chamados de amuixan, enquanto os tocadores de atabaques são os alagbês. As mulheres, por sua vez, possuem outros cargos diferentes: aquela que responde pelas mulheres frente aos homens é a iyalode, enquanto a que chefia as mulheres entre elas é a iyá egbé. Existem, ainda, os postos de cantadoras (erelu), adoradoras de egungum (ató) e aquela que recruta as atós (iyá agan).

Dentro da tradição nagô, como na jeje e na congo-angola, existe o culto dos ancestrais. No caso nagô, há três formas de realizar este culto. O primeiro é através do Esa, que são os ancestrais coletivos de todos os afrodescendentes do Brasil, sendo um tipo de celebração que se refere à comunidade como um todo. O que ressalta o Esa é seu destaque em vida pelo serviço à comunidade e por continuar sua atuação no outro plano, permitindo que os adeptos da religião mantenham seu bom desenvolvimento. Eles são invocados e também cultuados em diversos momentos. Além dos Esa, são também cultuados os Egunguns, espíritos dos ojés (membros iniciados com os rituais completos) africanos ou brasileiros que já morreram. Há, ainda, o culto das Iya-mi Agba, que são os espíritos femininos maternos cultuados de forma genérica (como uma mãe anciã de todos).

O Tambor de Mina

Tambor de Mina é o nome dado de forma genérica às religiões afro-brasileiras desenvolvidas nos estados do Amazonas, do Pará , do Piauí e do Maranhão, advinda da combinação de um instrumento ritualístico de grande importância utilizado nestes cultos religiosos, o tambor, e a forma como os africanos escravizados vindos da costa leste da República de Gana, do Benim, do Togo e da Nigéria, anteriormente chamada de Castelo de São Jorge da Mina, eram chamados ao chegar no Brasil (como negros-mina, mina-jejes ou mina-nagôs). O estado do Maranhão, principalmente se transformou em um importante núcleo de atração de escravos, especialmente entre 1750 e 1850, para o trabalho na construção de casarões e outras grandes construções, além do cultivo da cana-de-açúcar e do algodão. Estes trabalhadores se concentraram especialmente em São Luís, na Baixada Maranhense e no Vale do Itapecuru, transformando estas

regiões em locais de grande arquitetura e de centros religiosos importantes.

Como outras religiões de matriz africana, o Tambor de Mina é caracterizado por ser uma religião que demanda um processo de iniciação demorado seus adeptos, mas não conta com uma cerimônia pública de saída de orixá (quando o iniciado termina sua iniciação), sendo feita com muita discrição apenas no interior do terreiro. Pouquíssimos fiéis recebem a iniciação completa e chegam a graus elevados do trabalho mediúnico. O contato com os orixás e entidades é feito através do transe ou possessão, de forma sempre discreta, o que faz com que a religião seja conhecida como a maçonaria dos negros por apresentar muitas características das sociedades secretas mais tradicionais. Dentro dos locais mais sagrados de culto (os pejis ou cômes), apenas os iniciais em altos graus de desenvolvimento podem penetrar. O processo de transe é tão discreto que somente alguns detalhes da vestimenta levam à sua percepção – ao entrar em transe, geralmente a pessoa recebe um símbolo, como um pano branco amarrado no braço ou na cintura. Em algumas casas, a entidade gira em torno de si mesma no sentido contrário ao do relógio, realizando uma dança.

Nesta religião, cerca de 90% dos adeptos são mulheres, o que leva à concepção de que ela é composta por uma hierarquia matriarcal. Os homens são responsáveis principalmente pelo toque dos abatás, os tambores, além de algumas atividades rituais, como os sacrifícios dos animais de quatro patas e o transporte das oferendas para o local correto. Poucas casas são dirigidas por homens e têm maior presença masculina, possuindo inclusive homens sendo possuídos por entidades. De forma geral, há dois modelos de Tambor de Mina: o Jeje é mais antigo e se estabeleceu em torno da Casa Grande das Minas (fundada em 1840), sem

terreiros filiados, cujos cânticos são feitos em língua jeje e apenas são recebidos os voduns (divindades jejes organizadas em clãs, como Davice, Dambirá, Quevioçô, Aladanu e Savalunu); o tipo Nagô, que tem como base a Casa de Nagô (fundada no mesmo período), cultua voduns, orixás e encantados (que são espíritos de pessoas que viveram na terra, sendo chamados de gentis, se tiverem origem europeia, de caboclos, caso sejam indígenas, ou de turcos, se tiverem origem mourisca), dando origem a uma série de casas espalhadas pela região.

A cultura popular dos estados em que o Tambor de Mina está inserido, especialmente do Maranhão, tem muita ligação com a religião. De tempos em tempos, várias festividades solicitam as entidades recebidas nestes terreiros, como a Festa do Divino Espírito Santo, o Bumba-meu-Boi e o Tambor de Crioula. Além disso, os grupos de dança ligados à religião se reúnem de forma frequente para homenagear as entidades que lideram a casa. Tais festas podem ser feitas em homenagem aos caboclos, aos gentis e aos voduns, visto que os toques e os cânticos vão mudando de acordo com a entidade que se quer homenagear, compondo uma liturgia interessante com muitos objetos e vestimentas.

O Terecô

O Terecô, também conhecido como Tambor da Mata, é uma religião afro-brasileira associada principalmente ao estado do Maranhão, especialmente à região do município de Codó, no cerrado, localizado cerca de 300 quilômetros de São Luís, a capital do estado. A prática religiosa não se restringe ao território maranhense, estando presente no Piauí e no Rio Grande do Sul, além de se integrar a outras religiões de matriz africana, como a Umbanda e o Tambor de Mina. Também é responsável pelo desenvolvimento do Babassuê (conhecida também como

Encantaria de Maria Bárbara Soeira), uma religião definida em 1937 por Mario de Andrade.

As manifestações mais antigas do Terecô remontam ao período anterior à abolição da escravidão no Brasil, quando os negros escravizados que trabalhavam nas fazendas de algodão da região de Codó praticavam a religião de forma secreta, dentro das matas que circulavam as lavouras. Com o término do período escravista, os locais de culto teriam sido transferidos para alguns vilarejos povoados principalmente por ex-escravos e também para as margens da Lagoa do Pajeleiro, em Codó. Aos poucos, foram sendo erigidos os primeiros salões para que os descendentes dos antigos escravos e outros grupos trabalhadores pudessem dar continuidade às práticas religiosas.

Ainda que diversos elementos do Terecô possam ser identificados como nagôs e jejes, sua identidade é mais ligada à cultura banto, transmitida pelos escravos cabinda e angola, possuindo como língua ritual o português (e não o iorubá). A origem etimológica do nome da religião é muito imprecisa: durante muito tempo, acreditou-se que ele fizesse referência ao som dos tambores usados na mata para os cultos, mas atualmente já se acredita que sua origem se ligasse ao conceito "teeleko", que remonta à ideia de louvar ou de celebrar através de tambores.

As práticas mais importantes do Terecô dizem respeito aos poderes de cura sobre as enfermidades que as mães e pais de anto possuem dentro de seus terreiros. Em Codó, como em diversas outras regiões maranhenses, existe a fama de que os terecozeiros (como são chamados os adeptos desta religião) são capazes da lançar feitiços ou de curá-los, tendo poderes ligados aos conhecimentos ocultos dos velhos africanos, dos indígenas e de outas religiões que praticam a feitiçaria (ou a Encantaria, a magia das matas). A religião cultua certos voduns da África e permite os

transes, provocados apenas pelos "voduns da mata". As divindades cultuadas são organizadas através de uma hierarquia de famílias: a principal delas está ligada a Légua Boji Boá da Trindade, o príncipe guerreiro e preto velho angolano, que é filho da Rainha Rosa e de Dom Pedro Angassu.

A linha mais tradicional do Terecô inicia seu culto com o canto em um idioma africano (em um ritual conhecido como louvaria), dizendo o nome das principais entidades, repetindo o termo "novariê". Na maioria dos casos, o acompanhamento musical é feito com um grande tambor de única membrana, o Tambor da Mata, podendo trazer também outros tipos de tambor, como o abata, o atabaque, além de maracás. O terreiro é um espaço privado para o culto, ao redor da casa, aberto para a realização de danças ao ar livre – acredita-se que existam cerca de 300 terreiros de Terecô apenas em Codó, o que lhe concedeu o título de capital da magia. A presença masculina é bem maior no Terecô quando comparada a outras religiões afro-brasileiras, utilizando-se uma roupa muito elaborada que lembra a dos padres católicos. Durante o culto, os adeptos usam chapéus de vaqueiro, boinas, chapéus de feltro e quepes.

O Xangô de Pernambuco

O Xangô de Pernambuco é uma religião afro-brasileira proeminente na região concebida entre a Bahia e a Paraíba. Nesta área, a influência do povo iorubá, também conhecido como nagô (uma etnia africana formada por mais de 30 milhões de pessoas), foi muito maior durante o período da escravidão colonial do que do povo de Daomé. Também conhecida como Nagô Egbá, Xangô do Nordeste e Xangô de Recife, a religião recebeu o nome de "Candomblé" pelos brancos na colônia, devido à dança feita pelos negros no período, de grande popularidade e importância cultural,

ainda que difira em diversos pontos da religião Candomblé que conhecermos.

A religião recebe esse nome porque Xangô, o orixá da Justiça, dos raios, senhor das almas e das pedreiras, é considerado como o mais cultuado em todo o Brasil, visto que muitos dos negros escravizados trazidos da África eram filhos deste orixá. Em algumas regiões africanas, quando uma casa é atingida por um raio, seu proprietário deve pagar uma multa ao governo, visto que se acredita que a pessoa está em dívida com Xangô, despertando sua ira e levando os sacerdotes iorubás até essa casa, na busca das pedras de raio que concentram o poder (o "axé") de Xangô.

A religião é marcada pelo culto a diversos orixás ligados à cultura iorubá, dentre os quais podem ser destacados Ogum, Odé, Orixalá, Nanã, Exu, Iemanjá e Iansã. Também é importante ressaltar o culto a Orumilá, responsável pelo jogo de búzios e pela determinação da vontade dos orixás sobre os homens. Dentre as principais diferenças do Xangô de Pernambuco para as outras religiões afro-brasileiras está a proximidade e a clareza dos orixás em relação aos homens: cada devoto assume para si mesmo o pertencimento a um orixá, de tal forma que passa assimilar as preferências, os gostos e os comportamentos ligados de forma usual ao seu orixá-guia, em uma relação íntima rodeada por ações que vão além dos limites da adoração.

Conscientes de que o orixá acompanha seu filho para o resto da vida, o fiel desta religião impõe a si mesmo uma série de obrigações, responsáveis por reforçar seu elo e sua subordinação ao seu orixá. De forma geral, tais obrigações se realizam por meio de sacrifícios animais, passando a receber a proteção e a bênção para a resolução de problemas nas esferas profissional, financeira, amorosa e afetiva. Além dos sacrifícios, a religião também realiza danças para que se alcance o estado de transe, quando os devotos

mesclam sua própria personalidade com a de seu orixá-guia. Nesse momento, todas as instâncias psíquicas e físicas do fiel são tomadas pela força do orixá-guia, em um estado de congraçamento.

Dentro da religião, existe o conceito de "pureza nagô", visto que os terreiros e casas de culto constroem sua identidade tendo como ponto de referência principal o conceito de "nação", vinculando-se à sua origem na África, ligando sua abertura às práticas religiosas realizadas antes do período da abolição da escravatura. Os terreiros mais antigos e mais tradicionais são aqueles de "nação nagô", trazendo a maior autenticidade e pureza, conservando sua organização e preservando seus cultos e práticas. O Xangô de Pernambuco, dessa forma, seria uma das religiões afro-brasileira que mais conservaria as formas de culto como as da África. No entanto, os pesquisadores mostraram com o tempo que estas práticas religiosas modem se transformar, discutindo a importância dos indicadores de "pureza".

No início do período republicano, a religião chegou perto de sua extinção. Em 1 de fevereiro de 1912, em meio a um movimento de intensa violência nas ruas de Maceió (capital do estado de Alagoas), os maiores e mais importantes terreiros de Xangô do estado foram invadidos e destruídos. A importância da religião como memória cultura africana levou ao tombamento de algumas casas. O Sítio de Pai Adão foi tombado pela FUNDARPE, a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, e todo o conhecimento ancestral foi transmitido de forma sucessiva para os pais de santo que coordenaram a casa desde então (Obalonein, Fatemi e Oluandê), que hoje está sob os cuidados de Osunaloji, conhecido popularmente como Pai Milton. A casa deu origem a vários outros terreiros, como a Casa Fanti Ashanti. Tendo Iemanjá como patrona, a casa é responsável por

transmitir a cultura afro-brasileira, incentivando inclusive os desfiles de maracatu.

A Santeria

A Santeria é uma religião fundada pelos iorubás, característica da região da Nigéria, na África Ocidental. Ela foi trazida para a América através dos africanos escravizados levados para América Hispânica para o trabalho nas lavouras açucareiras, que carregaram consigo suas tradições espirituais. Quando foram forçados a passar pelo processo de cristianização pelos seus proprietários, estes homens e mulheres esconderam de forma estratégica seus segredos religiosos no imaginário dos santos católicos de seus donos. Ela também recebe outros nomes, como Lukumi e Regla de Ocha, mesclando elementos da tradição iorubá com crenças católicas. É muito praticada em Porto Rico, no Panamá, na República Dominicana, em Cuba e em núcleos de população latina nos Estados Unidos, como a Califórnia, a Flórida e Nova York. O significado literal do nome da religião é "caminho dos santos", sendo um termo criado de forma pejorativa pelos espanhóis para ridicularizar a fé dos africanos escravizados e sua negação ao culto ao Deus cristão.

As práticas religiosas da Santeria não são determinadas por um conjunto de crenças central (um credo), ainda que seus fiéis reconheçam as bases de suas cerimônias e rituais, que são transmitidos também entre as gerações. Eles ocorrem um templo, a casa de santos, também chamada de ilé, geralmente localizados nas residências dos sacerdotes iniciados. Cada ilé é construído em homenagem a um orixá diferente, tendo um altar (igbodu) específico. Em cada altar, são dispostos três tronos diferentes, cobertos com cetim vermelho, branco e azul royal, representando os reis, rainhas e guerreiros transformados em deuses. A partir de

cada graduação obtida no terreiro, o médium passa a se sentar em um dos tronos.

A diferenciação dos fiéis também é visível nas roupas e nas formas de conviver na comunidade. Os santeiros se preocupam com a linhagem ritual em suas cerimônias, além de cuidarem também com os laços de parentesco ritualístico e com a hierarquia ritual durante o convívio cotidiano. É comum que eles levem a hierarquia de dentro dos ilés para fora, considerando as responsabilidades dos pais de santo para pedir conselhos sobre a vida, para a exigência de respeito ou para conseguir ensinamentos. É comum que eles cobrem os frutos dessas ligações – como o pedido de atenção de um padrinho a uma afilhada.

A religião possui uma visão de mundo baseada em um conjunto de divindades iorubás, que se torna conhecida a partir dos patakines, um grupo de textos transmitidos exclusivamente de forma oral, composto por histórias que lembram as parábolas da Bíblia, além de outros personagens fixos. A principal forma de transmissão de conhecimento na religião é a oralidade, especialmente por meio da contação de histórias e dos ensinamentos de práticas e rituais entre as gerações, sem nenhum tipo de registro escrito, ressaltando a importância do passado para o presente. Todos os tipos de atividade ritual dos santeros é iniciada pela moyubá, um tipo de invocação em que os fiéis recitam os nomes dos rituais que eles consideram fazer parte de sua linhagem. Eles também conclamam o nome de seus antepassados que acreditam auxiliar na ligação com os orixás. Os rituais são muito secretos, contando também com danças, transes e incorporações de orixás, além de sacrifícios animais, especialmente de galinhas.

Ser evangélico no Brasil: a pluralidade de igrejas e doutrinas

Nas últimas décadas, tornou-se muito comum a criação de categorias "gospel" no mercado cultural: música gospel, literatura gospel, filmes gospel. Mas o que significa ser gospel? O conceito vem do termo inglês "God spell", que retoma a mensagem de Deus presente nas palavras presentes nos Evangelhos – a "boa nova". Em sua origem, desta forma, gospel é tudo aquilo que faz referência à mensagem direta de Jesus Cristo nos livros dos evangelhos, especialmente aos seus ensinamentos, dentro da cultura religiosa protestante. No entanto, este termo passou a ser utilizado de forma mais comum a partir do século XIX, nos Estados Unidos, passando a designar uma nova forma de expressar a religião.

O século XIX viu o alvorecer de uma cultura afro-americana, forjada lentamente desde a chegada dos primeiros escravos às Américas. Nos Estados Unidos, foram vistos três processos concomitantes, que incluíram a fusão dos elementos comuns ou compatíveis entre as culturas originárias dos africanos, os intercâmbios entre africanos, europeus e americanos, que deram origem a uma série de produtos religiosos mistos e, por fim, às dinâmicas inovadoras que favoreceram a criação de formas novas e autênticas de produção da cultura. Nesse momento, os estados do sul do país passaram a desenvolver uma cultura característica que passou a congregar elementos africanos e europeus, forjando a identidade sulista baseada na religião protestante. A ortodoxia protestante das igrejas do sul impôs um tom moralista e conservador desde o século XIX na região, delimitando os espaços étnicos.

As igrejas populares do Sul (Metodista, Batista e Presbiteriana), por sua vez, começaram a apropriar-se de alguns elementos característicos dos cultos dos africanos que trabalhavam nas lavouras de algodão, como um esforço para cristianizá-los. O uso de instrumentos musicais começou a ser recorrente nos cultos e a combinação entre sons, movimento, emoção e interação da comunidade como o foco da fé tornou-se cada vez mais central. Esta apropriação gerou, nos estados do sul dos Estados Unidos, o que conhecemos como cultura gospel, a partir das primeiras décadas do século XX. Gospel (que significa "Evangelho", em inglês) tornou-se, naquele momento, o gênero musical nascido nas comunidades negras protestantes, que se apropriava tanto das letras e ritmos dos *negro spirituals* (as músicas características cantadas nas lavouras) e quanto das músicas religiosas populares do movimento *revival* (ou reavivamento) do século XIX.

Cabe ressaltar que a igreja cristã nos Estados Unidos é a instituição mais segregacionista da nação – mas não por lei e sim por escolha: afro-americanos vão a igrejas cuja audiência é predominantemente negra, enquanto brancos frequentam congregações de maioria branca. Essa diferença refletiu-se na música, pois o conceito de música gospel vai denominar a música religiosa afro-americana, enquanto o termo "música cristã" é utilizado quando se fala de canções religiosas para audiências brancas. A difusão das mensagens evangélicas deu-se de diversas formas, através dos hinários tradicionais do protestantismo, mas principalmente através das gravações das canções, que atualizam as mensagens protestantes, ressiginificando dogmas, doutrinas, comportamentos morais e a relação do homem com sua espiritualidade. A produção de sentidos religiosos ganha corpo a partir do momento em que se utilizam vários meios de comunicação, pois ainda que esteja inscrita em um universo de

limitações e reservas, desloca e supera limites dentro da cultura. A música gospel tornou-se uma criação pertencente a um período específico, regida por um suporte cultural e histórico determinado, que intensificou a experiência do divino e auxiliou a manter a coesão na comunidade religiosa. Como os protestantes não são afeitos às artes visuais (visto que não aceitam o culto às imagens), desenvolveram o louvor cristão na forma de canto congregacional – a música aliada à palavra.

A utilização do canto congregacional, com músicas fáceis e refrões que se repetem, possibilitou que fiéis analfabetos ou pouco alfabetizados decorassem e compreendessem conceitos religiosos de forma emocional e lúdica, intensificando a participação destes na vida religiosa. Os hinos permitiram a circulação de diferenças dogmáticas, teologias e declarações de fé, reavivando o sentimento religioso. As canções que os negros estavam acostumados a cantar durante seu trabalho foram assimiladas e apropriadas para o ambiente religioso. Os *spirituals* ou *negro spirituals* foram músicas criadas pelos escravos africanos que viviam nos Estados Unidos, como expressões da fé religiosa, e contavam sobre a dureza do trabalho escravo ao mesmo tempo em que conjugavam muitos ideais cristãos – e a música foi a forma escolhida para compartilhar a experiência física, emocional e cotidiana desses homens.

O movimento *revival* – ou reavivamento -, por sua vez, teve dois momentos distintos nos Estados Unidos. O primeiro deles ocorreu no século XVIII, como uma reação à secularização resultante do Iluminismo, tendo Jonathan Edwards como sua liderança principal. O segundo deles ocorreu no século seguinte, apresentando-se como um movimento de caráter urbano e evangelista, tendo Dwight L. Moody como líder principal. Nesta segunda fase, foram enfatizadas a necessidade da conversão imediata, a soberania de Deus sobre todas as coisas e a organização

da vida em busca da salvação. As reuniões do movimento *revival* eram adensadas por pregações, orações e cânticos, que abriram espaço para manifestações emocionais (muitas delas condenadas pelos líderes religiosos) – e as composições musicais acompanharam o tom popular e emocional destes cultos.

Com o desenvolvimento da cultura gospel, no início do século XX, uma nova forma de relacionamento entre igreja e sociedade surgiu no sul dos Estados Unidos, dando origem a um novo modo de viver do protestante, que resultou numa modernização de superfície ao que a música respondeu como principal elemento associativo. Nota-se certa relativização da ética protestante discutida por Max Weber, que redimensiona a santidade puritana de repressão do corpo e valoriza a expressão corporal tanto no culto quanto nos espaços de lazer e entretenimento criados para os evangélicos. A trajetória do desenvolvimento da cultura gospel, especialmente em sua vertente musical, está fortemente imbricada com a história e a memória da cultura negro-mestiça norte-americana. A longa trajetória de luta e resistência empreendida por esses agentes foi redimensionada em um persistente trabalho de resgate da memória e história de seus antepassados africanos, conjugando esses valores com a religião protestante que proferiam.

O que são os Evangelhos?

Os Evangelhos compõem um gênero literário característico do Cristianismo primitivo que busca contar toda a vida e a origem de Jesus Cristo, a figura principal das religiões cristãs, buscando preservar seus ensinamentos e mostrar os aspectos que comprovam a sua natureza divina, para além de sua existência histórica. Mais do que um simples gênero literário comum, como o romance ou o suspense, eles são um convite à

participação do leitor ao universo religioso do Cristianismo, visto que sua intenção não é apenas traçar uma biografia de Jesus Cristo, mas apresentá-lo como o salvador da humanidade e o filho único de Deus, representante direto dele em Terra. Durante os séculos, a igreja determinou que quatro Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João) são os únicos aceitos como autênticos para a grande maioria dos cristãos – são conhecidos como Evangelhos Canônicos ou Sinóticos. No entanto, existem muitos outros Evangelhos que não fazem parte da Bíblia, como o Evangelho de Maria Madalena, sendo conhecidos como Evangelhos Apócrifos.

De forma literal, o conceito de "Evangelho" significa "a boa nova", sendo oriundo do grego que trata da "boa mensagem" (euangelion). De forma geral, o texto dos Evangelhos seguem um modelo, começando com o nascimento de Jesus de Nazaré, na cidade de Belém, na Judeia, provavelmente no ano 6 a.C. – a diferença entre o nascimento efetivo de Jesus e o "ano zero" do calendário cristão ocorreu por um erro na datação, ocorrido no século VI, quando a Igreja Católica decidiu reformular o calendário por ordem do papa, sendo o monge Dionísio Exíguo encarregado para esse fim. Os textos dos evangelhos contam que Jesus era filho do carpinteiro José e de Maria (também concebida pelo Espírito Santo, sem a mácula do pecado original), tendo nascido no fim do reinado do imperador Herodes Antipas, quando Roma dominava a região da Palestina. Como seu mandato terminou em 4 a.C., sabemos sobre o erro na datação do calendário. O dia do nascimento de Jesus é desconhecido, mas foi atribuído ao dia 25 de dezembro somente no século VI, para coincidir com as festividades de fim de ano que celebravam o solstício de inverno.

Segundo o Evangelho de Lucas, Jesus acabou nascendo em Belém porque, naquele período, o imperador Augusto obrigou todos os súditos de Roma a se registrarem no primeiro censo

imperial, fazendo com que todos tivessem que voltar à sua cidade de origem para o alistamento – e Belém era a cidade originária da família de José, fazendo com que ele e Maria, grávida, retornassem à cidade. O Evangelho de Mateus, por sua vez, mostra que José descobriu durante um sonho que Maria teria um menino concebido pelo Espírito Santo e que, no nascimento de Jesus, os três reis magos, membros de uma casta persa de sábios, seguiram uma estrela cadente que os levou a Belém, para entregar os presentes para a criança: a mirra (um presente tradicional para um profeta antigo, usado para embalsamar corpos, representando a imortalidade); o ouro (o típico presente dado para um rei) e o olíbano (o incenso, a lembrança dada para um sacerdote da Antiguidade, representando a espiritualidade).

O texto dos evangelhos mostra que a família de Jesus o levou para o Egito e depois para a cidade de Nazaré, localizada na Galileia (localizada atualmente no norte de Israel). Segundo o Evangelho de Mateus, a fuga para o Egito se deu para escapar de uma ordem de Herodes, que mandou que seus soldados matasem todas as crianças nascidas em Belém com menos de 2 anos, ao receber a notícia de que o "Filho de Deus" tinha nascido naquela região. Toda a infância de Jesus foi passada na Galileia e, aos 12 anos, viajou pela primeira vez com seus pais para Jerusalém, para a celebração da Páscoa judaica, o Pessach. Ao retornarem para a Galileia, Maria e José notaram que Jesus não os acompanhava, encontrando-o três dias depois no Templo de Jerusalém, travando uma longa conversa com os sacerdotes. Como Jesus era judeu, ele passou pela celebração de sua maioridade religiosa aos 13 anos, o bar mitzvah. Os Evangelhos de Mateus e Marcos informam que Jesus teve 4 irmãos: Thiago, José, Simão e Judas, além de duas irmãs cujos nomes não são citados. Tais irmãos seriam os fundadores da nação de Israel. Os historiadores seguem um

consenso de que Jesus passou a seguir o grupo dos essênios aos 20 anos, uma das divisões dos judeus contra os romanos, especialmente a partir do momento em que Pôncio Pilatos passou a governar a Judeia, desdenhando da fé judia por seu monoteísmo – tanto os essênios como o Cristianismo primitivo chamavam Deus de "pai", pregavam a pobreza voluntária e abriam mão dos bens privados.

Os evangelhos mostram que Jesus, já em sua idade adulta (por volta dos 30 anos), solicitou a João Batista para ser batizado. João Batista era um pregador da transformação e do arrependimento que utilizada do batismo nas águas do Rio Jordão como uma forma de purificar os homens que o seguiam, unindo a prática à confissão dos pecados e aos votos de uma vida digna e honesta. Após a purificação, Jesus dá início a uma vida de pregações e milagres, de acordo com o texto dos evangelhos. Tanto Jesus quanto João Batista viam o mundo dividivo entre forças do bem e forças do mal, acreditando que Deus iria intervir para acabar com o sofrimento do mundo. João Batista foi morto por ordem do Rei Herodes Antipas – filho do rei Herodes – como vingança pelas críticas feitas pelo profeta ao rei, que havia violado um dos mandamentos da lei judaica.

Ainda que os milagrade de Jesus Cristo sejam a parte mais conhecida de sua trajetória, sua grande maioria foi realizada em apenas 3 anos de sua vida. Os evangelhos mostram que Jesus precisou se retirar para um lugar deserto, por onde passou por diversas provações. Logo em seguida, realizou o milagre da multiplicação dos peixes e dos pães, em uma festividade de casamento a pedido de sua mãe. Também realizou a cura de Lázaro, andou sobre as águas e realizou a multiplicação dos peixes em Genesaré. Os evangelhos trazem um total de 37 milagres. Por fim, os evangelhos tratam da celebração da Páscoa com os 12

apóstolos – a Última Ceia – anunciando que seia traído por um dos presentes. Na mesma noite, os textos contam que a traição de Judas Escariotes foi confirmada por 30 moedas de prata, dando início ao julgamento e à crucificação de Jesus. Os Evangelhos contam que Maria visitou o túmulo de Jesus no terceiro dia após sua morte, mas encontrou a pedra que o fechava movida e o sepulcro vazio. Os textos mostram que Jesus apareceu para sua mãe confirmando sua ressurreição. Independente da religião que cada pessoa segue, os evangelhos se transformaram em uma importante fonte histórica para o conhecimento sobre uma das religiões que mais influenciam o mundo ocidental.

Os cânones bíblicos são o conjunto de textos ou de livros religiosos cristãos aceitos como aqueles que são inspirados por Deus e que afirmam a autoridade religiosa sobre toda a comunidade. O termo "cânone" tem origem no grego, significando "régua", indicando a medida a partir da qual todos os documentos e práticas devem se orientar. O Cristianismo foi o primeiro a utilizar o conceito para se referir às suas Escrituras, mas os estudiosos acreditam que a ideia teve origem no Judaísmo – visto que a maioria das religiões possui seu próprio conjunto de textos canônicos. Os cânones cristãos são considerados como "fechados", visto que são livros que não podem mais ser modificados, removidos da Bíblia ou acrescentados, o que aponta para a crença de que a revelação de Deus já está encerrada e, assim, um grupo de pessoas foi capaz de unir os textos inspirados e aprová-los em um cânone completo com autoridade para reger a religião – a Bíblia. Para os fieis, os livros canônicos são aqueles inspirados por Deus que expressam as relações entre seu povo e sua divindade.

O processo para a escolha dos livros canônicos é bastante complexo, especialmente no caso dos Evangelhos, que narram a

vida da figura mais importante do Cristianismo. Nas primeiras comunidades cristãs, circularam vários escritos atribuídos aos apóstolos, como as epístolas de Paulo. Neste período, já havia alguma disputa sobre a aceitação das cartas de Tiago, de Judas, de Pedro, dos Hebreus, de João e sobre o Apocalipse (um conjunto conhecido como "Antilegomena", que significa "obras em disputa"). O primeiro a mencionar os quatro Evangelhos que conhecemos como os escolhidos como canônicos foi Eusébio de Cesareia, em 330. Em 383, o Papa Dâmaso I encomendou uma versão em latim da Bíblia para Jerônimo – a Vulgata – confirmando apenas os quatro evangelhos sugeridos por Eusébio de Cesareia anos antes.

A maior parte das denominações cristãs aceitam somente quatro Evangelhos como legítimos (canônicos): Mateus, Marcos, Lucas e João, sendo estes os que passaram a integrar o Novo Testamento bíblico. Dentre eles, o que aparente ser o livro mais antigo é o Evengelho de Mateus, enquanto o de João é o mais recente de todos eles, contando com caraterísticas bastante peculiares. O livro de Mateus é marcado por uma série de citações ao Antigo Testamento, visto que foi escrito direcionado para os judeus como uma forma de provar que Jesus era o Messias presente nas profecias, relatando a vida de Cristo desde seu nascimento até o momento de sua ressurreição, com destaque para seus milagres, seus ensinamentos e suas parábolas, através de 28 capítulos. O livro de Marcos, por sua vez, possui somente 16 capítulos e trata do ministério de Jesus, sendo voltado para o público romano. O Evangelho de Lucas, por sua vez, foi escrito tendo como público alvo o amigo de seu autor, Teófilo, tendo como continuidade o Ato dos Apóstolos, sendo muito rico em detalhes e tendo como princípio o nascimento de João Batista e seu ministério, buscadno mostrar que a salvação de Jesus Cristo

está próxima a todos os homens, indicando os vários contatos dele com os portadores de necessidades especiais, com os pobres, com os membros desprezados da sociedade de seu período e também com os ricos, através de 24 capítulos. O último dos Evangelhos canônicos é o livro de João, que possui estilo literário, tendo sido composto com direção aos gentios, enfatizando a divindade de Jesus através dos sete sinai que provariam que ele é o filho de Deus, criando muitas imagens e sentidos figurados em 21 capítulos. Cabe ressaltar que os Evangelhos canônicos que chegaram até os dias de hoje são reproduções, visto que os originais – escritos em grego – foram perdidos, restando apenas um fragmento do ano de 125.

Para a maioria das denominações protestantes contemporâneas, existem quatro critérios que determinam se um livro deve ser incluído como um cânone bíblico. O primeiro é sua origem apostólica: se ele for atribuído e baseado nos ensinamentos e no ministério da primeira geração de apóstolos ou de seus companheiros próximos, deve ser considerado canônico; se tiver aceitação universal, sendo reconhecido pelas principais comunidades cristãs antigas até o final do século IV, deve ser canônico; caso tenha utilização litúrgica, sendo lido publicamente para a Ceia do Senhor (o trabalho semanal religioso) nas primeiras comunidades cristãs, deve ser tido como canônico; se tiver mensagem teológica consistente e complemetar a outros textos, deve ser canônico. No entanto, a inspiração divina é o fator elementar para seu reconhecimento.

Por sua vez, os Evangelhos Apócrifos são um conjunto de textos (alguns, inclusive, anônimos), compostos nos primeiros séculos da Era Cristã, que foram vetados durante o Primeiro Concílio de Niceia e não são reconhecidos pelos cristãos ortodoxos e, por esse motivo, não foram incluídos no cânone do Novo Testamento. O conceito de "apócrifo" é oriundo do grego

e significa "coisas escondidas", sendo utilizado comumente para designar os livros que foram considerados úteis pela Igreja anteriormente, mas que não são inspirados divinamente. A partir do Concílio de Trento (1545-1563), o termo adquiriu conotação claramente negativa, passando a significar "falso". Mesmo sendo livros que descrevem a vida de Jesus, estes Evangelhos são considerados como ilegítimos pela maior parte das igrejas cristãs e, por isso, não entram no conjunto de textos sagrados (o cânone bíblico).

Além dos Evangelhos, existem outros textos apócrifos que descrevem também a origem e o fim do mundo, tal qual fazem o Gênesis e o Apocalipse da Bíblia. O cânone foi criado com o objetivo de unificar a fé cristã, delimitando o que deveria ser dito sobre Deus, sobre Jesus Cristo e para reforçar os dogmas cristãos. De acordo com o Cristianismo, aqueles textos que não possuem autoria de um apóstolo ou possuem conteúdo diferente do texto da Bíblia não podem ser considerados sagrados pela maioria das vertentes cristãs. Cabe ressaltar nem todas as denominações religiosas cristãs seguem o mesmo cânone de textos sagrados: por exemplo, a Bíblia dos católicos, possuem sete livros a mais do que a Bíblia dos protestantes. Mas quais são os Evangelhos apócrifos?

Em primeiro lugar, a falta de informações acerca da infância de Jesus Cristo nos quatro Evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João) fez com que os primeiros cristãos buscassem mais detalhes sobre os primeiros anos acerca da vida daquele que é considerado pelos cristãos como o Filho de Deus. Esta necessidade foi suprida por vários textos produzidos no século II, conhecidos como "Evangelhos da Infância" – nenhum dos quais é aceito pelo cânone da Bíblia, ainda que vários sejam bastante populares. O mais antigo deles é o Evangelho da Infância de Tiago (ou Proto-Evangelho de Tiago), que trata da vida dos

avós e dos pais de Jesus, sendo rejeitado por diferir muito do texto bíblico. Ele conta que Joaquim e Ana eram muito infelizes pela possibilidade de alcançarem a velhice sem terem filhos, até que o avô de Jesus decidiu partir para o deserto durante 40 dias e 40 noites em jejum, recebendo uma intervenção divina e, em seu retorno, sua esposa estava grávida de Maria. O mesmo Evangelho afirma que a mãe de Jesus foi recusada por seu noivo José, que apenas aceitou se casar com ela depois de ser ameaçado de graves castigos. Além dele, também existiu o Evangelho da Infância de Tomé. Ambos foram combinados muitos anos depois, ficando conhecidos como O Evangelho de Pseudo-Mateus.

Durante o período do Cristianismo primitivo, outros Evangelhos surgiram com um conteúdo bastante ligado ao Judaísmo, mantendo a Lei mosaica como centro da teologia. Dentre eles, estava o Evangelho dos Hebreus, o Evangelho dos Nazarenos e o Evangelho dos Ebionitas, que tentava manter as práticas do Antigo Testamento. Outros livros passaram a ganhar o formato de parábolas e ditados de Jesus, sem que formassem uma narrativa complexa: foi o caso do Evangelho de Tomé, um texto gnóstico que trata dos supostos milagres de Jesus Cristo durante a sua infância. O Evangelho de Judas foi revelado em 2006 pelo traidor de Jesus, mostrando que ele teria sido seu discípulo mais fiel (ao contrário do que dizem os quatro evangelhos canônicos), afirmando que Jesus teria pedido que ele denunciasse e guardasse o segredo dos outros apóstolos. O Evangelho de Filipe, por sua vez, afirmava que Deus era um devorador de homens e mostrava Maria Madalena como uma possível esposa de Jesus, sendo o texto-base para aqueles que acreditam que existe uma linhagem de descendentes de Cristo na atualidade (sendo a base para a criação do Código da Vinci). Há, ainda, um Evangelho de Maria Madalena, condenado como uma heresia, no qual Cristo ressuscitado indica a

seus discípulos a expansão do gnosticismo e avisa que não deixou leis, mas que transmitiu seus segredos a Maria Madalena.

Dois livros atribuídos ao apóstolo Pedro são considerados como apócrifos. Seu Evangelho circulou no século II e contava uma versão diferente do processo de ressureição de Jesus Cristo – que não teria "subido aos céus no terceiro dia", mas sim sido conduzido por dois anjos, tendo sido acusado pela heresia de docetismo, que afirmava que Jesus Cristo era apenas espírito (e não homem). Um fragmento do texto foi encontrado em 1886, na tumba de um monge egípcio, durante uma escavação realizada por arqueólogos franceses. O outro livro é o Apocalipse de Pedro, que descrevia as diversas punições sofridas para quem ia para o inferno (as mulheres que cometiam adultério eram penduradas pelos seus cabelos, os que pecaram ficavam mergulhados em um lago com sangue e restos mortais, aqueles que blasfemavam eram pendurados pela língua e os homossexuais deveriam subir e descer morros) e os prazeres para aqueles destinados aos céus.

Alguns evangelhos são consagrados somente para algumas denominações religiosas. O Evangelho de Enoque é considerado canônico apenas para a Igreja Ortodoxa da Etiópia, a Igreja Ortodoxa da Eritreia e a Igreja Judaica de Beta Israel. Enoque era o bisavô de Noé e o texto traz a história doa anjos caídos que fecundaram as humanas, chamados de vigilantes, criando uma raça de gigantes que devoram homens, sendo a causa do mal na Terra (e que não são citados na Bíblia). O Livro dos Jubileus, por sua vez, é canônico apenas para a Igreja Ortodoxa da Etiópia, dividindo a história do mundo em períodos de 49 anos (os jubileus) desde a Criação até o momento em que o profeta Moisés recebe os 10 Mandamentos. Em um dos momentos mais polêmicos, trata do casamento de Caim e Avan, sua irmã (filhos de Adão e Eva).

A Igreja Presbiteriana do Brasil

A Igreja Presbiteriana do Brasil é uma igreja protestante de orientação calvinista. Sua fundação se deu pela liderança de Ashbel Green Simonton, um missionário estadunidense, em 1862, na cidade do Rio de Janeiro. É a décima igreja protestante brasileira com maior número de fiéis, com aproximadamente 650 mil membros e mais de 5 mil templos e congregações espalhados pelo Brasil. Os estados de Rondônia e Espírito Santo possuem as maiores concentrações de presbiterianos do Brasil, com cerca de 1,2% de sua população, enquanto o Piauí e o Rio Grande do Sul possuem os menores percentuais (menos de 0,1%), o que faz com que a igreja invista em missões tanto na região nordeste como na região sul. Dois municípios se destacam pela grande população presbiteriana: na cidade mineira de Alto Caparaó, quase um quarto da população é presbiteriana, enquanto que em Palestina de Goiás esse número alcança 10,2%. Nos últimos anos, a Igreja Presbiteriana do Brasil tem se destacado por sua aproximação às minorias étnicas, criando missões específicas para os ciganos, os povos indígenas, os chineses, os hispânicos e os árabes, além de receber os imigrantes sírios refugiados da guerra civil. Há diversas igrejas presbiterianas étnicas, como a dos imigrantes haitianos, a igreja evangélica armênia, dentre outras.

O presbiterianismo surgiu no Brasil a partir do trabalho missionário de Ashbel Green Simonton, um pastor estadunidense nascido na Pensilvânia que estudou no Seminário Teológico de Princeton. Em 1858, passou a compor o Conselho de Missões da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América, escolhendo o Brasil como seu destino inicial. Aos 26 anos de idade (e dois meses após a sua ordenação como pastor), aportou no Rio de Janeiro, em 12 de agosto de 1859, realizando seu primeiro culto em português no ano seguinte. Aos poucos, o reverendo foi convertendo fiéis e

organizando formalmente a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, fundando o primeiro jornal protestante no Brasil (Imprensa Evangélica), em 1864, além do primeiro presbitério e seminário. Simonton faleceu em 1867, de febre amarela. O primeiro brasileiro a ser ordenado como ministro protestante foi o ex-padre José Manoel da Conceição, dois anos antes da morte de Simonton, sendo responsável pela expansão da igreja pelo interior de São Paulo e pelo sul de Minas Gerais. Em 1869, a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos enviou um grupo de missionários para a região de Campinas, para fortalecer o trabalho de expansão da igreja no país, permitindo seu alastramento por diversas áreas. Um dos principais feitos deste período foi a criação da Escola Americana, em 1870, que deu origem ao Instituo Presbiteriano Mackenzie, em funcionamento até os dias atuais.

A expansão da Igreja Presbiteriana do Brasil para o nordeste e para o norte do Brasil foi fruto do trabalho dos missionários estadunidenses que chegaram ao Brasil nos anos de 1870. John Rockwell Smith fundou a Igreja Presbiteriana do Recife, em 1878, ordenando diversos pastores brasileiros neste período. Em 1888, a instituição realizou seu primeiro Sínodo e se proclamou independente, desligando-se das igrejas dos Estados Unidos. A partir de então, surgiu um movimento nacionalista na igreja, no qual os pastores brasileiros se mostraram contrários à grande presença de estrangeiros, dando origem a um rompimento que levou à fundação da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, sob a liderança do reverendo Erasmo Braga. Depois de um novo Cisma, em 1940, um grupo conservador se separou e fundou a Igreja Presbiteriana Conservadora. Em 1956, um grupo liderado pelo reverendo Israel Guedes fundou a Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil. Em 1978, surgiu a Igreja Presbiteriana Unida do Brasil. Todas estas igrejas existem até os dias de hoje,

ainda que a Igreja Presbiteriana do Brasil corresponda por mais de 70% de todos os fiéis da religião.

A Igreja Presbiteriana do Brasil é uma igreja de orientação calvinista reformada, o que significa que tem a Bíblia como a única fonte de todas as suas práticas e de toda a sua fé. No entanto, a instituição também reconhece os três símbolos de Westminster como a exposição fiel das Sagradas Escrituras: a Confissão de Fé de Westminster, o Catecismo Maior de Westminster e o Breve Catecismo de Westminster. Estes documentos foram aprovados no século XVII pelo Parlamento inglês para a reorganização religiosa após as guerras envolvendo os calvinistas (puritanos). As doutrinas defendidas pela igreja concebem a Santíssima Trindade, as duas naturezas de Jesus Cristo (como homem e como figura divina), a predestinação e a eleição incondicional (que definem que o homem já nasce um "eleito de Deus), a justificação pela fé e a força da providência divina. A religião possui somente dois sacramentos: o batismo e a eucaristia, mas pede para que seus fiéis guardem seus domingos para o culto e para o contato com Deus. Os símbolos de Westminster afirmam que todo o poder é dado por Deus e, por isso, os cristãos precisam obedecer aos que têm poder (visto que eles só estão nos cargos porque Deus permitiu). No entanto, ressaltam que o poder político não pode interferir nas questões religiosas.

A Igreja Presbiteriana do Brasil costuma se posicionar de forma bastante clara acerca dos principais temas polêmicos da sociedade atual. Durante os debates acerca da legalização da prática do aborto, a instituição mostrou-se como rigidamente contrária, pois entende que a vida tem início no ato da fecundação – considerando apenas permitido pela Fé Cristã o aborto terapêutico, quando a continuidade da gestação pode levar ao óbito da mãe. Em 2006, a igreja afirmou que considera a maçonaria

contrária à fé cristã, dando um prazo para que seus membros se desligassem da instituição. Em 2007, a instituição mostrou-se contrária ao projeto de lei contra a homofobia (que criminaliza qualquer manifestação contrária aos homossexuais), pois afirmou que as práticas homossexuais são contrárias aos princípios cristãos, às Escrituras Sagradas e são consideradas como pecado e, ao proibir uma manifestação contrária a tais práticas, estaria ferindo a liberdade religiosa e de expressão. Em 2010, a igreja proibiu a dança e o teatro no culto público, compreendendo que estas expressões são contrárias ao que está escrito na Bíblia. Dois anos depois, a igreja tomou dois posicionamentos bastante polêmicos: colocou-se contrária ao movimento das igrejas em células (que tem crescido no Brasil), ao mesmo tempo que permitiu que as mulheres pregassem somente em caráter excepcional, sem que fossem ordenadas para o ministério e com a permissão do pastor. Em 2018, foi proibida a unção com óleo e o casamento entre parentes de até terceiro grau (como primos mais distantes).

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil é uma igreja protestante de orientação luterana, compondo a Federação Luterana Mundial. Sua sede está situada na cidade gaúcha de Porto Alegre, tendo como pastor presidente Nestor Paulo Friedrich. Por sua origem (a partir de uma das confissões criadas pela Reforma Religiosa do século XVI), a instituição é uma igreja dentre as protestantes históricas. De acordo com sua própria Constituição, ela se organiza em paróquias, comunidades e 18 sínodos, que são reuniões convocadas pelo Concílio da Igreja. De acordo com o Censo do IBGE de 2010, a igreja possui quase 1 milhão de fiéis ao

redor do país, sendo a oitava denominação protestante com o maior número de membros em todo o Brasil.

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil originou-se a partir da chegada dos imigrantes alemães luteranos, que se uniram às congregações suiças em 3 de maio de 1824, no município carioca de Nova Friburgo. Ao mesmo tempo, outro grupo de alemães luteranos chegou a São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em 25 de julho do mesmo ano. As duas comunidades tiveram a assistência de pastores pagos pelo governo imperial, mas os episódios foram únicos, pois o desenvolvimento e a expansão de novas comunidades impediu que esse apoio voltasse a ocorrer. A igreja começou a crescer com a chegada de novos grupos de imigrantes alemães, que se fixaram especialmente nas três províncias da região sul: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, ainda que grupos menores passaram a se estabelecer em outras regiões, como São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e no Espírito Santo. A comunidade evangélica luterana foi fundada na capital do Império em 1827. Em Santa Catarina, as primeiras comunidades começaram a surgir na metade do século XIX, em Blumenau, no ano de 1850, e no vilarejo de Dona Francisca (atual Joinville, em 1851). Em 1846, foi criada a primeira comunidade religiosa luterana no Espírito Santo, na cidade de Domingos Martins; em 1862, foi a vez de Minas Gerais, no município de Teófilo Otoni; já em 1873, os luteranos se estabeleceram na cidade paulista de Limeira, chegando ao município paranaense de Ponta Grossa quatro anos depois.

Durante os primeiros quarenta anos de seu estabelecimento, as comunidades luteranas ficaram bastante abandonadas e eram mantidas sem nenhuma formalidade. Elas surgiram como cultos domésticos, passando para o desenvolvimento de comunidades religiosas, com a elaboração de

estatutos e a eleição de diretorias. Como não conseguiam construir espaços de culto com o aspecto de uma igreja (visto que a Igreja Católica era a única religião permitida pelo Império), as comunidades erigiram escolas, utilizando-as como capelas para seus cultos. A falta de pastores formados fez com que as comunidades determinassem que seus membros com melhor formação exercessem tanto o magistério quando o ministério como pastores. Esse movimento vai se manter até 1864, quando a chegada de pastores vindos da Alemanha se torna mais regular. Eles são mandados pela Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América, pels Sociedade Missionária de Basiléia e pela Igreja Evangélica da Prússia. No momento da proclamação da República, há inúmeras comunidades luteranas na região sul e sudestes, fazendo com que fosse necessária uma maior articulação entre elas. Para isso, estas comunidades foram organizadas de forma regional, o que recebeu o nome de Sínodo. Em 1886, foi criado o Sínodo Rio-Grandense da Igreja Evangélica Alemã, liderado pelo pastor Wilhelm Rotermurd, sendo o primeiro de todos eles. Aos poucos, foi fundada a Federação Sinodal que, em 1968, recebeu o nome de Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, sendo dividida por distritos e regiões eclesiásticas.

A doutrina da igreja se baseia nos ensinamentos de Martinho Lutero, acreditando que a salvação do homem é dada através da fé e da graça, indo na contramão das ideias de outras denominações protestantes que afirmam que são as boas obras do homem que garantem que ele seja salvo. Os luteranos brasileiros também utilizam outros livros do reformador para o ensino de sua doutrina: o Catecismo Menor é ensinado somente aos que já possuem algum aprofundamento da teologia da igreja. Já o Catecismo Maior é aquele ensinado aos adultos. Além destes documentos, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

aceita em seus ensinamentos o Livro de Concórdia (publicado em 1580 para esclarecer e estruturar os princípios da fé luterana) e a Confissão de Augsburgo (uma declaração pública da fé luterana dos príncipes, publicada em 1530 como uma reação à Igreja Católica). A igreja possui apenas dois sacramentos: o batismo e a Santa Ceia.

A atividade missionária da instituição é organizada a partir da Missão Zero, através da qual são criados projetos para expandir a igreja para o Sertão Nordestino e o Meio-Norte, fundando novas comunidades luteranas. A igreja tem acesso a diversos meios de comunicação para o contato com seus fiéis, sendo o principal deles a Rádio União FM, com uma programação de música convencional intercalada com frases de reflexão, cultos luteranos e notícias. Além disso, a igreja conta com um site e com perfis nas redes sociais. Ela possui importantes centros de formação, especialmente com cursos superiores de Teologia, como as faculdades EST, a Faculdade Luterana de Teologia e a Faculdade de Teologia Evangélica.

A Igreja Batista

A Igreja Batista é um conjunto de denominações cristãs que tem como doutrina básica a salvação exclusivamente através da fé, tendo a Bíblia Sagrada como sua única fonte para as práticas e para a regra de fé, além de determinar como um princípio básico a separação entre o Estado e a Igreja. Ela não possui uma única hierarquia ou governo, estando disposta em todo o mundo. É uma igreja protestante histórica, cuja origem remonta ao século XVII, na Inglaterra, tendo se transformado em uma das mais importantes igrejas protestantes do mundo. Seu principal centro de atuação, atualmente, é os Estados Unidos, de onde são enviados

missionários para todas as partes do mundo. No Brasil, é a segunda maior igreja protestante, com cerca de 3,8 milhões de fiéis, de acordo com o censo do IBGE de 2010.

Os batistas receberam este nome por terem sido a primeira igreja a acreditar que a ordenança do batismo só poderia ser oferecido aos adultos, como uma regra. De acordo com a interpretação da Bíblia que os batistas fazem, para que o batismo seja realizado é necessário que o indivíduo tenha alcançado a idade de razão e compreenda o Evangelho, escolhendo receber a por conta ordenança própria e compreendendo o que este ato simboliza. Dado o entendimento da necessidade da fé pessoal para que o batismo ocorra, seguindo os exemplos bíblicos (como o próprio batismo de Jesus Cristo no rio Jordão por João Batista), o indivíduo é mergulhado na água, para representar a morte do homem carnal e pecador e o surgimento de um homem com nova natureza espiritual, semelhante a Jesus Cristo. Além do batismo, os fiéis celebram a Ceia do Senhor, em uma repetição da reunião dos apóstolos com Jesus para a partilha do vinho e do pão. No entanto, eles não chamam estas duas celebrações de "sacramentos" (como a maioria das religiões protestantes), mas sim de "ordenanças", pois acham que devem ser obedecidas como atos simbólicos à salvação e não obrigatórios – pois a única questão obrigatória para a salvação é a manutenção da fé.

Os batistas surgiram a partir de um grupo de refugiados ingleses migraram para a Holanda buscando liberdade religiosa, em 1608, sob a liderança de John Smyth e Thomas Helwys, organizando uma igreja de doutrinas batistas em Amsterdã. Smyth era contrário a algumas questões políticas e doutrinárias da Igreja Anglicana, da qual ele era pastor. Ao se aproximar aos menonitas e examinar a Bíblia, percebeu a importância do batismo com consciência, passando a batizar os outros fundadores da igreja e

criando um templo organizado. A partir de 1642, a prática do batismo por imersão passou a se tornar vigente. Com a morte de Smyth, em 1644, seus seguidores retornaram para a Inglaterra e a igreja holandesa se desfez. Sob o comando de Helwys, criou-se a Igreja Batista em Spitafields, nas proximidades de Londres. Com as intensas perseguições religiosas, vários membros decidiram partir para a Nova Inglaterra, que tempos depois se transformou nos Estados Unidos, fundando a Primeira Igrejsa Batista de Providence, em Rhode Island, em 1639. Eles se espalharam pelas Treze Colônias e tiveram papel muito importante na Constituição Americana.

A Igreja Batista chegou ao Brasil em 1860, por meio do missionário estadunidenses Thomas Jefferson Bowen, que atuava na Nigéria. Ele foi escolhido por falar o dialeto iorubá, o mesmo que vários escravos dominavam no país. Oito meses após sua chegada, ele teve que retornar aos Estados Unidos pro problemas de saúde. Algum tempo depois, um grupo de colonos do sul dos Estados Unidos, derrotados na Guerra de Secessão, chegou ao Brasil, fixando-se na região de Santa Bárbara d'Oeste, fundando a Primeira Igreja Batista em 10 de setembro de 1871, sob a liderança do pastor Richard Ratcliff, mas os cultos ainda eram ministrados em inglês. A pregação só começou a ser realizada em inglês alguns anos depois, com a chegada do casal William Buck Bagby e Anne Luther Bagby, que logo aprenderam o idioma local, sendo instruídos pelo ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, que se converteu à Igreja Batista, sendo o primeiro pastor brasileiro. Em 1882, um grupo de missionários encabeçado pelo casal Bagby fundou a Primeira Igreja Batista da Bahia. Em 25 anos de trabalho, os missionários organizaram mais de 80 templos batistas, sendo auxiliados por brasileiros, pastores e evangelizadores. O sucesso do casal Bagby garantiu que as organizações batistas estadunidenses

investissem na expansão da obra missionária no país, criando a estrutura eclesiástica americana. Em 1907, foi criada a Convenção Batista Brasileira, em Salvador.

Nos últimos tempos, a Igreja Batista tem se envolvido em algumas polêmicas no Brasil. Uma de suas principais controvérsias tem relação com o pastorado feminino, que divide a opinião dos pastores e dos membros: em 2007, foi vedada a ordenação de novas pastoras pela Convenção Batista Brasileira mas, em 2014, cada seção estadual recebeu autonomia para decidir se aceita ou não a filiação de novas mulheres ao pastorado em suas igrejas (como há uma grande autonomia entre as igrejas para a decisão de suas questões, fica a cargo das sessões estaduais a escolha da maioria de seus princípios). Além disso, em 2016, a Igreja Batista do Pinheiro, em Alagoas, aprovou a presença de homossexuais como membros plenos da comunidade, mesmo que eles sejam casados ou que frequentem o culto com seu/sua parceiro(a) – isso significa que a igreja passou a realizar batismos e casamentos entre homossexuais. No mesmo ano, a Convenção Batista Brasileira baniu a Igreja Batista do Pinheiro de sua organização, acreditando que ela transgrediu o princípio fundamental da igreja ao batizar indivíduos homossexuais admitem sua orientação sexual sem entendê-la como um pecado, nem prometendo abandoná-la. O processo repercutiu de forma muito negativa para os grupos batistas de forma geral.

A Igreja Metodista

A Igreja Metodista teve seu início na Inglaterra, durante o século XVIII, quando o jovem pastor da Igreja Anglicana chamado John Wesley teve uma experiência de fé. Durante seu período de estudos na Universidade de Oxford, ele liderou um grupo de cristãos que se reunia regularmente para desenvolver sua vida

espiritual e, dados seus hábitos metódicos de oração e de estudo, seus colegas acabaram apelidando o grupo de "metodistas". No ano de 1738, John Wesley sentiu-se convocado para realizar uma renovação na Igreja Anglicana e na sociedade em que vivia, através da vivência da santidade de forma coletiva, social e individual. Sua mensagem de conversão individual e de transformação na sociedade inglesa levou o movimento metodista a se desenvolver no país, fazendo com que ele fundasse a Igreja Metodista.

Os metodistas praticam apenas dois sacramentos: o batismo, normalmente realizado através de pequenas gotas de água sobre a cabeça do fiel, representando a incorporação da pessoa à comunidade de fé; e a Ceia do Senhor, um sacramento que os metodistas acreditam ter sido instituído por Jesus Cristo e, por isso deve ser aberto a todas as pessoas que se sintam em comunhão com Deus, sendo importante para a renovação do compromisso pessoal com a sua missão e com sua comunidade de fé. A doutrina metodista acredita que Deus é o fundamento e o Senhor do Universo, agindo sob a figura de Deus Pai, de Deus Filho (Jesus Cristo) e do Espírito Santo, tendo a Bíblia como seu livro sagrado. Acredita que Deus dispôs sua presença no coração de todos os homens – sua graça preveniente – mas que também ofereceu o livre arbítrio para que os homens possam aceita-la ou negá-la. Também acreditam que o homem pode se arrepender e se transformar. Uma das marcas dos metodistas é a leitura social do Evangelho: segundo John Wesley, para que o homem seja santificado, é necessário que ele realize dois movimentos conjuntos – os atos de piedade (que levam ao crescimento espiritual, como a oração e o jejum) e os atos de misericórdia (que são em favor do próximo), visto que a santificação só se realiza na interação humana.

O símbolo da Igreja Metodista é uma cruz com uma chama vermelha. Tal imagem foi criada nos Estados Unidos, em 1968, para representar o ano do nascimento da Igreja Metodista Unida (uma fusão da Igreja Metodista com a Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos). A marca oficial que traz a identidade da igreja traz o calor que John Wesley sentiu em seu coração no momento de sua experiência religiosa, em 24 de maio de 1738, na Rua Aldersgate, na Inglaterra (por isso a presença de uma chama acesa, vermelha), ao mesmo tempo em que congrega uma cruz vazia, que lembra que Jesus Cristo ressuscitou como uma forma de amor de Deus pelos homens. Além disso, o emblema relaciona seus fiéis com a Santíssima Trindade através de Jesus Cristo (com a cruz, na segunda pessoa da Trindade) e do Espírito Santo (com a chama).

A primeira experiência dos metodistas no Brasil ocorreu em 1835, sob a liderança do reverendo Fountain Elliot Pitts, que foi enviado pela Igreja Metodista Episcopal estadunidense para avaliar a viabilidade da implantação da obra metodista em terras brasileiras. Ele chegou à nação com uma carta do então presidente de seu país, Andrew Jackson, desembarcando no Rio de Janeiro. Nos anos seguintes, a igreja enviou mais dois pastores com suas famílias: Justin Spaulding e Daniel Parish Kidder. No entanto, este grupo retornou aos Estados Unidos em 1841, por falta de recursos para sua manutenção. Com a Guerra Civil estadunidense, a Igreja Metodista Episcopal também foi dividida: criou-se a Igreja Metodista Episcopal do Sul e, ao norte, o nome da instituição permaneceu o mesmo.

Em 1866, o primeiro pastor metodista, ligado à igreja do sul, fixou-se de forma permanente do Brasil: o reverendo Junius Estaham Newman, que havia sido capelão das tropas sulistas na Guerra Civil, percebeu que muitos metodistas decidiram emigrar para a América do Sul, resolvendo acompanhá-los através de uma

recomendação da Junta das Missões, na Conferência Anual da instituição. O reverendo financiou sua vinda para o Brasil, chegando a Niterói em agosto de 1867, mas fixando residência em Saltinho, uma pequena cidade próxima a Campinas, na província de São Paulo. Iniciou sua pregação em 1869, especialmente para os colonos e, em 1871, fundou o Circuito Santa Bárbara, um pequeno salão de cultos voltado aos colonos estadunidenses, no qual a pregação era realizada em inglês. Inicialmente, Newman pregava para todos os protestantes que desejassem ouvi-lo, sem colocar uma placa em seu salão de culto que definisse sua ligação religiosa – no entanto, as igrejas começaram a se organizar de acordo com sua origem nos Estados Unidos e ele passou a insistir, em suas correspondências, para que os metodistas criassem uma missão efetiva para o Brasil.

Dez anos depois da chegada de Newman, em 1876, a Junta das Missões da Igreja Episcopal do Sul enviou para o Brasil seu primeiro grupo oficial, liderado pelo reverendo John James Ransom, que aprendeu o português e passou a pregar no idioma local, fundando o primeiro periódico da Igreja Metodista do Brasil: o *Methodista Catholico*. A família do reverendo Newman, assim, mudou-se para a cidade de Piracicaba, permanecendo lá entre 1870 e 1880, onde suas filhas criaram o Colégio Newman, um internato e externato considerado o precursor do principal colégio protestante do século XIX – o Colégio Piracicabano – que deu origem à Universidade Metodista de Piracicaba, existente até os dias de hoje. Os dez primeiros anos da presença metodista no Brasil foram denominados "Missão Ransom", visto que ficou a seu cargo o estabelecimento de toda a estrutura de trabalho. O Rio de Janeiro foi escolhido como o centro estratégico para a propagação da religiosa. Ele se casou com Annie Newman em 1879, mas, com seu breve falecimento, Ransom regressou aos Estados Unidos

buscando mais membros para a tarefa missionária, retornando com Marta Watts, James L. Kennedy e o casal Koger.

A partir de 1910, os metodistas brasileiros deram origem a um movimento em busca de autonomia entre a igreja brasileira e a igreja estadunidense, buscando lideranças religiosas mais próximas à realidade nacional. Até então, os bispos eram nascidos nos Estados Unidos e viviam fora do Brasil. Além disso, as regras a serem seguida em solo nacional eram as mesmas das igrejas estrangeiras e todos os pagamentos eram realizados em dólares. Esta separação apenas ocorreu em 2 de setembro de 1930, criando-se a sede da Igreja Metodista Central de São Paulo e aprovando-se a constituição da igreja nacional. O primeiro bispo desta igreja foi um estadunidense, William Tarboux – o primeiro bispo brasileiro foi eleito somente em 1934, César Dacorso Filho. Durante a década de 1970, a Igreja Metodista do Brasil ordenou sua primeira mulher como ministra. De acordo com o Censo do IBGE de 2010, ela é composta por 1411 igrejas e congregações, possuindo quase 215 mil membros em solo nacional.

A Congregação Cristã no Brasil

A Congregação Cristã no Brasil foi a primeira igreja dentre as pentecostais a se instalar no Brasil, ainda que ela mesmo não se identifique desta forma. De origem ítalo-americana, foi instalada em território brasileiro em 1910, por intermédio do missionário Louis Francescon. Os primeiros templos tiveram lugar no município paranaense de Santo Antônio da Platina e no bairro paulistano do Brás. De acordo com o Censo do IBGE de 2010, ela possui mais de 2,2 milhões de fiéis no Brasil atual, transformando-se na terceira maior igreja evangélica do país, contando com 20 mil templos em todas as regiões nacionais. Além disso, também está

presente em outros 73 países, especialmente na África e na América. A igreja aderiu à Convenção de 1927, realizada na cidade estadunidense de Niagara Falls, adotando os 12 Artigos de Fé.

O desenvolvimento da Congregação Cristã do Brasil resulta de uma grande mistura de elementos de base presbiteriana, anabatista e do avivamento pentecostal. No final do século XIX, Louis Francescon era um ancião da Primeira Igreja Presbiteriana de Chicago, nos Estados Unidos, aderindo ao batismo através da imersão – o que não é realizado pelos presbiterianos. Ao ser batizado pelos Irmãos de Plymouth, Francescon e alguns outros companheiros de culto deixam o presbiterianismo, criando uma comunidade livre com o nome de Assemblea Cristiana Italiana di Chicago. Em 1907, ele conheceu a Missão Pentecostal, um movimento liderado por William Durham que buscava estender o movimento do avivamento iniciado na Rua Azusa, em Los Angeles, através do qual se relatava a experiência do Batismo do Espírito Santo, como no Novo Testamento, tendo como principal símbolo o "falar em novas línguas" (a glossolalia). Neste mesmo núcleo, estavam o sueco Daniel Berg (fundador da Assembleia de Deus) e a canadense Aimee McPherson (criadora da Igreja do Evangelho Quadrangular). Franscescon recebeu uma confirmação divina de que o trabalho religioso realizado nesta missão possuía o aval de Deus, passando a frequentar as reuniões com seus companheiros, que foram agraciados com o Batismo no Espírito Santo. No dia 15 de setembro de 1907, retornaram à Assemblea Cristiana, testemunhando um avivamento local. A data firmou o marco inicial do Movimento Pentecostal Italiano.

A vinda de Louis Francescon para o Brasil ocorreu em 1910 para uma viagem missionária. O primeiro batismo em território nacional foi feito na cidade de Santo Antônio da Platina, no Paraná, com a conversão de 11 pessoas. Em seguida,

Francescon partiu para São Paulo, batizando outras 20 pessoas de origem batista, metodista, presbiteriana e católica. Na viagem entre os dois municípios, ele descobriu que havia um distrito próximo a Sorocaba chamado Votorantim, que possuía uma grande colônia de imigrantes italianos. Seguiu para Votorantim, conhecendo Angelo de Ciene, com quem deixou uma Bíblia e um hinário. Francescon retornou ao Brasil em 1918, encontrando em Votorantim uma reunião com duas famílias que já mantinham um grupo de oração na vila operária italiana sobre as bases deixadas por ele. Ali nascia a primeira Congregação Cristã no interior de São Paulo e a terceira no Brasil, espalhando a religião por todo o estado.

Em 1927, foi convocada a Convenção da Igreja Cristã Italiana da América do Norte, buscando dar uniformidade e respaldo para as doutrinas e para a teologia da instituição, que crescia para além dos Estados Unidos. Nessa reunião, foram definidos os 12 Artigos de Fé, adotados por todas as igrejas, inclusive pela Congregação Cristã do Brasil.

Estes artigos determinam a crença na Bíblia como o documento que contém a palavra de Deus sob a inspiração do Espírito Santo, devendo ser a guia para a conduta e para a fé do homem; afirmam que Deus é único e verdadeiro e, em sua unidade, estão as pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo; definem que Jesus Cristo foi igualmente homem e Deus; afirmam que a fé em Jesus é a única forma para o renascimento e a regeneração do homem; definem que o batismo deve ser feito através de uma só imersão, sendo a única forma possível; acreditam no batismo do Espírito Santo, tendo a expressão de línguas desconhecidas como uma evidência; negam o culto a imagens e ídolos; acreditam na Santa Ceia, no poder de Jesus para tirar dos homens todas as enfermidades e em seu retorno antes do fim do milênio; também defendem a ressurreição corporal dos mortos.

No início, o movimento não tinha nenhuma denominação, sendo conhecido como a Igreja das Glórias ou o movimento pentecostal dos italianos. A partir de 1922, passou a adotar o nome de Congregação Christã e, seis anos depois, assumiu o nome de Congregação Cristã do Brasil, registrando-se oficialmente apenas em 1936. Em 1962, transformou o "do" em "no", adotando seu nome atual (Congregação Cristã no Brasil). Até a década de 1930, tinha maioria italiana. Só então começou a se estender para outros grupos étnicos. Todos os anos, realiza a Assembleia Ministerial Geral em sua sede, na igreja do Brás em São Paulo, buscando avaliar seu atual estado, criar estratégias para estreitar os laços entre a comunidade e criar medidas de cooperação entre os integrantes.

As práticas religiosas da Congregação Cristã no Brasil são diferentes das igrejas protestantes históricas e também se distinguem da maioria das igrejas pentecostais clássicas. Em primeiro lugar, a instituição é declaradamente apolítica e se opõe veementemente ao dízimo. Nos cultos, existe uma ordem pré-estabelecida com atividades espontâneas, em que o principal agente não é um pastor, mas sim a inspiração do Espírito Santo para a condução de qualquer ação ligada à leitura do texto bíblico, à sua interpretação e ao serviço do culto. A participação coletiva é priorizada em detrimento das manifestações individuais, enfatizando o canto congregacional, por exemplo. São cantados três hinos, depois vem uma oração. Em seguida, segue um novo hino e os fiéis passam a narrar a obra de Deus em sua vida, através dos testemunhos. Segue mais um hino e a palavra de Deus. O culto é finalizado por uma oração e pelo hino da despedida. Todas as mulheres devem se cobrir com um véu. A audiência dos fiéis é dividida em duas alas – os assentos reservados aos homens e a ala das mulheres, que não podem fazer funções decisórias. Seus trabalhos são ligados aos cargos de cozinha, costura, ensino

bíblico, organista, auxiliar dos jovens, atendente das portas, além de orar, cantar os hinos e dar os testemunhos. A instituição não possui um calendário litúrgico determinado e não comemora festas cristãs tradicionais, como o Natal (por afirmarem que não existe base bíblica para a determinação do dia 25 de dezembro como o nascimento de Jesus) nem a Páscoa (por ser uma comemoração judaica). Os responsáveis pelos cultos são os anciãos, que realizam o atendimento da obra, as santas ceias, os batismos e a ordenação de novos obreiros. Diferente da maioria das igrejas protestantes, a Congregação Cristã do Brasil não utiliza meios de comunicação para a propagação de sua fé, como rádio, televisão, jornais ou revista, nem mesmo a internet, transmitindo somente seus cultos para aqueles membros que solicitam por impossibilidade de frequentarem a igreja devido a problemas de saúde.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia

A Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma igreja protestante fundada nos Estados Unidos no ano de 1863, que conta atualmente com cerca de 18,5 milhões de membros ao redor do mundo, sendo pouco mais de 1,5 milhão deles apenas no Brasil, fazendo dela a sexta denominação protestante com o maior número de fiéis do país. Ela está presente em 215 países e realiza suas pregações em mais de 1000 idiomas diferentes. A igreja surgiu como uma dissidência do Movimento Milerita, encabeçado por Guilherme Miller, após o episódio do Grande Desapontamento de 22 de outubro de 1844, uma data marcada por uma profecia que determinava o retorno de Jesus Cristo ao mundo dos homens, o que não aconteceu. Formalmente, a instituição foi fundada somente em 1863, tendo como uma de suas pioneiras Ellen White, cujos escritos são considerados pelos fiéis desta religião como obras inspiradas diretamente por Deus.

Na década de 1840, nos Estados Unidos, houve uma grande conversão ao Cristianismo, inclusive a de Guillerme Miller, que se tornou um membro da Igreja Batista. Ao ouvir os ensinamentos no culto em que frequentava, Miller chegou à conclusão de que Jesus Cristo iria retornar à Terra no dia 22 de outubro de 1844, com base nos escritos bíblicos, como no livro dos Números, no livros dos Levíticos, no livro de Ezequiel e no livro do profeta Daniel. Como a previsão não ocorreu como o esperado, deu-se o chamado Grande Desapontamento, fazendo com que vários de seus seguidores retornassem para suas igrejas de origem.

No entanto, muitos mileritas (nome dado aos seguidores de Miller) acreditaram que seus cálculos estavam corretos, mas sua interpretação era equivocada: Jesus não voltaria pessoalmente, mas daria início a uma obra como intercessor da humanidade junto a Deus. Este entendimento deu origem à doutrina do juízo investigativo, que define que os cristãos estão sendo julgados o tempo todo para criar a obra de purificação, fazendo com que Deus salve aqueles que acreditam em Jesus Cristo. Assim, os adventistas pregam como uma questão principal que Jesus Cristo retornará a qualquer momento, mas afirma que não devem ser marcadas datas para esse retorno.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia chegou ao Brasil em 1885, por meio de publicações que alcançaram o porto de Itajaí com destino ao município de Brusque, em Santa Catarina. Oito anos mais tarde, em 1893, o país recebeu Alberto B. Stauffer, o primeiro missionário adventista, responsável por introduzir oficialmente a religião, realizando os primeiros contatos com a população através da distribuição de livros e panfletos religiosos. Dois anos depois, Guilherme Stein Jr. foi o primeiro adventista convertido e batizado em terras brasileiras, na cidade de Piracicaba,

no estado de São Paulo. As províncias com maior presença alemã foram as primeiras a serem alcançadas pela literatura adventista. O primeiro templo da Igreja Adventista do Sétimo Dia em solo brasileiro foi aberto em 1896, na cidade de Gaspar Alto, em Santa Catarina. No mesmo ano, novos templos foram abertos no Rio de Janeiro e em Santa Maria de Jetibá, no Espírito Santo.

Os adventistas enfatizam que a oração, o testemunho e o estudo da Bíblia são os principais meios de comunhão com Deus. Determinam que a oração deve ser feita já nas primeiras horas do dias, para evocar a presença de Deus. O estudo bíblico também deve ser diário e precisa ser encarado como uma forma de ouvir as orientações divinas. O testemunho, por sua vez, é visto como um resultado natural da comunhão mantida entre Deus e o homem. O estilo de vida dos adventistas deve ser totalmente dedicado a Deus em todos os aspectos. Eles aconselham oito remédios divinos para o homem: a água, a alimentação saudável o ar puro, o exercício físico, a confiança em Deus, a luz solar, a temperança e o repouso, que deve ocorrer sempre aos sábados, em um dia destinado exclusivamente para a comunhão do fiel para com Deus.

Nesse sentido, o fiel deve permanecer em seu lar do pôr-do-sol da sexta-feira até o pôr-do-sol do sábado, abstendo-se de quaisquer atividades fora de casa – há, inclusive, leis que regulamentam que o adventista não pode participar de concursos públicos ou vestibulares aos sábados. A escolha do sábado foi proposta entre os primeiros adventistas por Joseph Bates, baseando-se no fato de que foi o dia em que Deus descansou após a criação do mundo. Para garantir que o sábado seja um dia sagrado, os adventistas não realizam nenhum tipo de trabalho comum e evitam formas convencionais de lazes, como assistir televisão ou praticar esportes. Em muitos casos, eles realizam atividades com a família, passeios junto à natureza, pregação do

evangelho ou obras de caridade neste dia. Grande parte da sexta-feira é utilizada para a preparção das atividades e, no final da tarde, realiza-se um pequeno culto doméstico de boas-vindas ao sábado, conhecido como culto do pôr do sol.

Para os adventistas do Sétimo dia, a Bíblia é a única norma de fé, mantendo 28 crenças fundamentais retiradas das Escrituras Sagradas como a base de seus ensinamentos. A aceitação deste conjunto de crenças é considerado como um pré-requisito para que o fiel participe da igreja. Estes fieis acreditam na Santíssima Trindade, definindo que cada uma das formas de Deus possui um papel distinto na redenção humana – ainda que não exista uma hierarquia entre Pai, Filho e Espírito Santo. Também acreditam que Jesus Cristo é igualmente homem e Deus. Dentre as cerimônias realizadas, está o batismo por imersão e a dedicação de crianças (pois não realiza batismo em crianças, já que esta prática não está presente na Bíblia), a Santa Ceia, a cerimônia da humildade (ou lava-pés), a unção dos enfermos e o casamento monogâmico e heterossexual. Também acreditam na prática dos dons espirituais. Apoiam publicamente a separação entre a Igreja e o Estado, incentivando o Estado laico e a liberdade religiosa como um direito humano básico. Rejeitam o porto de armas e colocam-se como não-combatentes.

A Igreja do Evangelho Quadrangular

A Igreja do Evangelho Quadrangular é uma igreja cristã de orientação pentecostal fundada em 1923, nos Estados Unidos, pela evangelista Aimee Semple McPherson. O nome a igreja advém da representação de Jesus Cristo nos quatro evangelhos diferentes do Novo Testamento. O emblema da igreja traz esta diferenciação. No primeiro quadrante, a cruz vermelha traz o símbolo da Salvação, relembrando o Evangelho de Lucas, no qual Jesus Cristo

é representado como o filho do Homem que foi enviado por Deus para salvar o mundo, sendo aquele que veio buscar o que havia se perdido. O segundo quadrante retoma o Evangelho de João, em que Jesus Cristo é tido como o Batizador no Espírito Santo, simbolizado pela pomba amarela. No terceiro quadrante, é lembrado o Evangelho de Marcos, em que Cristo é tido como o "grande médico", capaz de tocar os doentes com seu poder curador, sendo o servo responsável pela cura divina, simbolizado pelo cálice azul claro. O último quadrante retoma o Evangelho de Mateus, em que Jesus Cristo é descrito como o Rei dos Reis, aquele que voltará, por isso é representado como uma Coroa púrpura. Mundialmente, a igreja conta com mais de 7 milhões de fiéis, distribuídos em 172 países. De acordo com o Censo do IBGE de 2010, a igreja possui pouca mais de 1,8 milhão de membros no Brasil, sendo a quinta mais importante denominação protestante no país.

A fundação da Igreja do Evangelho Quadrangular se deu quando Aimee Semple Mcpherson, conhecida como Irmã Aimee, recebeu uma visão de Deus acerca de uma nova igreja, em 1922, em Los Angeles, fundando o Angelus Temple em 1º de janeiro de 1923. Ela se tornou uma celebridade, parando as ruas da cidade aos domingos para a celebração dos cultos. Em maio de 1944, a Irmã Aimee faleceu e seu filho, Rodolfo K. McPherson, passou a liderar a igreja, ocupando a presidência por 37 anos, expandindo a instituiçaõ de 400 para 10000 templos. Na visão tida por Irmã Aimee, a nova igreja a ser fundada deveria ter como princípios doutrinários a crença na Santíssima Trindade e a Bíblia como um texto inspirado por Deus. Além disso, a morte de Jesus teria sido o momento de expiação pelos pecadores.

Na Igreja do Evangelho Quadrangular, o fiel que deseja a salvação através da graça de Deus precisa aceitar Cristo de coração

e jurar sincero arrependimento por suas faltas. Seu crescimento diário se dá atravér do amor, da oração, do poder divino e do serviço na comunidade.

Como sacramentos, a igreja define a comunhão (ou Ceia do Senhor) e o Batismo por imersão, realizado somente depois dos 9 anos e tido como um novo nascimento, sendo a etapa inicial do processo de santificação do homem. Além disso, a igreja reconhece também o Batismo no Espírito Santo, que pode se dar através da manifestação de dons espirituais (como o falar em línguas) ou da cura divina. Seus membros aguardam o retorno próximo de Jesus Cristo à Terra e acreditam no Julgamento Final. A igreja prega a moderação a seus fiéis, que deve levar uma vida de humildade, equilíbrio e sacrifício próprio, enfatizando um relacionamento profundo entre o fiel e Deus por meio da meditação, do jejum, da oração e do serviço social. É importante ressaltar que a igreja não prega um conjunto de costumes a serem observados, como proibições nas roupas ou na maquiagem.

A Igreja do Evangelho Quadrangular chegou ao Brasil em 15 de novembro de 1951, através do pastor missionário Harold Edwin Williams, auxiliado pelo pastor peruano Hermirio Vazques Ramos. A obra teve início em uma casa próxima a uma escola de inglês, na cidade de Poços de Caldas, em Minas Gerais, mas a primeira tenda foi erguida no município paulista de São João da Boa Vista. No ano seguinte, o grupo partiu para São Paulo, realizando campanhas de evangelização a convite de um pastor da Igreja Presbiteriana do Cambuci, fixando-se na Rua Brigadeiro Galvão. A tenda da igreja passou a viajar pelo estado, enquanto o salão paulistano manteve-se com seus cultos e passou a fabricar tendas para expandir o trabalho missionário, pregando por Americana, Limeira, Curitiba, Vitória, dentre outros. Nos anos de 1960, o objetivo foi levar a mensagem da igreja para todas as

capitais e, a partir de então, espalhá-la para outros municípios, sob o comando do pastor George Russell Faulkner. Em 1997, a igreja já possuía 5530 templos no Brasil.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é uma igreja protestante originária do Movimento dos Santos dos Últimos Dias. Seu nome faz referência a Jesus Cristo como seu líder e à conversão dos fiéis (os "santos") dentro de um movimento de interpretação da Bíblia que divide a obra de Deus em sete períodos (as dispensações), sendo a última aquela referente ao Reino Milenar de Cristo, com duração de 1000 anos, na qual o próprio Jesus Cristo vai retornar à Terra para cumprir seu reinado, fazendo com que apenas os fiéis nascidos acreditando em Deus terão autorização para entrar neste novo Reino, no qual Satanás será preso, culminando com o julgamento final e destruindo o mundo antigo com fogo. A Igreja é mais conhecida como Igreja Mórmon, por adotar o Livro de Mórmon, ainda que este não seja um nome adequado para ela. Sua sede mundial está localizada em Salt Lake City, nos Estados Unidos. A Igreja conta com mais de 16 milhões de fiéis em todo mundo, sendo cerca de 1,1 milhão no Brasil.

A igreja surgiu a partir de uma revelação tida por Joseph Smith Jr., o fundador da igreja. Ainda aos quatorze anos, em 1820, ele buscava saber qual denominação religiosa seguir, mas teve uma visão de Deus e de Jesus Cristo, afirmando-lhe que deveria restaurar a verdadeira Igreja de Cristo e não se filiar a nenhuma igreja já existente. Ele teria recebido do anjo Môroni, em 22 de setembro de 1827, a informação sobre a localização onde estariam enterradas várias placas de ouro que continham um registro da comunicação de Deus com os antigos habitantes das Américas, cujo conteúdo deu origem ao Livro de Mórmon (o termo usado

para denominar esta igreja advém do profeta Mórmon, um dos autores e compiladores deste texto). Em 1830, Smith e Oliver Cowdery concluíram a tradução do Livro de Mórmon, publicando-o no dia 26 de março.

No mesmo ano, fundaram a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, no dia 6 de abril, na cidade estadunidense de Fayette. A instituição teve rápido crescimento, dando origem a uma onda de perseguições que levaram ao assassinato de seu fundador e de seu irmão. Atualmente, sua expansão é impulsionada pela obra de missionários homens, entre 18 e 26 anos, e mulheres a partir dos 19 anos. A estrutura da igreja continua a mesma, com um profeta e dois conselheiros compondo a Primeira Presidência, auxiliados por um conselho de Doze Apóstolos e uma infinidade de líderes locais. Todos eles servem a organização voluntariamente.

O Imperador brasileiro Dom Pedro II conheceu as atividades da igreja durante uma visita aos Estados Unidos, em 1876, aceitando um convite para visitar a Praça do Templo, o Tabernáculo e toda a estrutura da sede em Salt Lake City, fazendo vários questionamentos sobre a fé dos mórmons, afirmando que eles haviam realizado um árduo esforço para preparar a cidade para as culturas graças ao esforço religioso. No entanto, a igreja só chegou ao Brasil em 1923, por meio de uma família de alemães que se estabeleceu em Santa Catarina, no município de Ipomeia e, como não havia então nenhum templo brasileiro da igreja, a família escreveu para a Primeira Presidência solicitando o envio de materiais de apoio e de missionários.

A missão mórmon mais próxima situava-se em Buenos Aires, fazendo com que o presidente da Missão Sul-Americana, Reynold Stoolf visitasse o Brasil pela primeira vez apenas três anos depois. Em 1928, chegaram os primeiros missionários mórmons, pregando em alemão por não falarem português. A Segunda

Guerra Mundial fez com que os missionários deixassem o Brasil, fazendo com que somente os membros da igreja dessem continuidade ao trabalho. Os primeiros convertidos ao mormonismo foram a Família Sell, em Santa Catarina. Em 1933, foi organizada a Sociedade do Socorro e, dois anos depois, criou-se a primeira missão brasileira, liderada por Rulon S. Howells. A expansão da igreja só foi retomada após o fim da Segunda Guerra, com a publicação da primeira registra oficial no Brasil, A Gaivota. Entre as décadas de 1950 e 1970, foram criados outros ramos da igreja no Brasil. A igreja tornou-se um importante núcleo conservador dos direitos da família como a unidade básica da sociedade. Em 1978, passou a permitir a ordenação de homens negros ao sacerdócio, sendo o brasileiro Helvécio Martins o primeiro deles.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias tem na Bíblia sua escritura sagrada, atentando para sua correta tradução. Acreditam nas profecias presentes no texto bíblico, estudando tanto o Antigo como o Novo Testamento nas reuniões da escola dominical. Seus membros entendem que o texto mostra a vontade divina através dos profetas, reconhecendo outros livros importantes que não compõem a Bíblia – como os Evangelhos apócrifos. Além disso, os membros utilizam-se de um volume de escrituras sagradas que consideram como um testamento de Jesus Cristo, conhecido como O Livro de Mórmon, tido como a pedra fundamental da religião. A obra narra uma história da comunicação de Deus com os habitantes das Américas, através do profeta Leí, que deixou Jerusalém com sua família por volta de 600 a.C., por ordem de Deus, para viver em uma terra de Promessa: as Américas. Em seguida, outros profetas receberam o mesmo chamado: seu filho Néfi, Mosias, Helamã e Mórmon, que relata a visita de Jesus Cristo ao continente americano, depois de sua ressurreição. Há

também uma coletânea de revelações divinas mais modernas, feitas por Deus para o fundador da religião, Joseph Smith, com instruções sobre o trabalho missionário, o sacerdócio, o trabalho com os mortos e com os templos, as glórias para a eternidade, intitulada Doutrina e Convênios. Por fim, os membros também consideram como uma escritura sagrada uma coleção conhecida como Pérola de Grande Valor, que se relaciona a diversos aspectos importantes da teologia e da fé da igreja, como o Livro de Moisés, o Livro de Abraão, as Treze Regras de Fé e a intepretação de Joseph Smith para o evangelho de Mateus.

Os mórmons obedecem a uma Lei de Saúde conhecida como Palavra de Sabedoria, através da qual todos os membros da igreja devem se abster do consumo de bebidas alcoólicas, de bebidas com cafeína (como chá, café e coca-cola), do uso do tabaco e de drogas ilícitas. Devem manter uma prática de cuidado e respeito com seu corpo, pois acreditam que o corpo físico é sagrado. Também exercem a Lei da Castidade, sendo proibidos de manter relações sexuais antes do casamento, devendo manter a fidelidade após o matrimônio. Esta Lei também ensina aos fiéis que a intimidade sexual é sagrada para Deus, sendo uma expressão do amor conjugal voltada para a procriação.

Existem algumas doutrinas mórmons que são exclusivas desta igreja, como o Plano de Salvação (que inclui uma vida pré-mortal, ou seja, um plano da vida antes desta que estamos agora), os Três Graus da Glória e definição de que cada espírito humano é um filho espiritual de Deus, de forma literal, podendo alcançar a exaltação através da Expiação de Jesus Cristo – o que só é possível com o batismo, com a fé, com o exercício do arrependimento, com a realização das ordenanças e através do recebimento do dom do Espírito Santo. Uma cerimônia exclusiva dos mórmons é a cerimônia do selamento, através da qual casais legalmente casados

são "selados" para que permaneçam com seu vínculo conjugal após a morte – o mesmo se faz entre os pais e seus filhos, para que não se separem depois de mortos. São considerados como pecados abomináveis o adultério, a negação do Espírito Santo e o derramamento de sangue inocente.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é formalmente contrária à prática do aborto, mas, diferente da maioria das denominações, pode aceitá-la em casos extremos, como em caso de incesto, estupro, quando a gestação pode colocar em risco a vida da mãe ou quando o bebê não tem condições de sobreviver após o nascimento, como é o caso de fetos anencefálicos. Mesmo nestes casos, a igreja indica que a mãe reflita em conjunto com a família e com as lideranças religiosas, a fim de receber a orientação de Deus antes de tomar a decisão correta. Para aqueles casais que não conseguem ter filhos, a igreja oferece auxílio para a adoção de crianças.

A homossexualidade não é vista pelos mórmons como uma condição individual, mas como um conjunto de comportamentos, sentimentos e pensamentos que podem ser alterados. Ela acolhe seus membros homossexuais colocando algumas restrições, como o ensinamento de que os desejos homoafetivos, ainda que involuntários, devem ser verificados e controlados, observando a regra da castidade – ou seja, para permanecer na igreja, os membros homossexuais devem se abster da prática, sendo acompanhados constantemente por seus líderes espirituais. No entanto, eles defendem os direitos legais de seus membros homossexuais, inclusive a possibilidade de adoção de crianças. Quanto à política, em todas as nações em que está estabelecida a igreja adota uma prática de neutralidade partidária, afirmando-se como submissos ao regime político em voga.

As Testemunhas de Jeová

As Testemunhas de Jeová são uma igreja protestante presente em 240 países e territórios autônomos, contando com cerca de 8,5 milhões de membros em todo o mundo, correspondendo à sétima denominação protestante com o maior número de fiéis no Brasil, com cerca de 1,4 milhão de fiéis, de acordo com o censo do IBGE de 2010. Seus membros são bastante conhecidos pelo seu trabalho regular de pregação de porta em porta, além de sua presença nos lugares públicos e nas ruas, com a distruibuição de panfletos religiosos. Ao contrário da maioria dos cristãos, que acreditam na Santíssima Trindade (ou seja, que Deus está dividido na figura do Deus Pai, do Deus Filho e do Espírito Santo, como foi definido pelo primeiro Concílio de Constantinopla, em 381), as Testemunhas de Jeová acreditam que Deus não pode ser dividido e é apenas um – aquele que está na Bíblia, a quem chamam de Jeová – ainda que também sejam seguidores de Jesus. Por isso, são chamados de "antitrinitários" (por não aceitarem a Trindade divina).

A igreja surgiu na década de 1870, a partir de um movimento religioso conhecido como Estudantes da Bíblia, quando um pequeno grupo decidiu se reunir sob a liderança do partor Charles Taze Russell para estudar os textos bíblicos com afinco, na cidade de Allengheny, nos Estados Unidos. Buscando corrigir os erros de doutrina que encontrava em outras denominações religiosas, o pastor Russell passou a publicar a revista A Sentinela, que se tornou o períodico religioso com maior circulação no mundo e a mais traduzida dentre as revistas religiosas. A partir de então, as pessoas que recebiam A Sentinela se reuniam em novos grupos para estudar a Bíblia, tornando-se conhecidos como Estudantes da Bíblia e, a partir das traduções, o grupo transformou-se nos Estudantes Internacionais da Bíblia.

Inicialmente, o pastor Russell contratava empresas para a impressão da revista, mas, em 1881, os Estudantes da Bíblia fundaram a Sociedade de Tratados da Torre de Vigia de Sião, na Pensilvânia, que se transformou no principal instrumento oficial de expansão do grupo.

Em 1931, os Estudantes da Bíblia sentiram que precisavam criar uma distinção entre seu grupo e os demais que também realizavam estudos bíblicos, especialmente porque começaram a aparecer núcleos com objetivos distintos e mesmo nome que confundiam as pessoas. Dessa forma, durante um Congresso em Ohio, o segundo presidente da Sociedade Torre de Vigia apresentou a necessidade de um novo nome para o grupo, que foi aprovada por todos. O nome escolhido derivou do texto bíblico do profets Isaías, em uma passagem que Jeová (Deus) dizia "Vós sois minhas testemunhas", indicando que aquelas pessoas seriam as escolhidas para conhecer os mistérios divinos. Desde o início, as Testemunhas de Jeová reforçam esta passagem bíblica, acreditando que existe apenas uma religião verdadeira, composta por aqueles que estão mencionados na Bíblia e que fazem a vontade de Jeová, considerando todas as outras manifestações religiosas do mundo como crenças falsas – sendo uma das características principais destas "falsas religiões" a falta de reconhecimento na importância da divulgação do nome de Deus conforme prescrito na Bíblia, pelo tetragrama YHWH (Jeová, Javé ou Yahwéh).

De acordo com as Testemunhas de Jeová, a Bíblia é a única autoridade teológica reconhecida, preferencialmente aquela publicada pela Sociedade Torre da Vigia (em uma tradução realizada em 1950). A interpretação e o ensino da Bíblia é realizada pelos membros mais altos da igreja, conhecidos como Corpo Governante (ou Escravo Fiel e Discreto), um grupo formado

exclusivamente por homens bastante experientes sediado nos Estados Unidos. Uma das principais tarefas dos fiéis é a propagação mundial de suas crenças, especialmente através do material impresso, o que faz co mque novas publicações sejam apresentadas anualmente. Também são pioneiros no uso do cinema e do rádio para a propagação da fé, utilizando-os desde a década de 1930. A instituição também mantem um site próprio com informação em 870 idiomas.

Os fiéis encaram sua religião como um modo de vida, fazendo com que todos os campos de sua atuação – da família ao trabalho – girem em torno da organização e da adoração a Jeová. Todas as deciões que tomam em todas as áreas da vida são influenciadas pela sua religião, encarando a Bíblia como um manual obrigatório para a tomada de decisões práticas. Todos eles passam por um batismo por imersão completa em água, transformando-se neste dia em ministros de Deus, sejam homens ou mulheres. Eles são incentivados a estudar a Bíblia com rigor. A inserção de um não-fiel na comunidade dura vários meses (até anos) até que ele seja aprovado para o batismo, sendo necessário que ele expresse seu desejo convicto de se tornar um membro.

As Testemunhas de Jeová também frequentam os cultos duas vezes por semana nos Salões do Reino ou em casas particulares, para a instrução e para o fortaleciemnto pessoal. Cultos maiores ocorrem algumas vezes ao ano em estádios ou auditórios públicos, conhecidos como Salões de Assembleias. Todos os fiéis também devem transmitir a mensagem apocalíptica que consideram urgente, devendo contatar seus vizinhos, parentes e amigos. O sexo antes do casamentos é terminantemente proibido, assim como a masturbação, considerada como uma forma de impureza que leva a um modo perturbado de pensar. No entanto, os líderes religiosos podem se casar. A eles não é oferecido

nenhum salário e nenhum símbolo de diferenciação, devendo ser o exemplo de moral e boa conduta para o restante da comunidade.

Em vários momentos históricos, as Testemunhas de Jeová foram perseguidas pelos governos de muitos países, especialmente devido a sua doutrina de neutralidade política e por sua recusa a servir nas Forças Armadas. Durante a Segunda Guerra Mundial, 10 mil Testemunhas de Jeová foram presos na Alemanha nazistas, sendo parte deles enviados para campos de concentração com a identificação de um triângulo roxo. Em terras canadenses, as Testemunhas de Jeová também foram internadas em campos, com os dissidentes políticos e com os japoneses e chineses. Na União Soviética, quase 10 mil fiéis foram deportados para a Sibéria, em 1951. Em vários países, como a China, o Vietnã e algumas nações islâmicas, sua atividade é proibida. Em 1939, o Brasil passou a perseguir as Testemunhas de Jeová por perturbação da ordem pública.

As Testemunhas de Jeová são alvo de uma série de críticas. O cristianismo tradicional afirma que suas crenças são inconsistentes e que suas traduções bíblicas possuem muitos erros, além das diversas mudanças de doutrina ao longo dos anos e de um tratamento muito severo com seus fieis. O Corpo Governante é quem estabelece as doutrinas das Testemunhas de Jeová, fazendo com que os membros que discordem de qualque ensinamento sejam evitados ou expulsos da comunidade. Além disso, as publicações religiosas do grupo desencorajam seus membros a contrariar o pensamento do Corpo Governante, afirmando que deve-se confiar nas decisões do grupo como parte da organização de Deus. Dizem, ainda, que o pensamento independente foi introduzido pelo diabo e deve ser evitado, pois pode causar divisão no grupo. Chega a afirmar que aqueles que discordam das ordens do Corpo Governante são mentalmente doentes. Além disso, a

comunidade médica levanta um sério questionamento às Testemunhas de Jeová acerca da proibição de transfusões de sangue, fundamentada no livro dos Atos, em que o Deus Jeová solicita que os homens se abstenham a qualquer contato com o sangue.

A Igreja Evangélica Assembléia de Deus

A Igreja Evangélica Assembléia de Deus, também conhecida como Assembléia Mundial de Deus, é um conjunto de 140 igrejas nacionais autônomas que compõem a maior denominação pentecostal de todo o mundo, com quase 400 mil pastores presentes em 212 países, em um total de aproximadamente 70 milhões de fiéis. De acordo com o censo do IBGE de 2010, é a maior denominação protestante brasileira, contando com cerca de 12,3 milhões de membros. Sendo uma comunidade internacional, cada denominação é completamente independente, ainda que todas estejam unidas por sua história e por suas crenças. A igreja se originou através do avivamento pentecostal estadunidense de início do século XX, com a fundação das Assembleias de Deus nos Estados Unidos, em 1914 e, com o trabalho missionário, permitiu o estabelecimento de relações com outros grupos pentecostais, transformando-se em um movimento mundial. Seus traços principais são o Batismo do Espírito Santo, evidenciado pela possibilidade de falar em línguas espirituais.

A fundação da Igreja Evangélica Assembleia de Deus remonta ao desenvolvimento do movimento pentecostal dos Estados Unidos, iniciado em um grupo de oração no Colégio Bíblico Betel, na cidade de Topeka, em Kansas, em 1901. Nesse episódio, concluiu-se que o principal sinal do Batismo no Espírito Santo era o dom de falar em línguas. O fundador deste colégio bíblico, Charles Parham, mudou-se para Houston, no Texas, onde

havia uma forte segregação racial e, mesmo assim, permitiu que o pregador negro William J. Seymour participasse das aulas bíblicas. Imbuído de seus novos conhecimentos, Seymour partiu para Los Angeles para realizar sua pregação, provocando o Avivamento da Rua Azusa, um conjunto de reuniões entre 1906 e 1915 marcado por experiências de falar em línguas estranhas (a glossolalia), cultos de adoração e mesclas interétnicas, sendo considerado o principal responsável pela propagação do pentecostalismo no século XX. Deste movimento, surgiram várias denominações. Em 1914, buscando desenvolver sua unidade, organizar-se dentro da legalidade, criar a comunhão dos membros e realizar o trabalho missionário, o reverendo Bell convocou uma convenção em Hot Springs, no estado do Arkansas, sugerindo o nome de Assembleia de Deus para a nova igreja.

O trabalho de expansão da Igreja Evangélica Assembleia de Deus teve início antes mesmo de sua institucionalização. Em 19 de novembro de 1910, os missionários suecos Daniel Berg e Gunner Vingren chegaram em Belém do Pará, vindos dos Estados Unidos, frequentando inicialmente a Igreja Batista (a qual pertenciam na Suécia). No entanto, ambos traziam a doutrina do falar em línguas espirituais como uma evidência da manifestação do Espírito Santo nos fiéis, que já estava ocorrendo em várias reuniões de oração. A doutrina trazida pelos missionários trouxe uma forte divergência em solo brasileiro, criando uma divisão na igreja paraense. Em 1911, os adeptos do pentecostalismo foram desligados da Igreja Batista e fundaram uma nova igreja, liderados pelos suecos, sob o nome de Missão de Fé Apostólica, reunindo-se na casa de Celina de Albuquerque. Somente em 18 de janeiro de 1918, a nova igreja passou a se chamar Assembleia de Deus, a partir da fundação das Assembleias de Deus estadunidenses, ainda que não tivessem vínculo institucional com elas. A igreja se expandiu

pelo estado do Pará, chegando ao Amazonas e à região Nordeste, atingindo principalmente as camadas mais populares. Em 1922, alcançou a região Sudeste. Um dos marcos do período foi a conversão de Paulo Leivas Malacão, filho de um general, que deu origem ao Ministério da Madudeira – um dos braços da igreja.

A doutrina da igreja determina a crença em um conjunto de verdades fundamentais, que afirmam que a Bíblia teve inspiração verbal e deve ser considerada como a únia norma de fé para a vida e para o caráter do cristão. Também se afirma que Deus é eterno e é único, dividido em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Também se afirma que Jesus foi concebido sem o pecado original (ou seja, é defendida a virgindade de Maria), sendo Cristo o caminho para a santificação do homem, realizada através da igreja (que se torna um agente de Jesus na evangelização). Para os assembleianos, o pecado distancia o homem de Deus, o que só pode ser transformado através da fé e do arrependimento sincero. Eles também acreditando no batismo no Espírito Santo e em suas evidências físicas, como a caura divina. Defendem o reino milenar de Cristo e o Julgamento Final, a partir de quando virão novos céus e uma nova Terra. Dentre as ordenanças, o batismo é realizado a partir de 12 anos, em nome da Santíssima Trindade, com a imersão uma única vez do corpo inteiro na água. Além disso, celebram de forma sistemática a Santa Ceia (ou santa comunhão). Acreditam, por sim, que existe o ministério para a evangelização como um chamado de Deus.

Na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, os cultos são compostos por orações, testemunhos, cânticos e pregações. Em muitos deles, ocorrem manifestações de dons espirituais, como o falar em línguas espirituais (a glossolalia) e as profecias. Eles durasm cerca de duas horas, começando por uma oração inicial a Deus, comandada por um pastor. Seguem-se os cânticos iniciais,

escolhidos dentre o hinário oficial (a Harpa Cristã) e uma leitura bíblica, que deve ser inspirada pelo Espírito Santo. A partir de então, surgem as oportunidades de cânticos (pelos grupos de crianças, jovens, adolescentes, senhoras, corais e bandas), de testemunhos dos fiéis (quando eles podem informar à comunidade o que Deus tem realizado em suas vidas) e de palavra pelos membros (quando os próprios fiéis podem citar versículos bíblicos com sua própria interpretação). Depois deste momento, começa o louvor e a oração pelas ofertas de dízimo. O momento mais esperado doculto é a pregação do pastor. Logo em seguida, é realizado o apelo aos que não são evangélicos a aceitarem Jesus como o único Salvador. O culto se encaminha para seu término, com os avisos sobre as próximas reuniões, o cântico de encarramento, a oração final e a bênção apostólica.

Nos últimos anos, a Assembleia de Deus vem realizando uma grande transformação em seus costumes. Anteriomente, ela determinava uma forte restrição nos hábitos de vestimenta, maquiagem e corte de cabelo, especialmente no que tange ás mulheres, afirmando que o uso de certos tipos de roupa ou de cortes de cabelo deveriam ser condenados como atos de vaidades. No entanto, a igreja percebeu que a adoção destas regras não deveria ser tomada como uma linha de sua doutrina, mas sim como um costume local que não feria os fundamentos cristãos. Na atualidade, a Assembleia de Deus passa por uma grande revisão de seus costumes e usos – enquanto alguns grupos internos aceitam a renovação dos hábitos, outros ainda preferem mantar as tradições. De qualquer forma, o Conselho da instituição modificou seu estatuto em 2011, removendo diversas proibições de seu texto, permitindo que as mulheres possam usar jóias, bijuterias e calças, recomendando sua utilização sem exageros.

A Igreja Cristã Maranata

A Igreja Cristã Maranata (ou Igreja Cristã Maranata – Presbitério Espírito Santanse ICM) é uma igreja evangélica pentecostal sediada no município de Vila Velha, no Espírito Santo. Sua fundação se deu no ano de 1968 e, de acordo com os dados do censo do IBGE de 2010, a igreja conta com mais de um milhão, quinhentos e cinquenta mil fiéis em todo os Brasil na atualidade. O surgimento desta Igreja está intimamente relacionado a um processo de cisão ocorrido no seio das igrejas protestantes históricas brasileiras durante a década de 1960, quando os membros destas instituições passaram a ter experiências em falar línguas estranhas ou desconhecidas por eles – em um fenômeno conhecido no mundo religioso como "glossolalia", tido como um dom ofertado por Deus aos homens.

O problema é que estes protestantes históricos (como os Batistas, os Luteranos, os Presbiterianos e os Anglicanos) não acreditam que os dons possam se manifestar na igreja contemporânea – ainda que a Bíblia trate dos dons espirituais e do Batismo do Espírito Santo (como na primeira carta de Paulo aos Coríntios), estas igrejas acreditam que estas manifestações eram exclusivas da Igreja Primitiva, defendendo que Deus não usa mais este método para se comunicar com os homens. Assim, estas igrejas tradicionais partem de uma interpretação da Bíblia bastante profunda, usando o próprio texto bíblico para entender a Bíblia – e não se valendo de experiências pessoais dos fiéis.

Nesse contexto, a Igreja Cristã Maranata surgiu como um grupo que acreditava nos dons espirituais e que decidiu deixar a Igreja Presbiteriana de Vila Velha, a partir desta discordância principal, entre os anos de 1967 e 1968. Suas primeiras reuniões ocorreram em um apartamento no bairro do Divino Espírito Santo, na mesma cidade, dando o nome à nova instituição de "A

porta". Em 1968, a igreja foi formalizada na cidade de Cariacica, no bairro de Itacibá, passando a receber membros de Juiz de Fora e Caratinga. Em 1980, o grupo passou a se chamar Igreja Cristã Maranata, retomando uma expressão do aramaico presente uma única vez no texto bíblico, em uma carta do apóstolo Paulo aos Coríntios, usada com a ideia de O Senhor vem! (era usada como uma oração e como uma saudação entre os cristãos primitivos), tendo sido escolhida para nomear a instituição por retomar a ideia de que Jesus voltará.

De acordo com os membros desta igreja, seu objetivo é pregar o Evangelho e adorar a Deus de acordo com as escrituras do Antigo e do Novo Testamento, tendo como única norma de prática e de fé a educação cristã, a conscientização social e espiritual do homem, a promoção de obras beneficentes e a assistência educacional e moral, sempre sem fins lucrativos – seja em território nacional ou no exterior. Desde sua institucionalização, a igreja se expandiu no Brasil e no mundo, especialmente no estado do Espírito Santo e de Minas Gerais. O cargo máximo na instituição é o de presidente, havendo três até os dias de hoje: o fundador, Manuel de Passos Barros (que permaneceu na liderança desde 1968 até 1986); seu sucessor, Edward Hemming Dodd (que ficou no cargo até 2007); e Gedelti Victalino Teixeira Gueiros, que permanece no posto.

Os templos da Igreja Cristã Maranata são construídos dentro de um mesmo padrão institucional com estilo colonial, semelhantes a um chalé (o que torna a obra mais barata) e, por isso, são facilmente reconhecíveis. De forma geral, possuem uma sala principal, na qual os cultos são realizados, além de salas anexas, banheiros e, na parte externa, jardins e varandas. Alguns deles ainda possuem jardins de inverno em uma de suas laterais ou ao lado do púlpito. Existem templos fixos em todas as regiões

brasileiras, mas a Igreja também conta com "salões", que são espaços para os cultos nos bairros onde o templo fixo ainda não existe. A Igreja Cristã Maranata faz cultos diários, com exceção das sextas-feiras, quando as reuniões noturnas devem ser realizadas por cada família em seu lar. Nos outros dias, existe um culto às 19:30, em Brasília, que é transmitido via satélite para as áreas que não possuem pastores (em toda a América, na Europa, na África, na Ásia e no Oriente Médio) através do Sistema de Comunicação do Presbitério Espirito-Santense da Igreja Cristã Maranata. Além disso, outras cidades realizam cultos de segunda à quinta, às 20:00.

Os domingos trazem cerimônias especiais: além do culto noturno, é realizada a Escola Bíblica Dominical, às 10:00. Os cultos são breves e objetivos, durando pouco mais de 40 minutos. Além disso, a Igreja possui o Instituto Bíblico Maranata, criado em 25 de dezembro de 1972, responsável por oferecer o Curso Bíblico e auxiliar na formação dos obreiros da Igreja, preparando-os para o ministério. A instituição também mantém os Maanains (Acampamentos de anjos), que são centros para retiros, festas e doutrinação dos fiéis, nos quais eles podem ter aulas ministradas por pastores, além de louvores e estudos da Bíblia.

A Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo

A Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo é uma igreja protestante que segue o pentecostalismo, originada em 1955. Atualmente, possui quase 200 mil fiéis no Brasil, sendo a décima quarta igreja protestante mais importante em todo o país. Seu fundador foi o pedreiro Manoel de Mello e Silva, nascido no município pernambucano de Água Preta, em 20 de agosto de 1929. Mesmo sem ter tido educação formal, ele estudou muito a Bíblia durante a juventude, tornando-se um pregador do Evangelho desde sua adolescência. Em 1947, o jovem Manoel mudou-se para

São Paulo, passando a fazer parte da Igreja Assembléia de Deus, da qual se tornou um diácono, trabalhando na construção civil durante o dia nas pregações no período noturno. Quatro anos depois, casou-se com Ruth Lopes. Logo no ano seguinte, adoeceu de uma série paralisia intestinal, sendo milagrosamente curado e, por esse motivo, passou a dedicar-se exclusivamente ao trabalho missionário, filiando-se à Cruzada Nacional de Evangelização (atual Igreja do Evangelho Quadrangular) e desligando-se da Assembléia de Deus. A partir de então, tornou-se pastor.

Em 1955, o pastor Manoel de Mello teve uma visão de Jesus Cristo, na qual ele teria ordenado ao pastor que desse início um movimento de reavivamente espiritual em terras brasileiras, com cura divina e evangelização. Segundo o pastor, nesta visão lhe foi dito que o movimento deveria ter o nome de "O Brasil para Cristo". O pastor reuniu em sua casa um grupo com cerca de 40 pessoas composto por amigos e por familiares, relatando sua visão e buscando organizar uma série de campanhas e cultos em locais improvisados, para dar início aos trabalhos da Igreja Jesus Betel – O movimento do caminho. Em 1956, o pastor Mello deu início a um projeto paralelo de evangelização através do rádio, com o programa A Voz do Brasil para Cristo. A iniciativa foi muito bem sucedida e ajudou a popularizar o ministério de forma imediata. Em conjunto com o pastor Alfredo Rachid Góes, conquistou um grande número de ouvintes, realizando o evangelismo por meio das ondas do rádio. Em pouco tempo, o programa passou a ser vinculado pela Rádio Tupi internacionalmente, permanecendo no topo da audiência por 34 anos consecutivos.

Em 3 de março de 1956, a instituição oficializou o início de suas atividades, deixando de ser chamada de Igreja de Jesus Betel, registrando-se como Igreja Evangélica Pentecostal. O lema "O Brasil para Cristo" foi incorporado ao seu nome oficial somente

em 1974. Nos primeiros anos, o seu crescimento surpreendeu a todos, lotando diversos teatros e estádios com pregações do pastor Mello.

No entanto, no período da ditadura militar, cresceram as acusações contra a igreja, que afirmavam que os milagres operados pelo pastor Mello eram charlatanismo e curandeirismo. Mesmo assim, ele manteve-se como um ativo denunciante contra os abusos e as injustiças do regime no Brasil e no exterior, fazendo com que fosse preso 27 vezes. A segunda do avivamento no Brasil também trouxe o descontentamento de muitos grupos, inclusive os católicos. Alguns membros da comunidade cristã eram contrários ao uso de instrumentos musicais dentro do templo, como baterias e guitarras, e também não gostavam de que os cultos fossem realizados fora das igrejas, como em estádios de futebol, teatros e casas de espetáculos. Assim, alguns grupos se tornaram dissidentes da igreja, deixando-a para formar novas denominações pentecostais, como foi o caso da Igreja Pentecostal Deus é Amor e da Casa da Bênção.

Em 1986, o missionário Manoel de Mello deixou a direção da igreja, falecendo 4 anos depois. A sede atual da igreja é o Grande Templo, no Bairro da Pompéia, em São Paulo. Em 2016, foi instituída uma lei federal que celebra o dia 3 de março como o Dia Nacional da Igreja O Brasil para Cristo. Atualmente, a igreja possui uma série de departamentos distintos para organizar a sua obra: para o trabalho com as crianças da igreja, existe a Meninada O Brasil para Cristo; o cuidado com os jovens é realizado pela Juventude Unida O Brasil para Cristo; o trabalho com os adolescentes é feito pelo departamento Adolescentes O Brasil para Cristo; para alcançar o maior número possível de crianças e oferecer a ela um dia de festa, existe o Projeto Sorrir Kids, iniciado em São Paulo e que já alcança a igreja no Paraguai; o trabalho

feminino é feito pela União Feminina O Brasil para Cristo, enquanto que os homens ficam responsáveis pela União Masculina O Brasil para Cristo; por fim a Missão Desafio é o órgão responsável pela implantação e manutenção das igrejas no exterior.

A Igreja Pentecostal Deus é Amor

A Igreja Pentecostal Deus é Amor é uma denominação brasileira do tipo pentecostal, cuja sede se localiza no município de São Paulo. Ela foi fundada pelo missionário David Martins Miranda no ano de 1962 e atualmente sua principal liderança é Freni de Oliveira Miranda, sua esposa. O núcleo da igreja é chamado de Templo da Glória de Deus e, além de ser a sede mundial da instituição, é tido como um dos maiores templos evangélicos do planeta. Nos dias atuais, a igreja possui mais de 22 mil locais de culto espalhados ao redor do Brasil e por mais de 150 outros países. De acordo com o censo do IBGE, o número de fiéis da Igreja Pentecostal Deus é Amor tem crescido muito nos últimos anos: em 2000, quase 750 mil brasileiros se autodeclaravam como membros da instituição; 10 anos depois, o número chegou a quase 850 mil. Assim, a instituição representa o nono maior grupo protestante no Brasil.

O fundador da Igreja Pentecostal Deus é Amor é o missionário David Miranda. Nascido no município paranaense de Reserva, em 4 de julho de 1936, Miranda cresceu em uma família católica no campo, mas perdeu seu pai aos 13 anos, o que fez com se mudasse para o município de Tibagi (atual Telêmaco Borba) para trabalhar na fazenda Monte Alegre. Aos 21 anos, a família deixou o Paraná e se mudou para São Paulo, onde a irmã mais velha de Miranda já vivia e já havia se convertido ao protestantismo. Aos poucos, todos os membros de sua família passaram a frequentar a

nova religião, permanecendo apenas David Miranda como católico.

A casa da família transformou-se em um ambiente de culto domiciliar, fazendo com que ele tivesse problemas de convivência por discordar dos preceitos protestantes e decidisse deixar o lar familiar. Sua conversão ocorreu em 6 de julho de 1958, aos 22 anos, quando ele havia decidido partir em segredo. Estava anoitecendo e ele procurava por uma festa, sendo surpreendido por um cântico que escutou. Parou para prestar atenção e ouviu várias vozes cantando e batendo palmas em um louvor – estava à frente da Igreja Maravilhas de Jesus, sob a liderança do pastor Leonel da Silva. Mesmo tendo preconceito contra os evangélicos, algo chamava sua atenção para aquele lugar e decidiu permanecer até o final do culto. A pregação do dia, sobre o sacrifício de Abraão, tocou seu coração e, quando o pastor convidou os fiéis para aceitarem Jesus, ele se levantou, foi à frente da igreja e se tornou evangélico.

A instituição foi fundada em 3 de junho de 1962, mas teve início três meses antes, quando David Miranda foi demitido da empresa onde trabalhava, recebendo uma indenização e alugando um salão na cidade de São Paulo, no bairro da Vila Maria. Ele afirmou ter recebido um sinal do Espírito Santo para fundar um centro de culto com o nome Deus é Amor, retomando uma passagem do Novo Testamento, do evangelista João, que afirma que o amor de Deus está no cumprimento estrito de seus mandamentos. Os primeiros membros da igreja eram apenas três: o próprio missionário, sua irmã Araci Miranda e sua mãe, Anália Miranda, mas a igreja recebeu cerca de 50 pessoas. Aos poucos, o número de fiéis foi crescendo. No dia 15 de abril do mesmo ano, David Miranda foi ungido como pastor por seu amigo, o reverendo Roberto Anézio, da Igreja Pentecostal do Brasil, à qual a família de

Miranda pertencia antes da fundação da nova instituição. O missionário faleceu em 2015, vítima de um infarto.

O desenvolvimento da Igreja Pentecostal Deus é Amor ocorreu entre as décadas de 1970 e 1990. A instituição foi uma precursora do movimento de avivamento evangélico pentecostal no Brasil, sendo uma das primeiras a ter grande número de fiéis, a enfatizar a doutrina da justificação pela fé e da santificação do espírito, do corpo e da alma a partir da preservação dos bons costumes, acreditando na manifestação de sinais e de milagres através das libertações, das revelações e principalmente das curas divinas. Os cultos ficaram famosos por apresentarem pessoas paralíticas deixando suas cadeiras de rodas e suas muletas, por relatos de tumores que foram expelidos, por fiéis que conseguiam falar mesmo não tendo a sua língua e até por mortos que foram ressuscitados pelo poder da oração da igreja concentrada em cultos, juntamente com o missionário David Miranda. Os programas de rádio e de televisão traziam gravações de diversos destes milagres.

A Igreja tem um regulamento interno para os membros que consiste em um manual com os ensinamentos e condutas corretas para todos os fiéis que foram batizados. Ele acompanha a carteirinha de membro da instituição e cada uma das normas é contextualizada por um trecho da Bíblia, explicando porque esta regra existe. Dentre as orientações que a Igreja solicita aos seus membros, está a não ingestão de bebidas alcóolicas, a proibição às tatuagens, a recomendação para não assistir televisão (especialmente os filmes e as novelas, pois a instituição afirma que estes programas são meios de propagação de mentiras e enganos que levam à destruição das famílias). Há, ainda, normativas direcionadas especialmente a cada gênero: aos homens, por exemplo, pede-se que evitem os cabelos compridos e usem

somente roupas simples que não demonstrem traços de sensualidade; já às mulheres, pede-se que não cortem os cabelos e não usem roupas curtas, com decotes ou ombros de fora. O manual ainda pede que seus membros valorizem a beleza interior, evitando o uso de adereços de quaisquer tipos e maquiagens. Nas outras questões, a Igreja Pentecostal Deus é Amor adota a regra de fé das igrejas protestantes.

O núcleo da Igreja Pentecostal Deus é Amor foi transferido, em 2004, para o Templo da Glória de Deus, uma grande construção de 65 metros quadrados com 50 metros de altura, situado em uma importante avenida da cidade de São Paulo. Em sua inauguração, contou com caravanas de todo o Brasil e de vários países. As cadeiras da igreja possuem sete cores diferentes, representando as sete cores do arco-íris, que simboliza a igreja. No dia 24 de agosto de 2016, foi sancionada uma lei na cidade de São Paulo, de autoria do vereador Jair Tatto, que colocou no calendário de eventos da cidade o Dia da Igreja Pentecostal Deus é Amor, a ser celebrado no dia 3 de junho (ainda que não seja um feriado municipal). O município de Suzano, na região metropolitana de São Paulo, também comemora esta data desde 2015.

Atualmente, a igreja conta com diversos meios de comunicação. O rádio é o principal deles, através do qual já transmite o programa "A Voz da Libertação" há mais de meio século, através da Rádio Deus é Amor, com 24 horas de programação diária. A cadeia de emissoras abrange o Brasil, a América Latina e parte dos Estados Unidos, da Europa e da África. A instituição também utiliza a internet, com links para a transmissão do programa e com um site oficial. Além disso, possui o jornal O Testemunho, a revista IDE – Expressão Jovem e canais em todas as redes sociais.

A Igreja Universal do Reino de Deus

A Igreja Universal do Reino de Deus (também chamada apenas de Universal) é uma igreja protestante neopentecostal, sediada na cidade de São Paulo, no Templo de Salomão. Foi fundada por Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares em 9 de julho de 1977, transformando-se na quarta maior igreja protestante do Brasil (e a maior neopentecostal), contando com quase 1,9 milhão de membros no país, de acordo com os dados do censo do IBGE de 2010. Além disso, ela possui mais de 8 milhões de fiéis em todo o mundo e 15 mil pastores, distribuídos por 105 países. Ela possui uma grande atividade de evangelização através de diferentes mídias, como o rádio, com a Rede Aleluia; o Grupo Record de emissoras de rádio e televisão (que pertencem ao bispo Edir Macedo, e não diretamente à instituição, mas realizam trabalhos missionário e evangelizador); a TV Universal; o portal Universal.org, na internet; as publicações impressas Folha Universal, Plenitude, Mão Amiga e Obreiro da Fé; além de uma grande indústria de música gospel, com a gravadora Line Records, e de livros, com a editora Unipro.

Durante a década de 1960, Edir Macedo era um membro da Igreja Nova Vida, liderada pelo pastor canadense Robert McAlister. Em conjunto com seu cunhado, Romildo Ribeiro Soares, ele frequentou a igreja por cerca de doze anos. Os dois fiéis formaram um grupo (unidos ao sobrinho de Macedo, Marcelo Crivella – atual prefeito do Rio de Janeiro – a Roberto Augusto Lopes, a Carlos Rodrigues e aos irmãos Fidélis e Samuel Coutinho) e decidiram deixar a igreja em 1974, dando início ao ministério Cruzada do Caminho Eterno. Tanto Macedo quanto Soares já haviam sido consagrados como pastores pela Casa da Bênção pelo missionário Cecílio Carvalho Fernandes. Em 1977, devido a desentendimentos internos, Edir Macedo, Romildo Ribeiro Soares

e Roberto Lopes deixaram a Cruzada do Caminho Eterno e fundaram a Igreja Universal do Reino de Deus, no bairro carioca da Abolição. Apenas três anos depois, há uma nova cisão no grupo: o cunhado de Edir Macedo decide criar sua própria igreja, a Igreja Internacional da Graça de Deus, tornando-se conhecido como o missionário R. R. Soares.

A expansão da Igreja Universal do Reino de Deus foi rápida desde a década de 1970 e nenhuma outra igreja protestante conseguiu crescer tanto em tão pouco tempo. Em 1985, ela já contava com 195 templos em 15 estados. Apenas dois anos depois, o número de igrejas já passava de 350. Atualmente, o principal templo da instituição situa-se na cidade de São Paulo e é conhecido como Templo de Salomão, tendo sido construído a partir de relatos bíblicos de como teria sido o próprio Templo do Rei Salomão, na Antiguidade. A igreja é conhecida por erigir mega templos ao redor do mundo, como o Templo Maior, em Curitiba, além de uma igreja semelhante a um estádio de futebol, que está sendo construída em Brasília.

A Igreja Universal do Reino de Deus possui um conjunto de doutrinas bastante particular. Ela enfatiza a teologia da prosperidade, afirmando que a bênção em vida é alcançada não somente pela fé, mas principalmente pelos sacrifícios materiais que o membro precisa realizar, como as ofertas e o pagamento do dízimo. A doutrina da igreja determina o retorno de Jesus Cristo através do arrebatamento e a vida eterna depois da morte. Também determina que Deus é único, composto pela Trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Tem a Bíblia como um livro escrito por homens inspirados por Deus. Também prega que o batismo deve ser realizado nas águas através da imersão. É contrária à veneração de imagens. Acredita que o batismo no Espírito Santo é indicado pelos dons (como a cura divina) e permite com que o fiel nasça de

novo, tornando-se uma nova criatura. Em seu culto, os testemunhos são uma parte muito importante e ajudam na divulgação da doutrina da igreja nos veículos da mídia.

O emblema da igreja é uma pomba branca dentro de um coração vermelho, simbolizando a presença do Espírito Santo no coração de cada fiel. O símbolo da Igreja Universal do Reino de Deus está na fachada e no interior de todos os templos. Ela também utiliza outras representações, como uma cruz, o candelabro judaico (a *menorá*) e as duas mãos juntas em oração. A instituição possui dois slogans principais: "Jesus Cristo é o Senhor", uma escolha do próprio bispo Edir Macedo para se diferenciar das outras denominações de seu período (que traziam apenas o nome da igreja e do fundador); e "Pare de Sofrer", como um chamado de salvação para o não-membro. As principais reuniões da igreja ocorrem aos domingos e às quartas-feiras, destinadas à busca do Espírito Santo e à salvação da alma. Durante as segundas-feiras, é realizado o "Congresso para o sucesso", uma reunião específica para a busca de prosperidade financeira. Às quintas-feiras, os templos realizam uma reunião com orientações sobre a vida sentimental, conhecida como "terapia do amor" (que se tornou também um programa televisivo). Às terças e sextas-feiras, ocorrem as reuniões para libertação, também conhecidas como "sessões de descarrego", quando os pastores buscam libertar as pessoas dos demônios. Por fim, o sábado é destinado ao jejum das causas impossíveis, voltado para os fiéis que possuem problemas de difícil resolução. Assim, existe atividade diariamente em todas as casas da instituição.

A Igreja Messiânica Mundial

A Igreja Messiânica Mundial foi fundada em 1935, no Japão, por Mokiti Okada, o Senhor da Luz (Meishu-Sama). A

denominação é classificada como uma Nova Religião Japonesa e, ainda que fale sobre o retorno de um Messias e seja monoteísta, ela não é uma religião cristã – sendo o "messias" indicado o seu fundador. No Brasil, há quase dois milhões de seguidores da Igreja, sendo mais de meio milhão deles capacitados para a aplicação de Johrei, nos mais de 500 templos da instituição (os Johrei Centers). Ela também é encontrada em mais de 90 países. De acordo com a história da Igreja, seu fundador recebeu, através de uma revelação de Deus, a missão de iniciar a construção de um mundo ideal, o Paraíso Terrestre, que unificasse as ideias do Belo, do Bom e da Verdade, transformando a civilização atual, substituindo a doença pela saúde, a miséria pela prosperidade e a guerra pela paz.

A instituição chegou ao Brasil somente na década de 1950, devido ao grande fluxo migratório ocorrido após a Segunda Guerra Mundial. De acordo com os registros históricos, o primeiro messiânico a chegar ao Brasil foi o deputado federal Kajyu Nakamura, que participou da comissão japonesa vinda ao Brasil para concluir o convênio para o restabelecimento da imigração do Japão para nosso país, em 1951. No ano seguinte, o principal periódico da Igreja no Japão publicou uma matéria mencionando as graças alcançadas por uma senhora que frequentava a Igreja no Japão e havia se mudado para o Brasil, relatando que ela continuava recebendo as bênçãos pela leitura dos Ensinamentos de Meishu-Sama. A primeira igreja fora do Japão foi criada em 1953, quando a reverenda Kyoko Higuchi e o ministro Hruhiko Ajiki foram enviados ao Havaí, nos Estados Unidos.

Em 1954, Teruko Sato, com apenas 18 anos, foi a primeira missionária enviada ao Brasil para difundir a fé messiânica e a prática do Johrei, aportando no estado do Amazonas. Ela trouxe consigo dez medalhas sagradas utilizadas no Johrei, o Ohiraki, para distribuir para aqueles que quisessem aprender a prática para

ministra-la. Com a morte do fundador da religião, novos ministros chegam ao Brasil, em 1955, difundindo a religião no Sudeste, especialmente em São Paulo e no Paraná, devido às restrições impostas pelo idioma japonês. Em 1962, já havia mais de 1300 ministrantes de Johrei no país, fazendo com que a Sede Geral da Igreja no Japão enviasse a primeira turma de jovens missionários preparados para as práticas religiosas. A primeira sede própria da Igreja foi fundada em 1963, no município paranaense de Londrina. Apenas sete anos depois, teve início a formação de ministros brasileiros, através da implantação do Seminário de Formação Sacerdotal no país. Em 1995, a Igreja inaugurou o Solo Sagrado de Guarapiranga, transformando-o na sede nacional da instituição.

Segundo a doutrina da Igreja, existe um único Deus, responsável pela criação do Universo. Desde o início da criação, este Deus buscou criar o Paraíso na Terra – e não em outra esfera da vida, atuando o tempo todo para tornar este objetivo concreto, transformando o ser humano em seu representante, fazendo com que todas as outras criaturas se submetessem a ele. Dessa forma, os fieis acreditam que a história da humanidade foi composta por diversas etapas preparatórias para a concretização deste paraíso terreno, nas quais Deus criou as religiões e os povos necessários, cada qual com sua missão naquele determinado período. Os membros da denominação acreditam que Deus enviou para a Terra Meishu-Sama, o fundador da instituição, em um momento de caos no mundo com a missão de realizar a obra sagrada de salvação da humanidade e, por isso, a Igreja Messiânica Mundial se empenha em acabar com a pobreza, os conflitos e as enfermidades, considerados como os três principais problemas a serem enfrentados pela humanidade, a fim de se compor o mundo ideal, na paz eterna e na perfeita Verdade, Beleza e Bem.

A base para o desenvolvimento da doutrina da Igreja Messiânica Mundial é a prática do Johrei, um método utilizado para a canalização da energia espiritual com o objetivo de purificar o espírito, buscando transformar a falta de harmoniza material e espiritual em harmonia. De acordo com a religião, quando o homem se encontra em um estado em que suas atitudes, suas palavras e seus pensamentos estão em desacordo com sua verdadeira natureza altruísta, ele passa a acumular impurezas em seu espírito e em seu corpo, o que leva ao desenvolvimento de dificuldade financeiras, enfermidades e conflitos. Assim, o Johrei serve para despertar e purificar a natureza verdadeira do seu humano, restabelecendo seu equilíbrio original, sendo uma forma de criar a felicidade.

O membro da religião – chamado de "messiânico" qualificado para a aplicação do Johrei transforma-se em um canal de Luz Divina, podendo transmitir a energia espiritual ao fiel através da imposição das mãos, refletindo em bem-estar físico, mental e espiritual. Qualquer pessoa pode receber o Johrei, independente de sua crença. Os benefícios desta prática são de diversas naturezas, tornando quem a recebe mais pacífico, mais sereno, com maior saúde física e espiritual, mais fortalecido para ultrapassar os desafios cotidianos, mais desperto para a existência de Deus, com a personalidade mais elevada e a aura mais expandida, mais protegido e mais consciente de suas oportunidades, tornando-se mais altruísta e mais grato, segundo acreditam os membros desta denominação.

A Igreja Evangélica Congregacional do Brasil

A Igreja Evangélica Congregacional do Brasil é uma denominação protestante formada por um movimento reformado congregacional em que cada unidade possui autonomia para a

seleção de seus pastores, para a sua reflexão teológica, para a expansão de sua missão e para manter relações com outras congregações. Ela foi criada em 1942 por missionários argentinos, que chegaram ao Brasil em 1938 e se institucionalizaram somente quatro anos depois. É a terceira maior denominação congregacional brasileira, depois apenas da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil e da Igreja Cristã Evangélica, com cerca de 50 mil membros, de acordo com o censo do IBGE de 2010.

O Congregacionalismo tem suas origens no movimento puritano e no separatismo inglês. A partir das reformas da Igreja Anglicana, durante o reinado de Henrique VIII, alguns setores apresentavam um profundo sentimento de inconformismo e lutavam por reformas mais profundas na igreja, buscando a pureza na doutrina, no governo, na vida e na liturgia. Assim surgiram os puritanos, que queriam "purificar" a igreja inglesa mantendo-se nela, e também os separatistas, que partiram para a formação de comunidades separadas da Igreja vigente. As primeiras manifestações ocorreram em 1561, com a Exortação à Reforma da Igreja, defendendo a criação de uma hierarquia eclesiástica como a que Jesus havia estabelecido, com pastores, superintendentes e diáconos – dando a mesma autoridade a todos os pastores, sem que as igrejas governassem umas sobre as outras – por isso a necessidade da autonomia.

A instituição foi fundada no Brasil por um grupo de missionários congregacionais vindos da Argentina, que deram início a um trabalho religioso no Rio Grande do Sul, no ano de 1938. Diversas igrejas independentes começaram a surgir no estado, desmembrando-se das Igrejas Luteranas, especialmente depois do surgimento do movimento pietista, ocorrido dentro do Luteranismo, que passou a valorizar as experiências individuais dos

fiéis frente à dimensão ortodoxa da religião. Em 11 de janeiro de 1942, o pastor Karl Spittler organizou a denominação brasileira com a fundação de sete igrejas que, a partir de então, cresceram para vários estados nacionais: Linha Morengaba, em Panambi; Linha 27, em Ijuí; Padre Gonzales, em Três Passos; Cerro Largo, em Guarani; Ati-Açú, em Sarandi; Marupiara, em Paraíso do Sul; e Nova Boêmia, em Agudo.

Durante os primeiros anos, a grande maioria dos pastores não tinha formação. Somente a partir de 1948, o Instituto de Teologia Argentina passou a mandar para o Brasil pastores formados. No ano seguinte, as igrejas congregacionais brasileiras passaram a receber apoio daquelas sediadas nos Estados Unidos, com a vinda do pastor Richard Knerr, contando nesse período com 38 comunidades. Doze anos depois, foi fundado o Instituto Bíblico Evangélico Congregacional, no município gaúcho de Ijuí, permitindo a formação de pastores brasileiros em território nacional. Durante a década de 1970, a instituição transformou seu instituto em um Seminário, expandindo-o para os estados do Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Amazonas.

Dentre os princípios doutrinários da Igreja Evangélica Congregacional do Brasil, estão a crença na Santíssima Trindade (o Deus pai, responsável pela criação e manutenção de todas as coisas; o Deus filho, responsável pela salvação da humanidade; e o Deus Espírito Santo, responsável pela santificação). A Bíblia Sagrada é considerada como a palavra infalível de Deus, escrita sob inspiração do Espírito Santo. A denominação também acredita na divisão entre Céu e Inferno – sendo este habitado por Satanás e por todos aqueles que se afastam de Deus, enquanto aquele é a morada de Deus e para onde ele levará sua igreja. Uma

especificidade desta igreja é a crença nos anjos como seres espirituais responsáveis pela execução das ordens divinas.

Para seus membros, o Batismo é único e determina a aceitação da graça de Deus, mas não tem o poder de salvação nem de perdão dos pecados. Eles também esperam o retorno de Cristo no momento do fim do mundo – o Arrebatamento. Para seus fiéis, a fé e os dons divinos precisam ser provados a partir das obras dos homens realizadas em vida. O casamento é uma prática que não pode ser desmanchada e a oração é a forma de comunicação e agradecimento. A igreja não permite a ordenação de mulheres e utiliza o português, o espanhol e o alemão como línguas oficiais. É a única denominação congregacional do país que participa do Conselho Latino-Americano de Igrejas.

A Igreja Pentecostal Casa da Bênção

A Igreja Tabernáculo Evangélico de Jesus, conhecida popularmente como Igreja Casa da Bênção, é uma igreja protestante ligada ao movimento pentecostal, fundada em 9 de junho de 1964, na cidade de Belo Horizonte. Seu primeiro culto oficial registrado ocorreu na Praça Vaz de Melo (onde atualmente está a Rodoviária da cidade), às 15 horas, tendo sido ministrado pelo casal Doriel de Oliveira e Ruth Brunelli de Oliveira, ainda que eles já tivessem realizado outros cultos como ministros da Igreja O Brasil para Cristo. As reuniões passaram a ocorrer na mesma praça durante 5 meses, até que os fiéis conseguiram encontrar um templo físico. O crescimento da denominação foi investigado Departamento de Ordem Política e Social – o DOPS, um dos principais órgãos de repressão da ditadura militar – levando à prisão de alguns dos pastores.

Diferentemente da maioria das igrejas fundadas na década de 1960, a Igreja Casa da Bênção foi criada de forma independente

aos principais núcleos evangélicos internacionais, como a Inglaterra, os Estados Unidos, o País de Gales e a Suécia, surgindo como uma igreja protestante brasileira, que serviu como alternativa ao tradicionalismo católico de Minas Gerais. Em 1969, as principais lideranças da instituição decidiram partir para o Distrito Federal, instalando na região uma nova sede, enquanto 40 congregações já haviam se estabelecido na região de Belo Horizonte. Em maio de 1970, o casal Oliveira e mais 500 membros, afirmando seguir uma revelação de Deus, chegaram até Brasília, afirmando que Belo Horizonte seria destruída por algum tipo de catástrofe.

Os jornais publicaram esta declaração, fazendo com que o DOPS prendesse o missionário Ivo de Oliveira, que havia ficado em Belo Horizonte para gerenciar a obra mineira. Além de suas funções religiosas, o missionário era um importante empresário mineiro, permanecendo em cárcere por mais de 24 horas, pregando para todos os detentos e convertendo vários deles para o trabalho religioso na igreja. Enquanto isso, os missionários Doriel e Ruth deram início à construção de uma pequena igreja de madeira na Vila Dimas de Taguatinga, uma das cidades satélites de Brasília, em um período em que a nova capital do Brasil era considerada como um empreendimento falido e os operários que vieram para a construção da cidade pensavam em retornar para suas regiões de origem. Percebendo o sentimento de pessimismo generalizado, os missionários passaram a pregar nas praças principais da cidade, como a Praça dos Três Poderes e a Praça da Fonte, dando início ao que eles chamaram de "guerra espiritual", tornando a Casa da Bênção e suas lideranças muito conhecidas na região.

A Igreja Pentecostal Casa da Bênção conseguiu criar seu primeiro templo de alvenaria em 1980, transformando-o em sua sede provisória, no setor F Sul, podendo comportar melhor a

quantidade crescente de fiéis. Aos poucos, a igreja ficou conhecida pelos milagres que seus adeptos afirmavam presenciar, como a cura de pessoas com necessidades especiais e a libertação de espíritos malignos. Um dos casos mais famosos noticiados nas redes televisivas foi o da jovem Ieda, que expelia diversos objetos metálicos pelo corpo, como pregos, agulhas e pedaços de arame, encontrando a cura espiritual na congregação. Em 1985, foi inaugurada a Catedral da Bênção, sede definitiva da instituição, com capacidade para 5 mil fiéis. Atualmente, está sendo construída uma nova catedral, réplica da atual em maior dimensão, muito semelhante a uma mega igreja protestante dos Estados Unidos. Nos dias de hoje, ela possui mais de um milhão de membros, estando presente em 14 países, como Portugal, Angola, Gana, Costa do Marfim, Argentina, Chile, Japão, Inglaterra, Suíça e os Estados Unidos, tendo mais de 2 mil templos somente no Brasil.

A organização da igreja conta com um Supremo Concílio, seu órgão principal, presidido atualmente pelo apóstolo Jair de Oliveira, que foi responsável pela reformulação do estatuto após a morte de seu fundador, criando os cargos de bispos para alguns dos mais importantes missionários. O órgão é responsável por dar suporte e coordenar todas as atividades da instituição. Também existem sedes regionais e um seminário para a preparação dos pastores, fundado em 1997, presidido pela missionária Ruth Brunelli de Oliveira – a fundadora da Igreja. O Projeto Jesus em Cada Lar organiza os cultos nas casas dos fiéis. Anualmente, a Igreja realiza uma Convenção Nacional para o encontro de suas lideranças. O principal meio de comunicação da instituição é a Revista Mensagem.

Dentre as doutrinas defendidas pela Igreja, estão a presença de Deus através da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), a inspiração divina para a composição da Bíblia –

considerada como uma expressão da autoridade de Deus – e a necessidade de um novo nascimento do homem através do Batismo, que deve ser realizado em idade adulta, através da imersão. Aceita mulheres como pastoras e reconhece os dons do Espírito Santo, como o falar em línguas (glossolalia). O culto é formado por um momento de oração, o espaço do louvor e, posteriormente, pela pregação. A instituição aceita a música cristãs contemporâneas.

A Igreja Internacional da Graça de Deus

A Igreja Internacional da Graça de Deus é um movimento religioso cristão protestante de natureza neopentecostal. A denominação foi fundada em 9 de junho de 1980 no município do Rio de Janeiro por Romildo Ribeiro Soares, conhecido popularmente como Missionário R. R. Soares. Atualmente, a igreja já conta com mais de 5000 templos no Brasil e em diversos outros países, sediados em São Paulo, no Templo da Graça. Uma nova sede está sendo construída, contando com capacidade para mais de dez mil pessoas, estacionamentos para automóveis, ônibus e micro-ônibus, além de um grande espaço para a realização de casamentos e festividades religiosas, com o nome de Templo das Nações.

A história da Igreja Internacional da Graça de Deus tem grande ligação com a história de seu fundador. Em 1968, Romildo Ribeiro Soares decidiu se tornar pastor evangélico após ler a obra do evangelista pentecostal estadunidense Thomas Lee Osborn sobre a cura espiritual, especialmente o livro "Curai Enfermos e Expulsai Demônios", sendo despertado para o ministério espiritual. No mesmo ano, Soares conhecer Edir Macedo na Igreja Pentecostal Nova Vida, transformando-se posteriormente em seu cunhado. Em 1975, foi ordenado pastor pelo missionário Cecílio

Carvalho Fernandes, na igreja Casa da Benção, fundando a Igreja Cruzada do Caminho Eterno em conjunto com os irmãos Fidélis Coutinho e Samuel Coutinho. Em 9 de julho de 1977, funda a Igreja Universal do Reino de Deus, em companhia de Edir Macedo. Soares permaneceu na Igreja Universal durante três anos, sendo a liderança inicial da denominação, transferindo-a posteriormente para Macedo. Sua saída ocorreu devido a desentendimentos teológicos com outros membros. Em 1980, foi realizada uma eleição entre os 15 principais pastores que decidiram quem assumiria a liderança definitiva da igreja, sendo somente 3 favoráveis a Soares e 12 a Edir Macedo.

Nesse momento, R. R. Soares decidiu fundar sua própria denominação, a Igreja Internacional da Graça de Deus, cujo primeiro templo foi sediado na Rua Alfredo Dolabela Portela, na capital carioca, como uma sede temporária. No mesmo ano, a sede foi transferida para o município de Duque de Caxias, no mesmo estado. Em pouco tempo, a igreja se expandiu, abrindo novos templos em todos os estados brasileiros. Em 2003, a denominação deu início a seu ministério internacional, abrindo templos nos Estados Unidos, sendo a primeira experiência no estado da Flórida. Atualmente, há cerca de 1500 templos fora do Brasil, especialmente na Argentina, no Peru, no Uruguai, no Chile, no Paraguai, na Espanha, em Portugal, na Inglaterra, na França, no México, no Japão, na Índia e na África do Sul. Grande parte da ação missionária fora do país foi possível pelo Programa Show da Fé, que transmite os cultos da igreja pela televisão.

A Igreja Internacional da Graça de Deus possui um conjunto de doutrinas ligadas às igrejas pentecostais, ainda que a orientação da denominação seja neopentecostal. Seus membros acreditam na existência de um único Deus, manifestado através da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), aguardando o

retorno de Jesus Cristo para a salvação humana no final dos tempos – o Arrebatamento. Segundo as doutrinas da Igreja, apenas a fé é capaz de salvar o homem. Os fiéis acreditam na existência do inferno – tido como uma segunda morte – e no céu – considerado como a vida eterna, além de consideraram a Bíblia Sagrada como um texto infalível composto por inspiração divina. Defendem o Batismo pelo Espírito Santo e o batismo realizado por imersão, na idade adulta, considerado como um novo nascimento do fiel dentro do seio da Cristandade.

Dentro das práticas da denominação, existe o reconhecimento dos dons do Espírito Santo (como as profecias e o falar em línguas), a libertação dos "espíritos malignos", a oferta de dízimos e a prática de cura. Cabe ressaltar que a Igreja Internacional da Graça de Deus não aceita a proposta da teologia da prosperidade, que defende que a riqueza material deve ser entendida como uma prova concreta da fidelidade de seu membro a Deus. De acordo com R. R. Soares, a prosperidade deve ser entendida como uma dádiva de Deus, mas isso não quer dizer que todo cristão com posses é necessariamente fiel a Deus – retomando o Livro dos Salmos e o Evangelho de Marcos, o missionário afirma que a prosperidade divina é a libertação da miséria e não a riqueza. A igreja também nega a ideia de predestinação.

A principal atividade da Igreja Internacional da Graça de Deus que a tornou rapidamente conhecida foi seu ministério nas mídias, especialmente nas redes televisivas. O missionário já foi o homem com o maior tempo de exposição na televisão aberta do país, com mais de 100 horas semanais de programação. Desde 1997, a igreja possui programas em horário nobre, sendo o mais famoso deles o Show da Fé, exibido atualmente na Rede Bandeirantes e na Rede TV. A denominação também possui sua

própria rede de televisão – a Nossa TV, sua emissora própria de rádio – a Nossa Rádio, com 18 retransmissoras, a Graça Filmes (que produz e distribui longas-metragens) e a Graça Editorial. A rede ainda possui duas faculdades: a Academia Teológica da Graça de Deus e a Faculdade do Povo. De acordo com o censo do IBGE de 2010, cerca de 1,2 milhões de brasileiros são membros da Igreja Internacional da Graça de Deus, sendo esta a oitava maior denominação protestante do país.

A Comunidade Cristã Paz e Vida

A Comunidade Cristã Paz e Vida é uma igreja ligada ao movimento neopentecostal brasileiro, criada na cidade de São Paulo pelo pastor Juanribe Pagliarine, no ano de 1982. Atualmente, a igreja possui uma série de veículos de comunicação no país, como a Rádio Feliz FM, a emissora independente de televisão TV Feliz (no Rio Grande do Norte), além de uma série de emissoras de rádio em várias cidades do país, como Natal, Recife, João Pessoa e Fortaleza. A comunidade já conta com mais de 220 congregações distribuídas por todo o Brasil e também por diversos países, como o Paraguai, a Argentina, a Guiana Francesa, Portugal e as nações africanas que falam o português.

O fundador da comunidade nasceu no município de Capivari, em São Paulo. Aos 14 anos, já morando em São Caetano do Sul, foi trabalhar como metalúrgico na General Motors do Brasil, convertendo-se ao Cristianismo aos 21 anos ao presenciar um sermão de seu tio, o pastor Jayme Pagliarin, pertencente à Igreja do Evangelho Quadrangular. Juanribe Pagliarin montou uma agência de publicidade mas, ao se mudar para Manaus, recebeu um chamado para trabalhar como pastor. Em 1982, fundou a Comunidade Cristã Paz e Vida. No entanto, a igreja e o pastor ganharam notoriedade quando ele escreveu uma carta aberta

ao Papa Francisco, afirmando sua desaprovação quanto à utilização das verbas públicas para a realização da Jornada Mundial da Juventude, um grande evento católico organizado no Brasil em 2013 que recebeu o papa.

Os adeptos da Comunidade Cristã Paz e Vida acreditam que a Bíblia foi escrita a partir da inspiração de Deus. Também acreditam que Deus se divide em três – Pai, Filho e Espírito Santo. Eles defendem o retono de Jesus Cristo para a instituição de seu Reino Milenar, segundo a visão profética e histórica do livro bíblico do Apocalipse. Defendem a existência do Juízo Final, que vai determinar a felicidade eterna em um novo céu e nova terra para todos aqueles que acreditarem em Jesus Cristo, da mesma forma em que vai se dar um tormento eterno para os incrédulos. A Igreja também prega a Teologia da Prosperidade, uma doutrina religiosa que afirma que as bênçãos financeiras são fruto do desejo divino para aqueles cristãos que demonstrarem sua fé através das doações, das obras e dos discursos positivos para seus ministérios, aumentando assim sua própria riqueza material.

Segundo a doutrina religiosa da comunidade, a conversão se dá quando o fiel se torna propriedade de Jesus e do Reino dos Céus, deixando de pertencer ao mundo terreno, recebendo um forte desejo de santificação por seu amor ao filho de Deus, guardando a palavra de Deus, lutando contra toda a vontade de pecar, visto que o pecado já não lhe traz mais prazer e sim dor e tristeza. O cristão santificado deve se separar do mundo e se tornar parte do "povo santo de Deus" – mas esse processo não é considerado como um mérito individual, e sim como resultado de uma vida inteira cheia do Espírito Santo, conseguida através de vários frutos de obras realizadas em nomes de Deus. A omissão e o conformismo também são considerados como pecados. Para atingir este processo de santificação, os membros da comunidade

devem ser batizados nas águas por imersão e mostrar o desejo do renascimento no Espírito Santo através de suas palavras, de seus gestos e de seus pensamentos. Também devem auxiliar no processo missionário da igreja, trazendo mais fiéis, oferecendo suas orações, trabalhos voluntários e contribuições financeiras. Devem fugir das discussões doutrinárias, concepções filosóficas e ideias marginais.

O Ministério Nova Jerusalém

O Ministério Nova Jerusalém, também conhecido como Igreja Batista em Renovação Espiritual Nova Jerusalém, é uma igreja protestante ligada ao movimento pentecostal. Foi fundada em uma comunidade carente do Rio de Janeiro, o Morro da Mangueira, em 19 de outubro de 1985. Desde sua fundação, o Ministério é liderado pelo pastor Manoel Silva, tendo sido consagrado para a missão religiosa em 1983.

Os primeiros cultos foram realizados em uma garagem, mas em pouco tempo o número de fiéis cresceu muito, sendo necessária a busca por um novo espaço maior para a realização das cerimônias. Em menos de um ano, a igreja foi transferida para o bairro de Sampaio, em uma casa própria comprada com os dízimos dos membros da instituição. No dia 08 de junho de 1986, a igreja deu um passo ainda maior, fundando o Seminário Teológico Evangélico Vida e Luz, formando obreiros e pastores de forma gratuita. Com duração de três anos, o curso para a formação de religiosos ensina hebraico, grego, síntese bíblica, hermenêutica e diversos temas teológicos.

O crescimento da instituição foi tamanho que, com somente cinco anos de existência, a instituição fundou o Acampamento dos Anjos, um sítio com quase 20 mil metros quadrados, para a realização de algumas festividades. Ainda em

1990, novos templos foram inaugurados. Em 1996, a igreja também ganhou uma instituição para oferecer serviços à comunidade, a Fundação Fonte de Amor. Em 2007, a igreja fundou seu novo templo, que atualmente sedia a instituição.

No entanto, a denominação ficou mais conhecida a partir do ano de 2000, quando inaugurou o Estúdio de Gravação Nova Jerusalém, passando a gravar diversos grupos de música cristã contemporânea sob a liderança do casal de pastores e compositores Samuel Silva e Denise Gonçalves. O desejo de lançar um disco era antigo, mas as condições financeiras ainda não permitiram a composição e divulgação dos louvores cristãos mais executados na igreja. Em agosto de 2001, o Ministério recebeu o convite da gravadora MK Music, passando a produzir seu primeiro álbum com o selo Louvor das Igrejas, alcançando grande sucesso e projeção nacional. O Ministério organizou uma banda fixa de sua denominação, passando a gravar outros discos pela mesma gravadora e a fazer shows por todo o Brasil, transformando suas músicas em um repertório comum de louvores das principais igrejas brasileiras. O sucesso foi tamanho que o Ministério foi indicado ao Grammy Latino como Melhor Álbum de Música Cristã em Língua Portuguesa, em 2003. Entre 2006 e 2009, o grupo gravou outros discos de forma independente, assinando com a gravadora Graça Music em 2010. Quatro anos depois, em 2014, retornou a gravar com a MK Music, sua gravadora inicial.

A Igreja Apostólica Fonte da Vida

A Igreja Apostólica Fonte da Vida é uma denominação cristã pertencente ao movimento neopentecostal que tem a Bíblia como fonte de sua doutrina e a visão apostólica como parâmetro principal de seu culto. Inicialmente, foi chamada de Ministério Comunidade Cristã, sendo responsável pelo lançamento de

diversos nomes da música gospel, como os cantores Kleber Lucas e Alda Célia. A igreja é liderada por um casal de pastores, Rúbia de Sousa e César Augusto, tendo muitos departamentos específicos de atuação, como o Ministério de Jovens (ATITUDE), o Ministério dos Adolescentes (DOKMOS), o Departamento para a Família e um abrigo para crianças que vivem em situação de rua nos municípios de São Paulo, Brasília e Goiânia, conhecidos como Casa Juvenil Vida Nova.

As atividades do abrigo foram iniciadas antes mesmo da fundação da igreja, durante a década de 1980, quando o apóstolo César Augusto foi autorizado pela prefeitura de Goiânia a resgatar pouco mais de 30 menores de idade que viviam nas ruas e tratá-los, buscando sua ressocialização e sua reintegração familiar. Atualmente, a Igreja Apostólica Fonte da Vida já lançou dezenas de CDs e DVDs, transformando-se em referência na cultura gospel. Nos últimos anos, uma das principais cantoras do segmento, Ludmila Ferber, integrou-se à denominação e se tornou pastora da igreja. Além dos discos, a igreja também possui a Editora Fonte da Vida, para a edição, produção e comercialização de material literário e fonográfico de seus membros.

Entre o final da década de 1980 e o início da década de 1990, o casal de apóstolos César Augusto Machado de Sousa e Rúbia Pinheiro Fernandes de Sousa deu início ao trabalho religioso fundando uma igreja, que recebeu inicialmente outros nomes, como Comunidade Evangélica, Comunidade Cristã e Ministério Comunidade Cristã, na cidade paulista de Franca, no porão da casa do pastor Nicola e da pastora Rosina. Em 1994, eles abriram o primeiro templo da Igreja Apostólica Fonte da Vida na cidade de Goiânia, onde ainda se situa a sede da instituição, que conta hoje com mais de 100 mil membros e 60 templos na cidade. Além de ter se espalhado para todo o estado de Goiás, a igreja também

chegou a todo o território brasileiro, alcançando diversos outros países, como os Estados Unidos (com 30 templos), o Canadá, Portugal, Espanha, Bélgica, Itália, Inglaterra, Armênia, Austrália, Angola, Moçambique, África do Sul, Namíbia e Marrocos. Em todo o mundo, a igreja já possui mais de 2 milhões de membros.

A doutrina religiosa da igreja acredita na implantação do reino de Deus na Terra levando à restauração da Igreja em sua maturidade e ao total conhecimento de Jesus Cristo. Para seus adeptos, existe apenas um único Deus, que é vivo e verdadeiro e que criou o céu, a terra e todos os seres. Este Deus é amoroso, santo e glorioso, sendo digno de honra, obediência e de todo o amor dos homens. Também acreditam na Santíssima Trindade, que afirma que Deus é composto pelas figuras do Pai, do Filho (Jesus Cristo) e do Espírito Santo, sendo ela a determinante da harmonia do mundo. A doutrina da igreja também acredita na prática dos dons do Espírito Santo, como o falar em línguas e as profecias, além da crença em milagres e curas. Para os fiéis, a autoridade maior é o apóstolo, cuja função é difundir a palavra de Deus e os conhecimentos sobre Jesus, retomando os apóstolos, evangelistas e profetas da Bíblia.

Para que um indivíduo se torne um apóstolo, realizando o ministério, não há diferenciação de gênero, permitindo que homens e mulheres atuem de forma igualitária. Também não existe distinção entre estado civil, contando que as atitudes e comportamentos sejam dignos e condizentes com os preceitos da Bíblia. Na hierarquia da instituição, os cargos maiores são os dos Apóstolos, ocupados exclusivamente pelo casal fundador. Abaixo deles, estão os bispos, os pastores, os presbíteros, os diáconos e os obreiros. A igreja oferece diversos cursos para a preparação daqueles que desejam iniciar o ministério, incluindo uma Faculdade de Teologia. Além disso, a igreja possui diversos meios de

comunicação, como a Rádio Aliança AM, em Goiânia, a Rádio Fonte FM (transmitida online) e o canal Fonte TV, todos eles unificados pela Rede Fonte de Comunicação.

A Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo

A Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo é uma igreja protestante pertencente ao movimento neopentecostal carismático, que tem como objetivo a restauração de diversos valores ligados à Igreja de Jerusalém, presentes no livro bíblico dos Atos dos Apóstolos. A denominação assume integralmente as declarações de fé do Credo Apostólico, afirmando que todos os seus fiéis devem memorizá-lo. A instituição é uma extensão eclesiástica do Ministério Palavra da Fé, criado 5 de dezembro de 1987, em Recife, desenvolvendo seu ministério como uma federação de igrejas regionais autônomas que são unidas por uma mesma visão religiosa. No entanto, a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo foi fundada em 20 de junho de 1994 pela missionária Valnice Milhomens, atuando em 19 estados brasileiros e em outros 8 países, com um sistema apostólico-participativo em células.

A fundadora da denominação converteu-se ao protestantismo aos 15 anos de idade, em 1962, iniciando seu ministério no Seminário de Educadoras Cristãs, no Recife, tornando-se bacharel em Assistência Social e Educação Religiosa. Em 1971, foi enviada como a primeira missionária do sexo feminino pertencente à Convenção Batista Brasileira à África, permanecendo 13 anos em atividade em Moçambique e 2 anos na África do Sul. Em 1986, ela decide retornar ao Brasil afirmando ter recebido um comando de Deus para a fundação de seu próprio ministério e o treinamento de um exército. Em 5 de dezembro de 1987, ela criou o Ministério Palavra da Fé, em Recife, uma organização interdenominacional (com membros de diversas

denominações protestantes), presidida pela missionária. Dois anos depois, ela se tornou a primeira líder evangélica feminina a utilizar a televisão como uma forma de evangelização, transmitindo seus seminários na televisão sob o título de A Palavra da Fé.

Em 1993, foi ordenada pastora por um concílio de várias denominações, por iniciativa do pastor João Batista Martins de Sá, da Igreja Batista ágape. A Igreja veio a nascer no ano seguinte, em 28 de março de 1994, no município paulista de São José dos Campos, ganhando status jurídico 3 meses depois. Em seus quatro primeiros anos, o trabalho principal foi de concentração para o treinamento teológico dos pastores, mantendo uma estrutura simples baseada na pregação, no ensino, na oração e na adoração. Em 1999, durante uma viagem à Colômbia, conheceu o modelo de igreja em células, no qual os fiéis devem imitar o modelo de Jesus Cristo com seus apóstolos, sendo capazes de ensinar a palavra de Deus para outros 12 fiéis em encontros domésticos. O terceiro período partiu para a reestruturação da igreja, a partir da criação de uma federação de igrejas locais autônomas administrativamente, com regimentos e estatutos internos.

De acordo com a missão da igreja, seus fiéis são adoradores de Yahweh (o nome de Deus no Antigo Testamento), sendo responsáveis por buscar e salvar os homens perdidos, transformando-os em discípulos de Jesus Cristo. Para isso, seus membros devem praticar um conjunto de tarefas, como a evangelização de todos os grupos de não-crentes, sem fazer nenhuma diferenciação; devem realizar a libertação dos homens oprimidos pelos maus espíritos; devem curar as enfermidades espirituais, emocionais e físicas; são responsáveis pela integração daqueles que aceitaram a conversão ao corpo da igreja, além de ensinar a eles todos os conselhos divinos; também precisam realizar treinamentos para que novos discípulos realizem o

ministério da igreja, enviando-os para a reprodução da missão. Para que isso seja possível, a igreja local deve se estruturar em quatro pilares essenciais: os grupos celulares, celebrações e eventos de colheita, responsáveis pela evangelização; os encontros e o membro consolidador, que vão cuidar da manutenção dos ´novos membros através de um plano criterioso; uma estrutura de escolas para tocar a vida cristã e o ministério, responsável pelo treinamento dos fiéis; e o envio dos novos ministros para a pregação.

Dentre as determinações doutrinárias da igreja, estão a crença em um Deus único e eterno, Yahweh, que se divide na Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo). A Bíblia Sagrada é considerada como um livro escrito sob inspiração divina, puro e imutável, sendo o homem criado à imagem e semelhança divina – tendo sido originado em santidade, mas adquirindo uma natureza de pecado e, a partir de então, tornando-se incapaz de alcançar sozinho a salvação. Dessa forma, o homem só pode ser salvo mediante a fé em Jesus Cristo e pelo arrependimento de seus pecados. A igreja estabelece apenas duas ordenanças: a Ceia do Senhor e o Batismo sob imersão (realizado uma única vez), ambos de natureza simbólica. Seus fiéis acreditam na manifestação dos dons do Espírito Santo, como o falar em línguas desconhecidas (a glossolalia), além da crença na cura divina.

A Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra

A Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra é uma igreja ligada ao movimento evangélico neopentecostal surgida em fevereiro de 1992 na cidade de Brasília a partir de um racha da Igreja Comunidade de Goiânia. Ela é presidida pelo Bispo Robson Rodovalho e por sua esposa, a Bispa Maria Lúcia Rodovalho. A primeira igreja da denominação foi inaugurada em Brasília em 1994 e seu crescimento se dá por meio de células, contando com mais

de mil templos em muitos países, como os Estados Unidos, a Argentina, o Peru, o Uruguai, o Paraguai, a Alemanha, Portugal, a Espanha, a Inglaterra, a Itália, a Holanda, a Rússia, a Finlândia, a Suíça e Guiné-Bissau. Além disso, a igreja realiza um projeto de assistência social desde sua fundação, chamado Projeto Pequeninos, que já atendeu mais de 60 mil famílias carentes, oferecendo cursos profissionalizantes, assistência jurídica e contando com um ônibus com médicos e dentistas para prestação de serviços de forma gratuita.

Durante a década de 1970, Robson Rodovalho, então com 15 anos de idade, se converteu à Igreja Presbiteriana do Brasil enquanto participava de um acampamento organizado pela instituição, a convite de sua irmã. Seu primeiro teve início já em 1970, quando ele se filiou à Mocidade para Cristo, uma ala da igreja, passando a criar clubes de estudos bíblicos nas escolas e a realizar a prática da evangelização, transformando-se no líder do movimento em Goiás e em toda a região Centro-Oeste. Dois anos depois, ainda aos 17 anos, ele recebeu a influência de algumas igrejas presbiterianas renovadas, de igrejas batistas e da Assembleia de Deus, em pleno desenvolvimento, e decidiu receber o batismo do Espírito Santo. Ao cursar a faculdade de física na Universidade Federal de Goiânia, ele passou a sentir algumas inquietações em relação aos problemas da vida e criou um espaço para a reunião de jovens com os mesmos sentimentos, que estudavam a Bíblia na busca de interpretar o texto sagrado para encontrar força e paz para resolver seus problemas: era a Comunidade Evangélica de Goiânia, em 1976 (o mesmo ano em que se casou com Maria Lúcia). A Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra apenas surgiu em 1992, quando o pastor Rodovalho foi morar em Brasília com o objetivo de criar a sede internacional da igreja. O nome da instituição foi retirado de uma revelação que o bispo Rodovalho recebeu nesse

momento, baseada no Livro das Crônicas, que afirma que se o povo de Deus chamar por seu nome, ele ouvirá dos céus, perdoará os pecados de seu povo e irá sarar a sua terra.

Os adeptos da comunidade acreditam que a Bíblia contém a palavra infalível de Deus, tendo sido inspirada por ele. Também defendem a existência da Santíssima Trindade, através da qual Deus teria se revelado como Pai, Filho (na figura de Jesus Cristo) e Espírito Santo. Creem no nascimento virginal de Jesus Cristo, em sua divindade, na sua morte como remissão dos pecados dos homens, em sua ressurreição e em sua ascensão aos céus. Para os fiéis, o homem foi criado por Deus como um ser justo e bom, mas a partir do pecado original ele se transformou em uma criatura pecadora, sendo sua única possibilidade de salvação a palavra de Deus e a graça da fé. A estrutura hierárquica da instituição conta com os apóstolos fundadores, seguida dos bispos (que coordenam a igreja nos estados), os coordenadores regionais (responsáveis por cada região de um estado), os pastores (que estão à frente de uma congregação específica), os missionários (que se preparam para se tornarem pastores), os diáconos (os auxiliares), os líderes de equipes, líderes de células, cooperadores, colíderes e líderes em treinamento.

Uma das mais famosas atividades da comunidade é o Arena Jovem, o ministério jovem mais expressivo do país que teve como precursora a bispa Lúcia Rodovalho. As conferências do ministério reúnem milhares de jovens em várias cidades do país no mês de fevereiro, anualmente, durante o feriado de carnaval, criando um tema específico com palestrantes e pregadores brasileiros e internacional, além de muitos shows da música gospel. Outro evento anual, ocorrido no início de janeiro, é a Celebração Profética, levada a cabo na sede mundial de Brasília e acompanhada pelos núcleos regionais por vídeo conferência. A instituição detém

um grande conjunto de meios de comunicação, como a Rede Gênesis de Televisão (que alcança a Europa, os Estados Unidos e a África), a Rede Sara Brasil FM (em nove capitais brasileiras), a Sara Brasil Edições e Produções e a Sara Music. Na internet, a comunidade possui o canal Sara Online TV, no qual são exibidos clipes, programas e cultos, e o SaraPlay, um serviço de streaming com vídeos e filmes produzidos pelo núcleo da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra.

O Ministério Internacional da Restauração

O Ministério Internacional da Restauração, também conhecido como Primeira Igreja Batista da Restauração, é uma igreja protestante ligada ao movimento neopentecostal, fundada em 19 de julho de 1992, na cidade de Manaus, pelo pastor Renê Terra Nova e por sua família. O nome escolhido para a nova denominação surgiu a partir de um sonho tido pelo pastor, no qual Deus afirmava para ele que sua missão era restaurar a igreja e fundar uma nova instituição com esse objetivo.

Aos vinte anos de idade, o pastou se converteu à Igreja Batista, sendo enviado para o Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, sediado em Recife, cursando Teologia e Mestrado em Psicologia Pastoral durante seis anos, tornando-se pastor da Primeira Igreja Batista de Boa Viagem, em 1987. Em 1990, o pastor e sua família migraram da Bahia para o Amazonas, iniciando seu trabalho missionário na Igreja Batista Memorial de Manaus, uma instituição muito tradicional na cidade. O trabalho do pastor começou a ficar bastante famoso na igreja, começando a realizar muitas conversões, diversos trabalhos de cura e libertação espiritual e, por conseguindo, atraindo bastante a mídia. As transformações propostas pelo pastor não foram bem aceitas pela denominação, fazendo com que a Convenção Batista e as

lideranças da Igreja Memorial solicitassem a saída do pastor da igreja, fazendo com que ele começasse seu próprio ministério independente.

Devido a este Cisma teológico, surgiu o Ministério Internacional da Restauração, com pouco mais de 160 fiéis. Os primeiros cultos foram realizados na garagem da casa de Rose e Anselmo Vasconcelos, atualmente pastora e apóstolo da instituição. Pouco tempo depois, a igreja passou a sediar seus cultos em um antigo cinema manauara. Com o grande crescimento no número de fiéis, os cultos passaram a ocorrer nas manhãs, tardes e noites, fazendo-se necessária a construção de um novo templo, visto que se formavam filas para entrar na igreja. Em 1999, teve início a construção de um grande templo em Ponta Negra.

Neste mesmo momento, a igreja passou a trabalhar com o modelo de células, um modelo religioso cristão inspirado no exemplo de Jesus Cristo e seus doze apóstolos, através do qual todo cristão pode ensinar e se tornar líder de outras doze pessoas na fé cristã, criando pequenos grupos em suas casas para discutir a Bíblia. Dentre as determinações doutrinárias da igreja, estão a celebração das festas bíblicas, a compreensão ampla da adoração e do louvor à Deus, o aprendizado da Batalha Espiritual (a luta eterna entre os servos de Deus e os servos do diabo) e a primazia da família (considerada como o principal elemento da graça divina). As práticas da igreja devem ser voltadas para Jerusalém – e não para Roma.

A Igreja Mundial do Poder de Deus

A Igreja Mundial do Poder de Deus é uma denominação protestante pertencente ao movimento neopentecostal, fundada pelo apóstolo Valdemiro Santiago no município paulista de Sorocaba, no dia 9 de março de 1998. A sede principal da

instituição encontra-se na Cidade Mundial, em São Paulo, mas suas principais reuniões também ocorrem na Cidade Mundial dos Sonhos de Deus, também situada na capital paulistana. Atualmente, a igreja conta com mais de 6 mil templos no Brasil e em diversos países do mundo.

A história da Igreja Mundial do Poder de Deus está ligada à de seu fundador, o apóstolo Valdemiro Santiago. Ele nasceu em uma família pobre, com muitos irmãos, no distrito mineiro de Cisneiros, pertencente ao município de Palma. Sua mãe faleceu quando ele tinha apenas 12 anos, o que fez com que ele tivesse que trabalhar cedo, deixando os estudos. Aos 16 anos, começou a frequentar uma comunidade evangélica, decidindo realizar a atividade missionária. Em 1980, começou seu ministério na Igreja Universal do Reino de Deus, permanecendo na instituição durante dezoito anos. Em 1996, o apóstolo sofreu um acidente de navio durante uma missão em Moçambique, permanecendo muitas horas em alto mar. Este episódio fez com que ele decidisse retornar ao Brasil com o objetivo de iniciar um trabalho ministerial independente, de acordo com a mensagem que havia recebido de Jesus Cristo enquanto estava tentando sobreviver no mar.

Em 3 de março de 1998, o bispo fundou o primeiro templo da Igreja Mundial do Poder de Deus com sua esposa, a bispa Franciléia, e um grupo pequeno de fiéis, no município paulista de Sorocaba. Em poucos meses, o número de membros cresceu e a igreja precisou se expandir. Em 2000, a sede da igreja se transferiu temporariamente para Pernambuco, retornando para São Paulo dois anos depois, agora para a capital, no bairro do Tatuapé. Dado o crescimento no número de fiéis, foi necessário encontrar um novo templo em 2006, fazendo com que a Igreja fundasse o Templo dos Milagres, no bairro do Brás, com cerca de 18 mil metros quadrados (que atualmente passa por reformas para

expansão). A sede atual da igreja foi transferida para outro edifício no mesmo bairro, a Cidade Mundial dos Sonhos de Deus, inaugurado em 2011, com capacidade para mais de 150 mil pessoas, sendo um dos maiores templos do mundo.

A ação midiática da Igreja Mundial do Poder de Deus é muito intensa. A partir de 2008, a denominação ficou muito conhecida quando começou a transmitir um programa diário na Rede Bandeirantes por quatro horas diárias e na RedeTV, por duas horas diárias. Entre 2010 a 2012, a instituição operou uma pequena rede de rádios, a "Sê Tu uma Bênção", enquanto atualmente transmite a Rádio Nova Mundial com programação de 24 horas. O pastor Valdemiro Santiado também publicou diversos livros e gravou vários discos na editora e gravadora WS Music, pertencente à igreja. A Revista Avivamento Urgente também é parte do grupo midiático da denominação. A igreja conta com uma entidade filantrópica voltada para a assistência social, organizada por uma equipe voluntária, denominada a Assistência Mundial de Assistência Social.

As determinações doutrinárias da Igreja Mundial do Poder de Deus afirmam que o homem é salvo através de sua fé em Cristo e que a Bíblia Sagrada foi inspirada por Deus e que deve ser utilizada para a educar na justiça, para reprimir, para corrigir, para ensinar e para transformar o homem em um ser perfeito e pronto para realizar a obra divina na Terra. A denominação acredita na Santíssima Trindade e na necessidade de pregar o Evangelho ao mundo. O Batismo, realizado por imersão, é tido como o cumprimento da palavra de Deus e é uma etapa necessária para a salvação dos homens. A igreja também acredita nos dons do Espírito Santo, como a expulsão de espíritos malignos e o falar em línguas desconhecidas (a glossolalia). A cerimônia mais importante da igreja é a Ceia do Senhor.

A igreja sofreu uma série de rompimentos durante a sua história. Em 2001, o missionário Vini Silva decidiu se separar da denominação por divergências teológicas, fundando a Igreja Mundial do Poder de Cristo. Cinco anos depois, o apóstolo Agenor Duque e sua esposa, a bispa Ingrid Duque, também decidiram fundar uma nova igreja por questões teológicas, a Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus. Em 2009, o braço-direito do apóstolo Valdemiro Santiago, o bispo Roberto Damásio, desligou-se da denominação e fundou a Igreja da Fé Renovada em Cristo, sediada em São Paulo. Em 2001, em Curitiba, o bispo José Silva fundou a Igreja Evangélica Celeiro de Deus, deixando a instituição.

A Bola de Neve Church

A Bola de Neve Church é uma igreja brasileira ligada ao movimento neopentecostal, que foi fundada na cidade de São Paulo no ano de 1999 pelo pastor Rinaldo Luís de Seixas Pereira, conhecido como Apóstolo Rina, um homem jovem, formado em publicidade e marketing, adepto à cultura do surf. Por esse motivo, é uma igreja protestante diferente da maioria, pois seu principal público é bem jovem e seu tratamento é muito informal, ressaltando algumas características principais baseadas na ideia de seguir o Cristianismo sem a necessidade da conversão a um estilo de vida rígido, mantendo praticamente os mesmos costumes e hábitos da vida fora da igreja, não tomando regras ou tradições religiosas muito radicais (como exemplo, a igreja não proíbe a prática de esportes, o corte de cabelo e o uso de nenhum tipo de roupas ou maquiagem). Da mesma forma, a igreja busca associar sua imagem à prática de esportes radicais, como o skate e o surf, criando uma decoração na maioria dos seus templos baseada nestes mesmos esportes, com púlpitos em formato de prancha. Nascendo

no Brasil, ela já está presente em vários outros países, como Portugal, Canadá, a Argentina, o Uruguai, o Peru e a Colômbia.

O desenvolvimento da igreja se mistura com a história de vida do seu fundador, o Apóstolo Rina. Em sua juventude, Rinaldo era usuário de drogas e contraiu uma forte hepatite, em 1992. Nesse momento, ele teve uma experiência pessoal com Deus, sendo curado e se convertendo à igreja evangélica. Em dezembro do ano seguinte, passou a organizar uma reunião para o estudo da Bíblia com seus companheiros de esporte e de praia, que começou pequena e ganhando cada vez mais adeptos (por isso a escolha do nome). Já em 1994, a reunião passou a ser realizada em um templo, surgindo o primeiro núcleo da igreja. Em 1999, os líderes espirituais principais partiram para diversos pontos para expandir a obra, dando origem à Bola de Neve Church (ou Igreja Evangélica Bola de Neve). No mesmo período, um empresário do mercado do surf cedeu um auditório no bairro paulistano do Brás para a instalação de um templo. O empresário emprestou uma prancha para servir de púlpito e apoiar a Bíblia do Apóstolo Rina, formando assim a identidade da Bola de Neve Church e aproximando o público esportista da mensagem do pastor. O número de fiéis cresceu, fazendo com que o culto fosse transferido para outros três prédios (em 2000, em 2004 e em 2010, sendo a sede da igreja).

A forma de apresentação do Cristianismo é diferente em diversos pontos. Em primeiro lugar, o nome da igreja – Bola de Neve – significa algo que não para de crescer, sinalizando uma aposta do seu criador um templo que iria começar pequeno e se expandiria para todos os cantos, como de fato aconteceu. A orientação espiritual é dada de forma livre e descontraída, com cânticos em ritmo de rock e reggae, permitindo que os jovens dancem e acompanhem os passos de duas bailarinas que ficam no palco, agitando lenços coloridos. Os pastores usam roupas

comuns, como calças jeans, camisetas e tênis, utilizando-se ao máximo das novas tecnologias (como jogos de luzes e redes sociais).

No entanto, o tom informal fica mais série quando começam os estudos bíblicos. Toda a informalidade presente na forma como o conteúdo é apresentação não se reflete nos conteúdos, que não são flexíveis. Os fiéis devem seguis a Bíblia e não estão proibidos de ir a festas, mas os jovens que frequentam a Bola de Neve Church acabam evitando por conta própria o consumo de álcool e a vida noturna. Os pastores chegam a interferir nas escolhas dos parceiros para relacionamentos amorosos e sugerem uma cartilha para a vida sexual de seus fiéis. A virgindade até o casamento também é um preceito bíblico defendido pela igreja. Nos últimos tempos, a Bola de Neve Church tem se tornado muito popular inclusive entre os artistas, atraindo atores como Fernanda Vasconcellos, Guilherme Berenguer, Alexandre Frota e o músico Rodolfo, ex-vocalista da banda Raimundos.

Considerações finais

Uma das características mais importantes da cena cultural da humanidade, desde seus primórdios, é o culto ao sagrado. As diversas civilizações conhecidas criaram sistemas próprios de compreensão da natureza, explicando a criação do mundo, do homem, os fenômenos naturais e a morte. Os homens também buscavam (e continuam buscando) formas específicas de encontrar as respostas para seus anseios emocionais e materiais mais profundos, utilizando sua crença religiosa como forma de autoafirmação no grupo social, tentando alcançar a felicidade, o bem-estar e a identidade individual. Dessa forma, o pluralismo religioso tornou-se uma das principais formas para entender as diferentes formas de compreensão do mundo.

Na atualidade, o homem vive em uma sociedade globalizada e tem contato com um conjunto de culturas muito diferentes, o que faz com que, muitas vezes, ele não consiga encontrar sua identidade religiosa contando somente com os elementos de uma religião. O homem contemporâneo é levado a questionar o mundo que o cerca e sua própria fé, confrontando muitas vezes os aspectos das religiões nas quais estão inseridos, fazendo-os buscar novas possibilidades de respostas em elementos de outras religiões, sem que com isso ele tenha que abandonar seu credo de origem. Assim, ele pode frequentar a missa e ir a uma benzedeira; ler os livros do monge budista Dalai Lama para buscar autoconhecimento ao mesmo tempo que frequenta um culto evangélico.

O processo de combinação de elementos de diferentes religiões, coexistindo na mesma prática cultural, é comumente chamado de **sincretismo religioso**. Em outras palavras, são tomados emprestados elementos, tradições ou práticas de duas ou

mais religiões distintas para formar uma nova forma de crer, adaptada às novas necessidades. O conceito foi criado na Grécia Antiga para simbolizar a união dos povos da ilha de Creta, que muitas vezes eram divergentes entre si, contra os inimigos externos. Já na Antiguidade Romana, essa prática foi usada como forma de dominação, visto que os novos povos dominados eram obrigados a ressignificar suas divindades a partir das crenças politeístas romanas, mudando o nome de seus deuses.

Qual é o problema do conceito de sincretismo religioso? Ainda que seja um termo muito utilizado ao tratar da mistura de religiões, é extremamente necessário levarmos em conta o grande problema que o conceito traz. Em primeiro lugar, a partir do momento em que o sincretismo religioso afirma que ele é a mistura de duas religiões para a formação de uma terceira, ele trata as práticas religiosas de origem como se fossem puras. Em segundo lugar, ele considera a prática religiosa formada destas misturas como algo fixo, que não pode se reproduzir – como um híbrido, um animal filho de duas espécies distintas que, por esse motivo, não pode ter filhotes, tal qual a mula (fruto do cruzamento entre um jumento e uma égua). Em terceiro lugar, ele não considera que as religiões estão em constante movimento e atualização.

Para entendermos melhor este problema, vejamos um dos exemplos mais claros no Brasil. É comum ouvir-se dizer que a Umbanda *sincretizou* o Cristianismo, o Espiritismo, o Candomblé e o Xamanismo, de tal forma que os orixás são *sincretizados* em santos católicos. Se aplicássemos o conceito de sincretismo religioso da forma como ele se define, isso significaria que a Umbanda buscou parte de suas práticas em cada uma dessas religiões, que por sua vez são puras e imutáveis, para formar uma nova religião, que não tem como evoluir. Em verdade, a Umbanda tem elementos de todas as religiões citadas, mas ela os transformou, os readaptou e

se reapropriou deles, criando um conjunto de preceitos únicos e em constante transformação – logo, ela não é um resultado híbrido. Em segundo lugar, as religiões de origem não são puras: o Cristianismo, por exemplo, formou-se a partir da apropriação de cultos, crenças e tradições judaicas, greco-romanas, celtas, nórdicas e egípcias, formando sua própria liturgia e calendário (por exemplo, o dia de Natal corresponde à antiga festa pagã de *Solis Invictus*). Portanto, não há religiões puras. Por fim, é possível ver como todas as religiões estão em constante movimento, criando novas práticas, novas formas de culto e se atualizando.

Em que os brasileiros crêem?

O Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística é uma das mais importantes ferramentas para conhecermos as principais características da população de um país tão grande e diverso como o nosso. Realizado pela primeira vez em 1872, ainda durante o período imperial, uma das perguntas mais importantes feitas a todos os entrevistados é: qual é a sua religião? Esta pesquisa, realizada em todos os municípios brasileiros, é atualizada a cada dez anos, buscando conhecer as transformações a cada década. Como esse instrumento tem medido as mudanças no mapa religioso brasileiro?

O Brasil mantém-se como o país que possui a maior comunidade de católicos de todo o mundo, com 64,6% de sua população afirmando seguir essa religião – ainda que não seja a nação com a maior porcentagem de católicos em seu território, sendo superada nesse sentido por vários outros países (como o México, que possui 92% de sua população católica), o Brasil é o país que possui o maior número absoluto de fiéis dessa religião. No primeiro Censo realizado, em 1872, a Igreja Católica Apostólica Romana era a única permitida no império, pois era a

religião oficial. A partir da República, com a laicização do Estado a partir da Constituição de 1891, o censo passou a registrar uma ligeira queda da quantidade de católicos a cada década, compondo uma perde de 7,9% da participação total dos brasileiros entre 1872 e 1970. Nos últimos 20 anos, no entanto, esse declive foi acentuado, representando uma perda de 22% do total da população. Entre as duas últimas pesquisas, realizadas em 2000 e 2010, o número de católicos caiu 1,7 milhões, representando uma diminuição de 12,2%. Para compreendermos melhor a transformação da representação dos católicos no mapa religioso brasileiro, basta pensamos que 91,8% dos brasileiros que viviam no país em 1970 se declaravam católicos.

Por outro lado, o grupo que mais cresce no Brasil é o dos evangélicos de todas as denominações religiosas. Entre a década de 1970 e 2010, eles passaram de 5,2% da população brasileira para 22,2%, impulsionados principalmente pelo desenvolvimento das igrejas pentecostais (como a Congregação Cristã do Brasil, a Assembleia de Deus e a Igreja Metodistas Wesleyana), que cresceram em diversas partes do país a partir das migrações internas, especialmente com as populações que se instalaram nas regiões periféricas das grandes cidades, onde não havia a atuação da Igreja Católica no período, preenchendo o vazio de grupos de culto cristãos existentes nas novas comunidades. Como a formação de um pastor é muito mais rápida e simples do que a de um padre e a criação das igrejas evangélicas é menos burocrática, elas se adaptaram mais facilmente à nova situação das metrópoles e se expandiram rapidamente, ganhando milhares de novos fiéis. Como o governo era muito ausente nas periferias, as igrejas pentecostais ganharam muita importância nestas áreas, transformando-se nas principais instituições de assistência e de guia moral e espiritual.

A mudança no mapa religioso brasileiro é singular dentre os países com grandes populações, pois ela ocorreu de forma silenciosa, sem que houvesse nenhuma guerra ou revolução. Depois que a Rússia sofreu sua Revolução, em 1917, a maioria da população do país manteve-se como cristã ortodoxa, enquanto os estadunidenses continuaram sendo protestantes depois da Guerra Civil. De acordo com os estudiosos, a transformação nesse mapa religioso se deve pela busca pela preservação da unidade familiar, especialmente em casos como o crescimento da Assembleia de Deus, que se tornou o maior segmento evangélico brasileiro, com mais de 12 milhões de fiéis, pregando um conjunto de valores bastante rígidos, como a proibição do uso de bebidas alcóolicas e de roupas curtas ou decotadas. É importante ressaltar que, entre 2000 e 2010, a proporção de brasileiros que se declara como cristãos manteve-se estável, mostrando uma migração de católicos para outras correntes religiosas, sejam elas evangélicas ou de outras religiões. A redução ocorreu em todas as regiões, sendo mais visível no Norte do país.

Os documentos revelam, também, o crescimento no número de brasileiros adeptos ao Espiritismo, alcançando os 2 milhões de fiéis em 2010, o que equivale a 3,8 milhões de pessoas. Ainda que a porcentagem pareça pequena, é a religião que mais cresceu nos últimos anos – cerca de 65% por década. O Censo traz também um conjunto de "outras religiões", dentre as quais estão a Umbanda, o Candomblé, as religiões indígenas, o Budismo, o Hinduísmo, o Islamismo, o Judaísmo e as diversas religiões presentes nas mais diversas partes de nosso território, representando 8% do total. Além disso, o número de indivíduos que afirma não ter religião cresceu, alcançando 8% do total – cabe ressaltar que esses entrevistados são aqueles que afirmam acreditar em alguma divindade, força espiritual ou na transcendência, mas

não seguem uma religião específica, e não aqueles que se autodenominam como ateus ou agnósticos.

Indicações bibliográficas

ARMSTRONG, Karen. **Maomé:** uma biografia do profeta. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

ALCORÃO. Trad. de Mansour Chalita. São Paulo: Record, 2002.

BARKER, Eileen; WARBURG, Margit (orgs.) New **Religions and New Religiosity**. Aarhus: Aarhus University Press, 1999.

BOTTÉRO, Jean. **O nascimento de Deus**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRELICH, Angelo. **História de las religiones** volume 1: Las Religiones Antiguas. Madri: Siglo XXI, 1977.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado:** organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes, 1997.

CAMPOS JR., Luís de Castro Campos. **Pentecostalismo:** sentidos da palavra divina. São Paulo: Ática, 1995.

CARNEIRO, João Luiz. **Religiões afro-brasileiras:** uma construção teológica. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

COHN, Norman. **Cosmos, Caos e o Mundo que Virá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DELUMEAU, Jean; MALCHIOR-BONET, Sabine. **De Religiões e de Homens**. São Paulo: Loyola, 2000.

ECO, Umberto; MARTINI, Carlo Maria. **Em que creem os que não creem?** Rio de Janeiro: Record, 2001.

ELIADE, Mircea; COULIANO, Ian. **Dicionário das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**. São Paulo, WMF, 2019.

_____. **História das Ideias e das Crenças Religiosas** (3 volumes). Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

_____. **Origens**. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. **Symbolism, the sacred and the arts**. Nova York: The Continuum Publishing Company, 1992.

FÉRNANDEZ-ARMESTO, Felipe; WILSON, Derek. **Reforma:** O cristianismo e o mundo (1500-2000). Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMES, Flávio; COSTA, Valéria Gomes da. **Religiões negras no Brasil:** da escravidão à pós-emancipação. São Paulo: Selo Negro, 2011.

GUERRA, Manuel (org.) **Historia de las religiones** (12 volumes). Madri: Siglo XXI, 1996.

HESÍODO. **Teogonia:** a origem dos deuses. São Paulo: Iluminuras, 2001.

JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais:** sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir:** a inserção do protestantismo no Brasil. São Bernardo do Campo: IMS, 1995.

_____. **Nem anjos nem demônios:** interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINDLIN, Betty. **Couro dos espíritos:** namoro, pajés e cura entre os índios gavião-ikolen de Rondônia. São Paulo: Senac, 2001.

MONTEIRO, Paula (org.). **Religiões no Brasil:** continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2011.

ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.) **Palavra, fé e poder.** Campinas: Pontes, 1987.

PETERSON, Michael; REICHENBACH, William; BASINGER, David. **Philosophy of religion:** selected readings. Oxford: Oxford University Press, 1996.

ROMANO, Ruggiero (org.) **Enciclopedia Einaudi**. Volume 12 – Mythos-Logos/Sagrado-Profano. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987.

_____. **Enciclopedia Einaudi**. Volume 30 – Religião-Rito. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994.

SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997.

SCLIAR, Moacyr. **Judaísmo**. São Paulo: Ática, 1999.

SHARPE, Eric. **Comparative Religions:** a history. La Salle: Open Court, 1986.

SILVA, Eliane Moura da. Fé e leitura: a literatura espírita e o imaginário religioso. In AGUIAR, Flávio; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; VASCONCELOS, Sandra Guardini (orgs.) **Gêneros de fronteira:** cruzamentos entre o histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1997.

_____. **O Espiritualismo no século XIX:** reflexões teóricas e históricas sobre correntes culturais e religiosidade. Col. Textos Didáticos. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1999.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Umbanda e candomblé:** caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005.